

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

NEIDE NATIVA

INFORMAÇÃO, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: CULTURA E ARTE BARROCA EM
OURO PRETO

BELO HORIZONTE

NOVEMBRO 2016

NEIDE NATIVA

INFORMAÇÃO, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: CULTURA E ARTE BARROCA EM
OURO PRETO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade

Orientadora: Alcenir Soares do Reis

Coorientador: Francisco Eduardo de Andrade

BELO HORIZONTE
Novembro 2016

N278i

Nativa, Neide.

Informação, patrimônio e memória: cultura e arte barroca em Ouro Preto [manuscrito] /
Neide Nativa. – 2016.
249 f., enc. : Il.

Orientadora: Alcenir Soares dos Reis.
Coorientador: Francisco Eduardo de Andrade.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da
Informação.
Referências: f. 143-147.
Anexos: f. 148-251.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Patrimônio Cultural – Teses. 3. Arte barroca –
Ouro Preto (MG) – Teses. I. Título. II. Reis, Alcenir Soares dos. III. Andrade, Francisco
Eduardo de. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDU: 351.71



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO


"INFORMAÇÃO, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: CULTURA E ARTE BARROCA EM OURO PRETO"

Neide Nativa

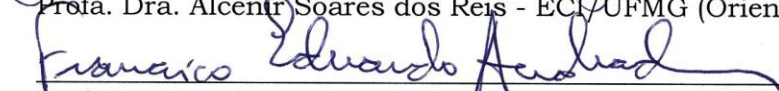
Dissertação submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de **"mestre em Ciência da Informação"**, linha de pesquisa **"Informação, Cultura e Sociedade"**.

Dissertação aprovada em: 28 de novembro de 2016.

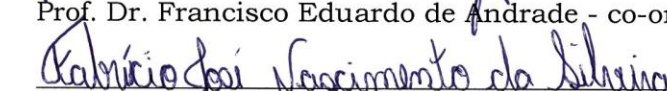
Por:



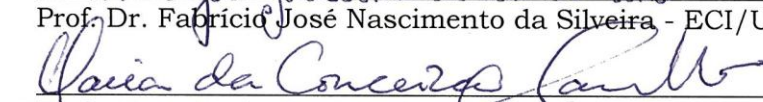
Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis - ECI/UFMG (Orientadora)



Prof. Dr. Francisco Eduardo de Andrade - co-orientador - UFOP




Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira - ECI/UFMG




Profa. Dra. Maria da Conceição Carvalho - ECI/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI



Profa. Alcenir Soares dos Reis
Coordenadora

Versão final Aprovada por



Profa. Alcenir Soares dos Reis
Orientadora



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE **NEIDE NATIVA**, matrícula: 2014654896


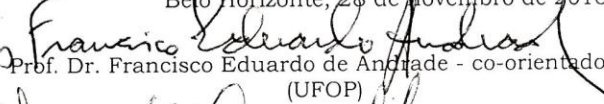


Às 14:00 horas do dia 28 de novembro de 2016, reuniu-se na Pró-Reitoria de Graduação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada *ad referendum* pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 07/11/2016, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **Informação, patrimônio e memória: cultura e arte barroca em Ouro Preto**, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata, havendo, após a arguição dos presentes, apresentada, em caráter público, a avaliação enviada pelo Prof. Sérgio Alcides Pereira do Amaral, que não podendo comparecer foi substituído pelo Prof. Fabrício José Nascimento da Silveira. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis - Orientadora	APROVADA
Prof. Dr. Francisco Eduardo de Andrade - co-orientador	APROVADA
Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira	APROVADA
Profa. Dra. Maria da Conceição Carvalho	APROVADA


Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. A Comissão Examinadora destacou o ineditismo da pesquisa e a profundidade do trabalho empírico. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 28 de novembro de 2016.

 Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis ECI/UFMG	 Prof. Dr. Francisco Eduardo de Andrade - co-orientador (UFOP)
 Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira ECI/UFMG	 Profa. Dra. Maria da Conceição Carvalho ECI/UFMG

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.


Profa. Alcenir Soares dos Reis
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Ciência
da Informação da UFMG

Dedico este trabalho a Antônio e Tereza,
que, por puro amor me deram a vida
e a todos os Nativos.

AGRADECIMENTOS

À Ouro Preto, cidade barroca que me enche de inspiração e de poesia, todas as manhãs.

À UFOP, instituição que me acolheu, há mais de trinta anos, enquanto servidora pública e onde aprendi a exercer, de fato, a profissão de bibliotecária. Quando cheguei aqui, éramos moças, as duas. Crescemos juntas e valeu muito a pena! Começaria tudo outra vez, se preciso fosse...

À minha querida orientadora, Alcenir Soares dos Reis, por ter revelado tanta generosidade, paciência, atenção, colaboração e por ter acreditado na minha capacidade de realizar esta pesquisa.

Ao meu amigo Francisco Eduardo de Andrade, pelo incentivo, ajuda e apoio incondicional.

Ao Pedro Henrique, tão querido e tão amigo, pela colaboração em várias etapas do trabalho.

Aos meus queridos professores e colegas do XIII Curso de Especialização em Cultura e Arte Barroca. Já se foram onze anos e permanecem vivas as lembranças dos ensinamentos, das aprendizagens, das trocas e das festas barrocas nas noites de Ouro Preto.

Aos participantes do CECAB que fizeram parte deste trabalho como colaboradores nas entrevistas, os colegas Edson Fialho de Rezende, Sueli Perucci, Simone Fernandes, Cristina Simão, e os professores tão queridos, Elisa Freixo, Marcos Hill, João Adolfo Hansen, Romero Freitas e Guiomar de Grammont. Muita gratidão por todos vocês!

À Luciana Carvalho Brandão, pela gentileza de disponibilizar os arquivos do CECAB para a realização da pesquisa.

Aos meus colegas da Biblioteca do IFAC, pelo carinho, amizade e companheirismo.

Aos meus colegas bibliotecários da UFOP, os que já se foram, os que aqui estão e os que ainda virão, por tantas batalhas, mas também, muitas conquistas: “Tudo vale a pena, se a alma não é pequena.”

Aos meus companheiros do Sindicato Assufop, todos eles e elas, pelo aprendizado político e sindical, pelas lutas, avanços e vitórias que conseguimos construir juntos, durante muito anos, em busca de um sonho. Se não temos a universidade que queremos, lutamos por uma universidade melhor.

Aos meus colegas do mestrado do PPGCI, por conseguirmos chegar ao final da nossa caminhada. À turma do fundão, Simone e Giordane, pela força e incentivo, sempre na hora certa. Vencemos juntos!

Aos meus queridos amigos, que são muitos e não posso nomear, mas cada um sabe de quem eu falo. De coração e de vida, como uma grande família, vamos seguindo unidos pelo amor e

pela amizade, curtindo a vida, em encontros e desencontros, mas sempre juntos. Sim, “amigo é coisa prá se guardar, no lado esquerdo do peito” e pela vida toda!

Às minhas queridas amigas Elementais, unidas que somos na paixão pelo barro, pela cerâmica. Agora, mãos à obra! Saludo!

À minha família dos Nativos, irmãs e irmãos queridos, sobrinhos, sobrinhas e agregados, pela compreensão de minha ausência nestes últimos tempos. Todo amor e carinho a cada um de vocês, com as bênçãos de nossos pais.

Ao meu companheiro Geraldo Rocha, o Gera, de maneira muito especial, por ter cuidado de mim com tanto amor e carinho. Obrigada por tudo, meu amor.

Mas principalmente a Deus, por me dar forças para chegar ao final desta caminhada e cumprir o meu objetivo. Gracias!

EPÍGRAFE



“O Brasil atravessa uma fase de dúvida sobre si mesmo. Dificuldades de toda ordem se acumulam e a Nação parece hesitante em face delas. Mas o caminho de Ouro Preto, de arraial mineiro a cidade mundial, é a prova da criatividade brasileira, da nossa capacidade de decifrar e modelar o futuro.

Quem sabe o que é Ouro Preto não pode duvidar do Brasil”.

Embaixador Afonso Arinos de Mello Franco

Conferência pronunciada em Ouro Preto, no dia 27 de setembro de 1980, na solenidade de Devolução dos Autos da Devassa, arrematados em leilão na Inglaterra e incorporados ao acervo do Museu da Inconfidência. (Boletim SPHAN/Pró-Memória, n. 8, set./out. 1980)

Resumo:

Esta dissertação é o resultado de um estudo sobre o Curso de Especialização em Cultura e Arte Barroca (CECAB), oferecido pelo Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC), da Universidade Federal de Ouro Preto. O objetivo da pesquisa é analisar e apreender o significado do curso, tendo como eixo sua memória institucional, e evidenciar a contribuição que deu ao campo do Patrimônio Cultural brasileiro, em termos de formação profissional e de produção de conhecimento científico. O aporte teórico está fundamentado em três pilares: a questão conceitual de Patrimônio e Cultura Barroca, ponto de partida para o entendimento do objeto da pesquisa; a constituição da Memória, como espaço de sedimentação do saber; e o papel (função) da Ciência da Informação, como espaço de construção e interlocução das narrativas da Memória. A metodologia, balizada na abordagem qualitativa e complementada pela abordagem quantitativa, consistiu na recuperação e análise de documentos arquivísticos e de produção acadêmica, agregando-se informações do corpo docente e do discente, coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas e relatos orais. O desenvolvimento da pesquisa permitiu evidenciar o percurso histórico do CECAB, os impasses e desafios vivenciados, o corpo docente e o discente, o conteúdo programático, a produção de 200 monografias, das quais originaram pesquisas de mestrado, doutorado ou foram publicadas como livros, e a Revista do IFAC. Os resultados apontaram que o CECAB foi relevante e fundamental para a formação de especialistas e para a geração de novos conhecimentos em Cultura e Arte barroca, tornando-se estratégico e contributivo para o Patrimônio Cultural brasileiro. A pesquisa viabilizou, também, a reconstituição de parte da memória institucional do curso.

Palavras-chave: Informação e memória; Patrimônio Cultural; Memória institucional; Conhecimento científico; Cultura e Arte barroca.

Abstract:

This dissertation is the result of a study concerning the Specialization Course in Culture and Baroque Art (CECAB), offered by the Philosophy, Arts and Culture Institute (IFAC) of the Federal University of Ouro Preto, Brazil. The aim of the research is to analyze and apprehend the meaning behind the course, having its institutional memory as an axis, and to spot its contribution to the field of cultural heritage of Brazil in terms of professional qualification and scientific knowledge production. The theoretical contribution has been based on three fundamentals – the concept of the Baroque Heritage and Culture, essential for the understanding of the purpose of the research; the constitution of the Memory as a sedimentation area for the knowledge; and the purpose of the Information Science as a space for the construction and interlocution of Memory tales. The methodology related to the qualitative approach consisted on the recovery and analysis of archived documents and academic studies, by collecting information from semi-structured interviews and oral reports from faculty and from students. The development of the research led to the evidence of the CECAB's historical path, the impasses and challenges faced, the faculty and the students, the content of the courses, the production of 200 monographs – and which of those have been converted into master's researches, PhD theses, published as books, and the IPHAC's magazine. The results yielded to the fact that the CECAB was a relevant and fundamental course for shaping specialists and generating knowledge regarding Baroque Art and Culture, becoming strategic and contributing to Brazilian Cultural Heritage. The research also enabled the reconstitution of part of the course's institutional memory.

Key-words: Information and memory; Cultural heritage; Institutional memory; Scientific knowledge; Baroque Art and Culture.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Vínculo institucional dos docentes	78
Gráfico 2- Faixa etária dos discentes.....	85
Gráfico 3- Experiência com o Patrimônio Cultural.....	86
Gráfico 4 – Formação acadêmica (graduação) dos discentes do CECAB	88
Gráfico 5- Procedência regional dos discentes.....	89
Gráfico 6- Total de discentes que apresentaram a monografia	120
Gráfico 7- Áreas de conhecimento das monografias.....	123
Gráfico 8– Assuntos geográficos das monografias	124
Gráfico 9- Alcance acadêmico das monografias	126

LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

AECAB – Associação de Estudos da Cultura e Arte Barroca

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDU - Classificação Decimal Universal

CECAB – Curso de Especialização em Cultura e Arte Barroca

CECOR – Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNRC – Centro Nacional de Referência Cultural

CEPE – Conselho de Extensão e Pesquisa

EFPA - Elisa Freixo Produções Artísticas

FAFICH – Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais

FAM – Faculdade Arquidiocesana de Mariana

FAOP – Fundação de Arte de Ouro Preto

FEOP – Fundação Educativa de Ouro Preto

FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos

IAC – Instituto de Artes e Cultura

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IBPC - Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICHS – Instituto de Ciências Humanas e Sociais

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

IFAC – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura

IFMG – Instituto Federal de Minas Gerais

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ISSN – International Standard Serial Number

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PMOP – Prefeitura Municipal de Ouro Preto

PUC – Pontifícia Universidade Católica

RI UFOP – Repositório Institucional da Universidade Federal de Ouro Preto

SISBIN/UFOP – Sistema de Bibliotecas e Informação da Universidade Federal de Ouro Preto

SEE – Secretaria Estadual de Educação

UAM – Universidade Anhembi Morumbi

UEMG – Universidade Estadual de Minas Gerais

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UnB – Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. CULTURA E ARTE BARROCA: contextos e aportes teóricos da pesquisa	24
1.1 O Curso de Especialização em Cultura e Arte Barroca.....	24
1.1.1 O IFAC.....	30
1.1.2 Ouro Preto como sede do CECAB.....	32
1.2 Ciência da Informação, Memória e Patrimônio: dimensões teóricas	34
1.2.1 Informação Social e Ciência da Informação	35
1.2.2 Memória e memória institucional	38
1.2.3 O Patrimônio Cultural	45
1.2.4 Ouro Preto, o Barroco e o Patrimônio Cultural.....	48
1.3 Percurso metodológico: orientações	51
1.3.1 Conhecendo o CECAB.....	52
1.3.2 A coleta de dados.....	56
2. RECOMPONDO A MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO CECAB	65
2.1 A gênese do CECAB	67
2.1.1 Os agentes da memória do CECAB.....	72
2.2 O corpo docente.....	77
2.3 O corpo discente.....	84
2.3.1 Experiência profissional no campo do Patrimônio Cultural.....	85
2.3.2 A formação acadêmica dos discentes.....	88
2.3.3 A procedência regional dos discentes	89
2.4 O conteúdo programático do CECAB	91
2.5 A gestão do CECAB.....	93
2.6 Os impasses e os desafios	97
2.6.1 As adversidades internas	98

2.7	O CECAB em Ouro Preto.....	102
3.	PATRIMÔNIO CULTURAL: CONSTRUÇÕES E CONTRIBUIÇÕES	111
3.1	Especialistas para o Patrimônio Cultural	112
3.2	A produção de conhecimento científico.....	119
3.2.1	As monografias do CECAB.....	119
3.3	O alcance acadêmico das monografias	126
3.4	A Revista do IFAC	127
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
	REFERÊNCIAS	142
	ANEXO 1 - PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS.....	148
	ANEXO 2 – ENTREVISTAS.....	150
	ANEXO 3 – DOCENTES DO CECAB.....	205
	ANEXO 4 – DISCIPLINAS DO CECAB	208
	ANEXO 5 – MONOGRAFIAS DE CONCLUSÃO DE CURSO DO CECAB	216
	ANEXO 6 – ALCANCE ACADÊMICO DAS MONOGRAFIAS DO CECAB	234
	ANEXO 7 – REVISTA DO IFAC.....	239

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, em linhas gerais, é um estudo realizado para investigar, identificar e apreender o significado institucional e o papel exercido pelo Curso de Especialização em Cultura e Arte Barroca (CECAB), oferecido pelo Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), visando a evidenciar a sua contribuição para o campo do Patrimônio Cultural brasileiro.

A escolha do tema foi motivada pela prática profissional de quem atuou como bibliotecária na Biblioteca do IFAC, sendo responsável pelo atendimento a demandas de pesquisas feitas por alunos e professores, pela formação do acervo especializado no tema e pela organização e guarda da produção científica gerada pelo CECAB. Esta experiência possibilitou conhecer parte da história deste curso, pela convivência com os professores e alunos, que retornavam ao IFAC nos meses de janeiro e julho, quando aconteciam os módulos de aulas presenciais.

A participação, em 2005, como aluna regular e, posteriormente, como membro do Colegiado do curso, trouxe mais proximidade com o universo dos diferentes aspectos em relação ao contexto de funcionamento. Além disso, os pesquisadores que davam continuidade aos trabalhos na área recorriam, com frequência, à Biblioteca do IFAC, em busca de bibliografias especializadas, de forma que, para atender a essas demandas, foi sendo formado e agregado um acervo específico sobre as temáticas do Barroco e de Patrimônio Cultural.

Numa perspectiva histórica, vale indicar que o curso funcionou por 28 anos, de 1985 a 2013, e foi responsável pela formação de profissionais especialistas em questões relativas à Cultura e a Arte do Período Colonial brasileiro, temática intrinsecamente relacionada a Patrimônio Cultural. Em termos de produção científica, foram elaboradas 200 monografias, cujas pesquisas abrangem diversos aspectos da temática do Barroco, algumas editadas como livros ou geradoras, em etapas posteriores, de trabalhos de mestrado e/ou doutorado, além de artigos científicos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros.

O CECAB foi suspenso em 2013, por razões legais, justificadas pelo impedimento em relação à cobrança de pagamento por cursos de pós-graduação nas universidades públicas federais,

fato que provocou a interrupção de uma iniciativa pioneira, responsável pela formação de profissionais qualificados e pela produção de conhecimentos relevantes para a área do Patrimônio Cultural. O fato instigou a proposição desta pesquisa, tendo como base a memória documental e oral do CECAB, com o intuito de apreender o conjunto dessa formação e seus elementos instituintes e o significado do aprendizado viabilizado pelo mesmo, no que se referia ao aprimoramento de profissionais que atuavam nas instâncias do Patrimônio Cultural brasileiro.

A motivação central que instigou a realização deste trabalho, portanto, se deu em razão de um questionamento, que foi buscar compreender por que o CECAB não se instituiu, efetivamente, como curso de pós-graduação na UFOP. Não é contraditório que um curso dessa natureza, exclusivo no estudo e na pesquisa sobre a Arte e a Cultura Colonial luso-brasileira, não tenha prosperado e se consolidado em uma cidade como Ouro Preto, que por abrigar um dos mais importantes conjuntos de vestígios do Período Colonial, mereceu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade? Por que não foi concretizado o propósito inicial do projeto de criação do CECAB, que era transformá-lo em um programa de pós-graduação com cursos de mestrado e doutorado, abrigados em um Centro de Estudos Avançado de Arte e Cultura Barroca em Ouro Preto?

Para buscar argumentos e respostas para tais indagações, optou-se por centrar o trabalho de pesquisa na identificação de elementos que pudessem evidenciar e revelar qual o significado e a relevância deste curso e quais foram as suas contribuições, enquanto instância educativa e de produção de conhecimentos na temática do Patrimônio Cultural. Nesta perspectiva, seria possível compreender a dimensão e a importância do CECAB, de forma a ter conhecimento sobre o que ele representou, de fato, em termos de contribuição no âmbito educativo, de qualificação profissional e de geração de conhecimentos.

O recorte temporal aborda o período de 1985 a 2009, pelo fato de que, em 2010, uma reestruturação acadêmica e administrativa introduziu modificações no curso, que representou alterações em sua proposta original, o que levou a definir-se pela concentração da pesquisa no período anteriormente indicado.

Entretanto, ao analisar o âmbito e a complexidade inerente ao contexto de uma instituição do porte da UFOP, as demandas emergentes, os conflitos de interesses institucionais e pessoais, as relações humanas, as prioridades e urgências locais, entre outros fatores, mostraram a importância de restringir o escopo a ser dado à pesquisa.

Percebeu-se que, por este viés, seria possível apreender, tendo como fundamento as informações sobre o CECAB, resgatadas de registros documentais ou de memória oral, a dimensão e a importância do curso acontecer em uma cidade que tem os atributos para ser um Patrimônio Cultural da Humanidade. Esses dois métodos de recuperação de informação, ou seja, por meio de documentação e da memória oral, são recursos utilizados em pesquisas das Ciências Sociais, e, particularmente, nas metodologias apropriadas pela Ciência da Informação, tendo em vista que o conhecimento é um fator socializante, que se constitui entre pessoas, pois diz respeito ao saber humano, independentemente da forma como se encontra registrado e acessível.

Nesse caso, as informações recolhidas nos documentos dos arquivos onde estavam os registros administrativos do CECAB, as que se encontravam no acervo bibliográfico da Biblioteca do IFAC, onde estão armazenadas as monografias de conclusão de curso, as que foram buscadas em documentos digitais disponíveis na WEB, como os currículos na Plataforma Lattes, as teses e dissertações, bem como as informações oriundas dos relatos orais, de depoimentos colhidos entre pessoas que estiveram envolvidas com o curso, foram apropriadas igualmente como fontes informacionais.

Foi, portanto, pelo exercício de buscar, coletar, sistematizar e analisar esse conjunto de informações, que se tornou possível recompor parte da memória institucional do curso, como o cerzir de uma colcha de retalhos dispersos, como início de um trabalho que permitiu recuperar aspectos fundamentais do CECAB, de forma a compreender os avanços e as limitações, para viabilizar a proposta final em termos de uma dissertação de mestrado.

Cabe ressaltar, que este é um estudo que se vincula à linha de Informação, Cultura e Sociedade, no contexto da Ciência da Informação e tem como centralidade compreender

aspectos socioculturais e político-econômicos onde se dá a produção da informação e do conhecimento, inerentes à existência humana.

Como se trata de uma investigação a respeito de um curso, de uma atividade educativa de caráter extensionista, vinculado a uma unidade acadêmica, que é parte de um universo de maior complexidade, que é a UFOP, optou-se por delimitar um percurso com mais objetividade e restringir o foco da pesquisa aos seguintes questionamentos: Qual é o significado/representação do Curso de Especialização em Cultura e Arte Barroca da UFOP, com base na memória institucional e nas concepções de alunos e pesquisadores? Qual a sua contribuição em termos de produção de conhecimento científico e de formação de recursos humanos na área de Patrimônio Cultural? Como reverberou na atuação profissional dos agentes que o constituíram? Quais foram os desafios e impasses que limitaram sua incorporação como instância de educação e formação na área cultural? Qual o significado de o CECAB acontecer em Ouro Preto?

Mediante essas indagações, foi estabelecido o objetivo da pesquisa, cuja explicitação foi formulada nos seguintes termos: analisar e apreender o significado do CECAB, tendo como eixo a memória institucional e as visões/concepções de alunos e pesquisadores, bem como detectar desafios e impasses que limitaram sua incorporação como programa ou curso de Pós-Graduação *stricto sensu* da UFOP.

Com base, pois, em um contorno mais abrangente e baseando-se nos questionamentos colocados anteriormente, foram delineados os objetivos específicos, que determinaram a meta principal deste trabalho: reconstituir o percurso institucional do CECAB, no que se refere ao recorte temporal estabelecido; evidenciar sua contribuição na formação de recursos humanos especializados e a produção de conhecimentos científicos; apontar os impasses e desafios confrontados no âmbito institucional.

Sendo assim, a dissertação resultante da pesquisa tem esta Introdução, na qual é apresentada a proposta, os objetivos da pesquisa e as orientações metodológicas, três capítulos que comportam o corpo do trabalho e as Considerações finais.

O Capítulo 1, *Cultura e Arte Barroca: contexto e aportes teóricos da pesquisa* faz a contextualização do CECAB (origem, objetivos e funcionamento), do IFAC, a unidade acadêmica e de Ouro Preto, ou seja, a sede do curso, com o intuito de permitir entendimento do objeto geral da pesquisa. Também apresenta o referencial teórico, baseado em três pilares que nortearam os rumos da investigação, sendo eles: a questão conceitual de Patrimônio e de Cultura Barroca, fundamental para o entendimento do objeto de pesquisa; a constituição da Memória, como espaço de sedimentação do saber sob o ponto de vista coletivo, social, individual e, em especial a memória institucional, e por fim, o aporte da Ciência da Informação, na perspectiva da construção e interlocução das narrativas de memória.

Essa escolha se deu por ser um estudo que com a Informação na dimensão social, produzida como um elemento instituinte da cultura, e que, em função disso, deve ser compreendida no contexto histórico. Assim, busca-se entendimento sobre um curso de Pós-graduação, um elemento institucional, de geração e socialização de conhecimentos, portanto, um espaço social, de relações sociais, constituído principalmente por pessoas.

Sob a ótica de Cardoso (1994), um objeto dessa natureza deve ser compreendido tendo-se em conta as “dimensões de historicidade dos sujeitos”, a “totalidade dos fenômenos sociais” e a “tensionalidade” social. Sendo assim, buscou-se a fundamentação teórica na literatura que trata a Informação na sua dimensão coletiva, como um fenômeno humano, “não mais como uma coisa, mas como um processo – algo construído, essencialmente histórico e cultural, que só pode ser apreendido na perspectiva dos sujeitos que a produzem, a disseminam e a utilizam (ARAÚJO, 2009, p. 203).

Convergindo nesta direção, na perspectiva da linha dos estudos da Informação Social, é que se conduziu este estudo, o que permitiu definir a escolha dos recursos metodológicos. Em função da problemática da pesquisa, a metodologia qualitativa foi adequada por se tratar de um estudo que envolvia pessoas, valores, crenças, representações, atitudes e opiniões. A metodologia qualitativa “adequa-se a aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente.” (MINAYO & SANCHES, 1993, p. 247).

Assim, o Capítulo 1 apresenta a metodologia, que é uma abordagem qualitativa complementada por abordagem quantitativa, em conformidade com as necessidades surgidas no decorrer da pesquisa. A coleta de dados se deu por meio de documentos arquivísticos, para a busca de informações sobre o percurso do CECAB, de consultas ao acervo da Biblioteca IFAC, a repositórios institucionais e a bases de dados digitais, bem como do estudo das monografias de conclusão de curso e da Revista do IFAC, além de entrevistas realizadas de acordo com uma amostragem do corpo docente e do discente.

O Capítulo 2, *Recompondo a memória institucional do CECAB*, faz o relato do percurso institucional do CECAB no período assinalado, baseado e reconstituído a partir das informações recolhidas por meio de análise documental e da memória oral dos entrevistados, detalhando-se a origem, a composição, as características e o funcionamento do curso; o seu corpo discente e docente; a gestão; o programa acadêmico; os desafios, contradições e o seu significado para Ouro Preto, de acordo com os que o vivenciaram, ou seja, alunos, professores e gestores.

Foram priorizadas informações coletadas por meio das entrevistas, resgatadas das memórias individuais e coletivas dos ex-alunos e professores que vivenciaram a experiência do curso, com o intuito de que parte de sua memória institucional fosse recontada pelos próprios personagens, entre lembranças e também esquecimentos. Diz Costa (1997, p. 39) que “no âmbito da memória institucional, lembrar e esquecer constituem dois momentos de um único e mesmo movimento. Para que determinadas lembranças aflorem, é necessário que outras fiquem adormecidas, contidas, silenciadas e ou mesmo esquecidas.”

No Capítulo 3, *Patrimônio Cultural: construções e contribuições*, foram delimitadas e evidenciadas as contribuições do CECAB para o campo do Patrimônio Cultural brasileiro em relação à formação de especialistas em Cultura e Arte barroca e a produção de conhecimento científico. Além disso, foram apresentados os resultados da pesquisa sobre as monografias produzidas; as áreas de concentração temática em que se deram; os assuntos abordados; a localização geográfica dos temas, e o modo como esses trabalhos tiveram continuidade como pesquisas de mestrado e doutorado e/ou publicação no formato de livros. Também inclui um estudo sobre a Revista do IFAC, periódico criado para disseminar as pesquisas e as reflexões

sobre as questões relativas à Cultura e à Arte barroca, produzidas no âmbito do CECAB e artigos de pesquisadores externos, sendo ainda um meio de divulgação dos projetos e atividades de extensão do próprio IFAC.

As *Considerações finais* fazem uma síntese dos resultados obtidos na realização da pesquisa, agregando-se informações relevantes que evidenciam os aspectos construtivos do CECAB, de acordo com os objetivos definidos.

Espera-se que este trabalho de investigação possa contribuir para elucidação do papel exercido pelo CECAB na formação do corpo de especialistas em Cultura e Arte Barroca e no âmbito das reflexões no campo da preservação do Patrimônio Histórico e Cultural. E que ela venha a ser uma referência sobre a trajetória do curso, por reunir informações que constituem parte de sua história, de sua memória institucional, consolidando-se como mais um registro da existência do CECAB em Ouro Preto.

CAPÍTULO 1 - CULTURA E ARTE BARROCA: contextos e aportes teóricos



Guignard, 1946

“Eu dizia, então, que a cidade de Ouro Preto reunia todas as condições para ser o centro nacional de estudos brasileiros sobre o chamado “barroco”. A começar pela própria história da cidade. E sua localização. E seus monumentos. E as muitíssimas pesquisas que poderiam ainda ser feitas sobre a cultura material e a cultura simbólica dos séculos XVII e XVIII, em campos diversificados, antropologia, sociologia, história literária, história da arte, história da religião, história econômica e política, etc.” (João Adolfo Hansen, 2016)

1 CULTURA E ARTE BARROCA: contextos e aportes teóricos da pesquisa

1.1 O Curso de Especialização em Cultura e Arte Barroca

O CECAB, um curso de pós-graduação *lato sensu*, presencial e modulado, foi oferecido pelo IFAC (UFOP) durante os meses de janeiro e julho, com carga horária de 360 a 390 horas/aula, distribuídas em disciplinas, seminários de temas afins e cumprimento de uma agenda de visitação a monumentos dos sítios históricos existentes na região.

Ele teve início em julho de 1985, quando aconteceu o I Curso, e foi encerrado com o XXVIII Curso, em julho de 2013. Essa interrupção ocorreu por motivo de ordem legal¹, de acordo com as informações obtidas na secretaria do IFAC, quando a UFOP foi notificada pelo Ministério Público de que não era permitido oferecer cursos pagos, de graduação e de pós-graduação. A partir de então, foram suspensos todos os cursos, a exemplo do CECAB, em que as despesas necessárias para a manutenção do curso (*pro labore* de professores, deslocamentos e hospedagens de docentes externos) eram custeadas por meio de pagamento de taxas pelos alunos.

Durante todo o período de funcionamento o curso foi vinculado à Diretoria do IFAC, como uma das primeiras ações acadêmicas do Instituto, e precedeu a criação dos três cursos de graduação (Filosofia, Artes Cênicas e Música) e dois cursos de pós-graduação (Mestrado em Filosofia e Mestrado em Artes Cênicas).

Entre 2000 a 2004 o curso foi interrompido por questões administrativas e gerenciais, sendo retomado em julho de 2004, com o mesmo conteúdo programático e conceitual, havendo recomposição do corpo docente com professores da UFOP e convidados de instituições externas. O CECAB funcionava no edifício sede do IFAC, localizado no centro histórico de Ouro Preto, na Rua Coronel Alves, nº 55, numa região estratégica e privilegiada por fazer parte da área tombada pelo IPHAN. Em termos institucionais e burocráticos, o Processo nº 23109.0011933/85-65, apreciado e aprovado pelo Conselho Universitário da UFOP, guardado nos arquivos do CECAB, é o documento que formalizou a criação do curso, agregando os seguintes anexos:

¹ Processo Administrativo Cível nº 1.22.000.00338/2012-16, instaurado pelo Ministério Público Federal em

- OF nº 032/IAC/UFOP/85, de 11/4/85, que formaliza o encaminhamento da proposta ao Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão – CEPE, para apreciação e aprovação;
- Projeto resumido do curso, em formulário institucional;
- Resolução CEPE nº 059, de 29/4/85, que autoriza o funcionamento do CECAB;
- Regimento Interno do CECAB.

O Projeto² de criação do curso foi aprovado, regulamentado e iniciado em julho de 1985, primeiramente como atividade de extensão e depois como curso de pós-graduação *lato sensu*, com carga horária de 360 horas, distribuídas em dois módulos, durante os meses de janeiro e julho, e atividades complementares durante o semestre.

Objetivos do CECAB:

- *Promover a discussão sobre as abordagens contemporâneas a respeito das manifestações culturais e artísticas luso-brasileiras dos séculos XVII, XVIII e XIX.*
- *Promover e estimular, através da pesquisa, a reflexão regular e sistemática sobre a expressão do Barroco e do Rococó no Brasil, com ênfase na produção em Minas Gerais;*
- *Oferecer uma qualificação intelectual de nível superior, de caráter informativo e reflexivo, sobre arte e cultura barroca mineira;*
- *Contribuir, com subsídios teórico-metodológicos, para uma efetiva participação da Universidade Federal de Ouro Preto na análise e na preservação do patrimônio artístico-cultural da região e do País;*
- *Constituir, em médio prazo, um Núcleo de Estudos Superiores sobre a Arte e a Cultura Barroca, com a colaboração de outros institutos da UFOP e de órgão especializados;*

A estrutura do curso apresentava disciplinas presenciais de conteúdos interdisciplinares: Estética do Barroco, Filosofia da arte, Pintura e Escultura, Música, Literatura, Arquitetura e

² Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Artes e Cultura. *Projeto do curso de Pós-Graduação lato sensu a nível de especialização em Cultura e Arte barroca*. Ouro Preto: IAC, 1985. 65 p. Não publicado. (Arquivo do CECAB/IFAC)

Sociedade Mineira, todas focadas no Período Colonial, agregando-se a dimensão da pesquisa com a disciplina de Metodologia da pesquisa científica. Somadas às disciplinas básicas havia as atividades complementares de pesquisa de campo, praticadas em visitas a acervos, monumentos, instituições, espaços públicos, etc., locais e da região. Essa etapa consistia na realização de excursões às principais cidades históricas mineiras, conduzidas e orientadas por professores das disciplinas, como complementação aos conteúdos expostos em sala de aula.

Caracterizado como pioneiro e singular do gênero no Brasil, o CECAB contou com especialistas de diversas áreas do conhecimento, dentre eles os professores Moacyr Laterza³, Sônia Viegas⁴, Myriam Ribeiro de Oliveira⁵, Ivo Porto de Menezes⁶, Caio Boschi⁷, que fizeram parte do corpo docente inicial.

A cada edição o programa do curso era incrementado com a participação de pesquisadores, escritores e artistas reconhecidos, como Amílcar de Castro, Fayga Ostrower, Jota Dângelo, Afonso Ávila, Francisco Iglésias, Maria Helena Andrés, Laura de Mello e Souza, Mary Del

³ Moacyr Laterza foi Professor Adjunto da FAFICH/UFMG, Diretor do Laboratório de Estética, atuou na área de Filosofia e História da Arte. Era formado em Filosofia, mestre em Filosofia pela Universidade de Notre Dame, pesquisador da arte e cultura barroca. Em parceria com Sônia Viegas foi idealizador, coordenador, professor e participou ativamente da equipe que implantou o CECAB.

⁴ Sônia Viegas foi Professora Adjunta da FAFICH/UFMG, Coordenadora do Departamento de Filosofia e do Laboratório de Estética, foi autora de vasta produção bibliográfica reunida na publicação *Sônia Viegas – Escritos*, de Marcelo P. Marques (org.). Ed. Tessitura, 2009. 3 v.

⁵ Myriam Ribeiro de Oliveira foi Professora de História da Arte da UFMG, PUC/RJ e da UFRJ, atuou como pesquisadora e consultora da Fundação Pró-Memória, IEPHA/MG, IPHAN e outras instituições ligadas ao Patrimônio cultural. É graduada em Filosofia, História da Arte e tem mestrado em Arqueologia e História da Arte pela Universidade Católica de Louvain. Dedicou grande parte de suas pesquisas ao estudo do Barroco Mineiro e de Aleijadinho. Atuou como professora de várias disciplinas do CECAB. São de sua autoria os livros: *Passos da paixão: Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho; O Santuário de Congonhas e a arte do Aleijadinho; Aleijadinho, passos e profetas, O Aleijadinho e suas oficinas*, entre outros.

⁶ Ivo Porto de Menezes foi Professor Titular da UFOP e da UFMG. Graduado em Arquitetura pela UFMG (1954), onde cursou Especialização em Urbanismo em 1957, e Doutorado em Construção Civil pela Universidade do Brasil (1959). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Arquitetura no Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura, história, barroco, Minas Gerais e Patrimônio. É autor de vários livros, entre os quais *Antônio Francisco Lisboa, Arquitetura Sagrada, Bens Culturais da Igreja, Mestre Atayde, o gênio da pintura mineira, Igrejas e Irmandades de Ouro Preto, Fazendas Mineiras, Vãos na Arquitetura Tradicional Mineira*.

⁷ Caio César Boschi foi Professor Titular da UFMG até 1994, é Professor Titular e diretor do Centro de Memória e de Pesquisa Histórica da PUC Minas. Durante quase 20 anos foi professor convidado e Leitor de História do Brasil, nos cursos de graduação e de Mestrado de universidades públicas de Portugal. Tem diversos livros publicados, entre eles *A Arquidiocese e o laicato, O Brasil Colônia nos Arquivos Históricos de Portugal, O Cabido da Sé de Mariana (1745-1820)*.

Priore, Haroldo de Campos, Silviano Santiago, Elisa Freixo, João Adolfo Hansen, dentre outros, que participavam de seminários temáticos⁸ ofertados aos alunos, comunidade universitária e comunidade externa.

Nos módulos que aconteciam em julho, concomitante à realização do Festival de Inverno de Ouro Preto, tradicional evento cultural da cidade, o CECAB incorporava parte da programação dos seminários temáticos, como forma de diversificar e enriquecer o conteúdo do curso. A integração dos alunos e professores do curso a esses seminários, somada à participação de profissionais, artistas e pessoas da comunidade, produzia férteis debates, profusão de ideias e propostas, discutindo questões relacionadas, de maneira geral, ao Patrimônio Cultural brasileiro.

Cabe ressaltar que, um dos destaques do curso era a agenda de visitaçã⁹ a monumentos barrocos de distritos e cidades históricas localizadas no entorno de Ouro Preto, que enriquecia o conteúdo das disciplinas ministradas e possibilitava aprofundamento *in loco* sobre os conhecimentos adquiridos a respeito da temática do Barroco. Era planejada com antecedência, de acordo com os conteúdos das disciplinas, ajustando-se a participação de dois ou mais professores, que acompanhavam a turma de alunos nas visitas aos monumentos e/ou instituições, localizados, na sua maioria, em vilarejos e distritos das cidades históricas. Durante a visitaçã, os alunos tinham a oportunidade de observar e analisar, de perto, os monumentos e obras artísticas que conheciam somente através de fotografias e outros recursos visuais, fundamentados por conhecimentos adquiridos na sala de aula e bibliografias sobre o assunto.

Nesse momento era possível expandir os conhecimentos teóricos, observar detalhes não capturados por imagens e palavras, fazer analogias e questionamentos, ver de perto as características e os detalhes do processo construtivo, os materiais utilizados, as técnicas adaptadas, os recursos e elementos que deram origem ao estilo que é conhecido como Barroco Mineiro. Os alunos eram conduzidos, de maneira quase lúdica, para o ambiente de origem do objeto, da obra de arte, da construção colonial. Eles eram estimulados, de alguma forma, a

⁸ A programação dos seminários temáticos se encontra nos arquivos do CECAB, no IFAC/UFOP.

⁹ As agendas de visitaçã se encontram nos arquivos do CECAB, no IFAC/UFOP.

reviver a experiência de tempos passados, de repensar como e em que condições esses monumentos foram criados, viabilizados e construídos. Como um recurso didático, as visitas aos monumentos e sítios históricos tinham a função de confrontar informações e os conhecimentos adquiridos com a experiência prática, com a vivência, sendo este um dos pontos atrativos e diferenciais do curso.

Outro aspecto a ser considerado é a oportunidade de conhecer a obra de arte no contexto original onde ela se encontra, sem o *glamour* que adquire, por exemplo, em uma exposição de arte. No contexto de origem ou onde está inserida, além de ser um objeto artístico, faz parte da memória social, dos acontecimentos históricos, da vivência da comunidade, e, especialmente, da memória individual de cada pessoa que compõe determinado grupo. Essa obra, um edifício, um monumento, uma peça artística, um documento, ou outro objeto qualquer, está além da condição de objeto artístico, e se torna parte de uma memória imaterial, que envolve sentimentos, crenças, emoções, valores e significados para cada um dos membros da comunidade. É o que Bosi (1979, p.6) se refere como “estofo social da memória”.

O entendimento sobre essa transcendência é facilitado quando se tem a oportunidade de ouvir pessoas que vivenciam ou vivenciaram acontecimentos que constituem a memória coletiva de determinado grupo. Portanto o aluno poderia observar e experimentar, *in loco*, o verdadeiro sentido da obra de arte ou monumento, por exemplo, uma peça sacra, uma capela ou uma igreja, refletir sobre os processos criativos e construtivos e entender o significado e o valor simbólico para a comunidade onde ele se encontrava. Essa experiência didática utilizada no CECAB foi marcante para alunos e para professores que a construíram no decorrer do curso, conforme relato nas entrevistas coletadas para esta pesquisa.

Os atrativos do curso, somados a um trabalho de divulgação nos principais veículos de comunicação¹⁰, atraíram profissionais de áreas diversas, de várias regiões do país, bem como estimularam a participação de professores e pesquisadores qualificados de outras instituições, para vivenciar a experiência como docentes visitantes.

¹⁰ A divulgação era feita nos principais jornais impressos da época, *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Estado de Minas*, *O Globo*, além de jornais locais e noticiários de redes de televisão. Os recortes de jornais se encontravam nos arquivos do CECAB.

Os resultados das pesquisas produzidas pelos alunos apresentados como monografias exigidas como requisito para a conclusão do curso, evidenciam a diversidade dos temas de pesquisas desenvolvidas pelos alunos do CECAB e integraram os elementos de análises no âmbito deste trabalho.

Vale apontar que essa tipologia de trabalho acadêmico característica de um curso de pós-graduação *lato sensu* é relevante como recurso de pesquisa, pois além de ser uma iniciação científica agrega informações relevantes e a bibliografia do tema pesquisado, sendo uma preparação metodológica para futuros trabalhos de investigação de mestrado e de doutorado.

As monografias do CECAB constituem, pois, um acervo de referência em Cultura e Arte Barroca da Biblioteca do IFAC, requisitado por pesquisadores do Patrimônio Histórico e Cultural, que recorrem aos diversos acervos existentes em Ouro Preto.

Uma hipótese levantada na elaboração da proposta deste trabalho foi que, muitas vezes, o aluno do CECAB, ao vir para Ouro Preto, trazia de suas origens, de sua localidade, a problemática já definida. Explicitando melhor: o aluno tinha uma expectativa em relação ao curso, que era obter conhecimentos e buscar subsídios teórico-científicos para questões pré-determinadas, para problemas existentes em suas cidades de origem, geralmente relacionadas ao Patrimônio Cultural local.

Nessa perspectiva, o curso propiciou emergir grande variedade de estudos inéditos, de localidades ainda pouco conhecidas e investigadas pelas áreas do patrimônio e da cultura brasileira, revelando-nos novos personagens, localidades, objetos, peças artísticas, capelas, igrejas, mosteiros, etc., enfim, um “universo barroco” antes desconhecido e/ou esquecido. Ainda que esses trabalhos acadêmicos tenham enfoques mais delimitados de incursão experimental e introdutória no assunto, são significativos no sentido de que puderam revelar novos caminhos, novas possibilidades e perspectivas de compreender e tratar o Patrimônio Cultural brasileiro.

O mapeamento e a análise das monografias produzidas permitiram identificar que algumas tiveram continuidade e evoluíram como temas de pesquisas em programas de pós-graduação da UFOP e de outras universidades. Essa abordagem constituiu um aspecto investigado na presente pesquisa, com o intuito de verificar a contribuição do CECAB como propulsor de geração de conhecimento científico na área de Patrimônio Cultural, sendo que os dados integram o presente trabalho. Assim, foi realizado o mapeamento das monografias que serviram como fonte de inspiração para pesquisas de mestrado e doutorado, como mostra o Capítulo 3.

Pressupõe-se que o diferencial do CECAB, entre outros programas de formação em História da Arte, podia estar vinculado aos fundamentos teóricos que nortearam o conteúdo programático, centrado em uma visão mais crítica e questionadora do conceito de Barroco. Agregou-se ao rol de distinções a composição de um corpo docente qualificado e reconhecido no campo do Patrimônio e das Artes, na aglutinação de uma grande diversidade de profissionais, de pensamentos plurais e de instituições distintas, e o fato de ser sediado na região onde se encontra grande número de sítios históricos e monumentos tombados, mais precisamente Ouro Preto, também chamada de “a joia do Barroco”.

Em vista do contexto que caracterizou o CECAB, da criação à suspensão, surgiram indagações que instigaram propor esta pesquisa, buscando apreender e analisar o contexto institucional, as dificuldades e problemas vivenciados para a efetivação, o papel no âmbito do IFAC e sua posição no plano acadêmico da UFOP.

1.1.1 O IFAC

O Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) foi criado 30 de novembro de 1981, sob a designação de Instituto de Artes e Cultura (IAC), com o objetivo de preencher a lacuna existente no âmbito artístico e cultural em Ouro Preto e de integrar a UFOP à comunidade, de forma mais efetiva e participativa. Até dezembro de 1994, quando se tornou uma unidade acadêmica, o IAC atuou intensivamente na área cultural de Ouro Preto, trazendo a UFOP para o debate de questões emergentes e pertinentes à cidade, recentemente elevada à situação de

Patrimônio Cultural da Humanidade. Foram criadas várias frentes de trabalho e de ações extensionistas nas áreas de educação, de promoção cultural e social e de preservação patrimonial.

O IAC era formado pelos seguintes núcleos: Núcleo de Cultura e Arte Barroca, que abrigava o CECAB, Núcleo de Mentalidade e Memória, responsável pela pesquisa na área do patrimônio cultural e artístico de Ouro Preto, e Núcleo de Música e de Ação Cultural, responsável pelas ações extensionistas.

As ações eram planejadas de acordo com demandas locais e institucionais, buscando preencher lacunas de atuação da UFOP, que até então era centrada, tradicionalmente, nas áreas de Engenharia e de Farmácia. Assim, foram criados cursos livres de Música e de Teatro, projetos de integração com a rede de ensino e um núcleo responsável pelo primeiro inventário dos bens artísticos e culturais das igrejas e irmandades religiosas de Ouro Preto.

Em 1985, foi criado o curso de pós-graduação *lato sensu* de Cultura e Arte Barroca e, posteriormente, a Revista do IFAC, especializada na área do Barroco, e a Associação de Estudos da Cultura e Arte Barroca (AECAB), consolidando a atuação de um espaço do pensamento crítico sobre cultura e seus objetos e Patrimônio Histórico e Cultural brasileiro.

Em 1995, foi implantado o curso de graduação em Filosofia, em 1998 o curso graduação em Artes Cênicas e em 1999 o curso de graduação em Música, tornando o IFAC uma unidade acadêmica da UFOP. Em 2006 houve reorientação com a verticalização acadêmica e foi implantado o Mestrado em Estética e Filosofia da Arte e, em 2013, o Mestrado em Artes Cênicas.

Dos projetos de pesquisa que constituíram o Núcleo de Mentalidade e Memória, ainda é mantido o Arquivo Fotográfico, setor responsável pela guarda, tratamento e acesso de uma coleção de fotografias do final do século XIX e XX de Ouro Preto, em especial a coleção do fotógrafo ouro-pretano Luiz Fontana (1897-1968), imagens fundamentais para o conhecimento da cidade na primeira metade do século XX.

1.1.2 Ouro Preto como sede do CECAB

Considerando que o presente estudo tem como objeto um curso de especialização realizado em Ouro Preto e centrado na temática do Barroco, estilo artístico, entende-se ser necessária uma incursão no contexto histórico da primeira cidade¹¹ brasileira a ser tombada como Patrimônio Nacional e a ter o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, dado pelo UNESCO.

O que se pretende, também, é compreender se o fato de ser o CECAB sediado em Ouro Preto foi determinante para o seu desempenho, e se houve alguma contribuição no sentido de geração e avanço de conhecimento científico sobre questões relacionadas ao Patrimônio Cultural da cidade.

Ouro Preto é uma cidade onde a memória e história estão fortemente interligadas pela representação como Patrimônio Histórico e Cultural, pelo destaque no cenário econômico, político e social como capital de Minas Gerais, pela relevância no âmbito da Arte Barroca brasileira, reconhecida mundialmente, pelo imaginário das pessoas, da literatura e da história, enfim, sob vários aspectos a cidade remete ao passado e está impregnada de memórias.

Desde os tempos de Vila Rica, em 1720, quando foi instituída a Capitania de Minas Gerais, a cidade teve a imagem vinculada como uma síntese das características culturais e históricas do povo mineiro. Essa representação foi sendo, ao longo do tempo, intensificada e utilizada com finalidades diversas, tornando-a atração turística, local que desperta curiosidade e interesse. Ouro Preto se enquadra na tipologia de *Cidade Histórica*, que, segundo as Cartas Patrimoniais¹² são “as cidades grandes ou pequenas e os centros ou bairros históricos, com seu entorno natural ou construído, que, além de sua condição de documento histórico,

¹¹ Declarada Monumento Nacional em 1933 e tombada pelo IPHAN em 1938 por seu conjunto arquitetônico e urbanístico, e como patrimônio mundial, pela UNESCO, em 5 de setembro de 1980, sendo o primeiro bem cultural brasileiro inscrito na Lista do Patrimônio Mundial. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/30>. Acesso em: 30 abr. 2016.

¹² CURY, Isabelle (Org.) *Cartas patrimoniais*. 3. ed. Brasília: Edições do Patrimônio, 2004. 407 p.

exprimem valores próprios das civilizações urbanas tradicionais.” (CURY, 2004, p. 281). Nela se encerra, portanto, um conjunto de atributos que a distingue das demais cidades, o que motivou receber o título de Monumento Nacional¹³, em 1933, e de Patrimônio Cultural da Humanidade, em 5 de setembro de 1980.

Pela relevância do conjunto de obras do Período Colonial e pelo destaque entre as cidades mais antigas, ela é vista como um “lugar da memória”¹⁴, uma “joia do barroco”, “cidade monumento” (NATAL, 2007). Grande parte das obras artísticas e arquitetônicas, muitas delas pertencentes à Igreja Católica, são construções do século XVIII, quando a cidade vivenciou o apogeu econômico e político, pelo destaque na exploração do ouro. Essa confluência de forças, de povos, de culturas e de poderes propiciou a agregação de manifestações artísticas e culturais diversificadas e a constituição de um conjunto arquitetônico bem característico do que foi denominado de “Barroco”. Todo esse contexto e a atração pelo ouro atraíram imigrantes, viajantes, cientistas, exploradores, mineradores, construtores, artistas, arquitetos, religiosos e outros, que foram responsáveis pela construção de ricos e imponentes templos religiosos, edifícios civis e de moradia e pela criação de obras de arte de grande valor para a história da arte brasileira.

Dessa época vieram diversas manifestações culturais sedimentadas nas irmandades religiosas e praticadas, ainda hoje, em rituais e comemorações do calendário religioso. Somam-se a essas as práticas cotidianas peculiares das pessoas de Ouro Preto, como costumes sociais, a culinária, o folclore local, as artes, o artesanato, as técnicas construtivas, etc., enfim, tudo que forma a memória social dessa comunidade e que integra o seu Patrimônio Cultural.

Esse conjunto de atributos constituiu um cenário adequado para abrigar um curso específico sobre o estudo do Barroco, pois trata-se de um museu aberto, de um laboratório capaz de reunir elementos essenciais para dar suporte a indagações e debates, além de oferecer vasto campo para observações, explorações e pesquisas sobre Cultura e Arte Barroca. Vale destacar

¹³ Pelo Decreto n.º 22.928, de 12 de junho de 1933

¹⁴ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, v. 10, dez. 1993. p. 07-28.

que, para ter uma demonstração de elementos iconográficos que caracterizam uma obra barroca, basta conhecer uma de suas muitas igrejas ou museus. Para apreciar ou conhecer os componentes e detalhes que distinguem a arquitetura barroca, é preciso apenas caminhar pelas ruas sinuosas da cidade e observar o casario, os templos, as capelas, as fontes, o patrimônio que resistiu à passagem do tempo.

Assim, Ouro Preto, ainda que seja uma cidade viva e efervescente, tem o privilégio de ser um local diferenciado, que retrocede no tempo e em que o passado está sempre presente. Foi nesse contexto que surgiu o CECAB, direcionado principalmente às pessoas ou agentes que tinham vinculação profissional com a área de Patrimônio Histórico e Cultural.

1.2 Ciência da Informação, Memória e Patrimônio: dimensões teóricas

Em decorrência da temática, das questões problematizadas e dos objetivos que instigaram a proposição desta pesquisa, buscou-se fundamentá-la em três pilares conceituais: a questão conceitual de Patrimônio¹⁵ e Cultura Barroca, fundamental para o entendimento do objeto de pesquisa; a constituição da Memória como espaço de sedimentação do saber sob o ponto de vista coletivo, social e individual e, em especial a memória institucional, que pode elucidar questões significativas sobre o problema da pesquisa; e o campo teórico da Ciência da Informação, segundo uma abordagem social da informação como fator potencial de construção e interlocução das narrativas de memória.

Assim, a confluência de informação e memória foi o fluxo condutor que perpassou esses três pilares, em todas as etapas do trabalho investigativo, para resgatar informações relevantes que

¹⁵ “A ideia de posse coletiva como parte do exercício da cidadania inspirou a utilização do termo patrimônio para designar o conjunto de bens de valor cultural que passaram a ser propriedade da nação, ou seja, do conjunto de todos os cidadãos. A construção do que chamamos patrimônio histórico e artístico nacional partiu, portanto, de uma motivação prática – o novo estatuto de propriedade dos bens confiscados – e de uma motivação ideológica – a necessidade de ressemantizar esses bens. A ideia de um patrimônio da nação, ou “de todos”, conforme o texto legal, homogeneiza simbolicamente esses bens heterogêneos e de diferentes procedências, que passam a ser objeto de medidas administrativas e jurídicas: formulação de leis, decretos e prescrições, criação de comissões específicas, instituição de práticas de conservação (inventário, classificação, proteção) e, principalmente, definição de um campo de atuação política. (FONSECA, 2009, p. 58-59).

podiam elucidar o papel do CECAB, na tentativa de constituir/estabelecer a memória institucional, como está proposto nos objetivos da pesquisa. Sendo assim, buscou-se, primeiramente, o entendimento da abordagem da informação e sua dimensão social, sob o ponto de vista de pesquisadores da área de Ciência da Informação.

1.2.1 Informação Social e Ciência da Informação

Na busca da base teórica na literatura da Ciência da Informação para o embasamento desta pesquisa, optou-se, primeiramente, por retomar considerações de estudos que tratavam a informação, e também a memória, como fenômenos socioculturais inscritos no mundo das relações sociais, considerando-se que o objeto de estudo era um curso de pós-graduação, um empreendimento institucional, um espaço de geração e socialização de conhecimentos, portanto um espaço social de relações sociais, constituído principalmente por pessoas. Segundo Moura:

a Ciência da Informação tem por objetivo compreender as relações humanas mediadas pela informação e os desdobramentos dessa ação. Busca para tanto compreender, a partir do ponto de vista do sujeito, os aspectos sociais e técnicos envolvidos na ação de produzir, sistematizar, organizar, disseminar e recuperar informações. Tais informações são sustentadas organicamente por ferramentas, objetos, processos e manifestações culturais, sociais e organizacionais (MOURA, 2006, p. 14).

Expondo o seu ponto de vista sobre o conceito de informação como acontecimento social, Capurro (2003) afirma que “a informação é uma dimensão da existência humana, algo que permeia a convivência social, o que significa que a informação e o conhecimento tratam de criação humana, constituindo-se como fenômeno da esfera cultural” CAPURRO (2003, *apud* CABRAL, 2007, p.37). Foi nessa ótica, assumida pelas Ciências Sociais e Humanas, que se pretendeu utilizar o termo *informação*, como um produto social resultante da interação entre pessoas, das relações humanas, nos espaços de convivência social, de troca de experiências, sendo a informação potencializada e transformada em conhecimento.

Na perspectiva de Rendón Rojas (2008), a particularidade das Ciências Sociais e Humanas está no fato de estudar a realidade humana, tendo como “objeto” de estudo o próprio sujeito, que deve ser respeitado na sua especificidade de não ser simplesmente um objeto, mas um sujeito que possui vontade, imaginação, desejos intencões, valores, sentidos, imaginários coletivos e individuais.

Para Cardoso (1994), toda informação é social e, quando é tratada como uma área de estudos da Ciência da Informação, se torna um recurso pedagógico que possibilita identificar o conhecimento e analisar metodologias acerca da produção, organização, disseminação, consumo e incorporação da informação, enfatizando a diversidade de processos e relações que ocorrem no cotidiano de indivíduos, segmentos, classes e instituições sociais. Complementando sua proposição, Cardoso diz que a informação possui duas dimensões intrinsecamente conectadas, a pessoal e a coletiva:

a dimensão pessoal da informação manifesta-se pelo acervo de soluções e interpretações que acumulamos no desenrolar de nossa biografia, através daquilo que experienciamos e que nos fornece pistas para lidarmos com novas experiências. A dimensão coletiva identifica-se com fragmentos do conhecimento produzido desde que o mundo é mundo, ou seja, as sistematizações e interpretações de experiências disponibilizadas socialmente, ainda que não se possa deixar de destacar que tal disponibilização ocorre diversamente entre indivíduos em função dos diferentes lugares que ocupam na estrutura social (CARDOSO, 1996, p. 72)

De acordo com a pesquisadora, o objeto de estudo da área de Informação Social, em que se respalda a presente pesquisa, deve ser apropriado tendo como referência as “dimensões de historicidade dos sujeitos cognoscentes”, a “totalidade dos fenômenos sociais” e a “tensionalidade constante que está presente na sociedade” (CARDOSO, 1994, p. 111).

Falando sobre essas três categorias, mais especificamente sobre a historicidade, Simões (1996) afirma que o conhecimento tem origem na prática social que acontece em determinado contexto sócio-histórico, portanto é preciso compreender a realidade onde foi constituído, as práticas sociais e as ações dos indivíduos que fazem parte dos grupos sociais. Sobre a totalidade a autora ressalta que é necessário analisar os fenômenos sociais em suas relações

uns com os outros, ou seja, “a busca da totalidade não passa pela soma das partes, mas pela relação entre o particular e o geral.” (SIMÕES, 1996, p. 84)

Refletindo sobre as correntes teóricas da Ciência da Informação, mais precisamente sobre o conceito de informação de acordo com a teoria crítica, Araújo (2009, p. 16) afirma: “as dimensões da tensionalidade e da historicidade se tornaram as mais relevantes para a explicação da realidade humana”. Para o autor, as novas abordagens teóricas da Ciência da Informação evidenciam que a informação deixa de ser apreendida como objeto físico e passa a ser entendida como fenômeno humano.

Na mesma perspectiva, segundo Reis (2015, p. 109), quando se analisa a informação na inserção no contexto social, numa ótica crítica, “torna-se evidente não ser possível entendê-la fora de sua inserção histórica, em termos de uma apreensão de totalidade e de vê-la também em seus aspectos intrinsecamente contraditórios”. A autora considera que obter/ter informação é uma prática social, um substrato da vida social que requer do sujeito que a recebe “submetê-la a um processo de análise crítica e reflexão para que, inserindo-a na historicidade dos processos sociais, possa ser incorporada como conhecimento, norteando a ação (REIS, 1999, p. 155)”.

Ao falar da relação entre os campos da informação e do Patrimônio Cultural, a pesquisadora diz que a área da informação pode ser um recurso para apreender e consolidar as experiências vivenciadas por determinados grupos sociais, como forma de preservar memórias e o patrimônio cultural. E ressalta:

é preciso destacar que as dimensões da informação são relevantes, haja vista que, através delas, também é possível estabelecer-se o vínculo com a preservação de fazeres e memórias, principalmente quando se trata do patrimônio imaterial, permitindo, portanto, recuperar processos que por ausência de conhecimento seriam ignorados em sua preciosidade (REIS, 2015, p. 118)

Entende-se que esta pesquisa, objetivando resgatar e reconstituir a memória institucional de um curso de pós-graduação de uma universidade pública brasileira, está em conformidade com o campo teórico da área da Informação Social, incorporada no conjunto da Ciência da

Informação, e tem concordância com as categorias *historicidade*, *tensionalidade* e *totalidade*, apresentadas por autores que deram suporte teórico a esta perspectiva da investigação.

Assim, ao adentrar o contexto sócio-histórico do objeto da pesquisa, foi possível conhecer os sujeitos que fizeram parte do grupo social que se formou com o CECAB, constituído por profissionais de áreas diversas, em vista de trocas de experiências e do interesse por Cultura e da Arte Barroca. Pela historicidade do grupo emergiram conflitos, impasses e desafios que dificultaram a consolidação do curso, demarcando a tensionalidade que existiu entre grupos de interesses distintos e, em concomitância, a apreensão da totalidade, quando se identifica o conhecimento produzido e se obtêm os elementos necessários para reconstituir diferentes aspectos da memória institucional, segundo a visão dos que vivenciaram a realização do curso, tornando factíveis os propósitos e os objetivos da presente pesquisa.

1.2.2 Memória e memória institucional

Sobre Memória existem diversas abordagens e muitos pesquisadores se dedicaram à discussão do tema, como Nora (1993), Halbwachs (2006), Ricoeur (2007), Le Goff (2003), Costa (1997), Gondar e Dodebei (2006), Oliveira (2010).

Um dos pioneiros nos estudos da memória coletiva, Halbwachs entende que existem dois tipos de memória: pessoal e coletiva. Segundo Bosi (1979, p. 18), que o cita, ele “amarra a memória da pessoa à memória do grupo, e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade”. Afirma Halbwachs (2006, p. 23): “não é o indivíduo em si ou alguma entidade social que recorda. Ninguém pode se lembrar realmente a não ser em sociedade, pela presença ou pela evocação, portanto, recorrendo aos outros ou as suas obras.”

No entendimento do autor a memória, no sentido estrito, é em si mesma, um ato coletivo: “de bom grado diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2006, p. 68). O autor ressalta o papel do grupo para a construção da memória coletiva e diz que ela é o

grupo visto de dentro: “toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço. Não podemos reunir em um único painel a totalidade dos eventos passados, a não ser tirando-o da memória dos grupos que guardam sua lembrança” (HALBWACHS, 2006, p. 106).

Avaliando em profundidade o processo de construção da memória social, Ecléa Bosi (1979), em estudo sobre memória de pessoas idosas, reforça a relevância do grupo:

Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos verdadeiros, “universos de discurso”, “universos de significados”, que dão ao material de base uma formação histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. (BOSI, 1979, p. 27).

A autora, em consonância com a perspectiva de Halbwachs (2006), afirma que é a memória individual que constitui a memória coletiva, pois é a lembrança da pessoa e a vivência de seu mundo: “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (BOSI, 1979, p. 29). Para a autora, outros fatores interferem na memória, como o status ocupado por um membro no grupo social: “o membro amado por todos terá suas palavras e gestos anotados e verá com surpresa, anos depois, seus menores atos lembrados e discutidos” (BOSI, 1979, p. 336). E acrescenta: “é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência” (BOSI, 1979, p. 336).

Concluindo sua tese sobre a propagação de conhecimentos por meio do que ficou registrado na memória, Bosi destaca: “aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado... passa (ou deveria passar) à outra geração como um valor” (BOSI, 1979, p. 399). Mas faz uma ressalva significativa: “na época da informação a busca da sabedoria perde forças, pois foi substituída pela opinião” (1979, p. 43). Halbwachs (2006, p. 120), para esse fluxo, essa continuidade do registro da memória, explica: “uns lembram os outros, os que o precederam ou os seguiram, assim como não se pode apanhar um elo sem arrastar toda a corrente.” Para ele cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva:

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns

espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhe são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (HALBWACHS, 2006, p. 80-81).

Mas o autor é enfático ao afirmar que a história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens: “por história devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto” (HALBWACHS, 2006, p. 79). E conclui: “a história é um painel de mudanças”.

Sobre a relação entre a memória coletiva e o espaço, o autor afirma: “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial... não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha alguma relação com o lugar – ou seja, com uma parte do espaço” (HALBWACHS, 2006, p. 170). Halbwachs considera a importância da memória individual, que não se sustenta por si só, se não for entendida como um fenômeno coletivo ou social, na medida em que os indivíduos interagem com os grupos sociais aos quais pertencem ou com os quais se identificam. A memória individual depende do relacionamento com os grupos de convívio e de referências particulares.

Em seu livro *Memória e História*, Jacques Le Goff (2003) faz um percurso pela história, da Antiguidade aos dias atuais, apresentando abrangente síntese de aspectos, momentos e condições que envolvem construção e teorização de memória, relações com a história: memória individual e coletiva, memória como narrativa e identidade, memória como conteúdo psíquico, memória social e memória étnica e funções da oralidade e da escrita na construção da memória. Ele afirma que o conceito de memória remete, em primeiro lugar, a um fenômeno individual e psicológico, que possibilita ao homem a atualização de impressões ou informações passadas, e recupera a importância do documento nos estudos sobre memória, com o olhar mais voltado para o contexto histórico. Para o autor, a memória só pode ser validada se for compreendida como fonte de informação histórica, contextualizada no tempo, no espaço e no sentimento de continuidade, com ligação entre o presente, o passado e o

futuro, “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. (LE GOFF, 2003, p. 471).

De acordo com o autor, as classes mais poderosas não apenas construíram objetos mais duráveis, como foram criadoras das próprias instituições de memória, estabelecidas exatamente para guardar as lembranças que os que as instituíram consideravam importantes. Le Goff faz valiosa observação:

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente ao qual a memória está, ora em retraimento, ora em transbordamento. (LE GOFF, 2003, p. 422)

O pesquisador adverte que a memória coletiva não é apenas uma conquista, mas um instrumento de poder: “são as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.” (LE GOFF, 2003, p. 470).

Alguns estudos sobre memória consideram que o discurso constitui lembranças e esquecimentos, que ele organiza e institui recordações e, principalmente, que a linguagem é vista como um processo fundamental na socialização da memória. A possibilidade de falar das experiências, de trabalhar as lembranças de forma discursiva é possibilidade de dar corpo às imagens e recordações fluidas e fragmentadas. Assim, a linguagem não é apenas instrumento na reconstrução das lembranças, mas constitutiva da memória, com possibilidades e limites, nos múltiplos sentidos, sendo fundamental na construção da história.

Ainda sobre a questão da memória, agrega-se à discussão uma vertente pouco tradicional, os estudos sobre a memória institucional, no sentido mais abrangente, que é o ato de instituir, de estabelecer, de ver de outra maneira a instituição e sua memória. Sobre esse aspecto

encontrou-se pouco referencial teórico, pois grande parte dos estudos trata a instituição como objeto, como coisa ou como estrutura social, sendo sua memória vista como estrato de sua história.

Este trabalho busca averiguar a memória de um evento, de um curso, de uma instituição: origem, funcionamento, percursos e percalços, relevância como instância formativa de especialistas, sentimento que produziu nas pessoas que o frequentaram, mudanças que aconteceram nos seus horizontes profissionais, ou seja, o que ficou instituído, efetivamente, com sua existência. Sendo esse o foco, foi necessário ampliar o respaldo teórico para esclarecer questões que tratavam da instituição e do ato de instituir.

Bourdieu (2008, p. 99), em “Os ritos de instituição”, diz o seguinte: “instituir é consagrar, ou seja, sancionar e santificar um estado de coisas, uma ordem estabelecida... uma diferença (preexistente ou não) fazendo-a conhecer e reconhecer, fazendo-a existir enquanto diferença social, conhecida e reconhecida pelo agente investido e pelos demais.” Na mesma perspectiva ele afirma a respeito de instituir: “atribuir uma essência, uma competência... é dar uma definição social, uma identidade...”. Nesse sentido, instituir é o próprio ato de constituir, de fazer acontecer, de estabelecer, de sancionar, de recriar ou reproduzir determinada ordem alcançada, com a intenção de sua manutenção.

Transpondo essa abordagem conceitual para o meio das relações sociais, dos grupos sociais, conclui-se que a instituição é um processo dinâmico e coletivo para o qual diversas forças confluem, como um movimento que torna visível um conjunto de saberes que circulam, se instituem ou se reinstituem.

Quando levado a efeito por um agente singular, devidamente autorizado a realizá-lo, e mais, realizá-lo através das formas reconhecidas (ou seja, conforme as convenções consideradas convenientes em matéria de lugar, de momento, de instrumentos, etc.), fazendo com que o conjunto constitua o ritual adequado (isto é, socialmente válido e por isso mesmo eficiente), tal ato de instituição encontra seu fundamento na crença de todo um grupo (que pode estar fisicamente presente), ou seja, nas disposições socialmente moldadas para conhecer e reconhecer as condições institucionais de um ritual válido (fazendo com que a eficácia simbólica do ritual varie – simultânea ou sucessivamente – segundo o grau de preparo dos destinatários, mais ou menos dispostos a acolhê-lo) (BOURDIEU, 2008, p. 104).

Esse modo de ver a instituição proposto por Bourdieu (2008) indica que é possível encontrar abordagens, diferentes das tradicionais, que podem revelar aspectos pouco visíveis e mensuráveis do objeto proposto no escopo da pesquisa, no que tange à memória institucional.

Costa (1997, p. 100) endossa a tese de Bourdieu: “as instituições são obras dos indivíduos porque são eles que agem... se quisermos falar de memória institucional é fundamental que possamos identificar as condições históricas que tornaram possível a atualização das instituições, quaisquer que sejam, num determinado campo social.” A autora, na tese de doutorado, em amplo estudo sobre a construção conceitual de memória institucional que deu suporte teórico a este trabalho, indica outras maneiras de tratar a relação entre a informação, a memória e a instituição, sob a ótica da Ciência da Informação.

Nesse estudo, Costa (1997) desvenda uma rede densa e ampla de autores e abordagens, acompanhada de conceitos-chave, com novas possibilidades de ressignificação, o que possibilita transitar por uma fonte de mais fluidez e movimento. A autora faz vinculação entre memória e tempo: “o fio que vai amarrar a memória às instituições é o tempo, pois a memória, em sua forma mais elementar, é fundamentalmente tempo. Tempo que traz a marca do esquecimento, mas também se encarrega de conservar os presentes na medida em que passam” (COSTA, 1997, p. 46). Mas alerta sobre a memória: “não é apenas a recuperação que se dá no presente, de informações que tiveram existência no passado, quando então eram presentes.”

Em continuidade à análise, tendo como parâmetro o campo científico, Costa (1997) aponta que a Ciência da Informação possibilita discutir a institucionalização da ciência, razão pela qual a proposta está fundamentada nessa área do conhecimento. Entende-se que a abordagem da autora se aproxima mais da questão apresentada como objeto desta pesquisa, um curso vinculado a uma instituição científica, com toda a carga de conflitos, de disputas de poder, de resistências, mas também de sucesso, de avanços, de contribuição e participação no campo social.

Quando analisamos a instituição científica ou o saber científico, é necessário que façamos a diferença entre ciência feita e ciência sendo feita, ou a ciência em ação. É preciso mostrar os bastidores do fazer científico, as práticas cotidianas, os microprocessos vistos caso a caso. Isso só é possível na medida em que possamos abordar a construção de nosso objeto como processo, com suas vicissitudes, seus insucessos e suas possibilidades, buscando sua emergência na sociedade, bem como suas mutações no tempo. (COSTA, 1997, p. 118).

No entendimento da pesquisadora, a Ciência da Informação, na vertente organizadora dos saberes existentes, tem papel importante a desempenhar no processo de transformação da sociedade:

A Ciência da Informação seria uma espécie híbrida, que comportaria em seus fundamentos os demais saberes existentes e aqueles ainda por virem. Em um sentido seria a guardiã virtual da memória universal (em sua vertente representativa). Em outro sentido, ao promover encontros com disciplinas e saberes, onde busca respostas a problemas que sacodem outros campos de investigação, fortalece sua vertente interdisciplinar. A informação não é apenas seu objeto, mas também elemento agregador, e ainda, seu salvo-conduto (COSTA, 1997, p. 122).

A ideia de mobilidade, de transitoriedade, de fluidez está presente em várias abordagens conceituais, sinal de que a pesquisadora tem a intenção de abrir espaço para a ampliação de futuras indagações, principalmente em relação à reflexão sobre a memória institucional, que ela trata como um conceito híbrido. Para Costa, a memória é essencial para o funcionamento das instituições que atuam em rede no campo social e “as informações relevantes para a recuperação da memória institucional devem ser, por isso, buscadas não apenas nos materiais e fontes internas, mas fora dos muros institucionais.” E acrescenta: “A memória institucional esta em permanente elaboração, pois é função do tempo.” (COSTA, 1997, p. 154).

Concluindo seu trabalho de pesquisa, a autora deixa suspensa a sua definição de memória institucional, pressupondo “ter aberto caminho a outros pesquisadores interessados em problematizar o funcionamento de determinadas instituições, para além do plano organizacional, mais simples de ser mapeado, mas insuficiente para dar conta das questões menos visíveis, características do plano institucional.” (COSTA, 1997, p. 159).

Vale destacar que, ao término da revisão da bibliografia sobre instituição e memória institucional, entendeu-se que a abordagem deste estudo deveria ser pautada em elementos essenciais para o resgate de parte da memória institucional do CECAB, conjugando informações coletadas da documentação arquivística e da análise da produção científica expressa nas monografias e na Revista do IFAC, aliadas aos depoimentos das pessoas que fizeram parte da história do curso, fragmentos de suas memórias.

1.2.3 O Patrimônio Cultural

Dos três pilares temáticos propostos, retoma-se Patrimônio Cultural e Cultura Barroca, dois tópicos incorporados para o entendimento do principal objeto da pesquisa, o CECAB, que privilegiou a formação de profissionais para atuar, direta ou indiretamente, no campo do Patrimônio Cultural.

As reflexões sobre a temática do Patrimônio Cultural não é algo recente, tendo tido um crescimento exponencial em virtude da ampla literatura acadêmica produzida pelas Ciências Sociais. Assim, vários autores vêm se destacando neste campo, como GONÇALVES (1994), FUNARI (2004), CHOAY (2006), FUNARI e PELEGRINI (2006), CASTRIOTA (2009), BRAGA (2010), CHUVA e NOGUEIRA (2012).

Por muito tempo o conceito de Patrimônio Cultural era associado a um conjunto de monumentos antigos que deveriam ser preservados por serem considerados como obras de arte ou por terem feito parte da história, documentados em registros históricos. A origem da noção de Patrimônio Cultural e das políticas e práticas de preservação patrimonial, ocorrida nas décadas iniciais do século XX, está relacionada com os conceitos da época sobre o patrimônio artístico e cultural brasileiro. Eles refletiam a imagem construída ao longo dos anos por interesses do Estado, que é o responsável pela política de patrimônio do país e tem o poder de intervenção sobre ele.

De certa forma, a valorização do Patrimônio Cultural brasileiro deu-se pela atuação de artistas e intelectuais modernistas que buscavam o fundamento da identidade nacional (Simão, 2006). Liderado por Mário de Andrade, um grupo de intelectuais paulistas e mineiros, em

contraposição aos seus ideais modernistas, identificou nos resquícios do Período Colonial as raízes culturais que caracterizavam o povo brasileiro.

Nas visitas feitas a cidades históricas, principalmente as localizadas em Minas Gerais, esses intelectuais se deram conta do estado de degradação desses locais e do descaso do poder público em relação à conservação dos vestígios históricos do país (Natal, 2007). Essa “descoberta” despertou o interesse dos brasileiros sobre a valorização e o apreço pelas coisas que lembravam o passado histórico do país. A partir daí tiveram início discussões sobre a necessidade de estabelecer parâmetros, políticas e ações para a proteção do Patrimônio Artístico nacional, culminando com a criação do SPHAN¹⁶ em 1937, tendo como diretor Rodrigo de Melo Franco de Andrade, que presidiu a instituição durante 30 anos.

Essa concepção¹⁷ de Patrimônio Cultural vem sendo, gradativamente modificada, reconstruída e ampliada pela incorporação do conceito de patrimônio imaterial ou intangível, que trata o patrimônio “além da pedra e da cal”, expressão utilizada pelos pesquisadores e profissionais da área quando se trata do patrimônio material. Mas Patrimônio Cultural se refere ao conjunto de tudo que tem significação, que tem sentido social, não importando se é algo materializado (visível) ou simplesmente manifestações da cultura. Para Araripe (2004, p. 4): “é necessário lembrar que existe um patrimônio que se encontra nas práticas cotidianas e é preciso que também seja preservado, isto é, apresentado como tal e com valor social.” De acordo com a autora, as exigências contemporâneas fizeram com que se ampliasse a designação “patrimônio histórico e artístico” para “patrimônio cultural”, levando-se em consideração toda a produção humana como um bem cultural (ARARIPE, 2004, p. 9). O Artigo 216 da Constituição Brasileira de 1998 agregou à definição de Patrimônio Cultural os bens de natureza imaterial,

¹⁶ Para saber mais sobre a criação do IPHAN, nomeado primeiramente como SPHAN, e as políticas de preservação do patrimônio brasileiro ver: BRAGA (2010), CHUVA (2009), FERREIRA (2014), FONSECA (2001), GONÇALVES (2002), SANTOS (1992), entre outros.

¹⁷ A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a denominação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial... Nessa redefinição promovida pela Constituição, estão as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Fonte: Site do IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em: 01/06/2016.

portadores “de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”¹⁸, ampliando-se, assim, o conceito de patrimônio vigente até então. O Decreto n.º 3.551¹⁹, aprovado em agosto de 2000, regulamentou definitivamente a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial ou intangível, incluindo as manifestações culturais e folclóricas encontradas nas diversas regiões do país.

Avançando um pouco mais sobre a noção de Patrimônio, com a introdução e valorização da cultura do “saber fazer” e da noção de referência cultural, Araripe (2004, p. 113), diz: “essa ampliação do que contempla o patrimônio cultural não diz respeito apenas à diversidade de objetos, ou de novos objetos e temas, mas sim, que estamos diante de uma dimensão maior, na dimensão humana de fazeres sociais, isto é, das práticas cotidianas.” E Funari ressalta:

Com o despertar para a importância da diversidade, já não fazia sentido valorizar apenas, e de forma isolada, o mais belo, o mais precioso, o mais raro. Ao contrário, a noção de preservação passava a incorporar um conjunto de bens que se repetem, que são, em certo sentido, comuns, mas sem os quais não pode existir o excepcional. É nesse contexto que se desenvolve a noção de imaterialidade do patrimônio. Uma paisagem não é apenas um conjunto de árvores, montanhas e riachos, mas sim uma apropriação humana dessa materialidade. Assim compõem o patrimônio cultural não apenas as fantasias de carnaval, como também as melodias, os ritmos e o modo de sambar, que são bens imateriais (FUNARI, 2011, p. 24).

A ampliação da abrangência conceitual de Patrimônio Cultural trouxe à tona novos embates, novas disputas, principalmente em relação à preservação do patrimônio intangível, que requer mais participação da sociedade e políticas públicas específicas. Fonseca (2003, p. 65), ressalta que é preciso que haja “uma mudança de procedimentos, com o propósito de abrir novos espaços para a participação da sociedade no processo de construção e de apropriação de seu patrimônio cultural.”

¹⁸ BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 14 ed. Rio de Janeiro: DP&A, p. 146.

¹⁹ BRASIL. Presidência da República. *Decreto nº 3.551*, de 04 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível no endereço: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm. Acesso em: 25 jun. 2016.

Compreende-se que, em contexto de mudanças conceituais, de ampliação de debates e demandas, quando novos personagens vão ocupando espaços na sociedade por meio de manifestações culturais, saberes, costumes, linguagens, técnicas, etc., onde se vislumbra uma sociedade mais inclusiva e democrática, é que se pressupõe a importância de contar com profissionais qualificados, de visão crítica e realista, para contribuir com os avanços no campo do Patrimônio Cultural brasileiro.

1.2.4 Ouro Preto, o Barroco e o Patrimônio Cultural

O Barroco foi redescoberto, valorizado e reconhecido como a primeira manifestação cultural tipicamente brasileira, possuidora da aura da origem, ou seja, da nação, sendo identificado como representação de estilo puro, autêntico, constituindo-se como paradigma da construção da ideia de nação como civilização (SANTOS, 1992).

Nas duas primeiras décadas do século XX começaram a surgir ideias e iniciativas preservacionistas em Minas Gerais, graças ao empenho de intelectuais da época que mostraram interesse por cidades que preservavam características coloniais e barrocas (FERNANDES, 2014). Na época a região já atraía a curiosidade de viajantes, cientistas, comerciantes, artistas, religiosos, intelectuais, e outros, sendo alguns responsáveis pelos manifestos de preocupação com o estado de decadência em que se encontravam essas cidades mineiras. Foi um momento de redescoberta e da verificação da necessidade de criação de políticas de conservação para a preservação do passado nacional.

Em 1916, após uma visita a Ouro Preto, Alceu de Amoroso Lima publicou, na Revista do Brasil, o artigo “Pelo passado nacional”, onde denuncia o abandono em que se encontrava a sede do patrimônio artístico e religioso e “ênfatiza a necessidade urgente de se proceder à conservação de Ouro Preto”. (MENICONI, 1999, p.77). O artigo causou grande impacto nos jovens intelectuais da época, já impregnados pelos ideais modernistas e ávidos por descobrir o Brasil, reconhecê-lo como nação e como possuidor de cultura singular.

Segundo Chuva (2011), foi nas “viagens de descoberta do Brasil”, realizadas em 1924 e 1927,

que os intelectuais modernistas reconheceram na paisagem mineira o lugar fundador de uma nação, elegendo o estado e seu patrimônio histórico como o berço da nacionalidade brasileira. Para Mário de Andrade (1993), um dos entusiastas pela arte barroca e responsável por elaborar o anteprojeto para a criação de uma instituição para cuidar do patrimônio nacional, Minas Gerais, onde se encontrava o primeiro estilo artístico propriamente brasileiro, abrigava uma arte genuína. Ele identificou não só na religiosidade, como também nas artes e na arquitetura das cidades mineiras, um estilo único e original, cuja unidade estilística representava a verdadeira expressão artística nacional, atribuindo essa característica ao isolamento e à distância em relação às cidades litorâneas. Em 1919, Mário de Andrade fez uma viagem a Minas Gerais para pesquisar sobre arte religiosa e se entusiasmou com a arte barroca.

Ora, na arquitetura religiosa de Minas a orientação barroca – que é o amor da linha curva, dos elementos contorcidos e inesperados – passa da decoração para o próprio plano do edifício. Aí os elementos decorativos não residem só na decoração posterior, mas também no risco e na projeção das fachadas, no perfil das colunas, na forma das naves (ANDRADE, 1993, p. 79-80)

Impressionou-se com a arte de Aleijadinho: “toda Minas religiosa está tão impregnada da sua genialidade, que se tem a impressão de que tudo nela foi criado só por ele” (ANDRADE, 1993p. 80), e classificou o Barroco como um movimento estético genuinamente nacional, uma nova corrente estética da história da arte universal (BRAGA, 2010, p.39).

Assim, o Barroco mineiro passou a ser o foco das atenções modernistas, as cidades históricas mineiras simbolizavam um passado histórico e Aleijadinho “simbolizaria o gênio maior, o artífice exemplar porquanto mais dotado de originalidade, que iniciara e/ou fundara uma tradição artística nacional.” (NATAL, 2007, p. 112). Além de conhecer as riquezas culturais de Minas Gerais, os modernistas pretendiam chamar a atenção do país, divulgar as cidades históricas mineiras e ressaltar a necessidade de preservar o passado até então esquecido. O projeto modernista incluía a preservação de Ouro Preto e das demais cidades mineiras ditas históricas, seja como meio de se assegurar uma identidade nacional, seja como forma de recuperar uma tradição artística esquecida (Natal, 2007). Segundo o autor,

os modernistas de São Paulo acabaram por intensificar os valores de

preservação que já vinham sendo fecundados desde o início do século XX. A partir de então, a noção de patrimônio ganha lastro nos meios intelectuais e institucionais. Os referenciais históricos e artísticos nacionais vão se consolidando ao longo do decênio de 1920. O barroco mineiro ganha o papel paradigmático daquilo que teria de ser preservado, patrimonializado, resgatado do esquecimento (NATAL, 2007, p. 126)

Com o destaque alcançado com essas viagens, uma série de edificações foi restaurada em Ouro Preto no final da década de 1920, sob a responsabilidade de Gustavo Barroso, diretor do Museu Histórico Nacional, que coordenou o Plano de Restauração de Ouro Preto, projeto que consistiu em medidas efetivas de conservação e restauro levadas a cabo no país (MENICONI, 1999). A titulação de Ouro Preto como Monumento Nacional, em julho de 1933, assinalou a decisão dos poderes públicos nacionais de iniciar uma política nova de preservação, consolidando o valor histórico da cidade e iniciando uma série de ações e discussões de políticas públicas em questões da preservação. Nesse contexto, estava sendo construída a concepção do que viria a ser Patrimônio Cultural brasileiro, desencadeando a criação do IPHAN, sob a direção de Rodrigo de Melo Franco de Andrade, de 1937 a 1967, mas a imagem de Ouro Preto como a “cidade colonial” ficou consolidada.

Percebe-se, portanto, que o Patrimônio Cultural brasileiro tem as raízes sedimentadas em Ouro Preto, consolidada como “cidade colonial”, tornando-se “palco de experimentação das novas políticas públicas pensadas para o país na área, com a realização efetiva de ações de conservação, restauração e revitalização de seu patrimônio cultural.” (FERNANDES, 2014, p. 13).

A partir dessa nova maneira de ver o patrimônio, o tema tornou-se centro dos debates contemporâneos sobre memória e patrimônio, atraindo novas áreas do conhecimento, principalmente as Ciências Humanas, o que passou a demandar profissionais que tivessem visão crítica hábil e abrangente, tanto para dar continuidade aos avanços alcançados, como para atuar nas instâncias de construção de políticas públicas e de preservação do Patrimônio Cultural brasileiro. Retomando, pois, o que foi proposto em um dos objetivos desta pesquisa, pretendeu-se apreender, pelo testemunho dos alunos egressos CECAB, se este teve contribuição para a formação de recursos humanos para atuar na preservação da memória

patrimonial.

Demarcado o arcabouço teórico no qual se pretendeu fundamentar a pesquisa, o que se vislumbra, a princípio, é extrair os elementos conceituais dos três pilares temáticos descritos e os recursos metodológicos adequados à viabilização do trabalho investigativo. Em síntese, procurou-se buscar, por meio da Ciência da Informação, os insumos necessários para compreender e delinear o processo de produção do conhecimento no âmbito de um curso, a constituição de parte da memória institucional desse espaço de formação de especialistas em Cultura e Arte Barroca e o que esse conhecimento representa/significa em termos de contribuição no contexto do Patrimônio Cultural brasileiro.

1.3 Percurso metodológico: orientações

Dadas as características do objeto de pesquisa, no caso um curso de pós-graduação de instituição de ensino superior localizada em uma cidade-símbolo do Patrimônio Cultural, a escolha da metodologia mais adequada foi baseada na complexidade do problema, na diversidade das fontes de pesquisas, no universo a ser abordado e nas orientações encontradas na literatura de metodologia científica.

Foi visto que a metodologia qualitativa se adequava melhor por ser estudo que envolvia pessoas, valores, crenças, representações, atitudes e opiniões. Segundo Minayo & Sanches (1993, p. 247), a metodologia qualitativa “adequa-se a aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente.” A metodologia ajustou-se tanto ao trabalho de recuperação e análise documental, feito em arquivos administrativos e na internet, como ao trabalho de definição da amostragem, de escolha das perguntas e formas de aplicação, transcrição e sistematização das entrevistas realizadas e à relação dialógica com pessoas que vivenciaram o CECAB. Lembram os autores citados:

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos

dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas.” (MINAYO & SANCHES, 1993, p. 244).

Ela também foi relevante na intermediação entre as fontes teóricas e documentais utilizadas, propiciando abordagens e interpretações distintas que deram à pesquisa um caráter processual, pois foi efetuada gradualmente, em etapas e contextos diferentes.

Não obstante a adequação e o uso da metodologia qualitativa para quase a totalidade da pesquisa, verificou-se ser necessário recorrer, em menor escala, a recursos da metodologia quantitativa, para tratar os dados oriundos das informações sobre o universo do corpo docente e do discente do CECAB e da produção científica gerada. Esses elementos possibilitaram interpretações de caráter numérico, permitindo olhar a realidade do curso sob um prisma quantitativo.

Vale ainda destacar que esta etapa gerou uma diversidade de dados mapeados e, para se tornarem inteligíveis optou-se por tratá-los com recursos estatísticos e convertê-los em formato gráfico. O recurso foi utilizado para facilitar a descrição e a interpretação das informações, sendo mais apropriado aos elementos quantitativos, mas sem prejuízo dos valores qualitativos.

Sendo assim, do ponto de vista metodológico, este trabalho foi balizado pela abordagem qualitativa e complementado pela abordagem quantitativa, sem prejuízo e em conformidade com as necessidades apresentadas no decorrer da pesquisa, respaldando-se na conceituação feita por Hegenberg: o método é o “caminho pelo qual se chega a determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido fixado de antemão de modo refletido e deliberado” (HESENBERG citado por LAKATOS; MARCONI, 1989, p. 40).

1.3.1 Conhecendo o CECAB

Na realização do trabalho de pesquisa decidiu-se, a princípio, empreendê-lo por duas frentes de trabalho de prospecção documental: o levantamento de documentos relativos ao CECAB

que se encontravam nos arquivos do IFAC e a compilação dos dados sobre as monografias de conclusão de curso que estavam no acervo da Biblioteca do IFAC.

Essas etapas foram fundamentais para uma visão abrangente do CECAB como instância formativa em uma instituição de ensino superior. Pelas informações recolhidas, foi possível ter conhecimento da dinâmica do curso, incidências e eventos ocorridos, documentos oficiais, portarias e resoluções que o instituíram e regulamentaram, gestores, professores (nomes, origem, vínculos institucionais, disciplinas) e discentes (origem, formação, idade, profissão, instituição, vivência com o Patrimônio Cultural, pesquisa de conclusão de curso, data, temática, objeto de pesquisa e localização, orientador, produção científica gerada durante o período de vigência e certificada).

Esse material se encontrava nos arquivos administrativos do IFAC, acondicionado em caixas-arquivo de polietileno e pastas do mesmo material e em papel, identificado pelo número correspondente às datas e edições do curso, dispostas cronologicamente, o que facilitou o acesso aos conteúdos. O arranjo dos documentos não seguia, rigidamente, um critério arquivístico de organização, uma vez que foram originados e estruturados em gestões diversas e organizados por diferentes pessoas que atuaram na secretaria, ao longo de quase trinta anos. De maneira geral, estavam ordenados por tipologia e em cada caixa se encontram os seguintes documentos: listagem das disciplinas com os respectivos professores, horário de aulas, agenda de visitação, folhas de frequência e de notas de instrumentos avaliativos, além das pastas individuais dos alunos com a ficha de inscrição, síntese do Curriculum Vitae dos candidatos, pré-projeto de pesquisa, carta de intenções e/ou de recomendações e cópia do certificado (dos que apresentaram o trabalho de conclusão de curso).

Muitos documentos não foram encontrados durante a pesquisa realizada nesses arquivos, notadamente a documentação de caráter pessoal, com mais incidência no caso de alunos que frequentaram o curso em caráter de exceção, como bolsistas e cotistas de outras instituições. Porém esse fator não teve influência significativa nos resultados, pois muitos dados faltantes foram complementados com informações obtidas de outras fontes, principalmente documentos de controle de pagamentos de despesas, listagens de frequência e avaliação das disciplinas e Curriculum Lattes de alunos e docentes.

A etapa seguinte consistiu na busca da produção científica do CECAB, em especial as monografias de conclusão de curso. De acordo com a NBR 14724²⁰, essa categoria de trabalho acadêmico é definida como um “documento que representa o resultado de estudo, devendo expressar conhecimento do assunto escolhido, que deve ser obrigatoriamente emanado da disciplina, módulo, estudo independente, curso, programa e outros ministrados. Deve ser feito sob a coordenação de um orientador.” Marconi e Lakatos (1990) caracterizam a monografia desta maneira:

Um estudo sobre um tema específico ou particular, com suficiente valor representativo e que obedece a rigorosa metodologia. Investiga determinado assunto não só em profundidade, mas em todos os seus ângulos e aspectos [...]. Contribuição importante, original e pessoal para a ciência. (MARCONI ; LAKATOS, 1990, p. 205).

Em relação à normalização de trabalhos científicos, as monografias produzidas nas edições iniciais do curso não indicavam padronização de apresentação, tendo em vista que somente em 1992 foram criadas as primeiras normas e critérios específicos para tratar da questão. Ressalta-se, porém, que a ausência de padronização não comprometeu o conteúdo das monografias, trabalhos de pesquisas efetuados por profissionais que, em sua maioria, eram funcionários ou estavam engajados de alguma forma com instituições ligadas à área de Patrimônio Cultural.

A respeito dos procedimentos de avaliação dos trabalhos acadêmicos, na documentação encontrada nos arquivos do CECAB foi possível constatar que houve maneiras distintas. Em certos momentos era atribuída conceituação, e em outros, pontuação numérica. Mas, em 2008, quando foram reformulados os procedimentos básicos para a padronização, ocorreu inclusão da folha de avaliação referendada pelo professor orientador, sendo exigido do aluno mais cuidado com a apresentação e a entrega de uma cópia em formato digital, utilizada na

²⁰ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724: informação e documentação - trabalhos acadêmicos - apresentação = information and documentation – Academic work - presentation*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ, 2011. – Norma da ABNT que regulamenta os princípios gerais de trabalhos acadêmicos trabalhos acadêmicos e similares (trabalho de conclusão de curso (TCC) trabalho de graduação interdisciplinar (TGI), trabalho de conclusão de especialização e/ou aperfeiçoamento e outros).

construção de uma base de dados digitais a ser incluída no Repositório Institucional²¹ da UFOP.

Esse acervo de monografias da Biblioteca do IFAC, um montante de 200 exemplares, encontra-se em boas condições de uso e de conservação, grande parte encadernada com espiral, o que dificulta o acondicionamento e, por isso, estão armazenadas em caixas bibliográficas de metal, para garantia da integridade física do material e facilitar o acesso. As monografias são consultadas com frequência e consideradas, por usuários pesquisadores da área de Patrimônio Cultural, de nível de excelência em qualidade e relevância no tema, tendo em vista a originalidade das pesquisas.

O mapeamento descrito nas etapas anteriores foi necessário para visão geral e dimensionamento do CECAB (dinâmica, informações registradas, contribuição na produção de novos conhecimentos), enfim, para busca e reconstituição de parte da trajetória e da memória institucional do curso, dispersa nos arquivos institucionais do IFAC. Afirma Costa (1997, p. 53): “a memória institucional é esse jogo nunca acabado entre o instituído e o instituinte”, sendo, portanto, necessário e importante investigar, conhecer e disseminá-la. Nessa perspectiva, achou-se conveniente complementar o trabalho de prospecção sobre o curso por meio daqueles que vivenciaram a sua história, que o experimentaram como instância formadora de especialistas em Cultura e Arte Barroca, que testemunharam problemas e vitórias, enfim, uma forma de ampliar o universo informacional que envolveu a existência do CECAB no âmbito do IFAC e da UFOP.

Dando continuidade à pesquisa, a terceira etapa consistiu, portanto, no trabalho de busca de informações por meio dos relatos orais e entrevistas feitas com participantes, alunos, professor ou gestores do CECAB, que se dispuseram a colaborar com essa investigação. Pode-se dizer que por meio desta etapa a pesquisa se articulou, se materializou e deu significado ao conjunto das informações retiradas das demais fontes. As informações obtidas

²¹ Repositório Institucional da UFOP – Base de dados digitais, que tem o objetivo de coletar, armazenar, disseminar e preservar os resultados de pesquisas realizadas pelos pesquisadores da comunidade universitária, proporcionando maior visibilidade e divulgação do conhecimento científico e intelectual gerado na UFOP. Disponível no endereço: <http://www.repositorio.ufop.br/>

nas entrevistas com essas pessoas que estiveram intrinsecamente ligadas ao curso, que o experimentaram de alguma forma, que compartilharam a sua experiência e vivenciaram acontecimentos, foram de grande relevância para delinear o percurso do CECAB como espaço formativo de recursos humanos e conhecimentos na área de Patrimônio Cultural. Esses relatos são documentos, são registros e fontes de informação comprobatórias, respaldadas pela metodologia da história oral. Segundo Shikida: “o uso da evidência oral remonta à própria história da humanidade, uma vez que toda a história um dia foi uma narrativa, um relato oral.” (SHIKIDA, 2005, p. 57).

Entende-se, pois, que as informações obtidas dos depoimentos faziam parte da memória individual e, ao mesmo tempo, da memória coletiva, portanto retratavam um percurso histórico, pois o CECAB foi espaço de convivência de grupos de pessoas. Nessa perspectiva, Halbwachs destaca o “depoimento da testemunha”, que só tem sentido em relação a um grupo do qual faz parte, porque pressupõe um evento real vivido em comum, dependendo do contexto de referência no qual transitam o grupo e o indivíduo que o atesta.” (HALBWACHS, 2006, p. 12).

1.3.2 A coleta de dados

Na busca de informações nos documentos pertencentes ao arquivo do CECAB, verificou-se que, em 2009, ocorreu reestruturação no formato da admissão dos candidatos, no conteúdo programático, na nomenclatura de algumas disciplinas, nas avaliações e na padronização dos trabalhos finais, o que motivou um recorte temporal na pesquisa, considerando-se a extensão, a quantidade e a representatividade dos dados já coletados, contabilizando o período de 1985 a 2009. Foram considerados também contratempos encontrados no acesso à documentação de alunos que frequentaram os módulos em períodos alternados ou que entregaram a monografia fora do prazo estabelecido, dificultando a localização dos documentos durante a coleta de dados. Sendo assim, entendeu-se que um período de 24 anos era bastante significativo como recorte temporal para a pesquisa, tendo em conta que o CECAB funcionou por vinte e 28 anos, de 1985 a 2013.

O trabalho realizado para a primeira etapa da pesquisa deu-se por meio de manuseio de caixas e pastas de documentos e localização e recolhimento de dados de cada participante do CECAB, aluno, docente, gestor ou conferencista. Dessa etapa obteve-se grande quantidade de dados, que receberam os seguintes tratamentos:

- classificação pela ordenação numérica atribuída a cada edição do curso, formando-se uma planilha para cada curso ofertado, dividida em 3 categorias (discente, docente e gestor), organizadas por ordem alfabética dos nomes;
- divisão da categoria discente em 24 subcategorias, que continham o conjunto de dados relevantes e significativos para a realização da pesquisa: origem, formação, profissão, instituição de origem, localização, cargo, atuação, idade, edição do curso, período, participação em eventos relacionados com Barroco, Patrimônio ou Festival de Inverno de Ouro Preto, conclusão do curso, tema da monografia, data, área, subárea, assunto geográfico, orientação, continuidade e observações;
- divisão da categoria de docentes com o mesmo arranjo alfabético e subdividido nas seguintes subcategorias: titulação, instituição de origem, cargo, disciplina/temática, evento, curso, período, egresso e observações;
- divisão da categoria gestor três subcategorias: cargo ocupado, período e edição do curso.

Os dados foram armazenados e organizados em planilhas do aplicativo Excell, totalizando 51 planilhas e constituindo uma base dos dados que possibilitou uma visão abrangente e, ao mesmo tempo, detalhada das informações coletadas sobre o CECAB. A escolha do programa deu-se em função de ser uma ferramenta que permitia grande variedade de cruzamentos de informações, otimizava o uso de recursos estatísticos e facilitava a construção de gráficos. Terminada a etapa de coleta e tratamento dos dados referentes aos participantes, foi possível proceder à análise e à interpretação dos dados, de acordo com os propósitos definidos no início da pesquisa.

A segunda etapa do trabalho de coleta de dados se deu por meio do levantamento de informações a respeito da produção científica do CECAB, especificamente monografias de conclusão de curso, exigência determinada pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFOP. Optou-se por fazer o levantamento de dados sobre o conjunto de monografias, ou seja, 200 exemplares, sem recorrer a uma amostragem em particular, para dar visibilidade à produção científica gerada pelo curso, só percebida se destacada na sua totalidade.

As monografias do CECAB fazem parte do acervo da Biblioteca do IFAC e se encontram localizadas no setor de Referência, por ser valioso instrumento de pesquisa disponível aos usuários interessados nas temáticas abordadas, sendo utilizadas com bastante frequência. Estão devidamente catalogadas, indexadas e acessíveis por meio de uma base de dados do catálogo on-line²² e ordenadas por assuntos, classificadas de acordo com os princípios da CDU²³. A indexação de assuntos²⁴ foi feita com o auxílio de instrumentos de tratamento de informação, dado a especificidade e particularidade dos temas abordados, dificilmente encontrados nos sistemas de controle de vocabulário²⁵ e terminologia utilizados pelo Sistema de Bibliotecas da UFOP.

Para a sistematização dos dados sobre as monografias preferiu-se adotar o formato de referência bibliográfica de acordo com as normas da ABNT, seguindo a ordenação alfabética de sobrenome do autor. A escolha se deu pelas seguintes razões:

²² Catálogo do SISBIN/UFOP, disponível na internet no endereço: <http://200.239.128.190/pergamum/biblioteca/index.php>

²³ CDU – Classificação Decimal Universal -A Classificação Decimal Universal (CDU) é um sistema internacional de classificação de documentos, cuja base está no conceito de que o conhecimento humano pode ser dividido em 10 classes principais de conhecimento, e estas, por sua vez, podem ser infinitamente divididas numa hierarquia decimal. É um sistema de classificação consolidado e largamente usado pelas bibliotecas em todo o mundo. Fonte: <http://www.ibict.br/publicacoes-e-institucionais/classificacao-decimal-universal-cdu>. Acesso em 14/04/2016.

²⁴ São utilizadas as seguintes publicações para a padronização dos assuntos da área de arte barroca: ÁVILA, Affonso; GONTIJO, J. M. M; MACHADDI, R. G. *Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1980. 220p. ; MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. RJ: IPHAN, 1974. 2 v. ; REAL, Regina M. *Dicionário de Belas Artes: termos técnicos e matérias afins*. RJ: Fundo de Cultura, 1962 ; *Dicionário IPHAN de Patrimônio cultural*. Disponível no endereço: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1026>. Acesso em: fev. 2016.

²⁵ O Sistema de Bibliotecas e Informação - SISBIN/UFOP utiliza o controle de vocabulário da Rede Bibliodata (www.bibliodata.ibict.br), da Biblioteca Nacional (<https://www.acervo.bn.br>) e da Library of Congress (<http://id.loc.gov/authorities/names>)

- A quantidade de monografias é significativa, 200 exemplares relacionados nos Anexos desta pesquisa. Qualquer arranjo que demandasse a inclusão de informações adicionais implicaria ampliação de espaço destinado ao conjunto de dados.
- A similaridade e a sobreposição dos assuntos não justificariam seguir ordenação temática, uma vez que as monografias, de forma geral, tratam de temas relacionados à Cultura e Arte Barroca.
- A ordenação cronológica não agregaria valor informacional à totalidade das monografias, considerando que muitas foram concluídas e entregues fora do prazo regimental e não correspondiam à data de edição do curso.

Dado esse contexto, decidiu-se efetuar a coleta de dados sobre as monografias e dispô-las em arranjo alfanumérico, no formato de referência bibliográfica, considerando que o acervo é um integrante material da memória institucional do CECAB.

Concluída a etapa, foi realizada a pesquisa para identificar as monografias que evoluíram e foram transformadas em pesquisas de mestrado e/ou doutorado ou publicadas como livro. Assim, foram feitas várias consultas às seguintes Bases de Dados: Banco de Teses e Dissertações²⁶ da Capes, na BDTD do IBICT²⁷, Repositórios Institucionais das Instituições de Ensino Superior brasileiras e Plataforma Lattes. Primeiro se identificava o autor, em seguida procedia-se à comparação de equivalência dos títulos e as palavras-chave das três categorias de pesquisas, ou seja, monografias, dissertações e teses, e, sempre que necessário, verificavam-se os conteúdos dos trabalhos disponíveis em formato digital na internet. Os livros publicados foram identificados pela verificação no Curriculum Lattes dos autores.

²⁶ Serviço de informação disponibilizado pela Capes desde 2002 com referências e resumos das teses/dissertações defendidas em programas de pós-graduação do país. Disponível no endereço: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses>. Acesso em: 05 out. 2016.

²⁷ Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, serviço de informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, que consta, atualmente, com 126.046 teses e 339.599 dissertações. Disponível no endereço: <http://btdt.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 05 out. 2016.

Para a etapa referente à coleta de informações sobre o CECAB por depoimentos de testemunhas que fizeram parte da trajetória do curso, portanto a terceira fase da pesquisa, foi feita uma sondagem na Base de Dados constituída por meio da documentação disponível nos arquivos do IFAC, com a finalidade de estabelecer os critérios de seleção e de definição da amostragem. Cabe uma ressalva: não foi localizada a documentação pessoal de boa parte dos participantes, principalmente professores que atuaram no CECAB. Quanto ao corpo discente, no recorte temporal em que se deu a investigação, de 1985 a 2009, foram identificados 413 alunos que frequentaram o curso regularmente, entre os quais 176 não tinham documentação pessoal disponível nos arquivos consultados. Sob essa ótica, o universo trabalhado foi em torno de 237 alunos, vindos de 16 estados, variável relevante para a análise dos dados.

Diante da contextura de possibilidades de investigar, optou-se por seguir as seguintes diretrizes:

- Em relação à coleta de relatos de integrantes do corpo discente: a abrangência geográfica foi restringida a Ouro Preto, considerando-se que, além de ser a sede do curso, abrigava um conjunto muito representativo de instituições públicas que tratavam do Patrimônio Histórico e Cultural, como museus, arquivos, instituições de ensino e de preservação patrimonial, monumentos, obras de arte, congregações religiosas. Conseqüentemente, o maior número de alunos era da cidade. Julgou-se pertinente e justificável, pois, restringir o contexto a Ouro Preto como o recorte geográfico a ser pesquisado, e abranger a representatividade institucional existente, preferindo-se profissionais egressos do CECAB que atuavam em instituições diretamente envolvidas com a questão patrimonial da cidade, sendo escolhidas as seguintes instituições: IPHAN, Museu da Inconfidência (IBRAM), UFOP e IFMG.
- Em relação à coleta de depoimentos de integrantes do corpo docente: como a maioria dos docentes eram professores de outras instituições convidados para integrar o CECAB, optou-se por envolver os que atuaram por mais tempo, para que fosse contemplada a linearidade do percurso histórico definido pelo recorte pesquisado. Não foi possível entrevistar docentes que atuaram nos anos iniciais do

curso, mas a amostragem alcançou a abrangência do período de 1993 a 2009, sendo que dois dos professores vivenciaram o início do CECAB na condição de alunos, em 1986 e 1988, e testemunharam fatos ocorridos na ocasião.

- Em relação aos gestores do curso: diante do quadro de intermitência e fluidez na administração do CECAB, buscou-se identificar o gestor que vivenciou e permaneceu na direção por um período mais longo e contínuo. Guiomar de Grammont teve experiência como aluna, em 1988, como professora, como diretora do IFAC e como coordenadora do CECAB, ocupando o cargo por duas vezes, de 1995 a 1998 e de 2004 a 2013. Entendeu-se ser uma escolha representativa, pois permitia abranger um período significativo da existência do curso.

Mapeado o universo dos participantes, definiu-se a representação amostral e a escolha do instrumento a serem utilizados na coleta das entrevistas das três categorias envolvidas, alunos, professores e gestores.

Sendo uma pesquisa de vertente qualitativa, buscou-se o embasamento metodológico na literatura de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais e optou-se por utilizar uma técnica híbrida, que agregava relatos de experiência e relatos de vida de alunos, professores e gestores do CECAB, coletados por meio de entrevistas e relatos espontâneos, norteadas pelos objetivos propostos. O procedimento teve a pretensão de facilitar a coleta de informações relevantes para a pesquisa, utilizando-se o recurso da entrevista estruturada ou pré-estabelecida, com perguntas objetivas direcionadas a cada uma das categorias investigadas, mas permitindo que o entrevistado se sentisse livre para relatar experiências e lembranças de vivência no curso.

Foram elaboradas cinco perguntas (ANEXO 1) para cada categoria e as entrevistas foram feitas de acordo com a disponibilidade dos depoentes, algumas presenciais e outras virtuais, utilizando-se o aplicativo Skype, que permitiu comunicações simultâneas em áudio e vídeo, mas uma foi respondida e enviada por e-mail. Das doze pessoas que foram definidas na amostragem, apenas três não participaram, sendo efetivadas, portanto, nove entrevistas (ANEXO 2) na coleta de dados dessa etapa. Ressalta-se que, antes da coleta dos depoimentos,

foi feita uma investigação nas fontes documentais com o objetivo de conhecer os colaboradores e de verificar a participação, o envolvimento e a interação de cada um deles com o curso.

Na fase seguinte da pesquisa realizou-se a coleta dos relatos e entrevistas, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, sendo cinco recolhidas presencialmente, gravadas e transcritas, duas respondidas textualmente e enviadas por e-mail e duas por recursos virtuais, utilizando-se o aplicativo Skype. Essas duas entrevistas também foram gravadas e transcritas posteriormente.

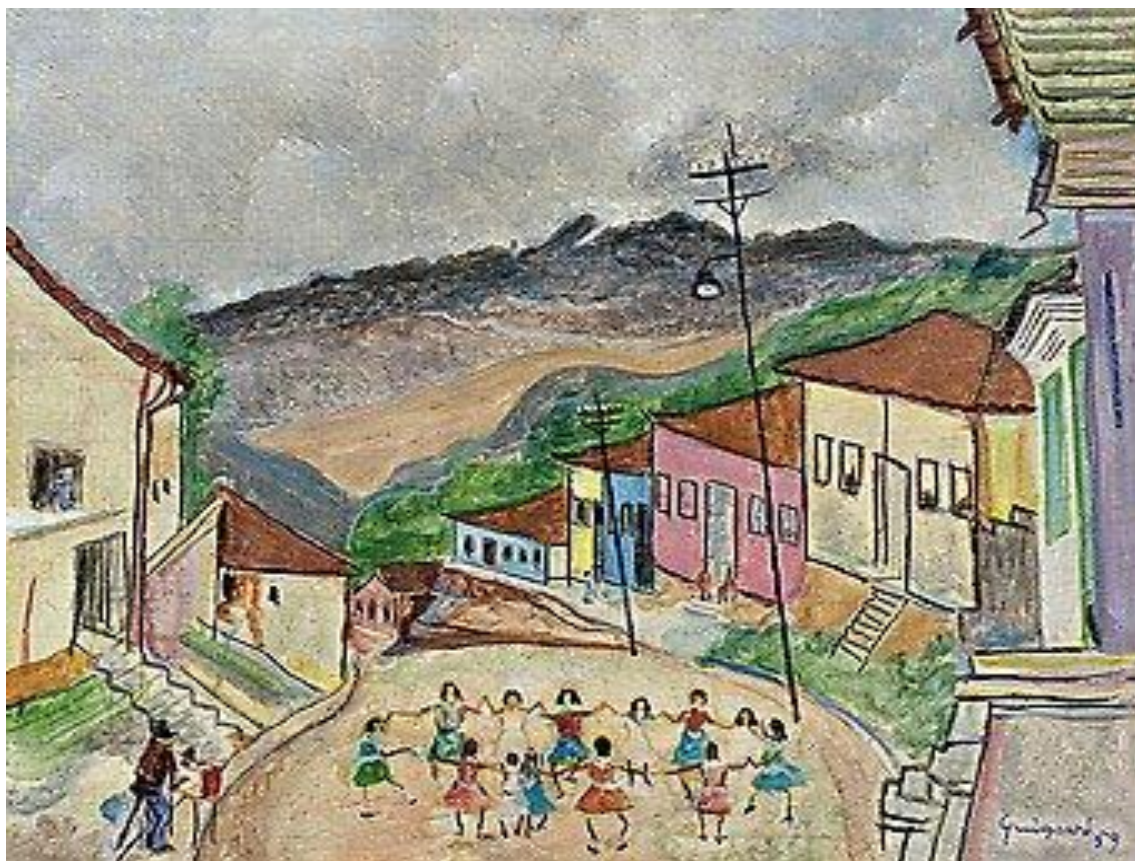
Concluída a fase de coletas de dados, procedeu-se à etapa de checagem entre as informações recolhidas por meio dos depoimentos e das entrevistas e os dados obtidos por meio da documentação arquivística e bibliográfica, que constituíram, associados e sobrepostos, o conjunto de subsídios informacionais para entendimento do CECAB, para depois verificar sua contribuição para o Patrimônio Cultural brasileiro. Afirma Alberti:

Pode-se dizer que, na história oral, a pesquisa e a documentação estão integradas de maneira especial e peculiar, uma vez que é realizando uma pesquisa em arquivos, bibliotecas, etc., e com base em um projeto, que se pode produzir entrevistas que se transformarão em *documentos*, os quais, por sua vez, serão incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas. A relação da história oral com arquivos e demais instituições de consultas a documentos é, portanto, bidirecional: enquanto se obtém das fontes já existentes materiais para pesquisa e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início (ALBERTI, 1989, p. 45).

Sendo assim, buscou-se formar um conjunto de informações oriundas de fontes diversas, utilizando instrumentos de pesquisa de campo, como prospecção em documentação arquivística, em acervo bibliográfico e em bases de dados digitais e entrevistas, que possibilitaram efetuar o cruzamento e a checagem dos dados. Essa conjunção de informações deu sustentação, coerência e veracidade aos resultados da pesquisa, considerando-se que os dados puderam ser confrontados, ajustados e complementados nas diversas etapas empreendidas durante a realização do trabalho, o que permitiu recuperar o papel e a

importância do CECAB na formação de recursos humanos e de produção de conhecimentos para a área do Patrimônio Cultural.

CAPÍTULO 2 - RECOMPONDO A MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO CECAB



Guignard, 1959

“É um absurdo uma cidade como Ouro Preto não ser tema permanente de imersão e de estudos para alunos do mundo inteiro! Eu não estou falando alunos só de Ouro Preto, do interior de Minas, da Bahia, São Paulo, etc. Do mundo! Ouro Preto é um dos maiores laboratórios de pesquisa de arte barroca do mundo, mas isso não acontece e eu acho que todos nós tínhamos que ter vergonha disso.”
(Elisa Freixo, 2016)

2 RECOMPONDO A MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO CECAB

Tendo como norte o propósito inicial desta pesquisa, buscar subsídios informacionais para entendimento do CECAB e verificar a sua contribuição para a área do Patrimônio Cultural brasileiro, em termos de produção de conhecimentos e formação de recursos humanos, propõe-se, neste Capítulo, apresentar os dados que permitiram desvelar parte de seu percurso histórico e da memória institucional, com base em informações obtidas no decorrer da investigação.

Conforme o Capítulo 1, a busca de informações para reconstituir o percurso histórico do CECAB se deu com fontes primárias²⁸ resgatadas nas procedências originais, ou seja, a documentação administrativa e acadêmica, monografias e a Revista do IFAC.

Foram utilizadas também entrevistas de testemunhas que vivenciaram a experiência do CECAB, numa amostragem do corpo discente e do docente, tendo em vista “a possibilidade de um trânsito efetivo em que o indivíduo em seu contexto social, a expressão de sua classe, seus valores, sua forma de ver e estar no mundo é essencial para a compreensão desse universo.” (SHIKIDA, 2005, p. 67)

Considerou-se, nessa etapa da investigação, que o trabalho para reconstruir o percurso histórico do CECAB podia ser comparado a uma atividade de montagem de um grande quebra-cabeças, onde o pesquisador se encontrava diante de uma vasta quantidade de dados e de informações difusas e se propunha identificar os vínculos, estabelecer as relações, atar as evidências e tentar construir um amálgama, um elemento para sedimentar as partes e torná-las uma tessitura inteligível, capaz de delinear parte de sua história e de sua memória institucional.

Não era tarefa fácil, pois envolvia fatos, atos e informações que se complementavam, que tinham conexão entre si, mas que ao mesmo tempo divergiam entre si e se confrontavam. Segundo Halbwachs, “não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento

²⁸ Fontes primárias são os documentos que se apresentam e são disseminados exatamente na forma como foram produzidos pelos autores, como artigos, livros, dissertações, teses, normas, relatórios, memoriais, currículos, correspondências, atas.

passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que esteja em nosso espírito e também no dos outros...” (HALBWACHS, 2006, p. 39). Buscou-se, pois, construir por meio do conjunto de informações colhidas de diferentes fontes, dar sentido e forma aos dados, interpretar o significado das palavras e emoções colocadas nos testemunhos que fizeram parte da história do CECAB e, com esses elementos, tentar retratar o trajeto do curso, das origens até 2009, o recorte temporal desta pesquisa.

Depois de ter em mãos o conjunto de dados coletados foi escolhido o caminho que melhor se ajustasse às proposições da pesquisa, sendo pertinente e adequado utilizar a interposição das informações reunidas para formatar, dar corpo e constituir o traçado da memória institucional do CECAB. Assim, categorizou-se em partes o percurso do CECAB, como criação, papel como formador de especialistas, contribuições para o Patrimônio Cultural, significado para os participantes, papel como produtor de conhecimento científico, conexão com a cidade de Ouro Preto, limites e desafios, buscando uma síntese da memória institucional.

No sentido metafórico, a instituição é um objeto passível de ser desnudado em camadas, impregnadas de significados, de sujeitos coletivos e individuais, de fazeres e saberes, de eventualidades e vitórias, de subidas e descidas, tudo envolvido por emoções e sentimentos, pois sua essência é humana. Costa explica:

O processo de institucionalização das práticas sociais reflete as formações históricas que caracterizam o desenvolvimento do corpo social, onde forças de integração, instituintes, ao entrarem em agenciamentos com outras forças, tendem a desagregar-se e fazem emergir acontecimentos, atualizações históricas (COSTA, 1997, p. 105).

Diante desse contexto, optou-se por combinar e intercalar informações oriundas de diferentes fontes que, ao serem agregadas, passaram a constituir o *corpus* existencial do curso, como um processo e não como um acontecimento, e delinear a trajetória institucional. Cabe destacar que as informações procedentes das entrevistas com alunos, gestores e professores foram fundamentais para compreensão mais coesa da trajetória do curso e para validação dos dados encontrados nas outras fontes, sendo, por isso, tratadas segundo os conceitos de Halbwachs (2006) de memória individual e memória coletiva, fundamentando, teoricamente, a opção pela

metodologia de História Oral. Ao transitar do campo da descrição e análise dos objetos “tradicionais” da pesquisa, no caso a documentação arquivística e a bibliográfica, para o campo da memória social, informações obtidas por meio dos depoimentos, obteve-se o amálgama para a constituição da memória institucional do CECAB.

Ao confrontar as duas unidades de análises determinadas na escolha da metodologia a ser utilizada na amostragem e a coleta dos dados da pesquisa, foi possível observar o que tinham em comum e quanto se completavam. Assim, informações extraídas por meio de pesquisas em documentos foram validadas, em grande medida, por informações obtidas em entrevistas. Nessa perspectiva, as pessoas selecionadas como depoentes foram consideradas representantes da memória, por terem feito parte do curso, e seus relatos auxiliaram na reconstrução desse percurso histórico. Cabe retomar o que diz Halbwachs: “não podemos reunir em um único painel a totalidade dos eventos passados, a não ser tirando-o da memória dos grupos que guardavam sua lembrança... (HALBWACHS, 2006, p. 106)”. Sendo assim, o que foi recuperado nos registros documentais e ratificado pelos registros resguardados na memória dos depoentes foi considerado, de acordo com os pressupostos da presente pesquisa, elementos constituintes da história do percurso institucional do CECAB.

2.1 A gênese do CECAB

Quando se concebeu a ideia de empreender uma pesquisa sobre o CECAB, o que havia de informação era que tinha sido uma iniciativa proposta no programa de ações do IFAC, na época ainda em fase de consolidação, e implementada pela equipe de profissionais responsável pela direção da unidade. Mas documentos encontrados nos arquivos do IFAC forneceram informações que foram possibilitando novas perspectivas de investigações sobre os primórdios, como surgimento em termos institucionais, fatores que deram origem à sua existência, atores que estiveram à frente de sua criação. Foram utilizadas como fontes documentos institucionais, correspondências administrativas, atos administrativos e relatórios de atividades do recém-criado Instituto.

O primeiro relatório²⁹ explica que a implantação do IAC se deu por meio de uma instância de caráter temporário, chamada de Comissão de Implantação, que incorporou a Assessoria Cultural da UFOP, na época dirigida pelo professor Luiz Felipe Perret Serpa³⁰, convidado pelo reitor Antônio Fagundes de Souza³¹ para assumir esse novo cargo no quadro de pessoal da UFOP. O referido professor havia elaborado, em fevereiro de 1980, uma proposta de Programa Cultural³², fruto de um convênio de parcerias com a Prefeitura Municipal de Ouro Preto e a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em que estavam, em linhas gerais, as diretrizes do papel da UFOP no tratamento das questões culturais: “articular as culturas com os processos de educação; incorporar as dinâmicas culturais das comunidades à Universidade; vocacionar a UFOP para os contextos das cidades históricas de Minas Gerais; criar alternativas para a universidade em nosso país.” Esse Programa Cultural correspondeu, assim, à fundamentação da proposta de criação do IAC, tendo sido desmembrado, mais tarde, em diversas linhas de atuação voltadas para a extensão universitária, no trato da área cultural e das artes em Ouro Preto. O documento traz no prefácio a seguinte informação: “a proposta, ora apresentada, resulta de um trabalho que teve origem em abril de 1979”. Isso significa que as diretrizes encampadas pelo Programa Cultural da UFOP tiveram origem em debates realizados durante o Seminário de Ouro Preto, que aconteceu em abril de 1979.

O Seminário foi promovido pelo IPHAN, em regime emergencial, pois Ouro Preto havia sido atingida pela catástrofe causada por longo período de chuvas torrenciais, que causou grandes prejuízos aos monumentos históricos e à população em geral. O Diretor-Geral do IPHAN, Aloísio Magalhães, empossado no mês anterior, a priorizou como um dos primeiros desafios e, no mês seguinte promoveu o Seminário de Ouro Preto, que teve mobilização nacional

²⁹ UFOP. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. Relatório geral de atividades: novembro de 1981 a julho de 1982. Ouro Preto, 1982. 28 p.

³⁰ Bacharel em Física pela Universidade do Brasil, foi bolsista do Instituto de Física Teórica na USP, em 1960, com especialização em Métodos de Ensino de Física – UNESCO, Bariloche (Argentina) e pós-graduação em Estudos em Desenvolvimento pelo Instituto Internacional de Recherche et de Formation en Vuedu Developpement Harmonisé, Paris (França). Colaborador e pessoa de confiança de Aloísio Magalhães, foi requisitado pelo MEC em 1977 para servir no CNRC, onde foi coordenador de projetos e depois coordenador do Programa Cultural de Ouro Preto, como assessor cultural da UFOP. Professor da Universidade Federal da Bahia, foi Reitor da UFBA no período de 1993 a 1998 (FERNANDES, 2014, p. 51).

³¹ Antônio Fagundes de Souza (29/06/1979 a 15/07/1982) foi o sexto Reitor da UFOP. Fonte: site da UFOP: <http://www.ufop.br/historia-da-ufop>. Acesso em: 09/05/2016.

³² Para mais informações ver FERNANDES (2014, p. 49-76 e Anexos II, III, IV, V, VI VII, VIII e XIX) dessa mesma publicação.

(FERNANDES, 2014). Houve participação do poder público municipal, estadual e federal, envolvendo pessoas de diversas instituições, como profissionais, especialistas, acadêmicos, políticos, gestores, artistas, representando sete ministérios e dezoito instituições culturais do país, com o objetivo despertar a atenção e debater a situação crítica em que se encontrava a Ouro Preto. Segundo Magalhães, “o Seminário teve como resultados a mobilização de recursos técnicos e financeiros para a estabilização do solo e recuperação física da área urbana e o surgimento de várias iniciativas de ação comunitária.” (MAGALHÃES 1997, p. 39).

A seguir, foram estabelecidas várias ações, que envolviam parcerias entre as instituições participantes e a comunidade, o que Fernandes assim explica:

...a oportunidade para abertura de um canal de comunicação direta entre a comunidade, o poder público e a inteligência nacional, apontando para a adoção de uma nova filosofia de atuação institucional. Nesse momento, a cidade se organizou para se fazer ouvir no que considerava como sendo sua competência: o destino de Ouro Preto (FERNANDES, 2014, p. 51).

O Programa Cultural de Ouro Preto, coordenado por Luís Felipe Serpa, foi elaborado depois do Seminário de Ouro Preto e consistia em um conjunto de ações a ser implementado com a colaboração de diversas instituições, entre as quais a UFOP, instituição responsável pela formação de ensino superior na região. Numa confluência de esforços, foram elaborados subprogramas sob gestão das instituições participantes, cabendo à UFOP, com a instalação do Instituto de Artes e Cultura, a premissa de criação de mecanismos de integração entre educação e cultura.

Retomando a proposição de que o CECAB pode ter origem nos debates do Seminário de Ouro Preto e seus desdobramentos, o que se percebeu é que houve grande movimentação de pessoas e instituições públicas, discutindo, propondo e colocando em prática ações relativas à questão do Patrimônio Cultural de Ouro Preto. A cidade vivenciava profusão de ideias, de debates de profissionais de áreas diversas, de instituições distintas, com o objetivo de construir parcerias e propostas de atuação institucional para salvar o patrimônio que estava em situação de risco. Supõe-se que nesse contexto de conjunção de forças tenha emergido a necessidade de profissionais com qualificação intelectual específica sobre a Arte e Cultura Barroca, em vista do acervo da cidade.

Com informações da escassa documentação que relatam ações implementadas após o Seminário de Ouro Preto, mesmo sem referência explícita ao CECAB, pressupõe-se que a criação de um curso dessa natureza tenha sido decorrência do evento e desdobramentos. A UFOP, em fase de expansão, estava sendo chamada a assumir o papel de instituição pública de ensino superior, única da Região dos Inconfidentes, e se posicionar ativamente junto às demais instituições, para tratar da problemática do patrimônio em estado de degradação. Coube à UFOP participação efetiva na articulação entre as políticas culturais e os processos educativos, implícita no Convênio³³ de Parcerias firmado com o IPHAN e a PMOP: “...a Universidade, entidade interessada, além de seus objetivos básicos, na promoção, incentivo e realizações de estudos, programas, projetos e pesquisas de relevância para o processo de desenvolvimento cultural da região e do país”.

Confrontando as informações encontradas nos documentos das ações surgidas após o Seminário com as informações coletadas nos relatos das entrevistas, podem-se perceber analogias discursivas relacionadas ao contexto em que se deu a criação do CECAB. Destacam-se fragmentos da entrevista da musicista Elisa Freixo, testemunha do período inicial do curso:

Quando eu cheguei em Minas, em 1984, as primeiras pessoas com quem eu tive contato foram as pessoas que trabalhavam o Barroco em Ouro Preto e que estavam ligados ao IAC. Foram as primeiras pessoas que conversaram comigo, dentre elas o Moacyr Laterza, a Myriam Ribeiro, a Ana Maria Parsons, o Harry Crowl, era o pessoal que estava ligado ao IAC.

Mas o curso era ainda uma semente, que teve o início oficial em 1985, após uma série de realizações de eventos, congressos, porque o Barroco começou a ficar importante em Ouro Preto justamente na década de 70, 80, quando criam a UFOP, que dá um desenvolvimento enorme, aparece o ICHS em Mariana, quando o IAC é criado; até então a Universidade era muito pequena.

Há uma série de coisas que vem na mesma década, no mesmo período e resultado desses encontros de intelectuais em Ouro Preto. Esses muitos congressos que aconteceram e entre eles, também, o encontro que se deu

³³ Convênio celebrado entre o IPHAN, a Universidade de Ouro Preto e a Prefeitura Municipal de Ouro Preto para compromisso de cooperação, tendo por objetivo o desenvolvimento de uma ação conjunta para a preservação, restauração e revitalização cultural da cidade de Ouro Preto, assinado em 18 de novembro de 1979.

para a reinauguração do órgão [da Sé de Mariana], muitos intelectuais, músicos importantíssimos, internacionais e daqui, isso chamou muito a atenção e as coisas começaram a ter um encaminhamento curioso, num momento em que a gente achava que não tinha acontecido tanta coisa no Brasil!

Eu acho que todo mundo agora, na nossa faixa etária, começa fazer um pouco um balanço da vida: o que aconteceu realmente? O que é que foi importante? Então, eu acho que essas décadas de 70, 80, que nós consideramos uma década pesada, meio perdida, com muitos acontecimentos políticos complexos, de repente é também uma época em que muitas coisas nasceram, muitas coisas tiveram o ponta pé inicial. A gente ainda não sabe bem por quê. Muita gente fora, ainda muita repressão, muita gente machucada, a gente tinha aí problemas complicados e ainda acho que um pouco ou um nascer de uma consciência patriótica, novo nascimento de uma consciência patriótica em que o Patrimônio faz parte da História, porque antes o Patrimônio não fazia parte da História, ele era destruído!

Então, o curso apareceu na minha vida quando eu era coordenadora da Escola de música do IAC. Eu peguei esse cargo para substituir a Berenice Meneghale, num momento em que ela assumiu a Secretaria de Estado da Cultura [de Minas Gerais] e a Ana Maria de Almeida era Diretora do IAC. **(Entrevista de Elisa Freixo, 2016)**

Essas falas da entrevista de Elisa Freixo podem respaldar o pressuposto que se tem a respeito da procedência do curso ou, ao menos, dar suporte à conjectura sobre as origens. Entende-se que são apenas indícios, sinais, pistas que podem ajudar a reconstruir o ponto de partida do objeto investigado, mas significativos e coerentes em relação às informações das fontes documentais e à conjuntura dos primórdios do CECAB.

Explica Halbwachs: “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós.” (HALBWACHS, 2006, p. 29). A memória individual é apenas um aporte para ajudar a fazer um exercício de recompor um contexto passado, mas não pode ser reduzida a um pacote de recordações já acabado. Meneses (1992) aponta que é a história, e não a memória, é que dá conta da descontinuidade entre o passado e o presente. Segundo o autor, que discute o caráter fluido e mutável da memória, “a matéria bruta da memória individual pode permanecer latente anos a fio, até que seja despertada por um interlocutor cujo papel, então, não é meramente passivo.”

(MENESES, 1992, p. 14). Reforça-se, pois, que a memória individual é vista como recurso colaborativo na busca de atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, especialmente reconstituir o percurso institucional do CECAB.

2.1.1 Os agentes da memória do CECAB

O CECAB foi e é considerado um curso de caráter singular e diferenciado em relação à abordagem conceitual e ao tratamento de questões da Cultura e da Arte Barroca. Essa afirmação baseia-se na experiência empírica da autora desta pesquisa, principalmente em relatos de pessoas que tiveram conhecimento e/ou envolvimento com o curso, em documentos institucionais, como relatórios, comunicações internas e externas, notícias divulgadas em periódicos, materiais de divulgação, e nas avaliações individuais realizadas pelos alunos nos encerramentos do curso. O trabalho de investigação evidenciou pontos que legitimaram a originalidade e particularidades, ainda que não tenha sido feito um exercício comparativo com outros cursos de especialização da área para respaldar a questão específica, mas que podem ser observados nos depoimentos recolhidos.

Na opinião de depoentes que frequentaram o CECAB como alunos, a experiência teve os seguintes significados:

Eu tive essa vontade de fazer o curso porque sabia que ele era o único que existia com esse tema. E se eu trabalho no IPHAN, se eu lido com esse objeto, eu tenho que me especializar nele e ele me dava essa possibilidade. Ele pode acontecer em qualquer lugar, ele pode acontecer um dia no Maranhão, outro dia na Paraíba, outro dia em Porto Alegre... Mas aí é que está o diferencial: estudar história da arte, história da arquitetura, por slides a gente estuda a vida inteira, mas vivenciar o que é morar em um núcleo urbano tombado, até para você refletir sobre o que aconteceu lá, o que é que veio prá cá, você fazer essas pontes, você ir e vir com muito mais naturalidade, isso flui muito mais na hora em que você está vivenciando.

Então, acho que isso prá mim é o mais forte, o que ficou de mais marcante: você tem a troca com as pessoas de vários lugares e a troca que você recebe dos professores. E acho que o corpo de professores que eu tive o privilégio de ter, de assistir as aulas, o conteúdo. Todo mundo vinha com informações

muito boas, consistentes, que fazia com que você tivesse vontade de aprender, de buscar mais informações, de entender melhor aquilo que estava sendo trabalhado. **(Entrevista de Simone Fernandes, 2016)**

A mesma percepção sobre a capacidade reflexiva do CECAB é relatada por outros alunos:

... eu acho que é um curso, primeiramente, com uma grande capacidade de produção, de reflexão, na sua estrutura ele possibilita isso, nas áreas de atuação, seja na arquitetura, na literatura, na religião e tudo mais, ele possibilita uma série de reflexões em cima do tema do Barroco.

Esta foi uma das minhas expectativas em relação ao curso, que, de fato, quando eu fiz o curso, com as disciplinas e tudo mais, eu percebi exatamente isto: mesmo eu tendo um curso de História, um curso técnico em restauração, mesmo tendo vivenciado algumas disciplinas como história da arte, iconografia cristã, no curso do Barroco e com alguns professores, eu acabei descobrindo outras frentes, outras possibilidades, que foram construídas pelo Período Barroco **(Entrevista de Edson Fialho de Rezende, 2016)**.

Esse curso foi muito importante porque ele permitiu, ele me deu oportunidade de estudar sobre a arte em Ouro Preto, a questão da arquitetura, por exemplo, eu tive disciplinas de arquitetura, de história da arte, filosofia... Então ele me proporcionou toda uma reflexão em torno desse tema, foi uma oportunidade de tomar conhecimento, de conhecer melhor, não só Ouro Preto como o Período colonial brasileiro, ter conhecimento sobre isso. Isso foi muito importante no sentido de me abrir perspectivas para entender melhor, para enxergar melhor. Foi muito importante isso. **(Entrevista de Sueli Perucci, 2016)**.

Marcos Hill, que vivenciou o curso como aluno e como professor por longo período, relata as suas impressões sobre o CECAB:

Eu fui aluno do II curso, em 1986, a segunda turma do Curso em Cultura e Arte Barroca, criado pelo Professor Moacyr Laterza e a Professora Sônia Viegas, duas figuras que fundamentaram essa iniciativa. E eu posso dizer que esse curso foi tão marcante, ele mudou completamente a minha vida, pelo grau de imersão que ele oferecia, uma prática imersiva que possibilitava, naturalmente, uma aproximação com as pessoas. Para começar, o curso em si já cataliza pessoas com interesses muito específicos ligados à arte colonial, e isso já é uma questão muito importante. Em

segundo lugar, é o privilégio do curso acontecer numa cidade como Ouro Preto. Estes dois fatores, o interesse pela arte, pela cultura colonial e o fato de ser em Ouro Preto, e também, essa dinâmica intensiva, de em um mês você ter uma carga horária que poderia ser estendida por um semestre, isso garante ao curso várias especificidades.

Ele, por exemplo, me ofereceu uma possibilidade de uma constante atualização do meu processo de pesquisa: a cada ano, ao preparar o material, eu verticalizava cada vez mais certos assuntos. E logo no primeiro curso eu instituí a atividade das visitas, porque a minha formação é artística, eu sou artista de formação e, conseqüentemente, isso me deu um lastro muito importante como historiador de arte, como pesquisador de arte e me influenciou muito numa postura que eu tenho de que não é possível estudar a arte sem estar diante da arte, ao vivo e a cores.

Então, essa experiência do corpo a corpo com a obra sempre foi muito fundamental e logo no primeiro curso eu instituí o programa de visitas, até aproveitando o fato de estarmos em Ouro Preto. E as visitas sempre foram muito importantes, você imagina, de 1993 a 2013, quando foi a última turma, com exceção de cinco anos em que houve uma interrupção do curso, de 1999 a 2004, todos os anos, durante 10 dias, eu entrava nas mesmas igrejas. Então, eu tenho um conhecimento visual, uma intimidade com os detalhes de todas as igrejas, todas muito importantes. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016).**

Em continuidade, Marcos Hill enfatiza as parcerias estabelecidas entre professores:

A partir de certa data, que eu não me lembro quando, eu tive um presente da vida que foi a parceria com a Elisa Freixo, ainda quando essas estradas de Ouro Preto para Ouro Branco eram estradas de terra. A Elisa Freixo foi uma dádiva na minha vida, como professora, como profissional e como amiga. E o entusiasmo dela, o vínculo que ela tem, a seriedade que ela lida com o trabalho dela, foram muito importantes, muito fundamentais pra mim também, até para eu rever as minhas posturas e para aprimorar o meu vínculo e o meu compromisso como professor. O fato é que ela pegava a sua caminhonete, metia a espineta dela na mala e nós tocávamos estrada afora, comendo muita poeira e passamos a fazer, durante muitos anos, um programa de conversa entre as artes visuais – pintura, escultura – e a música. E em cada igreja que nós visitávamos a Elisa preparava, então, uma peça musical correspondente estilisticamente à pintura e à talha dessas igrejas. E também, pela formatação do curso, de ser um curso intensivo, que acontecia sempre em janeiro e julho, oferecia a possibilidade, principalmente, aos professores de se deslocarem e se disporem desse tempo integral durante esse período, que é, normalmente, o período das férias

escolares. Quanto também, pela diversidade dos conteúdos que caracterizam o próprio programa do curso envolvendo: artes visuais, literatura, arquitetura, urbanismo, filosofia, estética, música, enfim, com um horizonte muito amplo sobre esse momento histórico brasileiro, sobre esse momento cultural e histórico brasileiro, que foi o período colonial **(Entrevista de Marcos Hill, 2016)**.

Segundo o ponto de vista do professor, o curso proporcionava parcerias produtivas com outros docentes, muita criatividade, troca de conhecimentos e aprimoramento de técnicas de ensino.

Destaca Elisa Freixo, musicista que atuou como professora do CECAB:

... os alunos do Barroco do IFAC, antes ainda IAC, iam para Mariana nos meses do curso para assistir concertos, oficialmente. Havia pedidos em quase todos os cursos, com a Professora Myriam Ribeiro, ou com algum outro professor, o Moacyr Laterza e outros. Eles levavam os alunos para assistirem os concertos regulares de órgão ou uma aula extra que eu fizesse, focando um pouco a música barroca...

Então, eu acho que o curso teve esses dois aspectos: a gente não pode ver o curso só como um curso de especialização, que oferece um título em forma de documento no final do curso, depois de concluir uma monografia, como algo para reconhecimento da carreira de alguém; ele era, também, um curso informativo e nessa dimensão ele teve uma importância enorme! **(Entrevista de Elisa Freixo, 2016)**.

O Professor Hansen, que lecionou disciplina sobre Estética do Barroco, de 1993 até a suspensão do curso em 2013, tendo uma atuação marcante mencionada em vários momentos nos relatos recolhidos para esta pesquisa, destaca a sua experiência sobre o CECAB:

Diria que, para mim, dar o curso por mais de 20 anos foi uma bela experiência que, como acredito, ultrapassou os estritos limites institucionais do curso. Antes de tudo, porque ele sempre tinha alunos vindos das mais diferentes partes do país e era possível, assim, ter informação do que fazia pessoas de lugares como o Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, ir a Ouro Preto para seguirem um curso sobre cultura e arte barroca. Os alunos sempre eram extremamente interessados nos temas políticos, religiosos, artísticos etc. do mundo luso-brasileiro dos séculos XVI, XVII e XVIII, demonstrando muita avidez por mais e mais informações.

O legal é que, quando o curso acabava e eles voltavam para seus lugares de origem, levavam as informações, que passavam a usar em trabalhos do curso, escreviam para mim ou para outros colegas e, quando eram professores, em cursos que davam na escola secundária ou na Universidade. Nesse sentido, divulguei por aí muitíssimos livros e documentos. **(Entrevista de João Adolfo Hansen, 2016).**

Cristina Simão participou como aluna e como professora da disciplina *História e utilização contemporânea das cidades coloniais*, que tinha como objetivo sensibilizar os alunos sobre a urbanização e a preservação de sítios históricos urbanos. Ela fala de sua experiência como docente:

Essa disciplina normalmente é a última do curso, eles [os professores] trabalham toda a questão teórica e eu trabalho uma disciplina muito prática: os alunos vão para a rua ver a cidade, perceber a cidade e dou os subsídios de âmbito mais conceitual, que é a ligação entre planejamento urbano e preservação de patrimônio urbano, principalmente. E falo um pouco de restauração, de teorias de restauro, mas isso não é o principal da disciplina. O principal da disciplina é fazer os alunos irem para a rua e olharem com o olhar de como essa cidade é usada hoje, pelo morador, por eles visitantes, ou por eles que são moradores e estudantes, como é viver aqui, e tem resultados muito legais. Concluem a disciplina com um trabalho que eu deixo completamente livre, eles podem apresentar em qualquer formato, qualquer mídia, qualquer tipo de manifestação; então alguns fazem poesia, fotografias, outros fazem vídeos, e é bem legal. **(Entrevista de Cristina Simão, 2016).**

Discorrendo sobre o significado do CECAB na sua carreira e tendo o Barroco como um dos seus temas de pesquisas acadêmicas, Guiomar de Grammont revela:

[O curso] foi muito importante para a minha formação, eu comecei um doutorado sobre o conceito de Barroco, tema que até hoje eu estudo, e eu vou agora para a França lecionar na École de Hautes Etudes em Sciences Sociales esse tema, o conceito de Barroco vai ser um dos meus seminários e, a influência, a partilha de conhecimentos tão profunda que eu estabeleci, sobretudo com o meu orientador, me fez acabar lendo os textos de Affonso Ávila, os textos dos modernistas também, que me fizeram produzir um trabalho, sobre a construção do mito do Aleijadinho ao longo de diversos contextos da história da arte brasileira... Então, foi muito importante para a minha formação acadêmica a vinculação com esse Curso de Especialização em Cultura e Arte Barroca. **(Entrevista de Guiomar de Grammont, 2016).**

Durante a análise dos dados tornou-se necessário particularizar os pontos relevantes, ou melhor, agrupar as informações que caracterizavam o diferencial do CECAB como curso de pós-graduação *lato sensu*, com o intuito de elucidar o entendimento dessa ambiência de construção de saberes, tanto do ponto de vista histórico quanto institucional. No entanto, o conjunto de trechos dos testemunhos evidencia o significado e as características singulares do curso, permitindo-se concluir que teve um papel relevante na formação e na vida profissional dos que tiveram a experiência de vivenciá-lo, na condição de aluno ou de docente, o que reverbera a sua contribuição na formação de recursos humanos para a tratativa do Patrimônio Cultural.

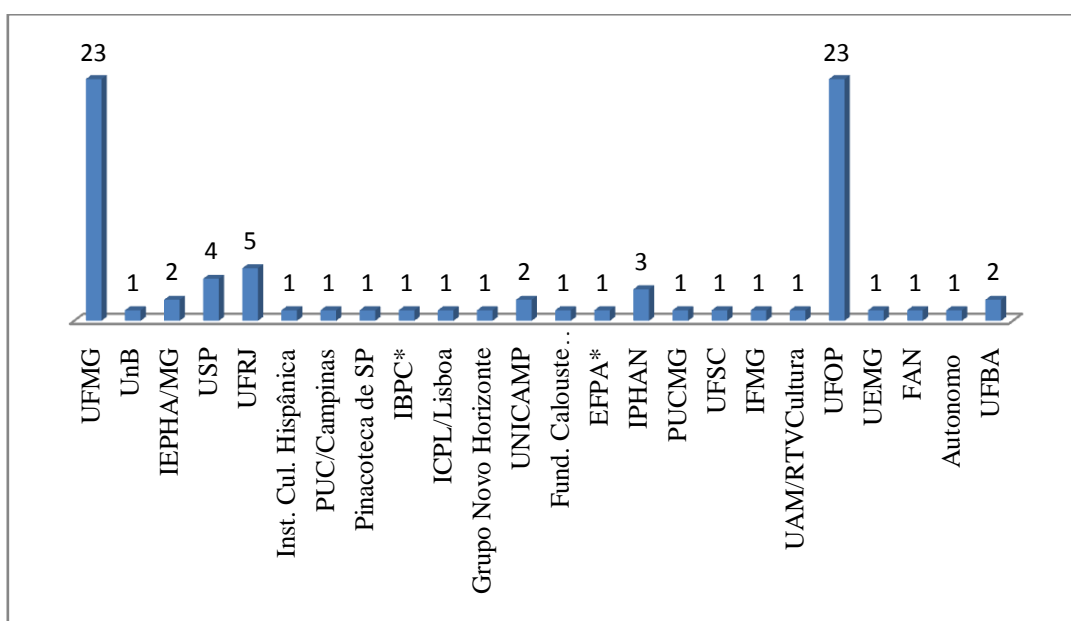
Para alguns depoentes, o CECAB foi uma oportunidade de aprendizado e de reflexão sobre a história da arte, mais precisamente sobre o Barroco brasileiro, com aulas práticas e teóricas e troca de experiências com diversas pessoas, ou seja, uma forma de atualização de conhecimentos e aperfeiçoamento do desempenho profissional. Para outros, teve significado mais marcante, subjetivo, pois provocou mudanças pessoais e sociais, aproximou pessoas com interesses semelhantes e consolidou laços afetivos e grupos profissionais. Significou também uma forma de direcionamento acadêmico, despertando interesses pela temática da Cultura e da Arte Barroca e refletindo na carreira profissional de alguns depoentes, que continuavam pesquisando o assunto. Para muitos, foi memorável fonte de potencial informativo, instância de convivências produtivas, de contato com uma grande diversidade de conteúdos, de pessoas, de experiências, de trocas, por ter sido realizado em um local propício, em Ouro Preto.

2.2 O corpo docente

No levantamento de dados, foram identificados cerca de 80 professores (ANEXO 3) que integraram, de alguma forma, o corpo docente do CECAB no período de 1985 a 2009. Pressupõe-se que esse número elevado seja devido à natureza sazonal do curso, que contava com a participação e parceria de outras instituições, exigia conhecimentos e interesses bastante específicos dos professores e tinha como características a flexibilidade, a intensidade e a sofisticação. Em contraponto, pode significar um viés do curso: instabilidade institucional, vicissitudes e dificuldades de se estabelecer parcerias internas, como um programa de pós-graduação permanente na instituição.

Ainda que tenha sido um curso moldado de acordo com uma demanda social, local e regional e que tenha tido grande receptividade no meio institucional, acadêmico, cultural e artístico, em diversas regiões do país, parece que o CECAB não conseguiu se afirmar e ter o valor reconhecido no âmbito interno da UFOP, não chegando sequer a ter um corpo docente próprio, mesmo que interdepartamental. Durante a pesquisa foi identificada apenas uma iniciativa de constituir quadro de pessoal docente, em 1992, com o concurso público³⁴ para o preenchimento de uma vaga de Professor Assistente para a área de Arte no Período Moderno, Maneirismo, Barroco e Rococó. De maneira geral, portanto, o quadro docente era constituído por alguns professores da UFOP e outros convidados pelos gestores do curso, balizados por sugestões de alunos, contatos profissionais, parcerias, indicações institucionais e, sobretudo, qualidade técnica na área temática. A análise da composição do corpo docente mostra que houve integração de grande número de instituições externas que representavam o vínculo institucional, conforme mostra o Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1- Vínculo institucional dos docentes



Fonte: Da pesquisa, 2016.

³⁴ Edital CECAB/IAC/UFOP n.º 1 e Edital n.º 17/92/UFOP de 21/07/92, que se encontravam nos arquivos do CECAB.

Compreendeu-se, ao refletir sobre a contextura sintetizada no Gráfico 1, que essa diversidade de pessoas e de instituições pode ter caracterizado um dos destaques mais construtivos do CECAB, a qualidade do corpo docente.

Os professores, de formação distinta, vinham de outras universidades e de instituições de pesquisa, grande parte com sólida experiência acadêmica e alguns ligados a instituições de pesquisa em Patrimônio Cultural, como o IPHAN e IEPHA. Somente a partir do IV Curso, em 1990, houve participação de professores do quadro da UFOP, em pequena proporção, que ascendeu posteriormente, mas o corpo acadêmico sempre com docentes internos e convidados externos. A UFMG foi grande parceira da UFOP, desde o início, tendo as duas a mesma quantidade de docentes.

A composição do corpo docente constituiu-se, pois, um recurso de destaque do CECAB, tornando-o um evento atrativo para profissionais do Patrimônio Cultural e pessoas interessadas na temática da Arte e da Cultura Barroca. Pelo curso passaram pesquisadores e especialistas de diversas instituições e áreas do conhecimento, legitimados em âmbito nacional e internacional, que atuaram como docentes, participando de seminários e da publicação de pesquisas na Revista do IFAC.

Esse conjunto de profissionais formou um *corpus* altamente qualificado, que, somado às demais especificidades, constituiu um diferencial como instância de produção e de disseminação de conhecimentos na área do Patrimônio Cultural, que reverberou na formação de uma geração de especialistas em Cultura e Arte Barroca vinda de diversas partes do país. Essa conjunção de saberes e de referências, do ponto de vista intelectual, proporcionou a existência singular de um espaço privilegiado em termos de debate, de convivência, de troca de experiências, de introdução de novas práticas de ensino, de busca e atualização de conhecimentos e de novas ideias voltadas para uma temática.

Não obstante dificuldades enfrentadas para a manutenção do curso, o que se observou foi que o nível de excelência e o comprometimento dos professores foram um dos pilares que deram sustentação ao CECAB. Vê-se isso tanto na fala de alunos quanto de professores e gestores. O corpo docente era, de fato, um diferencial que deixou fortes marcas nos três segmentos, fazendo com que, mesmo em condições adversas, ele pudesse manter-se em atividade por um

longo período, conforme pode ser visto em depoimentos:

Contribui até hoje em termos de informação, e outra coisa que não falei na primeira resposta e que marcou muito foram os professores. Ter uma aula com o Hansen [Professor João Adolfo Hansen], por exemplo, é uma riqueza, é de uma beleza! O Hill [Professor Marcos Hill], a Adalgisa [Professora Adalgisa Arantes Campos], que até era minha colega no IPHAN e foi professora também, tudo foi muito bom, todos foram bons. Então os professores, a qualidade de cada um dos professores, tudo isso era muito bacana; o programa, então, o conteúdo do curso era muito rico, muito rico mesmo e trazia, acho que traz ainda, muitas informações interessantes. **(Entrevista de Cristina Simão, 2016).**

Os alunos reconheciam como privilégio ter acesso a conhecimentos de pesquisadores e estudiosos que, de maneira geral, conheciam apenas por contatos rápidos e bibliografias, e conviver com pessoas tão importantes.

E acho que o corpo de professores que eu tive o privilégio de ter, de assistir as aulas, o conteúdo. Todo mundo vinha com informações muito boas, consistentes, que fazia com que você tivesse vontade de aprender, de buscar mais informações, de entender melhor aquilo que estava sendo trabalhado. Eu fui aluna do Pécora [Professor Antônio Alcir Bernardez Pécora], do João Adolfo Hansen, do Marcos Hill, do Cacá [Professor Carlos Antônio Leite Brandão], da Adalgisa Arantes...

Esses professores, eu acho que, por exemplo, o Marcos Hill, na hora em que você faz a visita técnica aos distritos, é muito importante, é muito bacana! E você tem a oportunidade de entrar em todas aquelas capelas, igrejas, que você, normalmente, não teria isso. Pra mim foi muito legal isso, e a própria análise que ele faz em cada um desses templos. O próprio Hansen, acho que a minha turma foi a primeira com quem ele trabalhou, ele vem com a força toda, com todos os novos conceitos e entusiasmo; e ele divide a disciplina com o Pécora, tudo isso foi muito bacana! **(Entrevista de Simone Fernandes, 2016).**

A qualidade do corpo docente uma referência significativa para a carreira profissional dos alunos, levando-os a dar continuidade às pesquisas nas temáticas abordadas no CECAB.

Os professores que nós tivemos lá no curso foram todos muito bons: o Moacyr Laterza, a Myriam Ribeiro, o Professor Ivo Porto de Menezes, a

Sônia Viegas... Nós tivemos oportunidade de termos professores excelentes e, a direção, na época, era da Maria Zélia Trindade, que também era super dedicada e apaixonada pelo tema.

A gente falou no Hansen [Professor João Adolfo Hansen]; o Hansen foi meu professor aqui no curso, depois ele veio dar aulas no mestrado [em Letras] que a UFOP estava tentando abrir, na época, e eu fiz as disciplinas com ele. Acho que fiz umas cinco disciplinas que eu fiz, com a Dulce Mindlin, com o Hansen, que foram disciplinas que me ajudaram a ampliar meus conhecimentos; e aí ficamos nos conhecendo e acabei indo, alguns anos depois, fazer o mestrado na USP sob a orientação dele, com um documento de Cláudio Manuel da Costa, que é do Museu da Música de Mariana, que não é um documento musical, não é uma partitura, mas tem a ver com a música. **(Entrevista de Sueli Perucci, 2016).**

Quando eu o fiz, o curso foi um *happening* na minha vida, foi assim, um momento ímpar, de encontro epifânico, de relação com a cidade, com as pessoas que também fizeram o curso, com os conhecimentos que vinham sendo trazidos, naquele momento, pelo Moacyr Laterza, pela Sônia Viegas, que foram professores do curso. Então, o curso foi um divisor de águas na minha vida acadêmica. Eu passei a me interessar por Filosofia da arte a partir desse curso. **(Entrevista de Guiomar de Grammont, 2016).**

Então, não só do ponto de vista intelectual, eu tive nobres e grandes professores como o Ivo Porto de Menezes, Myriam Ribeiro, o próprio Moacyr Laterza, a Sônia Viegas... era um desfile de grandes referências, daquele momento, da arte e da cultura colonial.

...é muito interessante passar por uma experiência profissional que acompanha o teu próprio processo de vida, por um período longo de tempo. Esse curso pra mim é uma referência muito importante, como uma interface em que eu sempre pude aperfeiçoar o meu processo de formação: de formação como artista, como professor e algumas vezes até de formação como aluno, como aprendiz. Eu fiz como aluno ouvinte a disciplina do Professor Hansen, eu tive o privilégio de fazer a disciplina do Hansen, eu tive o privilégio de fazer a disciplina do Sérgio Alcides. Então, foram tantos os retornos importantes, tanto do ponto de vista do meu amadurecimento como pessoa, como do meu amadurecimento como profissional. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016).**

A reunião de professores, vindos de vivências distintas, possibilitou que o corpo docente

unificasse experiências e metodologias de ensino, tornando o CECAB um espaço de troca de saberes.

A gente saía com os professores que visitavam os distritos, íamos de carro, um horário extra incrível: eu recebia por 8 horas e acho que ficava 40 horas no curso, levava a espineta e o cravo para as igrejas, íamos uns 2, 3 professores, era muito divertido isso! E acho que era divertido não para os alunos, era divertido pra gente, porque nós fomos fechando uns cursos muito improváveis! Então fomos descobrindo como falar para os alunos a relação que tem entre a poesia e a música, entre a imagem e a música, entre a poesia, a imagem e a música, num tripé, entre a arquitetura, os símbolos e a música, enfim! E eu comecei a entrar nas aulas dos outros professores, ou, começamos a fazer aulas em parceria e fizemos aulas memoráveis, pra nós!

Então, eu acho que esse curso mudou muito a minha vida, porque a relação com todos os professores, de forma tão concentrada, durante um mês, e essa experiência de imersão, de todos nós escutarmos o discurso de todos nós e de todos os professores terem essa disponibilidade, essa abertura de entrarem e assistirem a minha aula, ou eu entrar na aula deles, ou da gente em turma, 3, 4 professores, assistir as aulas dos outros, do Boschi, do Hansen; da Myriam e o Hansen assistirem as minhas aulas, o Sérgio Alcides! Foi uma coisa tão sofisticada e humana, de um padrão de qualidade tão elevado que eu acho que só é possível mesmo para pessoas muito conscientes de seus saberes. E montamos algumas aulas que creio que foram extremamente modificadoras para a nossa experiência como professores! Eu costumo dizer que o Barroco foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida! **(Entrevista de Elisa Freixo, 2016).**

Continuando, a professora relembra experiências que os docentes vivenciaram fora do país, o que contribuiu para incrementar o CECAB:

Nesse meio tempo todos os professores tiveram uma experiência fora do Brasil, alguns já mais sistematicamente, outros foram morar um tempo em Portugal, outros começaram a viajar, todos nós estávamos viajando no ano 2000. O Hansen estava no mundo inteiro; o Boschi também viajava demais; a Myriam foi fazer um estágio enorme em Portugal, um pós-doutorado, eu acho; o Marcos Hill saiu muitas vezes do Brasil; eu fui 7 vezes pro México, pra França, Alemanha, pra Bolívia, Paraguai; a Guiomar começou através dos livros, em Cuba, nós não íamos mas a Guiomar foi pra Cuba.

Eu acho que o fato da gente passar o ano inteiro pensando no curso e todo mundo consciente, satisfeito, sabendo que tinha que dar aulas em janeiro e

julho, a gente passava o semestre preenchendo esse espaço entre janeiro e julho. Todo mundo ficava focado: Ah, essa imagem vai ser para o meu curso, esse acessório vai servir pra minha aula, e essa viagem, por exemplo, eu estava no Equador, em Quito e ficava olhando o que eu ia levar dali para o meu curso, porque você se depara com um altar de uma igreja que tem 200 anos, o altar ou o púlpito. Isso muda, decerto, a forma de ver a igreja mineira, a igreja de Salvador. Então eu acho que houve uma amplidão, uma amplitude, esse foco foi sendo tão generosamente aberto, que os recursos humanos alteraram muito, não só com relação aos alunos. Isso da minha parte é muito claro. **(Entrevista de Elisa Freixo, 2016).**

Para mim, tudo começou como uma feliz coincidência. Entrei no IFAC no início 1999, tendo feito concurso para a Disciplina “Filosofia Contemporânea”. Como o meu Doutorado (então em curso) era sobre Walter Benjamin, eu tinha muito interesse em discutir as teses do livro “Origem do Drama Barroco Alemão” com alunos e professores que estudam o tema “Barroco”. Fiquei encarregado da Disciplina “Filosofia da Arte”, que depois foi renomeada (se não me falha a memória) como “Seminário de Estética”. Era a disciplina mais filosófica do Programa, o que inclusive ajudava a vincular o Curso ao IFAC. **(Entrevista de Romero Freitas, 2016).**

Na mesma perspectiva dos relatos anteriores, o depoimento do Professor Hansen elucidava o que foi dito por outros professores do corpo docente a respeito da execução, do adensamento e do aprofundamento do conteúdo programático que balizava as aulas.

Quando ia a Ouro Preto, tinha que dar um curso de Pós no máximo em 2 semanas, com 5 aulas por semana (2^a., 3^a., 4^a., 5^a., 6^a.), perfazendo 10 aulas e, algumas vezes, 12, com aulas também nos sábados de manhã. Num curso normal de Pós, os estudantes têm pelo menos uma semana de intervalo entre cada aula para ler os textos, fazer pesquisas, escrever, preparar seminários etc. No curso de Ouro Preto, os alunos tinham aulas diárias, além das minhas, que geralmente eram dadas de manhã, entre as 8 h e as 12 h, com um intervalo de 15 min., às 10:30, tinham também aulas à tarde, a partir das 14 h, até às 18 h, com uma carga horária extremamente pesada, de segunda a sábado. Era praticamente impossível fazer seminários ou pedir que lessem textos para a aula seguinte. Por isso, eu dava aulas expositivas, com muita, mas muita mesmo, informação. Para que eles não se perdessem demais, eu preparava e lhes entregava folhas de *Notas*, com títulos indicativos dos temas principais de cada aula (Por exemplo: *Corpo místico; Discrição/vulgaridade; Retórica; Decoro; Emblemas e divisas; Técnicas do retrato; Gênero epidítico*, etc. etc.). As *Notas* formavam cadernos - em média, com 10 páginas cada um - com bibliografia, exemplos, excertos de

textos, exercícios, etc. A junção de todos eles ainda pode dar um livro, se um dia eu tiver tempo e disposição para isso. **(Entrevista de João Adolfo Hansen, 2016).**

Observa-se, por opiniões expressas nos depoimentos dos participantes da pesquisa, que o nível de qualidade do corpo docente garantiu o padrão de excelência durante a vigência do curso, o que pode ser reforçado mediante a análise do acervo de documentos, onde se encontram os currículos de boa parte dos professores. Nesse aspecto, o CECAB teve duplo desempenho: atrair grandes profissionais de alta qualificação e fomentar a proposição de novas metodologias de ensino das artes e de valorização do Patrimônio Cultural.

Ainda que a interação entre membros do corpo de professores tenha acontecido com maior intensidade nos anos iniciais, o CECAB foi um espaço de trocas e de profusão de experiências acadêmicas e (por que não dizer?) de relações humanas e sociais, uma referência nacional. O nível qualitativo dos docentes seduzia o interesse de profissionais vindos de diversas áreas geográficas e de conhecimento, que viam uma oportunidade de aprendizagem e de convivência com profissionais conhecidos pela autoria de trabalhos. Além disso, muitos profissionais das artes e da cultura eram convidados a participar de seminários, conferências e outros eventos agregados ao CECAB, principalmente durante o mês de julho, quando acontecia simultaneamente o Festival de Inverno de Ouro Preto.

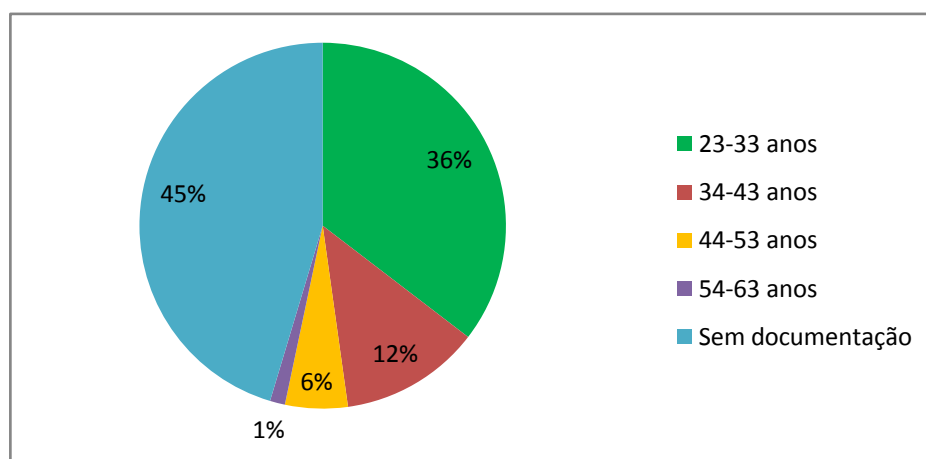
Ressalta-se que as informações sobre o corpo docente foram coletadas dos programas de disciplinas e do material de divulgação elaborado para cada edição e das correspondências encontradas nos arquivos administrativos do CECAB. Alguns professores tiveram participação contínua, permanecendo por mais longo período de tempo e atuando na orientação das pesquisas realizadas para a elaboração das monografias. Outros, no entanto, deram contribuição efêmera, atuando temporariamente em alguns módulos ou mesmo substituindo determinado professor.

2.3 O corpo discente

Na perspectiva em que se deu esta análise, o corpo discente do CECAB, assim como o corpo

docente, pode ser considerado como uma das especificidades, com características singulares, expostas a seguir. Ressalta-se que as análises de dados consideram o montante dos 237 alunos que possuíam documentação nos arquivos do CECAB, conforme foi exposto no item 1.5 do Capítulo I. No entanto foi mantida a fração dos 176 alunos que não possuíam documentos arquivados, garantindo-se o conjunto pesquisado, ou seja, 413 alunos que participaram do CECAB de 1985 a 2009.

Gráfico 2- Faixa etária dos discentes



Fonte: Da pesquisa, 2016.

A primeira variável verificada foi a faixa etária dos discentes do curso, onde prevalece a idade de 23 a 33 anos. Pelo que mostra o Gráfico 2, é provável que grande parte deles se encontrava atuando profissionalmente ou em fase final da formação acadêmica, pois o percentual mais significativo mostra que a maioria os alunos do CECAB tinha entre 23 a 43 anos.

2.3.1 Experiência profissional no campo do Patrimônio Cultural

Verificou-se que, nos primeiros anos, os discentes eram, em grande parte, profissionais que vinham com sólida bagagem de experiência na área do Patrimônio Cultural e atuavam em instituições, como o IPHAN, IEPHA e Fundação Nacional Pró-Memória³⁵, ou profissionais

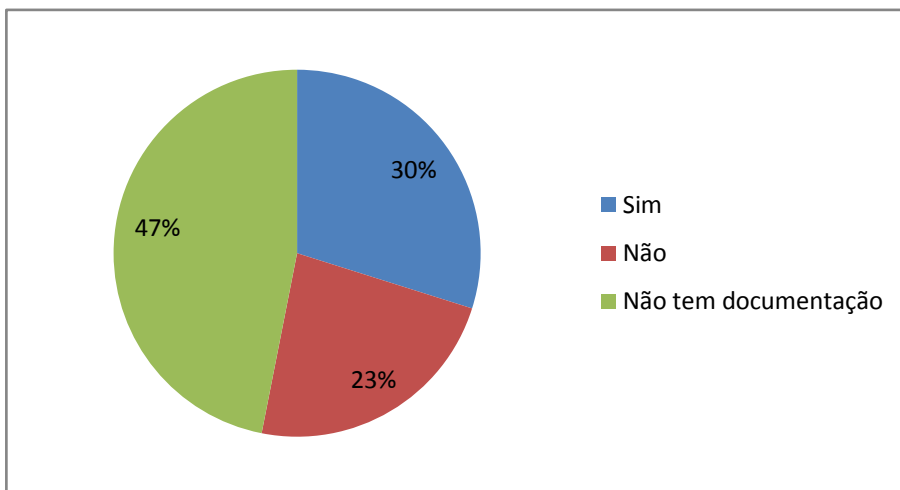
³⁵ A **Fundação Nacional Pró-Memória** foi um órgão público criado em 1979 e extinto em 1990. Funcionou ao lado da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), formando com ela uma organização dual, que visou dar maior dinamismo às políticas culturais voltadas para a preservação do patrimônio cultural. Segundo o texto da Lei nº 6.757, a Pró-Memória se constituía como pessoa jurídica de direito privado, supervisionada pelo Ministério de Educação e Cultura. Tinha por função “contribuir para o

autônomos da área de restauração que ocupavam cargos de gestão patrimonial e eram portadores do título de especialização e de mestrado.

Também frequentaram profissionais vinculados a instituições de Ouro Preto, professores e funcionários da UFOP, do Museu da Inconfidência e da Casa dos Contos, o que reforça o entendimento de que o CECAB pode ter tido origem nos debates do Seminário de Ouro Preto. Se foi constituído um esforço coletivo de instituições para cuidar do patrimônio da cidade houve, certamente, a preocupação de formar um corpo técnico para efetivar esse objetivo, ou seja, era necessário preparar especialistas para tratar e cuidar do conjunto de acervos e monumentos patrimoniais.

Sendo assim, ao coletar informações sobre os discentes do CECAB, achou-se pertinente considerar a experiência que tinham com o Patrimônio Cultural, incluindo os profissionais das artes, da cultura e da educação, temáticas intrinsecamente relacionadas à questão. O Gráfico 5, a seguir, mostra que 30% dos discentes que foram pesquisados atuavam no Patrimônio Cultural ou tinham alguma experiência profissional nesta área.

Gráfico 3- Experiência com o Patrimônio Cultural



Fonte: Da pesquisa, 2016.

inventário, a classificação, a conservação, a proteção, a restauração e a revitalização dos bens de valor cultural e natural existentes no País” (BRASIL, 1979, art. 1). Seu presidente era nomeado pelo presidente da República. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/53/fundacao-nacional-pro-memoria-1979-1990>. Acesso em: 30/04/2016.

Entendeu-se que esse fator, ou seja, o envolvimento profissional de grande parte dos discentes com a área de Patrimônio Cultural contribuiu para que o CECAB se tornasse um espaço propício para a troca de conhecimentos, reunindo grande diversidade de experiências e de saberes, como pode ser constatado nos depoimentos coletados. A convivência intensiva de profissionais de áreas diversas, com interesses comuns em torno de uma temática de estudo, criou um ambiente favorável e participativo de comunhão de saberes, de trocas de experiências. Intui-se que houve muito intercâmbio de informações, de generosidades, de aprendizagens e transferência mútua de conhecimentos.

Nesse contexto, ao tentar compreender o interesse dos discentes pelo curso, percebeu-se que alguns o fizeram como aperfeiçoamento ou atualização de conhecimentos, sem a pretensão de obter a qualificação final. No período pesquisado foram encontrados 36 que frequentaram apenas uma parte, 4 que compareceram na condição de ouvintes e outros que participaram apenas de algumas disciplinas. O fato foi observado no depoimento de uma das professoras e gestoras.

O que pra mim é claro é que uma parte enorme do público, você certamente já percebeu isso, era de pessoas que já atuavam na área e que precisavam de conhecimentos, acho que mais que de uma qualificação. Nós percebemos que muitos vinham em busca de ampliar seus conhecimentos sobre o patrimônio da cultura e da arte barroca. Posso te dar um exemplo, que é muito próximo e divertido, a Deise Lustosa, que já era mestre, que não precisava dessa qualificação e veio fazer o curso em busca de conhecimento. Nós tivemos alunos da área de promotoria, da área do colecionismo, gente que frequentava o curso porque – talvez gente que nunca tenha feito uma monografia, que não tinha a necessidade de fazer a monografia – mas que vieram ter aulas para aprender a respeito da sua própria atuação. E nós tivemos alunos mega-interessados nessa dimensão porque eram pessoas que estavam convivendo com o barroco nos setores mais impensáveis, que não eram museólogos, arquitetos, artistas, etc. Não. Tinha gente da área de promotoria, advogados, bancários, colecionadores, gente que tem coleções de 200, 300 imagens em casa, gente que trabalha com turismo, guias de turismo, e essas pessoas buscavam conhecimentos e eu creio que o curso teve, realmente, capacidade de oferecer conhecimento num nível muito sofisticado! **(Entrevista de Elisa Freixo, 2016).**

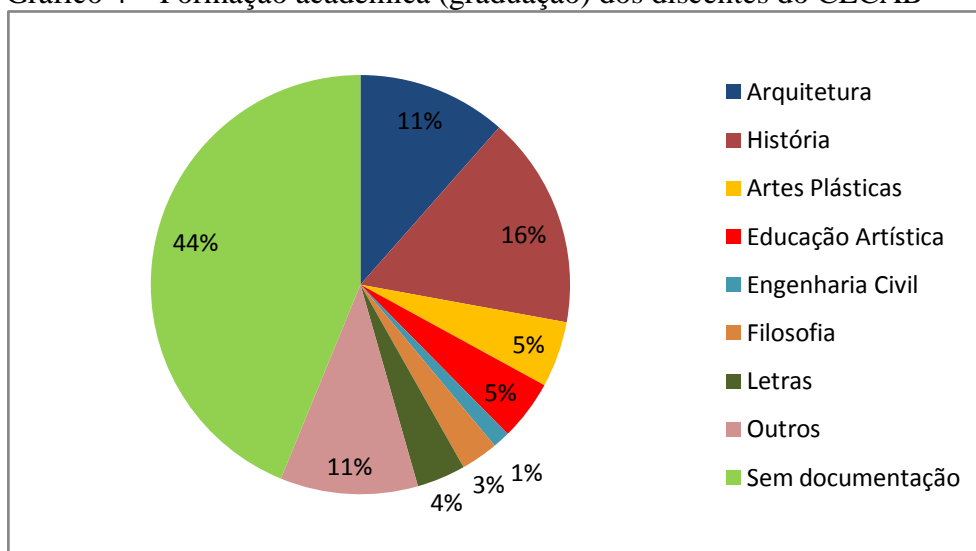
Muitos discentes, principalmente nos anos iniciais, já eram qualificados ou se encontravam em fase de qualificação, sendo 4 portadores do título de doutorado, 15 de mestrado e 48 de

especialização. Entre os últimos, 15 tinham feito ou estavam fazendo o curso de Restauração do CECOR³⁶, o que pode ter refletido na produção científica que resultou do CECAB.

2.3.2 A formação acadêmica dos discentes

Na sistematização dos dados sobre a formação acadêmica dos discentes, em termos de análise linear do conjunto de informações, foi identificada uma situação contraditória ao que foi dito anteriormente. Se, nos anos iniciais, participaram portadores de titulação superior ao nível da especialização, grande parte dos discentes, nas edições finais do CECAB, tinham apenas cursado a graduação e provavelmente buscavam qualificação. Embora esse aspecto não tenha sido objeto da pesquisa, pode inferir-se que houve mudança significativa nas demandas pelo curso e no perfil dos discentes, muitos dos quais recém-graduados em busca de qualificação e de inserção no mercado de trabalho. Nesta etapa foi considerado pertinente verificar as áreas de formação acadêmica dos discentes, com o intuito de identificar o seu perfil profissional. O Gráfico 4, a seguir, mostra essa formação.

Gráfico 4 – Formação acadêmica (graduação) dos discentes do CECAB



Fonte: Da pesquisa, 2016.

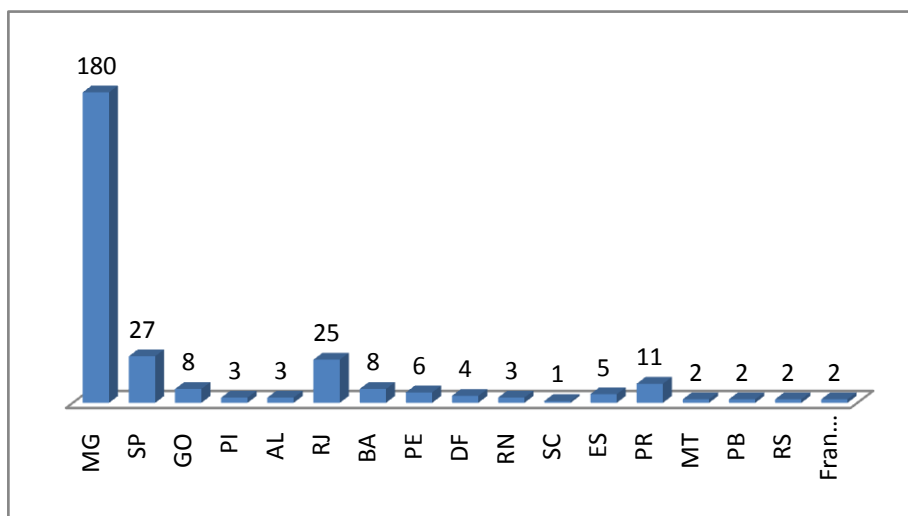
³⁶ **CECOR** - Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais é um órgão complementar da Escola de Belas Artes da UFMG constituído para apoiar e desenvolver ensino, extensão e pesquisa na área de conservação e restauração de obras artísticas e culturais. Atualmente, a infra-estrutura instalada no Cecor permite viabilizar o Curso de Graduação em Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes da UFMG que, desde a década de 1980, vem contribuindo para qualificar profissionais de nível superior para atuarem na área de conservação e restauração. Fonte: <http://www.eba.ufmg.br/cecor/cecor.html>. Acesso em: 30/04/2016.

Analisando a formação acadêmica do corpo discente do CECAB, é possível observar que a maior parte veio de áreas próximas ou tinham vínculos, de alguma forma, com a questão patrimonial. Visto nessa perspectiva, o fato pode indicar fazer o curso por ter interesse ou mesmo expectativa de atuar na área do Patrimônio Cultural ou já atuar profissionalmente nesse campo e necessitar de qualificação específica.

2.3.3 A procedência regional dos discentes

A procedência regional dos discentes foi uma variável de análise, indicativo da abrangência do curso em termos de formação de recursos humanos especializados em Cultura e Arte Barroca e temas relacionados ao Patrimônio Cultural, sobretudo levando em consideração que era desconhecida a existência de cursos da mesma natureza e conteúdo em outras instituições brasileiras. A pesquisa revelou, como mostra a Gráfico 5, a seguir, que os discentes do CECAB vieram de 16 estados diferentes, portanto abrangência considerável em termos de extensão geográfica, e contou com a presença de duas de origem francesa que frequentaram parcialmente.

Gráfico 5- Procedência regional dos discentes



Fonte: Da pesquisa, 2016.

Essa reunião de culturas era considerada, tanto por parte dos alunos quanto dos professores, um fator qualificativo, pois proporcionava um ambiente incomum de troca de vivências e de experiências diversas, como pode ser comprovado em alguns relatos sobre a questão.

Antes de tudo, porque ele sempre tinha alunos vindos das mais diferentes partes do país e era possível, assim, ter informação do que fazia pessoas de lugares como o Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, ir a Ouro Preto para seguirem um curso sobre cultura e arte barroca. Os alunos sempre eram extremamente interessados nos temas políticos, religiosos, artísticos etc. do mundo luso-brasileiro dos séculos XVI, XVII e XVIII, demonstrando muita afeição por mais e mais informações. **(Entrevista de João Adolfo Hansen, 2016)**

Segundo, o que me marcou muito foi a diversidade, o tanto que os alunos eram diversos, de diversos lugares, de diversas formações e como a troca, nessa época, também foi muito legal, muito rica! Então, essa relação com os colegas foi uma coisa que me deixou com uma impressão e uma vivência muito rica sobre essa experiência. **(Entrevista de Cristina Simão, 2016)**.

E com um enorme potencial de difusão que, na medida em que eram abertas as inscrições, profissionais do campo da educação e da cultura de todas as partes do país, se interessavam, se inscreviam, participavam e concluíam o curso. Então, em todos esses anos, primeiro como aluno do II curso, que foi em 1986 e 1987, e depois como professor, a partir de 1993, quando eu pude verificar inscrições de profissionais da área da cultura e da educação de todas as partes do país, de Belém do Pará ao Rio Grande do Sul, muitas vezes pessoas vindas do interior de Rondônia, do interior de vários estados do Nordeste, do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Espírito Santo, enfim, havia sempre em cada turma uma grande diversidade de pessoas, vindas de origens das mais diversas possíveis que, de certa forma, garantia o grau de difusão, de aceitação e de reconhecimento desse curso em nível nacional. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016)**

O intercâmbio de experiências e de informações foi uma das características mais marcantes do CECAB segundo entrevistados.

Foi uma experiência muito positiva e as marcas que o curso deixou na minha memória foi a quantidade de colegas de vários estados do Brasil e da ampliação do olhar com relação ao barroco. Então, acho que isso pra mim é o mais forte, o que ficou de mais marcante: você tem a troca com as pessoas de vários lugares e a troca que você recebe dos professores. **(Entrevista de Simone Fernandes, 2016)**

Então tudo isso é importante, quer dizer, essa troca de idéias, de experiências e esses cursos aqui propiciam isso, são oportunidades das pessoas daqui estudarem mais sobre a região, de conhecer as pessoas de fora que vêm aqui, também, estudar a região. Então esse intercâmbio é muito importante, sem dúvida nenhuma. **(Entrevista de Sueli Perucci, 2016)**

Pelo que se percebeu por meio dos testemunhos, esse encontro de diversidade de pessoas, de profissionais, de culturas, de experiências, de saberes, somado ao fato de ser uma prática de atividades intensas e imersivas, em um ambiente que incorporava e traduzia a temática estabelecida, deu ao CECAB identidade própria, significado especial de constituição de ambiente fértil de memórias individuais e coletivas.

2.4 O conteúdo programático do CECAB

Para esta etapa da pesquisa buscaram-se informações nos programas das disciplinas oferecidas a cada edição e nas listagens de presença utilizadas no controle acadêmico. Embora tenham ocorrido mudanças na nomenclatura das disciplinas, o conteúdo programático estabelecido inicialmente foi mantido na sua essência, garantindo-se os princípios básicos, ou seja, Filosofia da Arte, Estética do Barroco, Arte do Período Colonial (incluindo Arquitetura, Pintura, Escultura, Literatura e Música), Sociedade Mineira Colonial e Metodologia da Pesquisa. Nos cursos iniciais o conteúdo era mais direcionado para o contexto de Minas Gerais, mas foi sendo expandido gradativamente, à medida que se estabelecia um corpo discente mais fixo e os professores ampliavam seus conhecimentos, como pode ser observado nestes trechos de depoimentos:

Nós percebemos que o curso saiu com o foco mineiro, era arte e cultura mineira, de Minas Colonial, não era do Brasil Colonial. Embora o título do curso tenha mudado um pouco, as pessoas estavam muito focadas em Minas; nos primeiros anos eu não era professora, estou falando a partir das palestras que eu fiz no órgão da Sé. Depois o curso foi se ampliando, ampliando, eu já estava me envolvendo mais com o IFAC e a gente conseguiu jogar um foco para o nacional, então já se falava do barroco em nível nacional.

Então, o foco de visão dos professores foi aumentando tanto que quando o curso foi interrompido ele era um curso de cultura ibero-latino-americana!

Ele tinha um foco tão ampliado que nós todos começávamos a dar aulas mostrando imagens, mostrando músicas, mostrando altares e igrejas em Portugal, na Espanha, depois passava para o México, Peru, Bolívia e depois vinha para o Brasil e por fim focava Minas. Isso foi uma evolução que nós sentimos de forma muito clara, eu não sei se isto já apareceu em outras conversas, mas eu queria falar isso, porque, realmente, foi uma mudança excepcional e mostra mesmo que os recursos humanos foram aprimorados, não só na dimensão dos alunos do curso, mas também na dimensão dos professores. **(Entrevista de Elisa Freixo, 2016)**

Eu acho que a mais importante contribuição que esse curso deu na formação de recursos humanos, não só pelo fato do recorte específico em arte e cultura barroca, que eu até poderia substituir por arte e cultura colonial luso-brasileira... Quanto também, pela diversidade dos conteúdos que caracterizam o próprio programa do curso envolvendo: artes visuais, literatura, arquitetura, urbanismo, filosofia, estética, música, enfim, com um horizonte muito amplo sobre esse momento histórico brasileiro, sobre esse momento cultural e histórico brasileiro, que foi o Período Colonial.

Bom, o próprio título do curso já anuncia ao que ele vem: é um curso de Cultura e Arte barroca! Até se ele fosse reeditado eu sugeriria que houvesse uma mudança, uma substituição da palavra barroca por colonial luso-brasileira, cultura e arte luso-brasileira. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016)**

Entende-se que as alterações ocorridas no conteúdo eram fruto de propostas dos professores, que foram se aprimorando, ampliando e verticalizando os conceitos nas abordagens das disciplinas, introduzidos novos conhecimentos e outros formatos da Cultura e da Arte Barroca. A participação dos discentes nesses processos de mudanças se deu por meio das avaliações que aconteciam ao final de cada módulo, em que a Coordenação dialogava e recebia críticas e sugestões para o aperfeiçoamento do curso. Essa metodologia permitiu que o curso tivesse um formato mais dinâmico, participativo, menos rígido, sem alterar a essência do propósito inicial: oferecer formação específica e de qualidade no tema.

O programa de disciplinas do CECAB (ANEXO 4) incluía os seminários temáticos, recursos didáticos utilizados para a complementação e o enriquecimento. Para esses eventos, eram convidados pesquisadores, artistas, professores, especialistas, conferencistas reconhecidos no meio acadêmico e artístico do país, que eram um dos atrativos do curso. Quando pertinentes, os seminários da programação do Festival de Inverno de Ouro Preto eram estendidos aos discentes do CECAB, que tinham a oportunidade de ampliar seus

conhecimentos por meio de conferencistas brasileiros e convidados de outros países. Mas podia acontecer o inverso: os seminários eram abertos ao público do Festival de Inverno, garantindo-se o caráter mais dinâmico, participativo e fluido do CECAB. A participação e integração com a comunidade externa foi uma estratégia exitosa, pois era uma forma de divulgação do curso para um público composto por pessoas apreciadoras das artes e interessadas nas áreas das artes.

Observou-se, na documentação individual dos discentes, mais precisamente nas manifestações de interesse pelo curso, que muitos o conheceram por meio do Festival de Inverno, que atraía grande público à cidade durante o mês de julho, destacando-se a programação de atrações culturais.

Estes são alguns dos conferencistas que foram identificados na documentação pesquisada e participaram dos seminários do programa acadêmico do CECAB: Amilcar de Castro, Ítalo Mudado, Laura de Melo e Souza, Francisco Iglésias, Silviano Santiago, Haroldo de Campos, Jota Dângelo, Mary Del Priore, Afonso Ávila, Affonso Romano de Sant'Anna, Moacyr Laterza, Sônia Viegas e Maria Beatriz de Mello e Souza.

2.5 A gestão do CECAB

Percebeu-se que a gestão de um curso da natureza do CECAB não era tarefa fácil para os que se dispunham a dar continuidade a um projeto elaborado e implementado fora da esfera acadêmica, pois, em 1985, o IAC ainda não se constituía como uma unidade acadêmica da UFOP, tanto assim que o curso tinha o caráter extensionista. Sempre esteve vinculado à Diretoria do IFAC, tendo um coordenador, que geralmente era um dos docentes, e contando com infraestrutura física e de recursos humanos do IAC, onde era realizada toda a logística para a execução dos módulos. A permanência do curso foi, portanto, fruto de grandes esforços e empenho por parte dos diretores do IFAC, o que pode ser observado no quantitativo e no teor das correspondências administrativas submetidas à Administração Superior da UFOP e a instituições externas, e nas informações dos depoimentos coletados para esta pesquisa.

Entre os problemas elencados, o mais comum era falta de aporte financeiro, que, no início, foi feito por apoios obtidos no Ministério da Educação e, posteriormente, por pagamento de mensalidades. A remuneração do corpo docente de cada edição era feita por pagamento de *pro labore*, ou seja, uma prestação de serviços sem vínculo institucional, sendo os recursos financeiros garantidos pelas mensalidades pagas, o que se tornou uma problemática em termos de gestão, pois as despesas eram superiores às receitas do curso.

No momento em que gerasse alguma despesa, ele [o CECAB] chegava a ser paralisado, como ocorreu quando eu fui para a França. O curso ficou com uma dívida de 11 mil reais e foi paralisado por 6 anos, até que eu encontrasse a possibilidade de pagar esse valor, essa dívida. E eu consegui pagar, já nem me lembro como, eu consegui buscar recursos no Festival [de Inverno], fazendo acordos com os organizadores, os professores vinham através do Festival, com passagens aéreas e hospedagens pelo Festival; então, eu consegui saldar todas as dívidas do curso e mantê-lo. Mas eu contava com muito pouco apoio.

... era muito complicado porque era um curso caro, com professores de fora, que vinham lecionar aqui em Ouro Preto, que tinham que ser hospedados e alimentados nesse período e havia as viagens também. E a gente pouco a pouco foi perdendo apoios: a Capes deixou de apoiar os cursos de pós-graduação *latu sensu* e a Universidade [UFOP] parou de apoiar o curso. Antes tínhamos as viagens para apresentar as cidades [históricas] mineiras para os alunos, através das falas dos professores, e depois a Universidade parou de apoiar. Então o curso se viu num impasse, completamente sem possibilidades de continuidade, porque a receita oriunda do pagamento [de taxas] dos alunos só cobria, com muita dificuldade, o pagamento dos professores **(Entrevista de Guiomar de Grammont, 2016)**

Percebe-se que os problemas estruturais eram impactantes, principalmente com a retirada de apoio da própria UFOP, ao suspender a concessão de meios de transportes para as visitas técnicas aos sítios e monumentos históricos da região. A cada curso era necessário que os gestores, tanto a coordenação como a diretoria do IFAC, se envolvessem em impasses sobre questões emergenciais, conforme mostram estas declarações.

Eu fui coordenadora do curso, acho que quase 3 anos, entrei quando o Zé Arnaldo saiu. A Guiomar já era Diretora do IFAC, estava assumindo a coordenação do curso, mas estava muito atarefada. O IFAC era um núcleo muito alternativo, a escola como um todo, uma federal, a UFOP. E a direção

do IFAC sempre foi difícil porque aglutinava saberes e núcleos completamente díspares: tinha uma escola de música, uma escola de teatro, um núcleo de fotografia, um núcleo de pesquisas.

Bom, hoje, olhando para trás e pensando nas perguntas que você me propõe, eu acho que a gente viveu uma situação esquizofrênica! E o curso só foi possível por algumas razões: a união de pessoas muito generosas, tanto na coordenação do IFAC quanto na coordenação do curso, e a qualidade dos professores, a qualidade humana dos professores, que gostavam muito do curso e se envolveram muito com ele; isso foi uma grande qualidade. Sem nenhuma sombra de dúvidas, o reconhecimento dos alunos de que as condições eram péssimas, mas o curso era ótimo; os alunos sempre reivindicavam coisas, carteiras, por exemplo. A gente tinha aulas em um lugar que deveria ser proibido: não tinha iluminação adequada, quando a gente ia usar um slide não tinha cortinas para escurecer a sala, no inverno era um gelo, enfim, era tudo muito confuso e precário. Faltavam materiais, às vezes a gente tinha que levar muita coisa de casa, eu estava sempre emprestando alguma coisa, até toalha, era realmente incrível!

Eu acho que a força humana superou as adversidades e as dificuldades dos vícios organizacionais, dos atrasos de pagamentos; teve gente que ficou anos, anos, esperando para receber o pagamento. Realmente, do ponto de vista logístico é um milagre que o curso tenha resistido e acontecido durante tantos anos! **(Entrevista de Elisa Freixo, 2016)**

Os limites, acredito, foram antes de tudo materiais e institucionais, como a inércia das instituições, a começar pelo IFAC e os órgãos decisórios da universidade. Não preciso falar da falta absurda de livros, documentos, papéis, biblioteca etc. numa universidade que evidentemente devia tê-los. Tudo isso é muito brasileiro, infelizmente. E continua cada vez pior. Hoje as exigências feitas pelos órgãos financiadores de pesquisa são as de Harvard; mas nas condições do Haiti. **(Entrevista de João Adolfo Hansen, 2016)**

Não obstante as dificuldades causadas pela falta de infraestrutura apropriada e as questões de ordem financeira, observa-se que o empenho e o compromisso dos gestores e de suas equipes garantiram a execução e continuidade do curso, superando as adversidades, segundo testemunhos dos depoentes.

...eu sempre me senti super bem-recebido como professor convidado no contexto do curso do IFAC. Principalmente por Guiomar de Grammont, que durante bastante tempo foi coordenadora do curso e depois se tornou a diretora do IFAC. Eu acho que toda a generosidade, todo o apoio, toda a atenção, a escuta, que foram sempre muito características do curso, elas

devem estar diretamente associadas à pessoa de Guiomar de Grammont, que, no meu entender, depois do Moacyr Laterza, foi a figura mais importante, foi a pessoa que realmente sustentou o curso, que o ampliou, que aperfeiçoou os conteúdos programáticos. E eu acho que todo o êxito do curso, todo o sucesso do curso, garantindo uma repercussão nacional e até internacional, se deve muito ao trabalho, ao interesse pessoal e ao envolvimento pessoal da Guiomar com o curso. Então, tudo que estava ao alcance dela era possível de ser conversado, era possível de ser analisado e contornado. Todos esses anos de convivência com a Guiomar, como profissional, eu nunca recebi dela um não; eu sempre fui muito bem recebido nas minhas solicitações, sempre me senti ouvido e quando a demanda, num primeiro momento, parecia mais difícil ou improvável, no lugar do não eu sempre recebi uma enorme boa vontade por parte dela e por parte de todas as pessoas que trabalhavam no curso, no sentido de tentar contornar, de tentar atender, de tentar verificar até que ponto seria possível satisfazer ou mesmo atender a demanda proposta. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016)**

Felizmente, sempre pude contar com a ótima boa vontade dos funcionários do IFAC, como a secretária dele, a Luciana, sempre gentil e pronta pra deixar todo o material que eu lhe mandava, às vezes de ultimíssima hora, pronto e disponível para os alunos. Isso tudo foi muito legal. **(Entrevista de João Adolfo Hansen, 2016)**

Uma das questões problemáticas mencionada pelos depoentes foi a falta de integração do corpo docente, uma vivência que agregasse os professores, para que pudessem se conhecer, trocar experiências, informações, enfim, participar de forma colegiada em algum momento, como pode ser confirmado num dos depoimentos.

O que eu senti muita falta é que cada disciplina é uma disciplina! O que eu enxerguei como aluna, como professora foi muito mais evidente: o curso é uma grande colcha de retalhos! Retalhos maravilhosos e no fim a colcha é até bonita porque os retalhos são bonitos. O curso é muito bom, mas não tem nenhuma articulação entre uma disciplina e outra. Nenhuma! Tem professor que eu nem conheço e eu dei aula lá de 2005 a 2013, quando acabou. Todos esses anos eu dei aulas e tem professor que eu não conheço. Na verdade, a gente não encontra com ninguém, não tem essa articulação entre as disciplinas. Eu acho que o conteúdo do curso é tão bom que isso não o desmerece, mas, se o curso tivesse uma articulação seria muito mais rico. Isso é imprescindível em qualquer curso que seja.

Então é realmente difícil. Tem uma questão aí que eu não sei se é o que conta mais, o que pesa mais no curso: acho que o curso, como eu te falei,

independente disso é um curso de excelência, eu não tenho dúvida, mas talvez ele pudesse ser melhor ainda, se agregasse mais, se se agregasse mais!
(Entrevista de Cristina Simão, 2016)

A organização, de formato modular, imersiva e de carga horária intensiva, dificultava a integração e a incorporação dos professores como grupo, elementos que deram dinâmica e sustentação ao curso nos anos iniciais, conforme foi visto em depoimentos citados. A configuração programática não permitia uma instância de convivência presencial entre os docentes, que se revezavam entre os módulos e turnos alternados, o que dificultava a criação de uma instância e/ou um espaço de congregação do corpo docente.

É preciso considerar que o fato de haver docentes externos, mesmo de outros estados, compromissados profissionalmente com as instituições de origem determinava dificuldade de intercâmbio entre os professores.

2.6 Os impasses e os desafios

Um dos questionamentos que orientou os rumos desta pesquisa foi buscar entender quais foram os desafios, os impasses e os limites que, de maneira geral, dificultaram o percurso institucional e a consolidação, como instância formativa, de um curso de pós-graduação numa instituição pública de ensino superior. Que fatores impediram que esse curso alcançasse os propósitos iniciais de seus idealizadores: torná-lo um programa de pós-graduação ampliado para mestrado e doutorado e constituir um Núcleo de Estudos Superiores sobre a Arte e Cultura Barroca em Ouro Preto?

Posta a questão, buscou-se elencar os indícios apontados por pessoas que vivenciaram o curso, sem ter, no entanto, a intenção de problematizar ou de buscar soluções para os impasses e dificuldades que foram identificados por gestores, professores e discentes do CECAB.

2.6.1 As adversidades internas

Durante a coleta dos depoimentos foi possível observar, de maneira evidente, a ocorrência de conflitos de interesses ou desinteresse pelo CECAB no âmbito interno institucional. Lembra-se que o curso foi uma das primeiras iniciativas de impulsionar o recém-criado IAC, que ainda não era uma unidade acadêmica. Somente após 10 anos de funcionamento do CECAB é que foi criado o primeiro curso de graduação, o de Filosofia, vindo depois os de Música e Artes Cênicas.

Esse procedimento atípico pode ter sido um fator que dificultou a integração aos demais cursos e ascensão acadêmica do CECAD, impedindo-o de tornar-se um programa de pós-graduação de mestrado e doutorado, conforme eram os planos iniciais. Percebe-se, em declarações dos que vivenciaram o curso como docentes, que as animosidades internas tornaram o IFAC um ambiente dissidente e pouco dialógico, não condizente com o contexto universitário.

O maior desafio eu localizo no âmbito político interno do próprio IFAC, porque o IFAC nasceu IAC, Instituto de Artes e Cultura, para acolher o curso de Cultura e Arte Barroca, que no início, em 1985, era o único curso do IAC. Bom, o que tudo indica, porque eu não tive um acompanhamento direto, na medida em que eu não fazia parte da UFOP, é que o curso se consolidou e acabou ampliando o IAC e a primeira ampliação que houve foi através da inclusão do curso de graduação em Filosofia, tornando-o IFAC, o que, a princípio, me parecia extremamente desejável. Você imagina, cultura e arte conversando com filosofia, tudo a ver! Então, num primeiro momento, inclusive a criação do curso de graduação em Filosofia foi recebido e foi celebrada por todos nós que já participávamos do curso de Cultura e Arte Barroca, com muito entusiasmo. Pena que as ingerências políticas internas provaram exatamente o contrário, porque, ao longo do tempo o que acabou ocorrendo foi a criação de um enorme, profundo e enraizado antagonismo por parte dos professores do curso de graduação em Filosofia, com relação ao curso de especialização em Cultura e Arte Barroca, e com a própria Guiomar de Grammont, que teve aborrecimentos pessoais sérios com esses colegas e com os próprios professores do curso, na sua maioria professores convidados vindos de outras instituições. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016)**

Na opinião desse professor, o contexto político brasileiro vigente numa época em que havia forte apelo de desconstrução das universidades brasileiras por parte do governo federal motivou as adversidades internas no IFAC. Em prosseguimento à sua fala, ele esclarece:

E eu acho que essa antipatia, essa atmosfera adversa gerada pelos professores da graduação em Filosofia do IFAC, está diretamente motivada, diretamente provocada por essa nova universidade, por essa universidade pública contaminada, envenenada, prejudicada, desrespeitada ao longo do período da presidência do Fernando Henrique Cardoso.

Então, eu lamento profundamente que isso tenha ocorrido, principalmente por parte de colegas que, na verdade, poderiam estar estabelecendo uma relação frutífera, interessante, de troca, de intercâmbio. Acredito que, se desde o início, a gente não tivesse sido tão contrários, se não tivesse sido tão negativos, teria havido possibilidade, certamente, de absorção dos próprios professores, de trocas que seriam bastante interessantes, você imagina: trocar figurinhas entre pessoas da cultura, da arte, com pessoas da filosofia. Enfim, o que eu tenho, profundamente, a lamentar, é exatamente isso. Essa postura deles acabou criando uma situação simplesmente esquizofrênica no IFAC, porque eram dois cursos, duas atividades acolhidas e inscritas no próprio IFAC. E dentro de uma situação de guerra cega e surda em que, nas entrelinhas, na máquina institucional, alguns professores, eu acredito que nem tenha sido todos, mas que alguns desses professores do curso de graduação em Filosofia, nunca perderam a oportunidade de prejudicar, de difamar, de tentar atacar ou atrapalhar de alguma maneira o bom andamento desse curso que, no meu entender, foi uma das coisas mais importantes que já aconteceu na UFOP, inclusive em termos de divulgação do próprio nome da Instituição, em termos de retorno institucional para a própria UFOP. Eu acho que, raramente no contexto das Humanas, algo aconteceu de tão favorável, de tão rentoso, de tão, de tão interessante para a própria Universidade. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016)**

Essa percepção é compartilhada por outros testemunhos:

Outro fator que dificultou muito a realização e a continuidade do curso é o fato de o curso estar vinculado ao IFAC, que é o Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. Por um lado foi bom, porque eu sou professora do IFAC, então eu dei tudo de mim para que o curso existisse. Mas, por outro lado, não era muito bom, porque as minhas tentativas de transformá-lo em mestrado, as tentativas que exigiam um corpo de professores qualificado, não iam para frente, porque os professores de Filosofia não tinham tanto interesse em trabalhar com história da arte brasileira, com coisas do Brasil, muito menos com Ouro Preto. Os interesses deles passavam pelo plano teórico, por

conceitos filosóficos, da filosofia universal e não pela história do Brasil. Eu acredito que, talvez, o curso tivesse mais possibilidade de institucionalização se a gente pudesse ter tido uma vinculação maior com o curso de História, mas, que até pela distância física, o curso de história está em Mariana, isso foi muito dificultado. **(Entrevista de Guiomar de Grammont, 2016)**

Infelizmente a abertura da Pós-Graduação que transformaria o curso de extensão num mestrado e depois num doutorado não foi adiante, devido a várias razões, a começar pela diversidade dos interesses contraditórios dos grupos e membros do IFAC, que é um Instituto que nunca soube bem como, nem porquê junta as áreas de Filosofia, de Arte e de Cultura. **(Entrevista de João Adolfo Hansen, 2016)**

Sob outra perspectiva, a condição de isolamento do CECAB ocorreu em um contexto mais amplo, em relação a outras unidades acadêmicas da UFOP, dificultando o entrosamento e a parceria com outros cursos, de forma a ser incorporado, de fato, pela instituição.

Na verdade eu, como professora e também como aluna... Eu acho que até mais como professora, eu não me percebia dentro da UFOP. Como aluna não, porque o aluno é mais distraído com essas questões; distraído no sentido de que o olhar dele não está voltado para essas questões, no momento do curso. Mas como professora eu não me sentia dentro da UFOP! Se eu chegasse de algum lugar, se eu não fosse ouropretana e não conhecesse muito bem o ambiente em que estou aqui, se eu estivesse na UFOP ou em qualquer lugar seria a mesma coisa. Então, eu acho que para ser institucionalizado faltou vontade, faltou determinação mesmo, faltou percepção, apoio. **(Entrevista de Cristina Simão, 2016)**

De maneira geral, pelos relatos presentes nas entrevistas, um dos fatores mais impactantes e prejudiciais ao CECAB, em termos institucionais, foi a falta de apoio e de reconhecimento da Administração Superior da UFOP, em várias gestões que estiveram à frente da instituição durante a existência do curso.

Bom, eu vou falar porque eu não sou comprometida com ninguém, eu sou uma artista independente e eu posso falar o que outros professores talvez não possam. Eu tenho certeza, ou quase certeza, pois a gente nunca tem certeza, de que o curso sequer foi percebido! Eu acho que se ele tivesse sido percebido ele teria sido anulado, por exemplo, e nem essa força para anular existiu. Ele era um curso de absoluto sucesso e eu acho que as pessoas nem perceberam que ele tinha tanto sucesso.

Essa pergunta já me incomodou muito e eu me perguntei: mas o curso foi percebido algum dia por alguém? Veja bem, eu não estou dizendo que o reitor não tenha percebido, ou que o diretor, ou os demais colegas do IFAC não tenham percebido. Claro que eles perceberam! Os reitores nos perceberam porque nós brigávamos muito, os diretores do IFAC brigavam muito pelo curso. Eu estou falando numa dimensão mais ampla, que, se o reitor ou os reitores perceberam, eles não tiveram força para defenderem um curso deste no âmbito da Universidade. Então, a Instituição não percebeu; pessoas dentro da instituição perceberam, mas a Instituição, não; porque se tivesse percebido teria sido: ou muito positivo ou muito negativo. O fato de o curso ter passado, assim, meio numa lama institucional, organizacional, permitiu a sobrevivência dele por tantos anos, e em um dado momento impediu que ele caminhasse prá frente. **(Entrevista de Elisa Freixo, 2016)**

Pra dizer verdade, nem sei se o curso foi percebido. O contato que tive com as áreas do conhecimento da UFOP foi praticamente inexistente. Por exemplo, com os historiadores dali, nenhum. Com os filósofos, nenhum. Com o pessoal das artes e cultura, nenhum. Nada, ninguém, nunca. Com exceção da Hygina Bruzzi, do Moacyr Laterza, no início, e, depois, da Elisa Freixo, da Ana de Almeida e da Guiomar de Grammont, além do Paulo Versiani, durante mais de 20 anos não tive contato com outras áreas ou colegas da UFOP. Não sei também exatamente o que faltou para o curso ser institucionalizado. Faltou vontade política? Faltou determinação cultural? Faltaram decisões tomadas acima dos interesses paroquiais de grupos, grupúsculos, grupelhos, pessoas do próprio IFAC? Não sei, realmente. Agora Inês é morta. Não foi institucionalizado. Na minha opinião, isso foi uma grande falha da UFOP, que perdeu uma oportunidade e tanto de ser o centro nacional de estudos sobre o chamado “barroco” etc. **(Entrevista de João Adolfo Hansen, 2016)**

Com base nos depoimentos anteriores, entende-se que o não reconhecimento da importância regional e nacional do CECAB pela instituição que o criou dificultou a ascensão para o patamar para o qual foi projetado, um programa de pós-graduação. Segundo os ideais de Moacyr Laterza, um dos criadores do CECAB, seria necessário o esforço conjunto das instituições de Ouro Preto ligadas à área do Patrimônio Cultural e o poder público municipal, estadual e federal, para concretizar a criação de um Centro de Estudos Avançados sobre a Cultura e a Arte Barroca em Ouro Preto. Dificilmente, um projeto desse porte e natureza seria concretizado sem a parceria da UFOP com instituições ligadas ao Patrimônio Cultural, como IPHAN, Museu da Inconfidência, Casa dos Contos, museus e arquivos da cidade, irmandades religiosas, IFMG e FAOP. E de outras instituições, como IEPHA, FAPEMIG, Secretaria de

Cultura de Minas Gerais, Ministério da Cultura, Ministério da Educação e UNESCO. O entendimento é que somente uma articulação institucional, de grande abrangência e impacto, poderia colocar em prática o projeto inicial proposto para o CECAB.

2.7 O CECAB em Ouro Preto

Nesta etapa, reflete-se sobre o fato de o CECAB acontecer em Ouro Preto, o que isso significou em termos de contribuição, tanto para a cidade como para o curso, tendo como embasamento a opinião dos que fizeram parte desse percurso. Assim, durante a coleta das entrevistas foi incluída uma pergunta para que os depoentes falassem sobre a relação do curso com Ouro Preto, um “lugar de memória”, um local de destaque no Patrimônio Cultural brasileiro.

No entendimento de Natal (2007), é como um “lugar de memória” que podemos compreender Ouro Preto no que tange à construção do seu significado histórico, que remete à imagem de um mundo pretérito, como a cidade-guardiã de uma memória histórica. Na perspectiva da memória relativa ao Período Colonial, em Ouro Preto se concentram os vestígios históricos da Arte e da Cultura Barroca, destacados na arquitetura, dos traçados de ruas, monumentos, igrejas, obras de arte e influências culturais. Sendo assim, a cidade agrega elementos relevantes e adequados para serem observados e estudados, tornando-se o espaço legítimo para o funcionamento de um curso na modalidade do CECAB, como foi observado em certos depoimentos.

Se qualquer pessoa, por mais desavisado que seja, prestar atenção no título do curso, a locação do curso em Ouro Preto passa a ser uma coisa absolutamente óbvia. Porque dentro do patrimônio colonial luso-brasileiro que nós temos, não existe nada igual a uma cidade como Ouro Preto, pelo o que eu já mencionei: pelo nível de concentração, de preservação e de conservação de monumentos extremamente significativos. Na área que circunscreve Ouro Preto, se nós abrirmos um pouco mais, nós encontramos monumentos extremamente importantes prá se pensar a arte colonial luso-brasileira, do início do século XVIII até o final do XVIII, início do século XIX, primeiro quartel do XIX, isso prá não incluir outros monumentos, de outras igrejas, principalmente no âmbito religioso, que foram construídas a

partir de 1830, 1840, que estariam também inseridas dentro desse patrimônio colonial.

Então, Ouro Preto é um local extremamente privilegiado do ponto de vista geográfico e devido à importância histórica e econômica que teve ao longo do século XVIII e XIX, ele se caracteriza o verdadeiro epicentro do estudo de toda a arte colonial luso-brasileira no âmbito nacional. Eu acho que pesquisas feitas em Ouro Preto, pesquisas aprofundadas sobre a arte, principalmente sobre a arte, arquitetura e urbanismo, poderiam servir, inclusive, de referência para o desenvolvimento dessas mesmas pesquisas em outras partes do país, exatamente por essa riqueza histórica, por essa riqueza patrimonial. Além, evidentemente, da presença de importantes arquivos, como o arquivo da Casa dos Contos, o arquivo do Pilar, o arquivo de Antônio Dias. Só citando esses três eles já garantem a cobertura do estudo de fontes primárias para inúmeros assuntos de extrema importância dentro da história colonial luso-brasileira. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016)**

O fato de o CECAB ser sediado em Ouro Preto, além do valor simbólico, leva a considerar questões práticas: estar em um ambiente onde a própria cidade se constitui e se materializa no Barroco.

Realmente Ouro Preto é um laboratório; Mariana, as imediações aqui, então isso é importante, tem que ser aproveitado. É isso, é trazer gente de fora, os daqui também, os que estão aqui, para aproveitarem essa oportunidade. É, com certeza, muito importante porque a gente tá vendo a situação aí, como é difícil a preservação, tudo isso. Eu acho, é lógico, que esse curso serve para essa tomada de consciência, com certeza. Então eu acho que Ouro Preto não pode deixar de ter esse curso do Barroco. **(Entrevista de Sueli Perucci, 2016)**

... Esse curso pode acontecer em qualquer lugar, mas ele acontecendo numa cidade com essa carga histórica, toda essa quantidade de monumentos... É muito diferente você ter uma aula do Marcos Hill olhando slides e você estar dentro de uma igreja nossa. Ele falar de todas as fases do barroco através de slides e você estar numa aula, numa visita técnica; esse é o diferencial! Porque a temática ela pode ser dada em qualquer lugar, mas você estando aqui, tem o charme da cidade, você conviver com tudo isso.

(Entrevista de Simone Fernandes, 2016)

... o aluno que faz o curso de Barroco numa cidade como Ouro Preto, isto que a gente estava conversando, existe aí um diferencial, um potencial que deixa ele, anos luz à frente de uma pessoa que faz esse mesmo curso, como esse mesmo formato, numa cidade como Belo Horizonte, como o Rio de

Janeiro. Isso é um fato, isso precisa ser entendido, isso precisa ser aceito.
(Entrevista de Edson Fialho de Rezende, 2016)

A localização geográfica da cidade facilitou a adaptação do curso ao longo do caminho-tronco da antiga Estrada Real, próximo ao circuito das cidades históricas mineiras. Isso facilitou o acesso a outros sítios históricos, principalmente monumentos pouco conhecidos pelo mundo acadêmico e localizados nos distritos rurais que também abrigavam monumentos e obras artísticas barrocas. A agenda de visitas técnicas do CECAB incluía localidades pouco divulgadas, como os distritos Camargo, Monsenhor Horta, Cachoeira do Campo e Itatiaia, e cidades que não faziam parte do roteiro turístico, como Ouro Branco, Catas Altas, Santa Bárbara, Itaverava e Santa Rita. Essa atividade possibilitava a ampliação dos conceitos de Barroco, além de tornar conhecidos monumentos, obras de artes e valiosas referências sociais desconhecidos. Essa característica foi destacada por entrevistados.

Eu acho que em nenhum outro lugar do país, por mais rico que fosse o patrimônio colonial, as mesmas condições seriam oferecidas; inclusive, um exemplo comprobatório disso foram as viagens que eu incluí como atividade didática nas minhas disciplinas, porque estando em Ouro Preto em um dia é possível visitar três cidades, englobando uma qualidade, uma grande quantidade de monumentos, que é uma coisa fabulosa! Nós fazíamos quatro viagens, todas de dia inteiro, saíamos de manhã e voltávamos à noite e não precisávamos pernoitar em nenhum dos locais que visitávamos. Isso comprova a importância da centralidade de Ouro Preto nesse processo de estudo do patrimônio colonial. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016)**

O curso, em contrapartida, trouxe contribuições para Ouro Preto em termos de desenvolvimento de novas pesquisas, algumas de abordagens inéditas, que exploraram aspectos e objetos de estudo ainda não investigados, conforme foi visto na análise das monografias de conclusão de curso. Houve também incentivo para a integração de moradores da cidade ao CECAB, por meio da oferta de bolsas integrais e participação de professores da rede pública, de acordo com estas informações de Guiomar de Grammont:

O curso recebeu muitos alunos que eram da cidade de Ouro Preto. Claro que a gente não podia, mas até isso tentamos fazer, acolher também os guias [turísticos], mas houve certo descompasso, porque os guias, muitas vezes não tinham uma formação escolar, então era muito difícil para eles acompanhar as aulas. Os professores da rede pública podiam fazer o curso,

já que era uma pós-graduação. Todos aqueles que tinham já uma graduação completa podiam fazer o curso. Não havia nenhum impedimento para que as pessoas da cidade fizessem o curso; pelo contrário, havia incentivo. Eu concedi, muitas vezes, bolsas integrais, inclusive, para professores da rede pública...

... eu concedia bolsas para ex-alunos da Universidade Federal de Ouro Preto fazerem o curso, havia sempre incentivos para professores das redes públicas, não só de Ouro Preto, mas de fora também. Então, assim, era muito, muito importante a inserção desse curso numa cidade tão importante como Ouro Preto, com tantos monumentos a serem preservados, com tantas tradições a serem preservadas. Era muito importante ter o curso acontecendo aqui, nesta cidade. **(Entrevista de Guiomar de Grammont, 2016)**

Pois é, como não repetir como todo mundo, que Ouro Preto é um laboratório, a gente cansa de ouvir isso. Mas é mesmo, sem dúvida! Então, acho que nas duas vias: tanto os alunos ganham mesmo ao estudarem em Ouro Preto e poderem ter um campo com essa riqueza que temos aqui, como Ouro Preto, também, ganha com novas pesquisas, as monografias, com pessoas que vêm aqui, com pessoas que contribuem tanto no âmbito individual, porque gostam daqui, como no âmbito científico e acadêmico. Então, eu acho que tem uma relação muito próxima e Ouro Preto é um lugar ideal para receber um curso desse tipo. Os resultados que esse curso gera também, em termos de monografias, e mesmo os professores que frequentam aqui, acho que é uma troca de ganhos prá todos, tanto para Ouro Preto, quanto para a Universidade [UFOP], como prá quem vem aqui. **(Entrevista de Cristina Simão, 2016)**

Outro aspecto mencionado nas entrevistas é que Ouro Preto, graças a ser ponto turístico de roteiros nacionais e internacionais e ter status de Patrimônio Cultural da Humanidade, era um atrativo para aqueles que se interessavam pela temática do Barroco e queriam vivenciar uma experiência na cidade.

... quando a gente conversava com os colegas que vinham de outros lugares, também era um dos pontos que os atraíam a vir fazer o curso aqui. Era o conteúdo do curso, mas experimentar essa cidade durante dois meses, em épocas diferentes, isso era um dos pontos atrativos do curso também. Acho que este era o *locus* ideal para a realização desse tipo de curso; porque, academicamente, ele pode acontecer em qualquer lugar, pode ser até em Belo Horizonte. **(Entrevista de Simone Fernandes, 2016)**

Esse ponto sempre me pareceu fundamental. O fato do curso ser em Ouro Preto ajudava a atrair gente do Brasil inteiro. Essa era outra característica positiva do curso: além de ser interdisciplinar, ele reunia gente de toda parte do país. **(Entrevista de Romero Freitas, 2016)**

...fica evidente e inquestionável a importância de Ouro Preto como a cidade a abrigar um curso dessa natureza. Além do que, a dimensão aurática que Ouro Preto já possui em todo o país, brasileiros de outras regiões sempre se referem com muito respeito, com muita admiração à arte colonial luso-mineira, dentro de todo um processo de construção do discurso político, ideológico, principalmente fundamentado pelos modernistas, depois com a criação do IPHAN. Existe uma aura que envolve Ouro Preto, ele é um dos desejos de consumo de brasileiros de outras regiões que pensam em fazer uma viagem para conhecer melhor o país. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016)**

No entendimento de um dos docentes, que vivenciou o curso por cerca de 20 anos, Ouro Preto, ou melhor, o poder público e as instituições públicas atuantes na cidade não apoiaram e não souberam valorar o potencial do CECAB, como instância de reflexão, de qualificação e de formação de especialistas para tratar do Patrimônio Cultural.

Eu dizia, então, que a cidade de Ouro Preto reunia todas as condições para ser o centro nacional de estudos brasileiros sobre o chamado “barroco”. A começar pela própria história da cidade. E sua localização. E seus monumentos. E as muitíssimas pesquisas que poderiam ainda ser feitas sobre a cultura material e a cultura simbólica dos séculos XVII e XVIII, em campos diversificados, antropologia, sociologia, história literária, história da arte, história da religião, história econômica e política etc., etc. Participei de várias reuniões feitas pelas professoras Ana de Almeida e Guiomar de Grammont, no início dos anos 1990, em que também estava meu amigo e colega da Unicamp, o Prof. Alcir Pécora, que depois de algum tempo deixou de dar cursos; fizemos várias sugestões.

... o tempo foi passando, sempre houve um desinteresse grande, vamos dizer, um desinteresse prático, da parte dos órgãos centrais da UFOP. E também dos órgãos de cultura de Ouro Preto, Câmara municipal, Prefeitura, secretários de cultura e personalidades etc. etc. Quero dizer: sempre houve, como ainda há agora, muito blábláblá, muito festivo sobre a cidade, seu patrimônio artístico, a história local, o Barroco Mineiro, o Aleijadinho, a grande arte Mineira Barroca, os heróis da Inconfidência, etc. e tal. Ao mesmo tempo, desde que comecei a dar o curso, em 1993, o que efetivamente sempre ocorreu foi a ocupação desordenada do espaço, o

turismo predatório, a grande indiferença prática das autoridades pelo estado de conservação dos monumentos históricos, arquivos, etc. Logo que percebi que desse mato não ia sair nenhum coelho, continuei dando os cursos, mas não quis participar de mais nenhuma reunião, pois sabia que o curso não seria transformado em nenhum programa de Pós e permaneceria sendo um cursinho, algo secundário e esquecido e dado num espaço físico precário, como espécie de extensão ou especialização sem maiores conseqüências, etc. **(Entrevista de João Adolfo Hansen, 2016)**

Pela percepção de docentes que acompanharam a trajetória do curso, faltaram esforços e vontade conjuntiva de instâncias e instituições que pudessem, efetivamente, concretizar um centro de estudos sobre o Barroco, o que agregaria valores e atrações à cidade.

Bom, o que eu acho de Ouro Preto é que a relação do curso com a cidade continua sendo a mesma que a cidade tem com o monumento: uma relação difícil! Eu imaginei que para mudar isso seria necessário uma geração, duas gerações que fossem mais sensíveis; que neste período de tempo entre gerações algumas mudanças acontecessem, mas, infelizmente, não acontecem! Ouro Preto está completamente abandonado, suja, feia, e a gente vendo isto com muita tristeza. É uma pena! **(Entrevista de Elisa Freixo, 2016)**

Alguns testemunhos identificaram descuido da UFOP em relação aos problemas da cidade, ou seja, o distanciamento em relação ao seu contexto. Mas docentes externos tinham percepções mais críticas em relação à desintegração institucional existente em Ouro Preto.

A UFOP não tem ligação com a cidade, ou se tem é uma pequena porcentagem. Os alunos chegam, ficam aqui por um tempo e depois vão embora. Os alunos e os próprios professores também. Veja quantos professores do IFAC moram em Ouro Preto? A gente conta, a gente sabe quem são. Como é possível defender uma cidade que você não vive nela? Quem vai se preocupar com o lixo, com a água, com o cavalo, com o mato? Se você está em BH suas preocupações estão em BH. Então é uma questão muito complexa, da Universidade como um todo; ela facilita a vida de quem mora fora, paga ônibus para as pessoas virem trabalhar. Então a cidade é esvaziada de compromissos, porque se a Universidade não tem compromisso com o patrimônio, quem vai ter? A mineradora é que não é! A igreja não dá conta, eu trabalho dentro da igreja e vejo as mudanças que aconteceram nos últimos anos, eu faço parte dessas mudanças, a igreja é super engajada hoje em relação ao patrimônio; impressionante como os padres se tornaram “profissionais” entre aspas, no cuidado com o patrimônio nesses últimos

anos. E isso não acontece com a universidade! Uma vergonha! Que Universidade é essa que não se preocupa com a cidade onde ela esta inserida? Que professores são esses, que recebem um salário alto, hoje o salário de um doutor é o salário de um empresário, e eles não se preocupam com a cidade que os pagam? Que Universidade é esta? O papel da Universidade, que deveria ser influenciar a sociedade onde ela esta inserida, não cumpre o seu papel ou o faz de forma tímida. A gente não pode afirmar que não esta porque tem muita gente compromissada, mas não é o compromisso que a Universidade tinha que ter. E como os alunos são passageiros, você vê como a cidade esta sendo tratada, a cidade de Ouro Preto esta se mudando para a região do campus Morro do Cruzeiro. Você vai para a região do campus e é uma outra cidade, que não tem mais nada a ver com o núcleo histórico: lá tem bancos, farmácias, a rua do comércio, hotéis, tudo lá fora. E as pessoas não convivem mais com a cidade! **(Entrevista de Elisa Freixo, 2016)**

Nesse relato, foi mencionada a sobrecarga de responsabilidades e de esforços que recaía sobre a Coordenação do CECAB, assumida por bastante tempo pela Professora Guiomar de Grammont, sendo necessário se envolver em muitos embates, internos e externos, na defesa da continuidade do curso:

E a segunda coisa que eu lamento é a ignorância total e absoluta por parte da Universidade, e aí eu incluo a Pró-reitoria de pós-graduação e a própria Reitoria, com relação à importância do curso, porque sempre pelo o que eu pude ouvir e acompanhar, a Guiomar sempre esteve com a corda no pescoço colocada pelos seus superiores, dificultando ainda mais a atuação dela junto ao curso, dificultando ainda mais a existência do próprio curso. Não bastasse o antagonismo interno do IFAC por parte dos professores do curso de graduação em Filosofia, a falta de vontade política de que esse curso fosse algo interessante, eu acho que pesou bastante, gerando um desgaste que sempre incidia, evidentemente, nas costas da própria Guiomar, que em determinados momentos, para defender o curso, teve que passar por desgastes pessoais extremamente indesejáveis e desagradáveis. Então, essa é a outra coisa que eu lamento profundamente: que a UFOP, em tempo hábil, que a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e a própria Reitoria não tenham reconhecido devidamente, não tenham dado o devido valor a esse curso, a importância que ele sempre desempenhou em Ouro Preto, em Minas Gerais, no Brasil e até internacionalmente. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016)**

Verificou-se, em opiniões expressas nos depoimentos, que houve desacordo de interesses institucionais, ou mesmo desinteresse, dificultando a continuidade do CECAB, não obstante a

relevância e contribuições proporcionadas pela produção de conhecimentos sobre questões patrimoniais locais e pelo fato de ser ofertado em Ouro Preto. Mesmo que o curso tivesse origem justificada em demandas locais, pela mobilização da sociedade, de instituições e do poder público em busca de soluções para a preservação do patrimônio abrigado pela cidade, isso não assegurou a sustentação e consolidação no formato em que foi planejado: dar as bases de programas de pós-graduação de mestrado e doutorado ou de um Centro de Estudos Avançados de Cultura e Arte Barroca.

É possível inferir que foi formado um coletivo informal de pessoas que vivenciaram o curso, profissionais de instituições, localidades e áreas de atuação distintas, mas que mantinham vinculação afetiva e interesse pela cultura, pela arte, pela preservação e conservação do patrimônio brasileiro. As impressões dos depoentes que experimentaram são memórias compartilhadas, lembranças de experiências vividas no âmbito individual, e reflexos dos sentimentos e das visões do grupo. Buscou-se, pois, reconstituir parte do percurso histórico CECAB por meio da memória desse grupo, apreendida por lembranças de cada um dos entrevistados, com respaldo de informações recolhidas na análise documental: ao se agregarem constituíram boa parte da memória institucional do CECAB.

O Capítulo 3 sistematizou informações e memórias relativas ao CECAB, com intuito de dar visibilidade e valorizar seus aspectos contributivos para o campo do Patrimônio Cultural, no que se referia à qualificação de pessoal especializado e de geração de conhecimentos científicos. Espera-se que esta síntese possibilite mais compreensão sobre a atuação e a relevância do CECAB como dimensão de colaboração e de reflexão inerente ao papel de uma instituição de ensino superior, de caráter público e social.

CAPITULO 3 - PATRIMÔNIO CULTURAL: construções e contribuições



Guignard

“Ouro Preto é um local extremamente privilegiado do ponto de vista geográfico e devido à importância histórica e econômica que teve ao longo do século XVIII e XIX, ele se caracteriza o verdadeiro epicentro do estudo de toda a arte colonial luso-brasileira no âmbito nacional. Eu acho que pesquisas feitas em Ouro Preto, pesquisas aprofundadas sobre a arte, principalmente sobre a arte, arquitetura e urbanismo, poderiam servir, inclusive, de referência para o desenvolvimento dessas mesmas pesquisas em outras partes do país, exatamente por essa riqueza histórica, por essa riqueza patrimonial. (Marcos Hill, 2016)

3 PATRIMÔNIO CULTURAL: CONSTRUÇÕES E CONTRIBUIÇÕES

Em consonância com o que foi exposto no Capítulo 1 desta pesquisa, o CECAB foi criado com o objetivo de promover discussão sobre abordagens contemporâneas a respeito das manifestações culturais e artísticas luso-brasileiras dos séculos XVII, XVIII e XIX e oferecer qualificação intelectual de nível superior, de caráter informativo, reflexivo e específico sobre Cultura e Arte Barroca. Além disso, o curso pretendia contribuir com subsídios teórico-metodológicos para uma efetiva participação da UFOP na análise e na preservação do patrimônio artístico-cultural da região e do país, com um Núcleo de Estudos Superiores sobre o Barroco, muito pertinente a Ouro Preto.

Cabe enfatizar que o CECAB teve sua origem em uma unidade ainda não acadêmica, nos anos iniciais do IAC, um setor com intensa agenda de compromissos institucionais e de projetos implementados, todos direcionados para o tratamento do Patrimônio Histórico e Cultural, como o Projeto de Cadastramento dos Bens da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias de Ouro Preto, vinculado ao Núcleo de Mentalidade e Memória, o Arquivo Fotográfico e as ações extensionistas de artes e artesanato, o Projeto Figurinhas, os cursos livres de Música e de Teatro do Núcleo de Música e de Ação Cultural. Na ocasião, mais especificamente no início da década de 80, a criação do IAC foi importante para que a UFOP, instituída em 1969, se afirmasse de fato como universidade pública na região de Ouro Preto e Mariana. As atividades implementadas constituíam, em parte, a agenda do Programa Cultural, em resposta às demandas apresentadas com o Seminário de Ouro Preto, como foi exposto no Capítulo 2 desta dissertação.

No ano seguinte à sua criação, o CECAB já apresentava, na prática, resultados iniciais com a formação dos primeiros especialistas do país em Cultura e Arte Barroca e o início da produção das monografias de conclusão de curso. Como o público era composto por alunos vindos de outras regiões do país e grande parte já atuava como profissionais em instituições do Patrimônio Cultural, acredita-se que o retorno institucional tenha ocorrido imediatamente, tanto na preparação ou aperfeiçoamento da mão de obra especializada quanto na geração de conhecimentos por pesquisas feitas para as monografias. Assim, Guiomar de Grammont, que participou do CECAB de 1988 à interrupção em 2013, como aluna, professora, coordenadora

e diretora do IFAC, justifica:

O curso foi importantíssimo no Brasil porque a maior parte dos pesquisadores que nele se formou, que nele desenvolveu suas monografias, atua em regiões ou áreas distantes do Brasil e passaram a ter mais consciência da preservação de monumentos artísticos em suas cidades, vários fizeram trabalhos sobre aspectos culturais das suas cidades de origem. Além disso, uma parcela significativa de alunos do curso teve postos importantes no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nos museus brasileiros, enfim, em universidades, nas instituições que tinham ou passaram a ter postos nesses lugares, instituições formadoras de opinião, ou até de políticas públicas de preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional. **(Entrevista de Guiomar de Grammont, 2016)**

O que se pretende a seguir, com base na análise de dados que integram parte desta pesquisa, é delimitar e evidenciar as contribuições ou ações do CECAB na área do Patrimônio Cultural brasileiro, como instituição geradora de conhecimentos para formar recursos humanos e fomentar pesquisas.

3.1 Especialistas para o Patrimônio Cultural

Esta análise do CECAB indicou a formação de 210 especialistas em Cultura e Arte Barroca. Esse número corresponde ao montante de alunos que cumpriram as exigências formais, finalizaram as etapas avaliativas, entregaram as monografias e receberam o certificado de conclusão de curso. Mas no acervo da Biblioteca do IFAC constam 200 títulos dessas monografias e as demais foram identificadas na pesquisa feita nos arquivos do curso.

Conforme foi relatado no Capítulo 2, muitos dos alunos, nos anos iniciais do CECAB, eram funcionários de instituições da área do Patrimônio Cultural, como IPHAN, Fundação Pró-Memória, IEPHA e, em diversas regiões, Universidade, Prefeitura, Secretaria de Cultura ou atuavam de forma autônoma (artistas, historiadores, engenheiros, arquitetos, restauradores e outros). Para se ter ideia, na primeira turma do curso, de 46 alunos que possuíam a documentação completa nos arquivos, apenas 3 não exerciam atividade diretamente relacionada a Patrimônio Cultural. Essa configuração foi sendo mudada com o passar do

tempo, os perfis dos candidatos foram se diversificando, mas prevaleceu a presença majoritária de historiadores, arquitetos, artistas plásticos e professores de Educação Artística, diretamente ligados ou muito próximos à área de Patrimônio Cultural. O curso foi uma oportunidade de aperfeiçoamento e de qualificação profissional, em uma área intrinsecamente relacionada ao Patrimônio Cultural, conforme foi evidenciado em depoimentos.

Pois é, foi em busca disso mesmo porque eu já trabalhava no Museu da Inconfidência na área de documentação histórica. Mas, acontece também que, dentro do Museu a gente acaba participando de outras atividades que ele desenvolve, então, esses conhecimentos são importantes; conhecer, ampliar os conhecimentos. Então eu optei por fazer o curso nesse sentido: por ser uma funcionária de um museu, por trabalhar com documentos históricos, na época, com a biblioteca aqui a gente recebia muitos pesquisadores; então, tudo isso me levou a tentar buscar mais conhecimento, ampliar os meus conhecimentos. É uma área que eu gosto muito, então, foi um investimento pessoal e profissional também.

Estudando melhor a arte, história, costumes sociais, conhecendo melhor, tudo isso ajuda no desempenho profissional, porque é como eu te falei, a gente não trabalha só com documentação, atendendo pesquisadores, mas a gente faz outros trabalhos no Museu. Eu já participei de pesquisas, por exemplo, para elaboração de textos para o Museu, alguns textos para montagens de exposições, quer dizer, as atividades da gente vão se ampliando. Então eu penso assim: todo conhecimento que eu puder adquirir para me enriquecer, para eu procurar desenvolver o meu trabalho com mais consciência, eu sempre busquei isso e o curso, então, me ajudou nisso, na tomada de consciência da arte, do barroco, da cultura, da História de Ouro Preto. **(Entrevista de Sueli Perucci, 2016)**

Profissionais de instituições que tinham como missão a salvaguarda do Patrimônio Cultural, como o IPHAN, IEPHA e similares, viram no CECAB uma oportunidade para a atualização de conhecimentos, numa perspectiva mais aprimorada de abordagem sobre Arte e Cultura do Período Colonial.

Bom, eu optei por fazer o curso, primeiro porque eu tinha acabado de chegar a Ouro Preto, eu vinha [do IPHAN] de Diamantina e achei que poderia ser um instrumento para melhorar a minha capacidade de trabalho, trazer um instrumental melhor para o meu trabalho, então foi por isso que eu optei por fazer o curso. Algumas pessoas já tinham feito, já tinham falado dos professores, das cadeiras e era uma área que eu sempre gostei, eu achei que

poderia ser importante para o meu desenvolvimento profissional. Eu já era funcionária do IPHAN, estava atuando em Diamantina, eu já estava na instituição há uns 10 anos. Então isso para mim foi bem importante mesmo e tive a facilidade de, por ser do IPHAN, teve uma cota de vagas para o IPHAN, pelo menos era essa a informação, então, juntou a fome com a vontade de comer e aí eu consegui ser aceita no curso.

Sim, ele contribuiu sim, porque ele trabalhava com todas as áreas, com a arquitetura, com a filosofia, com a música, as artes, com a história... Ele ampliava a sua visão para esse objeto, para meu objeto de trabalho que, no caso, passava a ser Ouro Preto. Então, eu passei a entender melhor, a partir do momento em que eu tinha esses diversos conteúdos sendo trabalhados, era uma carga teórica muito grande, muito diversa, que fazia com que a gente ampliasse o olhar. Eu acho que uma pessoa que passa pelo curso nunca mais entra numa cidade e olha essa cidade, um núcleo barroco, com o mesmo olhar; ela já olha observando todas essas áreas que foram trabalhadas; você não consegue chegar e olhar só pela questão estética, mas você olhar também pela questão artística, pela questão histórica.

Eu tive essa vontade de fazer o curso porque sabia que ele era o único que existia com esse tema. E se eu trabalho no IPHAN, se eu lido com esse objeto, eu tenho que me especializar nele e ele [o curso] me dava essa possibilidade. **(Entrevista de Simone Fernandes, 2016)**

Alunos que atuavam profissionalmente em instituições de preservação patrimonial buscaram o curso por demanda pessoal de melhoria de habilitação, além de expansão e aprofundamento de conhecimentos e atualização de aprendizado adquirido na graduação.

... a primeira coisa que lembro com mais clareza, eu já trabalhava no IPHAN quando eu fiz o curso, já era funcionária do IPHAN na época. Mas o curso me trouxe muita informação, informação mesmo, que eu não tinha tido antes nem como arquiteta, nem como funcionária do IPHAN. Então, o curso me trouxe muita informação no campo teórico sobre a arte e cultura barroca. Foi muito rico e foi para sempre. Acho que a partir daí a minha visão sobre esse período ampliou muito.

Eu já trabalhava no IPHAN como arquiteta e sentia que precisava de mais informações sobre a questão do barroco, e é claro que a gente sempre estava buscando qualificação. Então foi uma oportunidade de qualificação, mas foi muito voltado para a minha questão profissional mesmo, de precisar mesmo. Tem alunos nossos da Conservação e Restauro [do IFMG-OP] que já fizeram o Barroco. Então eu acho que [o CECAB] tem um papel muito

importante na formação de profissionais, por essa ampliação do conteúdo, que nenhum curso tem esse tipo de conteúdo, agrega esse tipo de conteúdo que o Barroco permite, que ele propicia. Eu acho que ele contribui muito sim, sinceramente. **(Entrevista de Cristina Simão, 2016)**

O CECAB atraiu pessoas que atuavam na área de conservação e preservação patrimonial, especialmente restauradores, pois aprimorava a capacidade de observação, percepção e crítica em relação ao seu universo de atuação profissional, como pode ser percebido neste depoimento:

E quando ele [o CECAB] volta à ativa, em 2004 e vi a possibilidade de fazê-lo, eu, na verdade, fiquei instigado porque já havia tido uma experiência, pela minha formação em História, pelo curso técnico [Curso Técnico de Conservação e Restauo] que havia feito na FAOP, na área de restauração, pela minha atuação na área de restauração no Museu da Inconfidência, onde eu já estava atuando desde 1996. Quer dizer, em 2004 eu já tinha 8 anos de experiência como profissional na área de restauração e o curso do Barroco poderia me mostrar uma outra forma de ver a questão do patrimônio, a questão do próprio barroco e a inserção dele na vida das pessoas e na vida da identidade local. Esta foi uma das minhas expectativas em relação ao curso, que, de fato, quando fiz o curso, com as disciplinas e tudo mais, eu percebi exatamente isto: primeiro, mesmo eu tendo um curso de História, um curso técnico em restauração, mesmo tendo vivenciado algumas disciplinas como história da arte, a própria iconografia cristã, no curso do Barroco e com alguns professores, eu acabei descobrindo outras frentes, outras possibilidades, que foram construídas pelo Período barroco. E a importância, na verdade, é isso, eu acho que identifiquei outras importâncias no barroco que iam além da questão de uma estética, de um imaginário, ou até mesmo de uma arquitetura, da cidade e tudo mais. Isso foi um ponto que eu trago comigo e que foi um ponto que descobri, de fato, nessa formação do Barroco. **(Entrevista de Edson Fialho de Rezende, 2016).**

A pesquisa realizada para a monografia de conclusão de curso era um momento em que os alunos tinham oportunidade para refletir sobre a atuação profissional e buscar respostas para questionamentos, orientados por novas informações e conhecimentos. Era o momento de sintetizar o aprendizado recém-adquirido por meio do conteúdo teórico das aulas, das leituras de extensas bibliografias e da prática, nas visitas aos sítios e acervos históricos. O curso possibilitava, de maneira geral, uma provocação, um estímulo à reflexão, uma instigação, segundo os depoentes:

...depois da passagem pelo curso, porque uma das exigências é a realização de uma monografia, de um trabalho para concluir o curso e quando eu estava naquele processo de escolha, de que assunto trataria essa monografia, como eu iria construir esse trabalho, eu me identifiquei com uma coisa que foi, de fato, um pouco do resultado do trabalho, que foi sobre o sentido de preservação de um patrimônio material, seja ele religioso, arquitetônico, ou um bem móvel como uma escultura, uma pintura e tudo mais. E na minha profissão, eu estava atuando profissionalmente já há alguns anos na área da preservação e na área da restauração, mas com algumas, ou várias interrogações sobre o sentido desse trabalho, se esta minha função, ou se a preservação desse patrimônio que estava sob a minha responsabilidade de cuidar, de interferir e tudo mais, se não era acessado pela população em geral. Porque isso é uma questão que trago comigo, eu acho que isso precisa ser pensado, sobre a questão do acesso a esse conteúdo, a essas informações, da produção artística deste período que nós temos aqui, que existe um investimento muito alto com relação à preservação disso. **(Entrevista de Edson Fialho de Rezende, 2016).**

Há também reflexão sobre a apropriação e o acesso público aos bens culturais preservados como patrimônio.

... E isso, de certa forma, sempre me incomodou muito porque eu sempre vejo, e via na época, um processo, as limitações das pessoas com relação ao entendimento do que se trata isso, do que se trata esse período, esse estilo e essa produção dessa época. É claro que eu vejo que isso está associado a um processo cultural, as falhas na educação da população em geral, é um processo mais complexo, é um problema econômico, que eu vejo, que identifico de forma muito clara e foi isso que instigou a produção do meu trabalho final, a minha monografia. É que, na verdade, a preservação de um acervo, a preservação da produção do Período barroco, só se justifica se for, de fato, apropriada pela população. E esse processo de apropriação dessa cultura, dita como importante, como referência, de uma identidade nacional, ele só é possível a partir do processo educacional, de um processo que deve atingir não só a região, que deveria, a princípio, atingir todo o território nacional, seja na educação formal, seja na educação não formal, para que, de fato, a população brasileira possa se apropriar disso, apropriar de forma correta, de um patrimônio nacional, intitulado nacional. É isso que eu acho. **(Entrevista de Edson Fialho de Rezende, 2016).**

A maioria dos alunos era ou ainda seriam professores universitários, mas havia muitos ligados ao Patrimônio Histórico, além de restauradores e outros profissionais, que trabalhavam com técnicas de conservação e restauro das artes e de acervos de arquivos locais e de outros lugares do país. Por

exemplo, me lembro de uma moça que restaurava muito competidamente uma imagem de Nossa Senhora da igreja de Cachoeira do Brumado [Distrito de Mariana]. Me lembro do dia em que fomos todos lá, para ela colocar a imagem restaurada no altar. **(Entrevista de João Adolfo Hansen, 2016).**

Para alguns alunos o CECAB foi significativo por ser capaz de impulsioná-los para outras perspectivas, para novos estudos sobre a temática do Barroco, em pesquisas mais elaboradas e até transformadas em dissertações e teses.

Então, o curso foi um divisor de águas na minha vida acadêmica. Eu passei a me interessar por Filosofia da arte a partir desse curso. Curiosamente, o retorno ao tema do Barroco na minha vida se deu depois, quando assumi a coordenação do curso, já com outro corpo de professores, que já estava aqui antes da minha chegada como Coordenadora, notadamente o Professor João Adolfo Hansen, que orientou o meu doutorado na USP. **(Entrevista de Guiomar de Grammont, 2016).**

Para outros o significado do curso teve uma dimensão de experiência e aprimoramento pessoal.

Então, foram tantos os retornos importantes, tanto do ponto de vista do meu amadurecimento como pessoa, como do meu amadurecimento como profissional. E isso só se deu, exatamente, por causa da natureza desse curso, o fato de ter esse interesse focalizado na cultura e na arte colonial, o fato dele acontecer em Ouro Preto, o fato de ele ser concentrado, ter essa carga horária concentrada e o fato da existência de ele ter se estendido, de ele ter acompanhado o meu próprio processo de amadurecimento humano e profissional. Junte-se a tudo isso o amor, a paixão que eu tenho por tudo que se diz respeito à cultura, à arte, à preservação, à conservação do patrimônio brasileiro e, especificamente, do patrimônio cultural mineiro que é, eu não preciso repetir porque todo mundo sabe, o patrimônio colonial mais importante do Brasil, por causa não só da sua quantidade, mas da sua qualidade e da sua concentração numa única região geográfica. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016)**

Deve-se ressaltar a participação de professores, do Ensino Fundamental ao Superior, de escolas públicas e particulares, na condição de alunos. No exercício de suas funções, no magistério, tiveram a oportunidade de disseminar conhecimentos adquiridos no CECAB.

...esse curso teve um papel muito importante na formação de recursos humanos relativos ao patrimônio cultural porque quando você fala em patrimônio cultural está falando de arte, está falando de educação e de uma série de atividades que muitas vezes, inclusive, se interligam, como a música, o teatro, o cinema, a dança e, principalmente, das possibilidades de armazenamento desses conhecimentos produzidos nessas áreas e a transmissão desses conhecimentos. Como o curso tinha como principal vocação servir a um público alvo basicamente de professores, a partir daí a função dele passa a ser fundamental nesse processo de formação. Professores que durante os seus períodos de férias, janeiro e julho, se dispunham a fazer o curso, cumprir a carga horária, desenvolver pesquisas e, posteriormente, apresentar uma monografia. Você mesma já fez um levantamento da quantidade de monografias que se desdobraram em mestrados e doutorados e cujos autores acabaram tendo ocupações bastante importantes em várias instituições acadêmicas e de pesquisas do país. **(Entrevista de Marcos Hill, 2016)**

Conforme pode ser comprovado em relatos apresentados, o CECAB teve grande relevância e significado para a atualização e a qualificação acadêmica de profissionais que já se encontravam atuando profissionalmente no campo do Patrimônio Cultural. Boa parte das monografias de conclusão de curso é produto de atividades, pesquisas e/ou projetos que estavam em andamento nas instituições e foram levados como problemas de pesquisa para serem tratados no âmbito do CECAB, contando com a mediação de um corpo docente de referência.

Ainda que fosse objetivo do curso de pós-graduação *lato sensu* promover qualificação formalizada, ou seja, titulação de especialista, o CECAB foi frequentado por profissionais que buscavam aperfeiçoamento e atualização de conhecimentos na área da Cultura e da Arte Barroca, sem a busca de certificados.

Em conformidade com informações do Capítulo 2 o CECAB agregou pessoas que traziam experiências e conhecimentos sólidos e diversificados, o que muito contribuiu para o enriquecimento dos debates que aconteciam na sala de aula, nas visitas e nos seminários. Dos discentes, quatro eram doutores, quinze eram mestres e quarenta e oito possuíam especialização. Embora não tenha sido feita sondagem para se detectar esse público específico, foi possível reconhecer nominalmente alguns profissionais que frequentaram e atuavam na área do Patrimônio Cultural. Foram detectados alguns que ocupavam cargos de

relação direta com questões patrimoniais, como secretários municipais de Cultura, de Educação, de Obras, advogados, arquitetos, padres, guias turísticos.

3.2 A produção de conhecimento científico

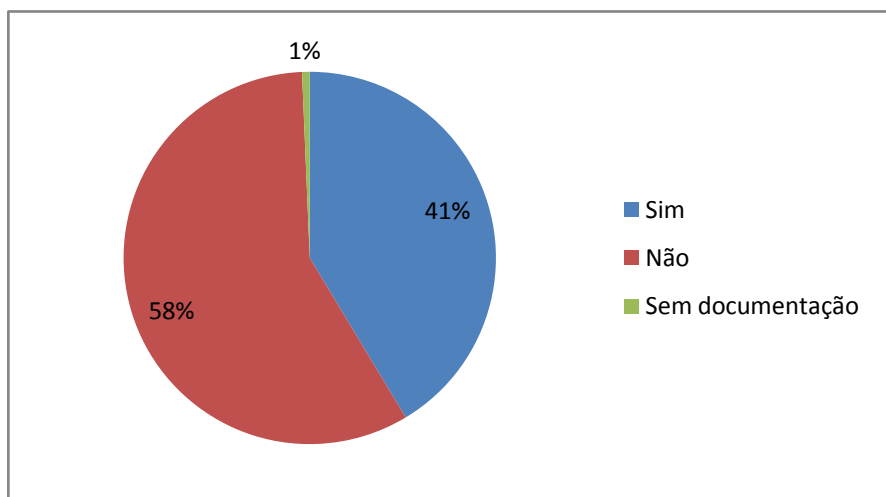
Uma das proposições que subsidiaram os objetivos desta pesquisa foi verificar e evidenciar a contribuição do CECAB na produção de conhecimento científico em Patrimônio Cultural. Para esta etapa da pesquisa, recorreu-se, primeiramente, às monografias de conclusão de curso, que retratavam os resultados das pesquisas desenvolvidas pelos alunos com base em conhecimentos adquiridos em sala de aula, visitas técnicas, seminários, debates, intercâmbio dialógico entre professores e colegas e envolvimento pessoal com a leitura da bibliografia obtida e ampliada. Depois foi feita uma prospecção para identificar que monografias foram transformadas em pesquisas de mestrado e de doutorado ou se tornaram livros, como indicativo de que houve progressão da pesquisa inicial efetuada para a monografia de conclusão do CECAB. Outra prospecção foi feita, na Revista do IFAC, publicação criada para disseminar as pesquisas realizadas no ambiente do curso, principalmente de alunos, docentes e colaboradores externos. Entende-se que esses recursos de pesquisa, instituídos e amplamente utilizados como fontes de informação em Cultura e Arte Barroca, constituem uma síntese do que foi a produção científica do CECAB.

3.2.1 As monografias do CECAB

Nos anos iniciais era exigido do candidato ao CECAB um pré-projeto de monografia com previsão de prazo de entrega em até um ano após o término das disciplinas, o que implicava 18 meses. Pelo que se percebe pelas datas, esse requisito não foi cumprido com rigidez e era permitida a extensão do prazo de entrega do trabalho final, exigência regimental para obter o certificado de conclusão do curso. A produção de monografias do CECAB totalizou cerca de 200 títulos (ANEXO 5), sendo que as concluídas a partir de 2008, depositadas na Biblioteca o IFAC, estão em formato impresso e digital e indexadas no Repositório Institucional da UFOP.

No recorte temporal em que se deu a pesquisa, de 1985 a 2009, verificou-se que 41% dos alunos matriculados concluíram formalmente o curso e apresentaram a monografia, conforme pode ser visualizado no Gráfico 6.

Gráfico 6- Total de discentes que apresentaram a monografia



Fonte: Da pesquisa, 2016.

Na análise desses resultados, conclui-se que era substancial a porcentagem de discentes que não apresentaram a monografia final, ou seja, 58%, mas, ao retornar às planilhas que sintetizam e retratam o contexto do CECAB, verificou-se que, nos anos iniciais, houve incidência maior de pessoas que frequentaram o curso parcialmente, possuíam titulação superior à de especialista e atuavam no mercado de trabalho. Observou-se também que havia maior número de discentes vindos de outros estados que, muitas vezes, compareciam apenas a um dos módulos ou tinham frequência irregular.

Ao refletir sobre esse contexto em busca de analisar os resultados, observou-se ser possível inferir que, no período pesquisado, especialmente nos anos iniciais do CECAB, as pessoas estavam em busca de aprimorar e aprofundar conhecimentos na área da Cultura e Arte Barroca, sem ter, contudo, o desejo de obter o título de especialista. Outra possibilidade seriam impedimentos de motivação pessoal ou profissional, haja vista que muitas tinham vinculação empregatícia e, possivelmente, impedimentos para concluir a carga horária exigida

para obtenção do título. Verificou-se também que, ao perder o financiamento de bolsas de estudo da Capes e da Finep, muitas deixaram de frequentar o curso, em especial as que vinham de outros estados ou de cidades mais afastadas. Outra suposição é que durante as duas primeiras décadas não era permitido comparecer ao curso em períodos alternados, ou seja, havia certa rigidez no cumprimento do regulamento, em que a periodicidade era estabelecida em semestres sequentes, ou seja, janeiro e julho ou julho e janeiro. Verificou-se ainda que, no período de 1992 e 1994, houve mudança na direção do IFAC e da gestão do CECAB, ocorrendo alterações no regulamento e redução do número de alunos para, no máximo, 15, sendo que, no período linear da pesquisa, a média observada era de, aproximadamente, 25 alunos por curso.

Cabe ressaltar que, surpreendentemente, o período da primeira interrupção, de 1999 a 2003, não interferiu na demanda pelo curso, permanecendo a média de alunos, o que indica que as pessoas continuavam tendo interesse pelo CECAB. Só ocorreu queda substancial no último pesquisado, o XVII Curso, oferecido em julho de 2008 e janeiro de 2009, quando o quadro de discentes foi era de 14 e apenas 3 apresentaram a monografia.

Dando continuidade às análises de dados a pesquisa nos documentos dos arquivos do CECAB mostrou que os procedimentos de orientação e a avaliação das monografias tiveram várias alterações. Nos cursos iniciais, a avaliação acontecia de forma colegiada, sendo que cada professor avaliava a pesquisa do aluno na perspectiva da disciplina ministrada e, ao final, era atribuída uma média, com as devidas sugestões de alterações e/ou elogios ao trabalho. Posteriormente, a avaliação ficou a cargo do orientador, que fazia parte do corpo docente, mas depois se tornou possível ser um professor externo indicado pelo aluno, mediante apresentação do currículo e da carta de apresentação do professor. Não foi identificado, no entanto, nenhum documento que indicasse que era feita avaliação do orientador externo pelo grupo de professores do curso ou pela coordenação. Também não foi encontrado nenhum indício de que eram efetivadas as correções sugeridas pelos avaliadores, uma vez que os exemplares depositados na Biblioteca do IFAC eram originais, isto é, não havia exemplares corrigidos após a avaliação. As monografias mais recentes apresentavam a folha de avaliação do orientador, com atribuição de notas ou com indicação de conceitos. Essas variações

indicam que a questão das orientações e avaliações das monografias era uma das fragilidades do curso, também apontada por diversas vezes nas avaliações feitas pelos discentes.

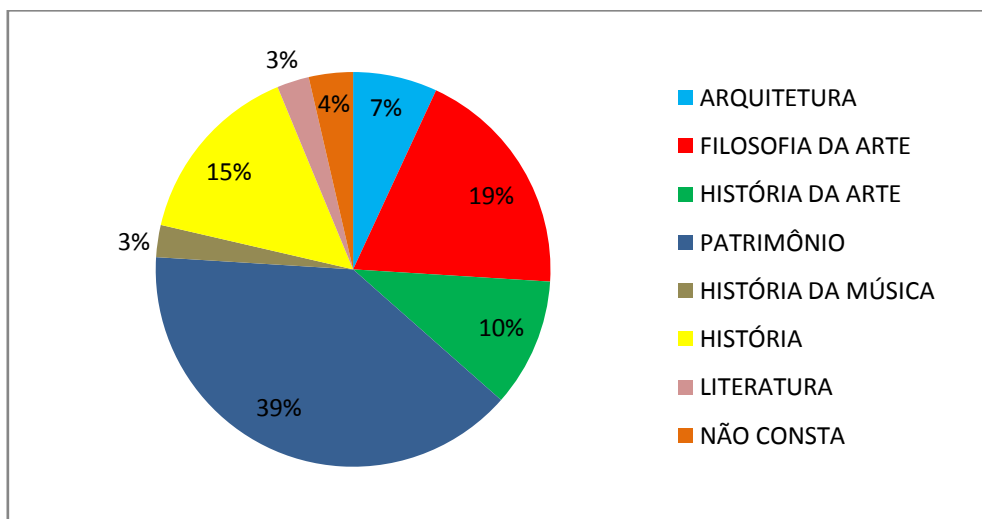
Apesar dos problemas de padronização e avaliação, as monografias do CECAB constituem um acervo de grande relevância e interesse que tem subsidiado muitas pesquisas na área patrimonial, e vem sendo utilizado com frequência por pesquisadores internos e externos à UFOP, vindos de áreas diversas, razão pela qual se tornou um conjunto de material de referência na Biblioteca do IFAC. Alguns desses trabalhos são considerados do nível de uma pesquisa de mestrado, no que se refere à qualidade e exclusividade temática, de questões ainda não abordadas em pesquisas científicas, como observou um dos professores e orientadores do CECAB:

Desde o início do curso, em 1993, eu me reuni inúmeras vezes com alunos, em grupo ou individualmente, para discutir e orientar projetos de pesquisa. Desde o início, li textos de projetos, artigos, ensaios, mestrados que eles faziam, fazendo críticas, sugerindo alterações, propondo e emprestando bibliografia, etc., etc., etc. No IFAC, orientei 8 monografias; algumas delas foram muito boas e mesmo excelentes. Facilmente poderiam ser defendidas como ótimos mestrados, se o curso de Pós existisse. **(Entrevista de João Adolfo Hansen, 2016).**

Nesta etapa se pretende evidenciar os temas gerais das pesquisas realizadas pelos discentes do CECAB para a efetivação das monografias de conclusão de curso. Ressalta-se que os temas são os cabeçalhos de assuntos utilizados no trabalho de indexação para a inserção das monografias no acervo e na base de dados bibliográficos do SISBIN/UFOP. A indexação dos assuntos trata a grande variedade de temas que foram abordados nessas pesquisas, centrados na questão da Cultura e da Arte Barroca, e as suas mais variadas nuances, descritas como subcabeçalhos, ou seja, os assuntos estão decompostos de forma mais detalhada, mais específica.

O Gráfico 7, a seguir, mostra as áreas de conhecimento de que tratam as monografias do CECAB.

Gráfico 7- Áreas de conhecimento das monografias



Fonte: Da pesquisa, 2016

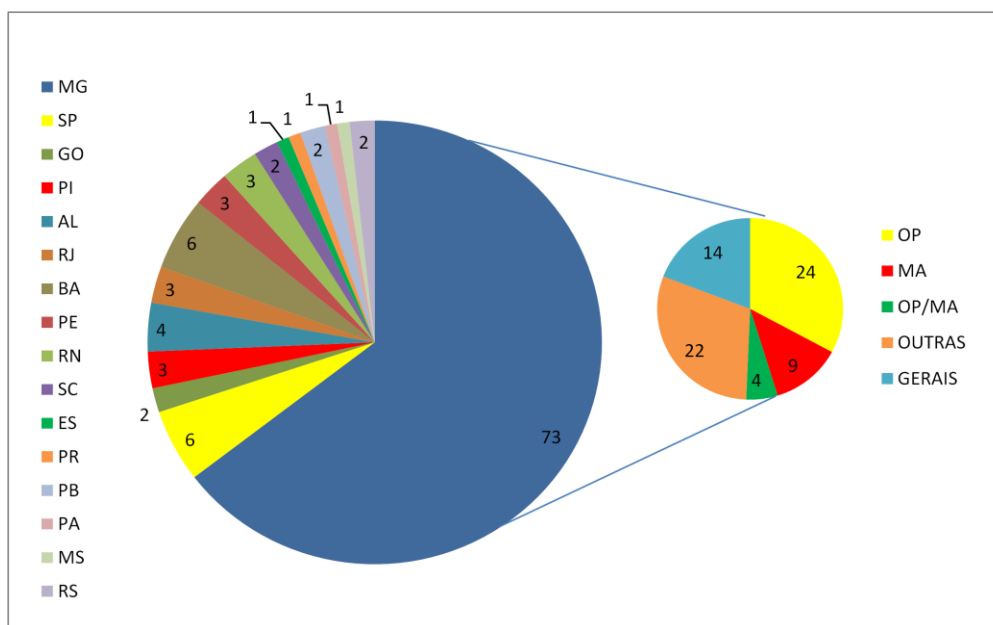
Por ser indexação dos assuntos gerais, estão agrupadas na terminologia Patrimônio todas as monografias que tratam de Patrimônio nas mais variadas modalidades, como Patrimônio Cultural, Histórico, Artístico, Preservação, Restauração, Educação Patrimonial, Legislação Patrimonial, etc. Este resultado sintetizado dos dados demonstra a hegemonia das temáticas relativas ao Patrimônio, tratadas nas pesquisas realizadas para a elaboração das monografias, o que contribui para reforçar a ideia de que o CECAB foi relevante para o avanço desta área.

Continuando a pesquisa, achou-se pertinente verificar a concentração dos chamados assuntos geográficos, que, na linguagem técnica da área de Biblioteconomia, quer dizer, de maneira sucinta, a localização geográfica da qual trata uma pesquisa ou onde está localizado o objeto da pesquisa. Essa vertente da investigação foi feita para verificar o pressuposto de que o aluno do CECAB, ao vir para Ouro Preto, trazia uma questão problemática de sua localidade de origem para ser investigado na elaboração da monografia. O resultado foi surpreendente, pois o estudo revelou que 14 dos 16 estados de origem dos alunos do CECAB coincidiam com as localidades encontradas nos assuntos geográficos das monografias, demonstrando ser tratada uma questão da cidade de origem.

Pelo Gráfico 8, mostrado a seguir, 73% das monografias trataram de questões relacionadas ao Estado de Minas Gerais, o que foi coerente e previsível, pela grande concentração de cidades históricas, monumentos e acervos do Período Colonial brasileiro.

Avançando-se um pouco mais, o Gráfico 8 mostra das monografias que tratam de Minas Gerais 24% foram pesquisas que tratavam de Ouro Preto, 22% de outras cidades mineiras, 9% de Mariana e 4% de Ouro Preto e Mariana. O restante, ou seja, 14% foram pesquisas que abordaram Minas Gerais de maneira geral.

Gráfico 8– Assuntos geográficos das monografias



Fonte: Da pesquisa, 2016.

Refletindo sobre os resultados espelhados no Gráfico 8, a abrangência geográfica das pesquisas, que mostra o alcance do curso em termos regionais, teve grande significância para a extensão dos conhecimentos sobre o Patrimônio Cultural, pois foram realizadas pesquisas em mais da metade dos estados brasileiros. Ao possibilitar estudos de localidades, assuntos e monumentos até então praticamente desconhecidos, as pesquisas feitas para as monografias do CECAB mostraram que o curso, por ter atraído pessoas de regiões distintas, permitiu agregar novos conhecimentos e reflexões sobre a diversidade e riqueza cultural existente no país.

Graças ao CECAB, foi possível colocar em evidência as “imagens sacras de igrejas localizadas em Oeiras”, no interior do Piauí, as “reminiscências de um núcleo minerador em Nova Lima”, Minas Gerais, os “esquecidos chafarizes de Ouro Preto”, as “fortificações de

Silva Paes na Ilha de Santa Catarina”, a “evolução dos frontões na arquitetura dos jesuítas no Espírito Santo”, os “retábulos em pedra calcárea nas igrejas de João Pessoa”, na Paraíba, a “evolução do barroco em Alagoas”, a “arquitetura residencial e urbana no Rio Grande do Sul Colonial”, o “inventário das imagens do Museu de Arte Sacra de Natal” no Rio Grande do Norte. a “Casa das Sete Mortes de Salvador” na Bahia e “alguns aspectos da talha e imaginária barroca”, em Olinda.

Foi também por meio das monografias do CECAB que se conheceram melhor “os pintores e entalhadores no Rio de Janeiro setecentista”; a “arquitetura de Trindad”, no Paraguai, a “irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Sabará”, a “influência de estilos na imaginária do Seridó”, no sertão de Sergipe, as “representações iconográfico-musicais na imaginária religiosa de Ouro Preto, Mariana e distritos, o “São João Sebastião da Cacimba”, no Mato Grosso do Sul, a “Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo de Itu”, em São Paulo, a “Vila da Boa Morte”, em Goiás, o “acervo do Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Curitiba” no Paraná, a “deterioração de uma escultura setecentista” em Ouro Preto e os “usos e costumes do mobiliário nas Minas setecentistas” bem como muitos outros estudos sobre a Cultura e a Arte Barroca luso-brasileira.

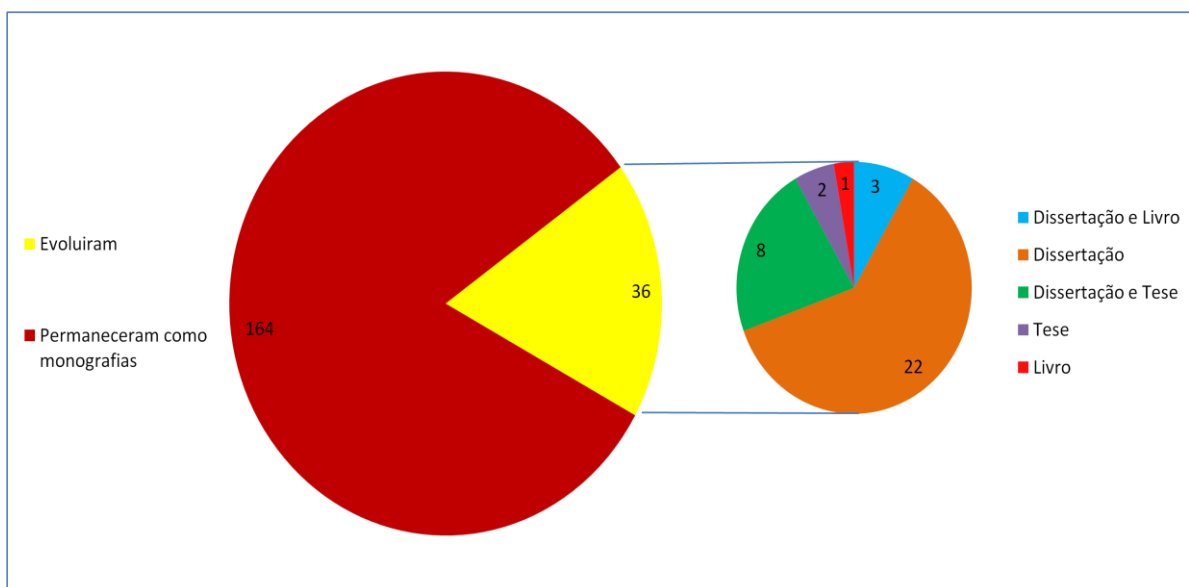
Essa foi uma amostra da diversidade de temas e do alcance territorial das pesquisas desenvolvidas no CECAB, lembrando que 200 monografias foram produzidas durante a permanência do curso. Entende-se que, nesse ponto, a pesquisa revela a contribuição do CECAB para o estudo de questões relativas ao Patrimônio Cultural brasileiro, algumas abordadas e conhecidas pela primeira vez nas pesquisas realizadas para a elaboração das monografias. Sendo assim, confirma-se o pressuposto de que o CECAB desempenhou papel importante na tratativa do Patrimônio Cultural, pois possibilitou a abertura de caminhos para a realização de pesquisas e de geração de conhecimentos neste campo específico. Afirma uma das professoras:

As monografias foram um dos aspectos mais positivos, eu diria. Foram produzidas monografias sobre os mais diferentes aspectos da cultura e da arte barroca do Brasil, não só dos monumentos, do patrimônio artístico, mas também o patrimônio imaterial do Brasil foi abordado nessas monografias. Então, os benefícios, as contribuições para a cultura brasileira desse curso eram enormes! **(Entrevista de Guiomar de Grammont, 2016).**

3.3 O alcance acadêmico das monografias

Em continuidade, foram sistematizados os dados relativos às monografias do CECAB que foram transformadas, posteriormente, em projetos de pós-graduação de diversas universidades, em pesquisas de mestrado e doutorado, e as que foram publicadas como livros. Conforme foi descrito nos procedimentos metodológicos, esta etapa exigiu um trabalho minucioso de busca em diversas bases de dados digitais e catálogos de bibliotecas de universidades brasileiras. É possível que encontre número maior de pesquisas acadêmicas a ser detectado se fossem utilizados recursos de busca de informações mais sofisticados em relação aos que foram adotados nesta pesquisa. Nos limites colocados foram identificadas 34 dissertações, 10 teses, inclusive 3 defendidas em instituições estrangeiras, e 4 livros publicados (ANEXO 6), como mostra o Gráfico 9, a seguir.

Gráfico 9- Alcance acadêmico das monografias:



Fonte: Da pesquisa, 2016

Esta síntese ratifica, de certa maneira, a opinião de um dos professores CECAB que colaborou com a pesquisa: algumas monografias tinham tal nível de excelência que poderiam ser apresentadas em cursos de mestrado. Focalizando-se as que foram publicadas, observa-se que uma monografia foi convertida em livro e três em dissertação de mestrado e, posteriormente,

editadas como livros. O conjunto evidencia que 18% das monografias do CECAB alcançaram os níveis de dissertações, teses e/ou livros.

Compreendeu-se que nesta fase da pesquisa ficou demonstrado o nível de qualidade do CECAB, incluindo a excelência do corpo docente, o conteúdo programático, as metodologias de ensino utilizadas, as condições oferecidas pela ambientação em sítio histórico tido como um laboratório temático, os atributos e interesses dos alunos, enfim, todo o conjunto que constituiu o CECAB, tornando-o terreno fértil e apropriado para a fomentação e o desenvolvimento de pesquisas científicas nas áreas do Patrimônio Cultural. Portanto se entende que o CECAB teve grande relevância e contribuiu para o desenvolvimento científico e a produção de conhecimentos no do Patrimônio Cultural brasileiro.

Agregando-se aos valores vistos, vale colocar em destaque a Revista do IFAC como parte dos elementos constitutivos da memória do CECAB, pois o periódico serviu como recurso informacional e disseminador de reflexões e pesquisas realizadas internamente, sendo agregados a ele experiências e estudos de pesquisadores externos e tornando-se uma das trincheiras que marcaram a existência do curso.

3.4 A Revista do IFAC

Esse periódico teve início em janeiro de 1987, quando ainda havia Instituto de Artes e Cultura (IAC), portanto o número 0 tem o nome de Revista do IAC, posteriormente alterado para Revista do IFAC, identificada pelo ISSN³⁷ n° 0104-1959.

Foram publicados somente cinco números: n.º 0 (janeiro de 1987), n.º 1 (dezembro de 1994), n.º 2 (dezembro de 1995), n.º 3 (dezembro de 1996) e o n.º 4 (dezembro de 1997), com interrupção determinada por questões financeiras e instabilidade na gestão do CECAB.

³⁷ ISSN – (International Standard Serial Number) é um código de identificação para publicações seriadas, dentre eles os periódicos, para facilitar o intercâmbio de informações. Ele é operacionalizado por uma rede internacional e no Brasil o IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) é a instituição responsável pelo registro de periódicos e atribuição do ISSN. (FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. de. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 9. Ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

A estrutura funcional do periódico compreendia dois ou três editores, entre os quais o diretor, o Conselho Editorial e o Conselho Científico, formado por pesquisadores de instituições brasileiras e do exterior. A partir do segundo número, a Revista recebeu incentivos financeiros da FINEP³⁸ e do CNPq,³⁹ sendo padronizada em conformidade com as normas da ABNT, com bom padrão de diagramação, havendo espaços para manifestações de leitores e normas para a apresentação dos trabalhos a serem submetidos para publicação.

A Revista teve como objetivo inicial ser um periódico de reflexões sobre a Cultura e Arte Barroca de maneira geral, temática que, na época, não contava com um suporte de disseminação de conhecimentos específicos gerados na área. Além dessa função, serviu como meio de expressão dos anseios daqueles que participaram da construção do IAC e divulgação dos projetos e atividades realizadas pelos núcleos que o integravam, uma vez que não era unidade acadêmica. Eram três núcleos, responsáveis por diversos projetos e atividades artísticas e culturais, visando a promover a interação da UFOP com a comunidade externa. Essa conjuntura atípica, ou seja, seis anos após a criação o IAC não ter alcançado o status de unidade acadêmica, foi reportada no editorial do número de lançamento da Revista do IAC:

O Instituto de Artes e Cultura – IAC, foi criado em novembro de 1981, como Unidade da Universidade Federal de Ouro Preto. Não mereceu uma estruturação compatível à responsabilidade conceitual e institucional de unidade Acadêmica com a respectiva área de abrangência em Ouro Preto. A isto se atribuem duas maiores perversidades que atingiram toda a Universidade Brasileira: uma, de caráter estrutural, trata do prolongado esvaziamento e controle das áreas virtuais de maior criticidade, a partir de 64; a outra, da conjuntura de profunda crise da economia brasileira, que vitimou ainda mais a instituição universitária. A primeira dilapidou o pensamento da Instituição, alijou-lhe a efetiva liderança no processo cultural e reforçou o histórico etnocentrismo entre as diversas áreas. A segunda trouxe a quebra de orçamento, o interdito à contratação e ampliação das Unidades, mesmo as recém-criadas. (Revista do IFAC, n.0, jan, 1987, p. 3).

³⁸ FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) é uma empresa de caráter público, criada em 1967, com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico e social do Brasil por meio do fomento público à Ciência, Tecnologia e Inovação em empresas, universidades, institutos tecnológicos e outras instituições públicas ou privadas. Endereço eletrônico: <http://finep.gov.br/>

³⁹ CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) é um órgão de fomento à pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, que tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros. Foi criado em 1951, com o nome de Conselho Nacional de Pesquisas. Endereço eletrônico: <http://www.cnpq.br/>

Essa conjuntura de restrições se prolongou, possivelmente, uma vez que o número 2 só foi publicado sete anos depois, em dezembro de 1994, em comemoração ao 25.º aniversário da UFOP e 13.º de criação do IAC. O Editorial desse número se caracteriza por um discurso mais otimista e confiante, refletindo o momento diferenciado vivido pelo Brasil na década de 90, que possibilitou o início da expansão das universidades públicas brasileiras. Nesse mesmo semestre o IAC foi transformado em unidade acadêmica com a criação do curso de graduação em Filosofia, em agosto 1994, tornando-se depois o IFAC. A partir daí, a Revista se caracteriza como um periódico especializado na área de Cultura e Arte Barroca, tendo regularizada a periodicidade anual, publicada sempre no mês de dezembro.

Parte dos artigos publicados na Revista do IFAC era de autoria de professores e alunos do CECAB, muitos resultantes de pesquisas realizadas para as monografias. Verificou-se também que foram publicados 27 artigos de pesquisadores de instituições externas, sendo cinco de instituições estrangeiras. No total foram publicados 52 artigos (ANEXO 7) sobre diversos aspectos da Arte e da Cultura Barroca, como literatura, música, pintura, arquitetura, história social e da cultura e estética.

A Revista do IFAC foi um canal de disseminação de informação importante no meio acadêmico e científico, dada a especificidade temática, o que pôde ser observado pela quantidade e frequência de citações de seus artigos. De acordo com informações encontradas nas manifestações e cartas de leitores que eram publicados em espaço exclusivo do periódico, a Revista do IFAC teve impacto e receptividade entre os profissionais da área e de instituições, no Brasil e no exterior, o que indicou empenho da equipe em divulgá-la amplamente no meio acadêmico e institucional. Pressupõe-se que essa divulgação tenha alcançado seus objetivos e ampliado a circulação do periódico, pois alguns números foram reimpressos algumas vezes, o que demonstrou o potencial de demanda. Ainda hoje, dezoito anos após ter sido interrompida, os números não esgotados são comercializados em eventos que acontecem no IFAC.

Mesmo que não seja objeto de estudo desta pesquisa fazer uma análise do conteúdo da Revista do IFAC considerou-se relevante destacar duas seções localizadas no número 0,

publicado em janeiro de 1987, que indicam, com clareza, a dimensão e os propósitos que foram projetados para o IFAC na ocasião.

A primeira diz respeito à proposta de criação de um Centro de Estudos Avançados de Arte e Cultura Barroca, de autoria do Professor Moacyr Laterza, ficando demonstrada a dimensão dos propósitos e dos sonhos que nortearam as primeiras iniciativas do IFAC e como foram conduzidas institucionalmente. Essa proposta foi, antes de tudo, um chamamento para que a UFOP assumisse sua função social, política e cultural em Ouro Preto, “cidade que é não só o mais conspícuo, mas também o mais fecundo laboratório de estética e da história da arte no Brasil” (LATERZA, 1987, p. 9).

O autor propõe que o IAC fosse um elemento aglutinador no âmbito da UFOP, no sentido de reunir os esforços e os saberes que se organizavam internamente de forma paralela, e da mesma forma com as demais instituições que atuavam na cidade de forma precária e fragmentada. O Centro de Estudos abrigaria, entre outras funções, a pós-graduação em Cultura e Arte Barroca, com vistas a ser estendido como mestrado e doutorado. Explica Moacyr Laterza:

Pensamos que um curso superior, ao nível da Pós-Graduação, como uma especialização, mestrado (e posteriormente, como doutorado), já significa por si só uma ideia seminal que desabrochará as potencialidades espirituais da comunidade e se fará partícipe dos seus empreendimentos humanísticos. O Centro de Estudos Avançados de Arte e Cultura Barroca trará para a cidade a qualificação intelectual em áreas especializadas de estudo em termos de competência e atualização, com o afluxo programado de mestres e pesquisadores de outros centros universitários. (LATERZA, 1987, p. 9)

A Pós-Graduação em Barroco permitiria ao IAC operar como um centro de irradiação de uma práxis artística e cultural. Isto significa que, através do IAC, a UFOP se vincularia mais diretamente à comunidade de Ouro Preto, fornecendo-lhe subsídios para uma reavaliação do espaço artístico-cultural em que se processa sua existência presente. (LATERZA, 1987, p. 11)

O texto desse filósofo e professor que esteve à frente da equipe que idealizou e implantou o CECAB revela que a intenção era que esse curso de especialização fosse o início de um projeto maior, de vanguarda e ousado, para uma instituição que foi sedimentada a partir de

duas escolas centenárias, a Escola de Minas e a Escola de Farmácia, e até então não contava com um programa sólido e agregador na área das Artes e das Humanidades.

A outra seção do número 0 da Revista do IAC que se quer destacar, denominada Notas, diz respeito aos projetos de atividades que estavam sendo desenvolvidos nesse período e mereciam pesquisa específica, pois foram fundamentais para a questão do patrimônio cultural e histórico de Ouro Preto, mas desativados posteriormente. O primeiro projeto, chamado “Imprensa em Ouro Preto no século XIX”, consistiu no levantamento de periódicos editados na capital da Província, que contava com uma imprensa ativa, participativa e política. O segundo, chamado “Projeto de cadastramento dos bens da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias de Ouro Preto”, vinculado ao Núcleo de Mentalidade e Memória, era demanda para implementação de ações de proteção e segurança do patrimônio das igrejas e capelas da referida paróquia. E o último, denominado “Projeto Figurinhas: Ouro Preto na escola”, realizado com participação da comunidade e escolas da rede de ensino da cidade, integrando áreas da Educação Artística e da Educação Patrimonial, incluía atividades pedagógicas e recreação, tendo como fundo a história de Ouro Preto e a técnica de montagem temática de álbuns de figurinhas. Foi idealizado por Maria Zélia Trindade, a primeira diretora do IAC, e contou com a participação do escritor Bartolomeu Campos de Queirós.

Presume-se que essas iniciativas destacadas podem delinear os planos dos gestores e de suas equipes para o IFAC, a pretensão de torná-lo uma unidade acadêmica, abrigar cursos regulares nas áreas das Artes e da Cultura, mas também transformá-lo em algo maior, em uma instituição de referência na tratativa do Patrimônio Histórico e Cultural, implantando um centro de excelência dos estudos do Barroco. Havia também o propósito de legitimar a UFOP como a guardiã dos saberes e viabilizar intervenções qualificadas em questões relacionadas à região onde ela estava inserida.

Isso posto, é possível assinalar que a Revista do IFAC, além de ser um periódico científico especializado na área da Cultura e da Arte Colonial, foi um recurso para externar os anseios, os projetos, a atuação e as conquistas do IFAC, como o que foi expresso em um de seus editoriais:

O lançamento da Revista do IFAC, a cada ano, é produto dos mais variados esforços no sentido de manter viva a memória das forças plasmadoras do pensamento, das artes, da cultura brasileira em suas matrizes mineiras, coloniais. Sob a conjunção da beleza e do desejo, a orientação estética e histórica da Revista vela, de modo pertinaz, a longa luta para tornar o IFAC uma referência para pesquisadores e outros interessados no tema da arte e da cultura colonial, bem como de fazer deste Instituto um ponto de convergência de todas as ações da comunidade ufopiana direcionadas para a preservação e revitalização de nosso patrimônio educacional, político e cultural. (Revista do IFAC, n. 3, dez. 1996, p.2).

Não obstante a relevância do periódico como recurso de divulgação científica no meio acadêmico e cultural, verificou-se que as dificuldades de captação de recursos financeiros para garantir a periodicidade anual inviabilizaram a continuidade dele. Foram encontradas no arquivo administrativo diversas correspondências dos editores e da Diretoria do IFAC encaminhadas a agências de fomento da pesquisa, órgãos governamentais e empresas, em busca de patrocínio, para dar prosseguimento à publicação da Revista do IFAC, mas os relatórios de atividades demonstram que os esforços não foram suficientes para garantir essa continuidade. Verificou-se também a existência de muitos problemas relacionados ao apoio interno, pois a UFOP contava com serviços precários na área de editoração de suas publicações, o que certamente contribuiu para a interrupção definitiva da Revista do IFAC em 1998, quando seria publicado o número 6.

Concluindo o Capítulo 3, que evidencia as contribuições do CECAB, o que se apreendeu nesta pesquisa foi que, a partir desse curso oferecido pela UFOP, foi agregado ao campo do Patrimônio Cultural brasileiro grande potencial de especialistas e de profissionais devidamente preparados para lidar com questões relacionadas a essa área, em particular, e um contingente significativo de novos conhecimentos sobre a Cultura e a Arte Barroca luso-brasileira.

O trabalho analítico do conteúdo curricular e das diretrizes do CECAB destaca o objetivo de proporcionar um período intensivo de estudos, de reflexões, de experimentos e de vivências sobre a Cultura e a Arte Barroca, concentrado em dois meses de carga horária integral dedicada a aulas teóricas, seminários e visitas técnicas, em um lugar apropriado como laboratório do patrimônio histórico, artístico e cultural brasileiro, Ouro Preto e as demais

idades e sítios históricos da região. Somam-se a esses destaques aspectos qualitativos do corpo docente, formado por professores da UFOP e convidados de diversas instituições, notadamente reconhecidos pela atuação profissional e produção de pesquisa no âmbito do Patrimônio Cultural, e o fato de o CECAB reunir uma grande diversidade de alunos, de formações e regiões distintas.

Esse conjunto de circunstâncias caracterizou o CECAB como espaço propício para a formação de profissionais de postura crítica, com capacidade de produzir conhecimentos e de impactar o campo do Patrimônio Cultural brasileiro. A análise das monografias de conclusão de curso e da Revista do IFAC demonstrou que o CECAB teve produção substancial em termos de conhecimentos científicos, carecendo de estudos específicos para determinar o fator de impacto na literatura da área de Artes e de Patrimônio Cultural. Além do mais, os relatos de profissionais que fizeram parte desse *corpus* formativo, como alunos e como professores, validam os resultados da pesquisa documental e reafirmam a importância do CECAB para o Patrimônio Cultural.

Compreendeu-se, assim, que foi efetivado o propósito que deu origem a esta pesquisa: evidenciar os fatores contributivos do CECAB no que dizia respeito à capacidade de formação de pessoal e de produção de conhecimento científico para o campo do Patrimônio Cultural brasileiro.

Há que se ressaltar que a pesquisa possibilitou identificar, localizar e compilar um conjunto significativo de dados e de informações relativas ao percurso histórico do CECAB, constituindo a primeira memória institucional do curso. A reunião de informações existentes na documentação que se encontrava fisicamente dispersa nos arquivos do IFAC, na Biblioteca do IFAC, em bases de dados digitais e repositórios institucionais, somadas ao conteúdo dos depoimentos de pessoas que participaram ativamente do curso, viabilizou o registro consolidado sobre o histórico institucional do CECAB, uma das principais motivações para se efetivar esta dissertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Guignard

“O curso foi importantíssimo no Brasil porque a maior parte dos pesquisadores que nele se formou, que nele desenvolveu suas monografias, atua em regiões ou áreas distantes do Brasil e passaram a ter mais consciência da preservação de monumentos artísticos em suas cidades, vários fizeram trabalhos sobre aspectos culturais das suas cidades de origem. Além disso, uma parcela significativa de alunos do curso teve postos importantes no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nos museus brasileiros, enfim, em universidades, nas instituições que tinham ou passaram a ter postos nesses lugares, instituições formadoras de opinião, ou até de políticas públicas de preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional.”(Guiomar de Grammont, 2016)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando foi iniciada esta pesquisa sobre o CECAB, sabia-se pouco a seu respeito do ele representou de fato, em termos de ação educativa e formativa de nível superior, e o que ele significou para a área do Patrimônio Cultural brasileiro. No término do trabalho a sensação que se tem é a de ter realizado uma viagem no tempo, de ter vivenciado como uma personagem toda a história do CECAB, triunfos e percalços, anseios, conquistas, frustrações e vitórias.

Por ser um caminho experimentado na condição de aluna, o trabalho foi uma aventura em busca de informações sobre memórias, uma experiência nova, surpreendente, a cada passo dado. Recorre-se mais uma vez a Costa (1997, p. 3): “Se a instituição existe, a memória se plasma. É prenante. Constitui marcas, rastros ou traços que contêm informação. Substâncias formadas. Em estado caótico ou virtual, a informação é sempre embrião: forma e contém informação.” Portanto, um desafio a ser vivenciado.

O trabalho foi uma busca árdua de pistas, rastros e traços, em arquivos, acervos e memórias individuais, uma busca de dados e informações significantes e representativas que pudessem contribuir para o resgate de parte da memória institucional do CECAB. Mas foi também instigante e surpreendente, pois, à medida que a pesquisa avançava, se descobria a riqueza dos dados recolhidos e o potencial do que estava para ser explorado em uma dissertação de mestrado.

Chegando ao final, o entendimento é que a investigação permitiu esclarecer questionamentos que impulsionaram a realização do trabalho, postos como objetivos para balizar a pesquisa, e demonstrou, comprovadamente, que o CECAB foi de grande relevância para o IFAC, para a UFOP, para Ouro Preto e, acima de tudo, para o campo do Patrimônio Cultural brasileiro, por sua colaboração como instância de formação de pessoas e de produção de conhecimentos científicos.

O levantamento de dados evidenciou informações importantes para a recuperação parcial da memória institucional do curso, considerando-se que foi possível conhecer, nos limites do

recorte temporal definido, parte do percurso histórico, a estrutura e o funcionamento acadêmico, o corpo docente e o discente, a contribuição em termos de produção de conhecimentos para o campo do Patrimônio Cultural, em especial sobre a cultura e a arte remanescentes do Período Colonial brasileiro. Por amostragem, a sondagem permitiu conhecer o significado e a repercussão do CECAB na atuação profissional dos especialistas que foram qualificados por meio dele, a importância de ter como sede Ouro Preto e os principais problemas e desafios vivenciados durante o tempo em que funcionou. O arcabouço delimitado no escopo da pesquisa permitiu apontar o contorno possível para as indagações apresentadas inicialmente e apreender, sem pretensão conclusiva, o que significou esse curso de especialização, com temas relativos à Cultura e à Arte Barroca, como instância educativa e de reflexão sobre a temática do Patrimônio Cultural brasileiro, o objetivo principal da dissertação.

Os resultados da primeira etapa da pesquisa demonstraram, sob aspectos diversos, a relevância do CECAB em termos de formação e de atualização profissional, o caráter qualitativo do corpo docente, a diversidade do corpo discente, o conteúdo curricular e métodos de ensino e a importância de ser ministrado em Ouro Preto, que abriga um dos mais importantes acervos barrocos do país. O conjunto de informações forneceu subsídios para legitimar o papel desempenhado pelo CECAB como fundamental e estratégico para constituir um corpo de profissionais qualificados, com capacidade intelectual crítica e conhecimentos atualizados, preparado para cuidar das questões relativas ao Patrimônio Cultural em diversas regiões do país.

Do ponto de vista da análise proposta, o desempenho do CECAB deve ser atribuído, principalmente, ao formato, à especificidade do programa acadêmico, ao nível de qualidade do corpo docente, à pluralidade do corpo discente e ao fato de ter sido sediado em Ouro Preto. Por ser oferecido em regime de imersão, com carga horária condensada nos meses de janeiro e julho, foi facilitada a participação de alunos que estavam no mercado de trabalho e utilizavam as férias para frequentar as aulas presenciais. Configurou-se como atração do curso o conteúdo curricular, concentrado na abordagem da Cultura e da Arte Barroca, tendo Ouro Preto como espaço para as atividades práticas, um sítio histórico privilegiado, e uma vasta opção de recursos didáticos e de aprendizagem sobre o Patrimônio. Cabe lembrar que a sede

do curso é um dos pontos turísticos mais visitados do país, o que não deixou de ser um atrativo para os que viam no curso uma possibilidade de conhecer Ouro Preto e apreciar a programação cultural, mais intensificada no período de férias escolares.

Como recurso para confrontar e atestar as informações extraídas da documentação arquivística foram agregadas informações coletadas nas entrevistas realizadas com alunos e professores do curso, garantindo-se mais consistência e confiabilidade dos resultados. Os testemunhos dos atores que vivenciaram a experiência do CECAB reafirmaram que o curso foi de grande valia para o campo do Patrimônio Cultural nos seguintes aspectos: formação de especialistas, atualização de conhecimentos dos profissionais que já exerciam atividades em instituições ligadas à área, aprofundamento e domínio da história da arte luso-brasileira, em especial a Cultura e a Arte Barroca e, principalmente, constituição de um corpo de profissionais com capacidade analítica e intelectual de nível elevado, preparado para tratar dos mais diversos campos do Patrimônio Cultural.

Entre as características positivas do CECAB, o nível de qualidade intelectual e profissional dos docentes foi uma referência unânime indicada pelos entrevistados, um dos pontos que o legitimaram como um curso com capacidade de agregar novos conhecimentos, novas abordagens no tratamento da Arte em geral, de provocar debates instigantes e de despertar nos alunos um olhar mais crítico em relação à estética e ao conceito de Barroco. Outra particularidade apontada como positiva pelos entrevistados foi a diversidade dos alunos, muitos com sólida experiência profissional, oriundos de várias instituições e regiões do país, o que muito contribuiu para criar um ambiente propício para trocas de experiências e saberes, um dos diferenciais do curso. O CECAB se destacou também pelo foco temático, pelo programa curricular, pelo conteúdo das disciplinas e em especial pela agenda de visitação a sítios e monumentos barrocos de Ouro Preto e localidades próximas, o que permitiu aos alunos uma experiência subjetiva e presencial no contexto da obra de arte. Essas características valorizaram o CECAB como programa de Pós-graduação *lato sensu* e o colocaram em evidência no Brasil e, provavelmente, no exterior, haja vista que alunos estrangeiros também o frequentaram.

Não obstante a relevância e a projeção alcançada pelo CECAB, não houve, durante o seu percurso, reorientação substancial em termos conceituais no conteúdo programático inicial. Ao adentrar na literatura do campo do Patrimônio Cultural, percebe-se que aconteceu, nas duas últimas décadas, mudança paradigmática relativa à inserção de questões sobre o patrimônio intangível, o que fez desencadear novas práticas discursivas e novos conceitos. Houve deslocamento da ideia de Patrimônio Cultural instituída e apropriada pelo Estado desde a criação do IPHAN e baseada nos bens edificados e tombados, ampliada pelas reflexões em torno das diversas expressões culturais brasileiras. No entanto, percebeu-se que não aconteceram mudanças expressivas na programação curricular que se apropriassem dessa revolução conceitual, permanecendo basicamente as disciplinas oferecidas nos anos iniciais, com pequenas variações.

Em outra vertente do trabalho, verificou-se a contribuição do CECAB em termos de produção de conhecimentos, em especial para a área do Patrimônio Cultural brasileiro, tendo como fonte de informação as monografias de conclusão de curso e a Revista do IFAC. A conclusão, nesse aspecto, é que o curso foi produtivo quanto à geração de conhecimentos sobre temas relativos ao Patrimônio Cultural, no que se referia a assuntos sobre a Cultura e a Arte Barroca, permitindo número expressivo de pesquisas iniciadas no trabalho de monografias e artigos publicados na Revista do IFAC. O valor qualitativo desse acervo de monografias pode ser atribuído à originalidade, abrangência geográfica e diversidade dos temas das pesquisas levadas a cabo ao longo do curso.

A pesquisa constatou que boa quantidade dessas monografias, cerca de 18%, foi convertida em pesquisas de mestrado ou doutorado ou publicada como livro, o que reforça a conclusão de que o CECAB teve produção de conhecimento científico. Com a elaboração da monografia o aluno podia se sentir estimulado a prosseguir na linha temática, procurando desenvolver um projeto de mestrado ou de doutorado, o que contribuiu diretamente para o crescimento do conhecimento científico em áreas do Patrimônio Cultural.

Em relação à Revista do IFAC, embora interrompida precocemente, é possível inferir que foi um periódico importante e de vanguarda como veículo de disseminação de conhecimentos na área do Patrimônio Cultural, sendo criado em uma época que existiam poucos periódicos

dedicados ao tema. Para mais conhecimento sobre o seu impacto no meio científico e acadêmico, é recomendável que se faça um estudo com essa finalidade.

Buscando compreender os desafios e impasses que dificultaram a integração ou o acolhimento do CECAB na UFOP e identificar os motivos que o impediram de se desenvolver verticalmente no âmbito da instituição e de ser concretizado o propósito inicial de torná-lo um programa de pós-graduação, verificou-se que uma conjunção de fatores corroborou para que o curso se estagnasse no nível *lato sensu*. Nos limites em que deu esta pesquisa, com apoio, principalmente em relatos de participantes e documentos administrativos, o que se concluiu foi que não ocorreu reconhecimento, valorização e apoio ao CECAB para que ele fosse incorporado, efetivamente, no âmbito institucional. O que ocorreu é que houve certa negligência dos responsáveis pelas articulações de políticas institucionais e regionais, acerca do potencial e valor do CECAB para a UFOP e Ouro Preto. Esperava-se que uma universidade pública abrigada em uma cidade como Ouro Preto, reconhecida mundialmente pelo Patrimônio Cultural, priorizasse e reconhecesse a importância do curso, apoiando-o do ponto de vista acadêmico, político e institucional.

Outro fator identificado como impedimento para a inserção definitiva do CECAB no âmbito do IFAC, para promover a sua incorporação como programa de Pós-graduação e constituir parcerias interdepartamentais, foi a adversidade interna com o curso de Filosofia, que, ao ser criado dez anos após o CECAB, não estabeleceu interlocuções e entendimentos necessários que pudessem unificar as áreas de Artes, Cultura e de Filosofia em prol de um projeto maior, que seria o Centro de Estudos Avançados de Arte e Cultura Barroca de Ouro Preto.

Além dos elementos pontuados, percebeu-se no levantamento do percurso do CECAB, que a permanência na instituição foi pautada por muitas dificuldades, principalmente de ordem financeira e estrutural, tendo sido garantido no período de existência mais pela vontade, pelo empenho e por esforços de gestores, professores e colaboradores do que pelo mérito institucional. Durante anos o curso foi sustentado por empenho, esforços individuais e a colaboração de simpatizantes e entusiastas, que defendiam e garantiam a continuidade do CECAB, em contraposição ao crescimento da UFOP no mesmo período. Entendeu-se que esta situação de fragilidade institucional trouxe transtornos para a gestão e funcionamento do

curso, haja vista a falta de infraestrutura física adequada, financeira e de pessoal, que levou o CECAB a funcionar quase que na informalidade, dependendo estritamente do apoio da direção do IFAC.

Também foi identificado esvaziamento de público nos últimos anos do funcionamento, redução da demanda e mudança no perfil dos alunos. Profissionais experientes e atuantes na área do Patrimônio Cultural foram substituídos por alunos recém-formados, possivelmente em busca de titulação, considerando-se a valorização da pós-graduação ocorrida recentemente. Por outro lado a redução da demanda pode ter sido causada pelo desvio de foco de interesse em relação às questões conceituais de Patrimônio Cultural, agregadas recente das abordagens de patrimônio intangível, que não foram atualizadas e aprofundadas no conteúdo do programa do CECAB.

No entanto é recomendável e necessário um estudo específico para a problemática, considerando partes e setores envolvidos, para detectar pontos frágeis e conflitantes, buscar novos posicionamentos e viabilizar soluções de nível institucional, na busca de um ambiente integrativo, dialógico e cooperativo, caso seja de interesse institucional verificar a possibilidade de retorno e de projeção do CECAB.

Do ponto de vista pessoal, o trabalho empenhado na realização desta pesquisa foi gratificante, em vista de aspirações da autora, como profissional da área de Informação, de reunir e sistematizar informações para reconstituir seu trajeto institucional, viabilizando, assim, mais entendimento e compreensão do significado e da importância do CECAB.

A busca de informações em fontes diversas, arquivos, documentos, acervos, relatos, bases de dados, memórias e outras fontes, a sistematização e interpretação dos dados coletados e o apoio em conceitos e experiências incorporadas na bibliografia fizeram reforçar a compreensão de que a Ciência da Informação, na vertente social, constitui, de fato, um suporte para o entendimento das práticas e das relações sociais e tem um papel importante no processo de transformação do homem e da sociedade. Do ponto de vista teórico, ao focalizar a pesquisa na perspectiva do campo da Informação Social, foi possível identificar, no objeto de estudo, as dimensões de historicidade, tensionalidade e totalidade, apropriadas por esta linha

de pesquisa, pois o curso permitiu, na sua essência, a transmissão de informações, geração de conhecimento e relações entre pessoas. Assim, ao perfazer o trajeto do CECAB emergiram evidências de seu percurso institucional, o contexto histórico-social em que se deu a origem e constituição, os sujeitos partícipes e a dimensão de historicidade. Quando se adentrou nas fontes documentais e memoriais, utilizadas como recursos informacionais para identificar os fatores que dificultaram a consolidação institucional, foi identificada a dimensão de tensionalidade entre grupos e pessoas de interesses e ideais contraditórios. E ao recompor a memória institucional e o papel do curso para o Patrimônio Cultural brasileiro, conforme demonstrou a pesquisa, ficou evidente a dimensão totalidade, reforçando a tese de que a informação é produto de uma prática social resultante das interações entre pessoas e grupos sociais, para “compreensão dialética da realidade social.” (REIS, 2007)

A tarefa de coleta das entrevistas com participantes foi prazerosa e comovente, pois revelou o plano das relações humanas e sociais do CECAB, dos laços sentimentais e emotivos, dos vínculos profissionais e afetivos que foram estabelecidos pela convivência, de dinâmica intensiva, que aproximava pessoas com perfis de interesses semelhantes. Durante a realização das entrevistas foi possível perceber um sentimento de saudosismo, de carinho e de gratidão expresso por alunos e professores que vivenciaram o curso, elegendo-o como uma experiência que marcou a vida dos participantes. O CECAB foi capaz não só de provocar transformações na vida profissional dos participantes, mas também de ser uma experiência de vida para seus atores. Ouvir os relatos e percebê-los como documentos e não como uma história de vida foi um experimento surpreendente, novo, e por isso se apoiou em recursos metodológicos e bibliográficos utilizados pela Ciência da Informação, ao tratar a memória como uma fonte de informação.

Ainda que persista a sensação de incompletude do trajeto percorrido, por ter sido posta à vista apenas ínfima imagem do que foi visto e apreendido e por desejar ter ido além, o sentimento que aflora, ao final, deixa transparecer que o resultado foi positivo e que o trabalho pode colaborar, de alguma forma, para futuras pesquisas e reflexões sobre o CECAB. Esta é apenas uma semente lançada em solo fértil.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad.: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 330 p.

ANDRADE, Mário de. *A arte religiosa no Brasil*. São Paulo: Experimento, 1993. 98 p.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007. 236 p.

ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. M.(Orgs). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000. 204p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724: informação e documentação - trabalhos acadêmicos - apresentação = information and documentation – Academic work - presentation*. 3. ed. Rio de Janeiro, 2011.

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do patrimônio cultural e seus significados. *Transinformação*, Campinas, v. 16, n. 12, p. 111-122, maio/ago, 2004.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2009.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, Florianópolis, v. 2, n. 1, jan./jul. 2005, p. 68-80. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 08 set. 2015.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: memória de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. 402 p. _____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. 219 p.

BOURDIEU, Pierre. Os ritos de instituição. In: _____. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 97-106.

BRAGA, Vanuza Moreira. *Relíquia e exemplo, saudade e esperança: o SPHAN e a consagração de Ouro Preto*. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em História, políticas e bens culturais) Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 14 ed. Rio de Janeiro: DP&A, p. 146.

BRASIL. Presidência da República. *Decreto nº 3.551*, de 04 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível no endereço: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm>. Acesso em: 25 jun. 2016.

CABRAL, Ana Maria Rezende. A Ciência da Informação, a cultura e a sociedade informacional. In: REIS, Alcenir Soares dos; CABRAL, A. M. R. (orgs.) *Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas*. Belo Horizonte: Novatus, 2007. p. 29-48.

CARDOSO, Ana Maria. Pós-modernismo e informação: conceitos complementares? *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 63-79, jan/jun. 1996.

CARDOSO, Ana Maria. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição do campo da Informação Social. *Rev. Esc. Biblioteconomia UFMG*, Belo Horizonte, v.23, n.2 p. 104-114, jul./dez. 1994.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009. 380 p.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. 282 p.

CHUVA, Márcia. *Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação cultural no Brasil (anos 1930-1940)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009. 480 p.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. *Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – IBICT, Rio de Janeiro, 1997.

CURY, Isabelle (Org.) *Cartas patrimoniais*. 3. ed. Brasília: Edições do Patrimônio, 2004. 407 p.

FERNANDES, Simone Monteiro Silvestre. *Reflexões para ações educativas em conjuntos urbanos tombados*. 2014. 332 f. Dissertação (Mestrado profissional) - Programa de Pós-Graduação em Preservação do Patrimônio Cultural, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil), 2014.

FERREIRA, Camila Késia Ribeiro. *A polêmica como patrimônio: Augusto de Lima Júnior e a Revista de História e Arte nos embates da política patrimonial (1930-1966)*. 2014. 217 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, UFOP, 2014.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76._____.

em processo: trajetória da política federal de preservação. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009. 293 p.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 9. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013. 263 p.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 55, 2005, p. 367-376.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 72p.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 107 p.

GONDAR, Jo; DODEBEI, Vera (Orgs.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006. 162 p.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.

HOLANDA, Adriana Buarque de. *Memória e esquecimento na Ciência da informação*: um estudo exploratório. 2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Artes e Comunicação, UFPE, Recife, 2011.

JULIÃO, Letícia. Sensibilidades e representações urbanas na transferência da capital de Minas Gerais. *História*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 114-147, jan/jun, 2011.

LATERZA, Moacyr. Ouro Preto: Centro de Estudos Avançados de Cultura e Arte Barroca. *Revista do IAC*, n. 0, p. 4-11, jan. 1987.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. São Paulo, Ed. Unicamp, 2003. 541 p.

MAGALHÃES, Aloísio. *E Triunfo?* a questão dos bens culturais no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 262 p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. 2. ed. São Paulo, Atlas, 1990. 206 p.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura da modernidade: discussões e práticas informacionais. *Rev. Esc. Biblioteconomia UFMG*, Belo Horizonte, v.23, n.2 p. 115-137, jul./dez. 1994.

MEIHY, José Carlos S. Bom. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 291 p.

MENICONI, Rodrigo Otávio de Marco. *A construção de uma cidade monumento*: o caso de Ouro Preto. 1999. 156 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura e Urbanismo, UFMG, Belo Horizonte, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 80 p.

MOURA, Maria Aparecida. Ciência da Informação e semiótica: conexão de saberes. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 2 esp. jul./dez. 2006: Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11nesp3p1/430>>. Acesso em 09 maio 2016.

NATAL, Caion Meneguello. *Ouro Preto: a construção de uma cidade histórica, 1891-1993*. 2007. 239 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000402798&fd=y>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo, v. 10, dez. 1993. p. 07-28.

OLIVEIRA, Eliane Braga. *O conceito de memória na Ciência da Informação*. 2010. 194 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Brasília: UNB, 2010.

RENDON ROJAS, Miguel Angel. Ciencia bibliotecológica y de La información em el contexto de las ciencias sociales y humanas: epistemología, metodología e interdisciplina. *Investigación Bibliotecológica*, México, v. 22, n. 44, 2008, p. 65-76. Disponível em: <<http://www.ejournal.unam.mx/ibi/vol22-44/IBI002204404.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

REIS, Alcenir Soares dos; CABRAL, Ana Maria Rezende (Org.). *Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas*. Belo Horizonte: Novatus, 2007. 144 p.

REIS, Alcenir Soares dos. Informação e patrimônio cultural: aproximações. In: REIS, A. S. dos; FIGUEIREDO, B. G. (orgs). *Patrimônio imaterial em perspectiva*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. p. 107-125.

RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007. 535 p.

SANTOS, José Reginaldo S. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/IPHAN, 2002. 147 p.

SANTOS, Mariza Veloso Motta. *O tecido do tempo: a idéia de patrimônio cultural no Brasil. 1920-1970*. Tese (Doutorado) -- Programa de Pós-graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília, 1992. 497p.

SHIKIDA, Aparecida Maciel da Silva. *Informação, história e memória: a constituição social da informação em relatos orais*. 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

SIMÕES, Adriana Machado. O processo de produção e distribuição de informação enquanto conhecimento: algumas reflexões. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 81-86, jan./ jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/236>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

UFOP. Instituto de Artes e Cultura. *Projeto do curso de Pós-Graduação lato sensu a nível de especialização em Cultura e Arte barroca*. Ouro Preto: IAC, 1985. 65 p. Não publicado. (Arquivo do CECAB/IFAC)

UFOP. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. *Relatório geral de atividades: novembro de 1981 a julho de 1982*. Ouro Preto, 1982. 28 p.

ANEXOS



Guignard

“Tudo isso é muito brasileiro, infelizmente. E continua. Cada vez pior. Hoje as exigências feitas pelos órgãos financiadores de pesquisa são as de Harvard; mas nas condições do Haiti.” (João Adolfo Hansen, 2016)

ANEXO 1 - PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS

PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS

I – Perguntas para ex-alunos do CECAB

- 1 – Como foi a sua experiência pessoal no CECAB?
- 2 – Por que você optou por fazer o CECAB?
- 3 – O CECAB contribuiu de alguma forma para suas atividades profissionais?
De que maneira?
- 4 – Essa experiência do CECAB repercutiu nas suas concepções sobre o Barroco?
- 5 – Na sua opinião, qual é a relação do CECAB com a cidade de Ouro Preto?

II – Perguntas para gestores

- 1 - Na sua opinião o CECAB teve algum papel para a formação de recursos humanos para a área de Patrimônio Cultural?
- 2 - Como foi a sua experiência pessoal no CECAB? Essa experiência repercutiu nas suas concepções sobre o Barroco ?
- 3 - Quais foram os limites e os desafios que você enfrentou como gestora do CECAB?
- 4 - Como gestora que coordenou o CECAB por mais tempo, fale sobre os pontos positivos e negativos do curso.
- 5 - Na sua opinião, como o CECAB foi percebido no âmbito da UFOP?

III – Perguntas para os professores do CECAB

- 1 - Fale sobre a sua experiência como professor do CECAB.
- 2 - Na sua opinião, o CECAB teve algum papel para a formação de recursos humanos para a área de Patrimônio Cultural?
- 3 - Quais foram os limites e os desafios que você se deparou como professor do CECAB?
- 4 - Na sua opinião, como o CECAB foi percebido no âmbito da UFOP?
- 5 - Na sua opinião, qual é a relação do CECAB com a cidade de Ouro Preto? Qual é o significado de acontecer em Ouro Preto?

ANEXO 2 – ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Entrevistado: Edson Fialho de Rezende

Foi aluno do XII CECAB no período de julho de 2004 e janeiro de 2005.

Coordenador do Laboratório de Conservação e Restauração do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (DEMUL/UFOP), desenvolve ações com ênfase didático-pedagógica, orientações e supervisões de estágios, projetos de pesquisas e extensões. Membro dos Conselhos Acadêmico Administrativo do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas e Museu da Farmácia, ambos pertencentes à UFOP. Entre os anos de 1997 e 2010 coordenou o Laboratório de Conservação e Restauração do Museu da Inconfidência - Instituto Brasileiro de Museus/ Ministério da Cultura, ocupando nos anos de 2008 a 2010 a função de Chefe da Divisão Técnica. Possui graduação em História, pós graduação Lato Sensu em Cultura e Arte Barroca e, atualmente, mestrando em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de História do Brasil Colônia, Patrimônio, Conservação e Restauração. Desenvolve projetos e consultorias ligados à preservação de acervos museológicos, arquivísticos e bibliográficos.

Informações retiradas da Plataforma Lattes. Endereço: <http://lattes.cnpq.br/0391677875256468>

Acesso em: 21/12/2016

Entrevista realizada no dia 8/3/2016, às 15h20, duração de 15h45 no Laboratório de Conservação do curso de Museologia da UFOP

1 – Como foi a sua experiência pessoal no CECAB?

EDSON

É o seguinte: quando eu vim fazer a minha graduação, em 1994, aqui em Ouro Preto, descobri que havia um curso de pós-graduação em Cultura e Arte barroca. Na época, me interessou muito, porque uma das coisas, uma das justificativas que eu tive para vir para Ouro Preto cursar História, foi a minha identificação com o lugar; a cidade me encantou, foi uma visita que eu fiz em 93, que Ouro Preto me encantou. Na época eu cursava Economia na Universidade Federal de Viçosa e resolvi abandonar o curso e vir para Ouro Preto, pela

minha identificação com a cidade e, conseqüentemente, com o próprio barroco. Quando eu cheguei para fazer a graduação, descobro esse curso e me interessei por essa possibilidade de fazer essa especialização.

Infelizmente, quando finalizo a minha graduação, o curso tinha parado por um período, por problemas de crise. E quando ele volta à ativa, em 2004 e vi a possibilidade de fazê-lo, eu, na verdade, fiquei instigado porque já havia tido uma experiência, pela minha formação em História, pelo curso técnico [Curso Técnico de Conservação e Restauro] que eu havia feito na FAOP, na área de restauração, pela minha atuação na área de restauração no Museu da Inconfidência, onde eu já estava atuando desde 1996. Quer dizer, em 2004 eu já tinha 8 anos de experiência como profissional na área de restauração e o curso do Barroco, na verdade, ele poderia me mostrar uma outra forma de ver a questão do patrimônio, a questão do próprio barroco e a inserção dele na vida das pessoas e na vida da identidade local. Esta foi uma das minhas expectativas em relação ao curso, que, de fato, quando fiz o curso, com as disciplinas e tudo mais, eu percebi exatamente isto: primeiro: mesmo eu tendo um curso de História, um curso técnico em restauração, mesmo tendo vivenciado algumas disciplinas como história da arte, a própria iconografia cristã, no curso do Barroco e com alguns professores, acabei descobrindo outras frentes, outras possibilidades, que foram construídas pelo Período barroco. E a importância, na verdade, é isso, eu acho que identifiquei outras importâncias no barroco que iam além da questão de uma estética, de um imaginário, ou até mesmo de uma arquitetura, da cidade e tudo mais. Isso foi um ponto que eu trago comigo e que foi um ponto que descobri, de fato, nessa formação do Barroco.

E o curso foi isto: uma das marcas que ele deixou em mim foi uma mudança, de fato, um processo de amadurecimento do meu olhar frente a esse conceito, a esse estilo, que até então, eu tinha ele muito voltado para os processos da arte, do patrimônio tangível, como a escultura, a pintura, pela minha atuação profissional, e através do curso, dessa pós-graduação, eu vi a dimensão que este período, que este estilo, deixou como marca para a cultura nacional. Acho que foi este um dos pesos, uma das marcas que o curso me deixou, que eu adquiri pelo curso.

2 – Por que você optou por fazer o CECAB?

EDSON

Por que eu optei pelo curso? Foi exatamente o que eu disse: uma identificação que eu tinha que justificou, inclusive, a minha vinda para Ouro Preto para fazer uma graduação, essa minha identificação com a cidade, enfim, o meu investimento para permanecer na cidade, para atuar na cidade, ser, de fato, um morador desta cidade e participar mesmo, participar, inclusive, do processo de preservação da cidade. Enfim, é uma questão de identificação.

3 - Esse curso contribuiu de alguma forma para suas atividades profissionais?

De que maneira?

EDSON

Sem sombras de dúvidas, sim! É uma coisa muito interessante que trago comigo, depois da passagem pelo curso, porque uma das exigências é a realização de uma monografia, de um trabalho para concluir o curso e quando eu estava naquele processo de escolha, de que assunto trataria essa monografia, como eu iria construir esse trabalho, me identifiquei com uma coisa que foi, de fato, um pouco do resultado do trabalho, que foi sobre o sentido de preservação de um patrimônio material, seja ele, religioso, arquitetônico ou um bem móvel como uma escultura, uma pintura e tudo mais. E a minha profissão, eu estava atuando profissionalmente já há alguns anos na área da preservação e na área da restauração, mas com algumas, ou várias interrogações sobre o sentido desse trabalho, se esta minha função, ou se a preservação desse patrimônio que estava sob a minha responsabilidade de cuidar, de interferir e tudo mais, se não era acessado pela população em geral. Porque isso é uma questão que eu trago comigo, eu acho que isso precisa ser pensado, sobre a questão do acesso, do acesso a esse conteúdo, a essas informações, dessa produção artística deste período que nós temos aqui, que existe um investimento muito alto com relação à preservação disso. E isso, de certa forma, sempre me incomodou muito porque eu sempre vejo, e via na época, um processo, as limitações das pessoas com relação ao entendimento do que se trata isso, do que se trata esse período, esse estilo e essa produção dessa época. É claro que eu vejo que isso está associado a um processo cultural, as falhas na educação da população em geral, é um processo mais complexo, é um problema econômico, que eu vejo, que identifico de forma muito clara e foi isso que instigou a produção do meu trabalho final, a minha monografia. É que, na verdade, a preservação de um acervo, a preservação da produção do Período barroco, só se justifica se for, de fato, apropriada pela população. E esse processo de apropriação dessa cultura, dita como importante, como referência, de uma identidade nacional, ele só é possível a partir do processo educacional, de um processo que deve atingir não só a região, que deveria, a princípio, atingir todo o território nacional, seja na educação formal, seja na educação não formal, para que, de fato, a população brasileira possa se apropriar disso, apropriar de forma correta, de um patrimônio nacional, intitulado nacional. É isso que eu acho.

4 – Essa experiência do curso repercutiu nas suas concepções sobre o Barroco?

EDSON

É, eu acho que é isso que já disse. O entendimento que, na verdade, o barroco que eu vejo, esse patrimônio que temos em Ouro Preto, é um processo que, de fato, tem que ser apropriado por todos, porque, se não for apropriado, isso não se justifica! É um produto, é

uma produção que possibilita inúmeras investigações, em várias áreas, em todas as áreas do conhecimento, eu acredito, ou uma grande maioria das áreas do conhecimento possibilita isso. Possibilita, também, o exercício do olhar crítico, do olhar criativo; então eu vejo que o Barroco ele possibilita isso, essa produção tem essa possibilidade...

5 – Na sua opinião, qual é a relação do CECAB com a cidade de Ouro Preto?

EDSON

Eu vejo, na verdade, assim: em alguns momentos acho que toda a questão do patrimônio, em termos de patrimônio, ele se restringe muito a um grupo específico de pessoas, de uma determinada área. A cidade, na verdade, ela é uma cidade que deve ser viva e deve ter produções dinâmicas. Isso só acontece com as pessoas que ocupam, de fato, essa cidade. Não seria, propriamente, as pessoas passageiras, os turistas, os próprios estudantes na Universidade e tudo mais, mas as pessoas que ocupam a cidade, os moradores, as pessoas que vêm viver e trabalhar na cidade e que produzem, de fato, esse dinamismo. É preciso ter uma sintonia entre essa população, entre essas pessoas e todo esse processo de patrimônio, tanto o patrimônio construído e suas formas de existir; então é preciso ter essas articulações.

Em relação ao curso, eu acho que é um curso, primeiramente, com uma grande capacidade de produção, de reflexão, na sua estrutura ele possibilita isso, nas áreas de atuação, seja na arquitetura, na literatura, na religião e tudo mais, ele possibilita uma série de reflexões em cima do tema do Barroco. Mas a atuação do curso, em si, sobre a cidade, eu acho que deveria ser algo mais amplo, sabe, deveria atender mais a população, ser mais voltado para a população. Eu não se isso é uma questão que, na verdade, ele ainda é um curso muito voltado para o espaço acadêmico e a própria academia precisa repensar alguns comportamentos, precisa rever isso. A própria universidade precisa, na verdade, precisamos rever esse termo acadêmico, academia. Então, assim, eu vejo o curso com uma grande potencialidade, várias possibilidades de articulação entre as pessoas que ocupam esse espaço e essa produção que existe, e o curso poderia ser um mecanismo, poderia ser um meio de articulação entre essas duas ferramentas, que é a população e esse patrimônio.

Mas, mas também vejo com outros olhos, vejo essa grande dificuldade dele acontecer, dele existir, é isso que eu vejo. Na verdade eu falo isso porque eu sinto um pouco, essa questão, por exemplo, do curso estar parado; pára e depois acontece, eu acho que isso não poderia acontecer de forma tão fragmentada. Na verdade, a Instituição, a Universidade Federal de Ouro Preto, isso é uma observação que eu faço, ela está inserida em um contexto especial! Ouro Preto é uma cidade interiorana, mas ela é uma cidade de referência, ela tem aqui uma articulação com a questão do patrimônio, da identidade, que torna esse espaço esse lugar diferenciado. E a Universidade precisa identificar isso, é um fato, ela precisa saber que não está em uma cidade, sei lá, numa grande capital ou em uma cidade num contexto diferente do que o de Ouro Preto. E ela [UFOP] possui sim, além de seus dois museus, ela possui cursos,

a própria Filosofia, o próprio curso de História, cursos que poderiam estar mais próximos, atuando dentro dessa cidade. E eu vejo que ela se anula frente a essas questões, e isso é um problema sério porque ela, na verdade, se omite e onde poderia ter coisas de uma forma extremamente diferenciada. Como eu vejo no curso do Barroco, por exemplo, o aluno que faz o curso de Barroco numa cidade como Ouro Preto, isto que a gente estava conversando, existe aí um diferencial, um potencial que deixa ele, anos luz à frente de uma pessoa que faz esse mesmo curso, como esse mesmo formato, numa cidade como Belo Horizonte, como o Rio de Janeiro. Isso é um fato, isso precisa ser entendido, isso precisa ser aceito. Assim como, por exemplo, em todas as áreas, a área da História, como a área da Filosofia ou outras áreas. E a Universidade ela tem esse formato muito ausente dessas questões, o que, na verdade, não deveria acontecer, não poderia acontecer essa ausência. Então é isso, de fato me incomoda um pouco.

Agora, o curso do Barroco eu acho que ele deveria ser visto com outros olhares, para não deixar de acontecer e não deixar também, aí num outro processo, não deixar de reverberar frente à sociedade. Ele poderia, por exemplo, ter alguns focos, algumas coisas que pudessem, de fato, discutir esta questão do patrimônio de uma forma mais próxima dessa população, de uma população que sobrevive dentro desse conjunto, desse complexo, mas que há poucas vozes dialogando e poucas vozes falando sobre isso com essa população. Talvez seja esta a questão que mais me incomoda.

ENTREVISTA 2

Entrevistada: Simone Monteiro Silvestre Fernandes

Foi aluna do VII CECAB no período de janeiro e julho de 1994

Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Possui graduação em História pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (1982), especialista em Arte e Cultura Barroca. Atualmente é historiadora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Colônia, atuando principalmente nos seguintes temas: história, preservação, patrimônio cultural urbano, educação patrimonial e cultura.

Informações retiradas da Plataforma Lattes. Endereço: <http://lattes.cnpq.br/1614259183771687>.

Acesso em: 16/10/2016.

Entrevista feita no dia 11/3/2016, às 11h20, na Casa da Baronesa (Escritório Técnico I Ouro Preto do IPHAN), duração de 16 min45.

1 – Como foi a sua experiência pessoal no CECAB?

SIMONE

Foi uma experiência muito positiva e as marcas que o curso deixou na minha memória foi a quantidade de colegas de vários estados do Brasil e da ampliação do olhar com relação ao barroco. Já que eu trabalho no IPHAN, ele [o curso] trouxe outra perspectiva para mim, para o meu trabalho.

2 – Por que você optou por fazer o CECAB?

SIMONE

Bom, eu optei por fazer o curso, primeiro porque tinha acabado de chegar a Ouro Preto, eu vinha [do IPHAN] de Diamantina e achei que poderia ser um instrumento para melhorar a minha capacidade de trabalho, trazer um instrumental melhor para o meu trabalho. Algumas pessoas já tinham feito, já tinham falado dos professores, das cadeiras e era uma área que sempre gostei, eu achei que poderia ser importante para o meu desenvolvimento profissional. Eu já era funcionária do IPHAN, estava atuando em Diamantina, já estava na instituição há uns 10 anos. Então isso pra mim foi bem importante mesmo e tive a facilidade de, por ser do

IPHAN, teve uma cota de vagas para o IPHAN, pelo menos era essa a informação, então, juntou a fome com a vontade de comer e eu consegui ser aceita no curso.

3 - Esse curso contribuiu de alguma forma para suas atividades profissionais?

De que maneira?

SIMONE

Sim, ele contribuiu sim, porque ele trabalhava com todas as áreas, com a arquitetura, com a filosofia, com a música, as artes, com a história... Ele ampliava a sua visão para esse objeto, para meu objeto de trabalho que, no caso, passava a ser Ouro Preto. Eu passei a entender melhor, a partir do momento em que eu tinha esses diversos conteúdos sendo trabalhados, era uma carga teórica muito grande, muito diversa, que fazia com que a gente ampliasse o olhar. Então, acho que uma pessoa que passa pelo curso nunca mais entra numa cidade e olha essa cidade, um núcleo barroco, com o mesmo olhar; ela já olha observando todas essas áreas que foram trabalhadas; você não consegue chegar e olhar só pela questão estética, mas você olhar também pela questão artística, pela questão histórica. Ele ajuda, ele me ajudou e contribuiu para ampliar esse meu olhar, me trouxe muitas informações novas e desconstruiu algumas questões que eram faladas como se fossem dogmas. E isso foi desconstruído e você recebe uma informação nova, uma informação mais atualizada, que faz com que modifique a sua postura profissional.

4 – Essa experiência do curso repercutiu nas suas concepções sobre o Barroco?

SIMONE

Ah, sim, com certeza! Eu acho que quem trouxe essa reflexão maior pra mim foi o Hansen. O professor João Adolfo Hansen trazia um olhar crítico, tão bacana, que faz com que você entenda como é que essa sociedade pensava... Ele vinha com uma generosidade tão grande para apresentar e disponibilizar uma bibliografia que a gente saiu com tantas informações, das mais diversas, todas de alta qualidade. Acho que quem passou por uma aula dele, do Pécora [Professor Acyr Pécora], não entra mais em uma igreja com o mesmo olhar; você não entra em um monumento com o mesmo olhar, você não vai observar essa cidade com o mesmo olhar. Altera a sua concepção por completo, não tem como você falar que vai entrar numa igreja, na Igreja do Pilar, com o mesmo olhar de um turista, depois de você ter tido uma aula ali dentro. Na minha turma, inclusive, tinha um rapaz que era músico, que tinha um conjunto de música barroca; então esse rapaz fez uma série de concertos, dentro da sala de aula e depois ofereceu um concerto para a turma toda, que foi aberto à comunidade. Você

não consegue observar mais e escutar, sem trazer junto todas aquelas informações que recebeu naquele momento, você não se dissocia mais disso.

Então, acho que isso prá mim é o mais forte, o que ficou de mais marcante: você tem a troca com as pessoas de vários lugares e a troca que recebe dos professores. E acho que o corpo de professores que eu tive o privilégio de ter, de assistir as aulas, o conteúdo. Todo mundo vinha com informações muito boas, consistentes, que fazia com que você tivesse vontade de aprender, de buscar mais informações, de entender melhor aquilo que estava sendo trabalhado. Eu fui aluna do Pécora [Professor Antônio Alcir Bernardes Pécora], do João Adolfo Hansen, do Marcos Hill, do Cacá [Professor Carlos Antônio Leite Brandão], da Adalgisa Arantes... Não me lembro mais... tinha um professor da arquitetura brasileira, história da arquitetura, que era um colega do IPHAN e depois faleceu; foi um excelente professor.

Esses professores, eu acho que, por exemplo, o Marcos Hill, na hora em que você faz a visita técnica aos distritos, é muito importante, é muito bacana! E você tem a oportunidade de entrar em todas aquelas capelas, igrejas, que normalmente, não teria isso. Prá mim foi muito legal isso, e a própria análise que ele faz em cada um desses templos. O próprio Hansen, acho que a minha turma foi a primeira com quem ele trabalhou, ele vem com a força toda, com todos os novos conceitos e entusiasmo; e ele divide a disciplina com o Pécora, tudo isso foi muito bacana! Você levava um tapa, pois tinha um bam-bam-bam da história, que vinha com uma generosidade, um acesso muito direto, tanto que o Hansen foi quem orientou a minha monografia. Então, prá mim, acho que foi um privilégio ter sido orientada pelo Hansen, acho que se quisesse insistir e continuar [a pesquisa]; ele, inclusive falava que eu já tinha material para um mestrado, se quisesse entrar nesse caminho na USP, acho que teria conseguido... Desvendar isso foi muito bom!

5 – Na sua opinião, qual é a relação do CECAB com a cidade de Ouro Preto?

SIMONE

Esse fato aí é que é a cereja do bolo! Esse curso ele pode acontecer em qualquer lugar, mas acontecendo numa cidade com essa carga histórica, toda essa quantidade de monumentos... É muito diferente você ter uma aula do Marcos Hill olhando slides e estar dentro de uma igreja nossa. Ele falar de todas as fases do barroco através de slides e você estar numa aula, numa visita técnica; esse é o diferencial! Porque a temática ela pode ser dada em qualquer lugar, mas estando aqui, tem o charme da cidade, você conviver com tudo isso... Então, quando a gente conversava com os colegas que vinham de outros lugares, também era um dos pontos que os atraíam a vir fazer o curso aqui. Era o conteúdo do curso, mas experimentar essa cidade durante dois meses, em épocas diferentes, isso era um dos pontos atrativos do curso também. Acho que este era o locus ideal para a realização desse tipo de curso; porque, academicamente, ele pode acontecer em qualquer lugar, pode ser até em Belo

Horizonte. Agora, se o não tiver o apoio necessário para viabilizar o programa do curso, como por exemplo, as visitas técnicas aos distritos, às cidades históricas, aí ele começa a perder, fica como um curso qualquer, aí ele não é “o curso”; ele é só mais um curso.

Eu tive essa vontade de fazer o curso porque sabia que ele era o único que existia com esse tema. E se eu trabalho no IPHAN, se lido com esse objeto, tenho que me especializar nele e ele me dava essa possibilidade. Ele pode acontecer em qualquer lugar, ele pode acontecer um dia no Maranhão, outro dia na Paraíba, outro dia em Porto Alegre... Mas aí é que está o diferencial: estudar história da arte, história da arquitetura, por slides a gente estuda a vida inteira, mas vivenciar o que é morar em um núcleo urbano tombado, até para você refletir sobre o que aconteceu lá, o que é que veio prá cá, você fazer essas pontes, você ir e vir com muito mais naturalidade, isso flui muito mais na hora em que você está vivenciando. Agora, se a Universidade não percebeu isso, menos ponto prá ela! Ela perde! Perde porque a gente tinha a oportunidade de fazer um curso que pagava somente as matrículas; então isso era uma oportunidade, um privilégio que nós tivemos. Na hora em que ele começa a ser cobrado, ainda tinha um público que vinha, porque tem um tanto de gente que trabalha, principalmente quando no Norte e Nordeste, que você não tem um curso com essa capacidade, com esse cabedal teórico que ele [o CECAB] oferecia. E é necessário, também, porque o barroco não está só aqui em Minas; então muita gente vinha de fora, era uma grande oportunidade para se aprimorar. E se ela [a UFOP] não reconhece isso, aí é uma tristeza, uma perda! Quando eu falo que foi um grande começo, na hora em que tento fazer um aprimoramento dos meus conhecimentos para melhorar o meu trabalho, todo mundo fica querendo fazer também. Não, agora já era, acabou!

Na hora em que eu vejo o IPHAN, que faz um mestrado multidisciplinar e aí entra no que era mais ou menos a mesma coisa: o Barroco era um curso multidisciplinar, eu tinha colegas arquitetos, arqueólogos, antropólogos, engenheiros... isso também, essa mistura é enriquecedora. O mestrado que eu fiz no IPHAN, [em 2014] também é interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar. Minha turma tinha de engenheiro florestal a um advogado. Lógico que na estruturação do curso quem está à frente disso tem que se rebolar muito mais para que o cara consiga apreender coisas que ele não teve na vida acadêmica, nunca tinha lidado com isso. Mas, também, não é possível, a partir do momento em que você está ali, é porque escolheu, porque tem um braço profissional ou um desejo de seguir uma carreira nessa linha.

Então eu acho que é lamentável, a gente só lamenta [a interrupção do curso]. Mas ele pode ser um curso de mestrado também, porque a Universidade tem todas essas áreas [do conhecimento], Ouro Preto tem a estrutura toda pronta, as instituições, o IFMG, a FAOP... Tem o queijo e a faca na mão; é apenas uma questão de vontade!

ENTREVISTA 3

Entrevistada: Suely Maria Perucci

Foi aluna do II CECAB no período de julho de 1986 e janeiro de 1987

Graduação em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (1986), graduação em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (1990). Especialização lato sensu em Cultura e Arte Barroca pelo Instituto de Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto. Funcionária do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde 1974, exercendo funções técnicas no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, nas áreas de documentação histórica e de chefia na área técnica. A partir da criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em janeiro de 2009, passou a integrar o órgão exercendo as mesmas funções. Tem experiência em pesquisa documental, com ênfase em História do Brasil Colônia, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Brasileira, Inconfidência Mineira, Cláudio Manuel da Costa, Iluminura, Iconografia, Semiologia, Associações leigas (Irmandades), teorias da recepção. Mestre em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Orientador: Prof. Dr. João Adolfo Hansen.

Informações retiradas da Plataforma Lattes. Endereço: <http://lattes.cnpq.br/0900535598886954>

Acesso em: 12/10/2016

Entrevista feita no dia 11/3/2016, na Casa do Pilar Museu da Inconfidência), às 15h40, duração de 8min30.

1 – Como foi a sua experiência pessoal no CECAB?

SUELY

Esse curso foi muito importante porque ele permitiu, ele me deu oportunidade de estudar sobre a arte em Ouro Preto, a questão da arquitetura, por exemplo, eu tive disciplinas de arquitetura, de história da arte, filosofia...Então ele me proporcionou toda uma reflexão em torno desse tema, foi uma oportunidade uma oportunidade de tomar conhecimento, de conhecer melhor, não só Ouro Preto como o Período colonial brasileiro, ter conhecimento sobre isso. Isso foi muito importante no sentido de me abrir perspectivas para entender melhor, para enxergar melhor. Foi muito importante isso.

2 – Por que você optou por fazer o CECAB?

SUELY

Pois é, foi em busca disso mesmo porque eu já trabalhava no Museu da Inconfidência na área de documentação histórica, mas, acontece também que, dentro do Museu a gente acaba participando de outras atividades que ele desenvolve, então, esses conhecimentos são importantes; conhecer, ampliar os conhecimentos. Então eu optei por fazer o curso nesse sentido: por ser uma funcionária de um museu, por trabalhar com documentos históricos, na época, com a biblioteca aqui a gente recebia muitos pesquisadores; então, tudo isso me levou a tentar buscar mais conhecimento, ampliar os meus conhecimentos. É uma área que eu gosto muito, então, foi um investimento pessoal e profissional também.

3 - Esse curso contribuiu de alguma forma para suas atividades profissionais?

De que maneira?

SUELY

É claro! Estudando melhor a arte, história, costumes sociais, conhecendo melhor, tudo isso ajuda no desempenho profissional, porque é como eu te falei, a gente não trabalha só com documentação, atendendo pesquisadores, mas a gente faz outros trabalhos no Museu. Eu já participei de pesquisas, por exemplo, para elaboração de textos para o Museu, alguns textos para montagens de exposições, quer dizer, as atividades da gente vão se ampliando. Então eu penso assim: todo conhecimento que eu puder adquirir para me enriquecer, para eu procurar desenvolver o meu trabalho com mais consciência, eu sempre busquei isso e o curso, então, me ajudou nisso, na tomada de consciência da arte, do barroco, da cultura, da História de Ouro Preto.

Acabou me levando para o mestrado! E também a minha monografia [de conclusão de curso] resultou num artigo que foi publicado na Revista do IFAC e, é claro, no meu mestrado eu acabei também trabalhando nessa área. Eu trabalhei com literatura, mas com um documento que é histórico, com um personagem histórico que é o Cláudio Manuel da Costa. Então é esse intercâmbio, né? A gente falou no Hansen [Professor João Adolfo Hansen]; o Hansen foi meu professor aqui no curso, depois ele veio dar aulas no mestrado [em Letras] que a UFOP estava tentando abrir, na época, e eu fiz as disciplinas com ele. Acho que fiz umas cinco disciplinas que eu fiz, com a Dulce Mindlin, com o Hansen, que foram disciplinas que me ajudaram a ampliar meus conhecimentos; e aí ficamos nos conhecendo e acabei indo, alguns anos depois, fazer o mestrado na USP sob a orientação dele, com um documento de Cláudio Manuel da Costa, que é do Museu da Música de Mariana, que não é um documento musical, não é uma partitura, mas tem a ver com a música.

Então tudo isso é importante, quer dizer, essa troca de idéias, de experiências e esses cursos aqui propiciam isso, são oportunidades das pessoas daqui estudarem mais sobre a região, de conhecer as pessoas de fora que vêm aqui, também, estudar a região. Então esse intercâmbio é muito importante, sem dúvida nenhuma.

4 – Essa experiência do curso repercutiu nas suas concepções sobre o Barroco?

SUELY

Antes de fazer o curso do IFAC eu, praticamente, não tinha uma idéia formada sobre o barroco, eu só ouvia falar, sabia muito por cima. Então, ao fazer esse curso eu tive que refletir sobre isso, eu aprendi sobre isso, tive professores ótimos! Os professores que nós tivemos lá no curso foram todos muito bons: o Moacyr Laterza, a Myriam Ribeiro, o Professor Ivo Porto de Menezes, a Sônia Viegas... Nós tivemos a oportunidade de termos professores excelentes e, a direção, na época, era da Maria Zélia Trindade, que também era super dedicada e apaixonada pelo tema. Uma pessoa que, também, foi uma retomada de convivência, porque eu fui aluna dela no 2º grau, a gente se conhecia; depois, quando tinha o Senac aqui em Ouro Preto, teve uns cursos também nessa área, teve curso com o Orlandino, que foi diretor do Museu e Maria Zélia era empenhada nisso. Então foi, também, uma convivência nesse período, pós segundo grau, que depois acabou se estendendo até o IFAC. Então, tudo isso é importante prá gente estudar mais, conhecer mais e conhecer, também, outras pessoas. E é isso.

5 – Na sua opinião, qual é a relação do CECAB com a cidade de Ouro Preto?

SUELY

Realmente Ouro Preto é um laboratório; Mariana, as imediações, então isso é importante, tem que ser aproveitado. É isso, é trazer gente de fora, os daqui também, os que estão aqui, para aproveitarem essa oportunidade. É, com certeza, muito importante porque a gente tá vendo a situação aí, como é difícil a preservação, tudo isso. Eu acho, é lógico, que esse curso serve para essa tomada de consciência, com certeza. Então eu acho que Ouro Preto não pode deixar de ter esse curso do Barroco. E acho que esse trabalho de reflexão que você está fazendo é muito interessante, muito bom. Assim, fazer uma avaliação desse curso, o que ele foi, o caminhar desse curso... E seria muito importante que ele retorne, que seja retomado, sem dúvida seria muito bacana!

ENTREVISTA 4

Entrevistada: Maria Cristina Rocha Simão – Professora

Foi aluna do VIII Curso, no período de janeiro e julho de 1995.

Foi professora do CECAB a partir do XV Curso, de 2006 até 2013, da disciplina História e utilização contemporânea das cidades coloniais, posteriormente alterada para Gestão das Cidades Coloniais na Contemporaneidade.

Possui graduação em Arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais (1983) e mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PROURB/UFRJ e pesquisadora do Laboratório de Direito Urbanístico - LADU. Professora do Curso Superior de Tecnologia em Conservação e Restauro desde 2006, foi Diretora de Graduação e Pós Graduação do IFMG Campus Ouro Preto de agosto de 2009 a junho de 2013. Foi Diretora de Promoção e Extensão da Fundação de Arte de Ouro Preto, professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade FUMEC, em Belo Horizonte, sócia da empresa Gratiae Urbs Consultoria e técnica em preservação arquitetônica do IPHAN por 12 anos. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Preservação do Patrimônio Cultural em Núcleos Urbanos, atuando principalmente nos seguintes temas: gestão e planejamento urbano, preservação do patrimônio cultural, conservação e restauração, diretrizes para intervenções urbanas e sua interseção com planejamento da atividade turística.

Informações retiradas da Plataforma Lattes. Endereço: <http://lattes.cnpq.br/2289624826817384>. Acesso em 30/10/2016.

Foi aluna do VIII Curso no período de janeiro e julho de 1995.

Foi professora do CECAB a partir do XV Curso, de 2006 até 2013, da disciplina História e utilização contemporânea das cidades coloniais, posteriormente alterada para Gestão das Cidades Coloniais na Contemporaneidade.

Entrevista feita no dia 15/3/2016, na residência da professora, às 15h11, duração de 26min20.

Esta entrevista foi feita em duas partes, sendo que na primeira a depoente responde como ex-aluna do CECAB e na segunda sobre sua experiência como docente, tendo iniciado em 2005 e até a última edição do curso.

Perguntas para a ex-aluna Cristina Simão

1 – Como foi a sua experiência pessoal no CECAB?

CRISTINA

Estou aqui fazendo as contas, tem mais de vinte anos, mas vamos lá!

Primeiro, a primeira coisa que lembro com mais clareza, eu já trabalhava no IPHAN quando eu fiz o curso, já era funcionária do IPHAN na época. Mas o curso me trouxe muita informação, informação mesmo, que eu não tinha tido antes nem como arquiteta, nem como funcionária do IPHAN. Então, o curso me trouxe muita informação no campo teórico sobre a arte e cultura barroca. Foi muito rico e foi para sempre. Acho que a partir daí a minha visão sobre esse período ampliou muito.

Segundo, o que me marcou muito foi a diversidade, o tanto que os alunos eram diversos, de diversos lugares, de diversas formações e como a troca, nessa época, também foi muito legal, muito rica! Então, essa relação com os colegas foi uma coisa que me deixou com uma impressão e uma vivência muito rica sobre essa experiência.

2 – Por que você optou por fazer o CECAB?

CRISTINA

Eu já trabalhava no IPHAN, naquela época, como arquiteta, e sentia que precisava de mais informações sobre a questão do barroco, e é claro que a gente sempre estava buscando qualificação. Então foi uma oportunidade de qualificação, mas foi muito voltado para a minha questão profissional mesmo, de precisar mesmo.

3 - Esse curso contribuiu de alguma forma para suas atividades profissionais?

De que maneira?

CRISTINA

Sim, claro! E contribui até hoje! Contribui até hoje em termos de informação, e outra coisa que não falei na primeira resposta e que marcou muito foram os professores. Ter uma aula com o Hansen [Professor João Adolfo Hansen], por exemplo, é de uma riqueza, é de uma beleza! O Hill [Professor Marcos Hill], a Adalgisa [Professora Adalgisa Arantes Campos],

que até era minha colega no IPHAN e foi professora também, tudo foi muito bom, todos foram bons. Então os professores, a qualidade de cada um dos professores, tudo isso era muito bacana; o programa, o conteúdo do curso era muito rico, muito rico mesmo e trazia, acho que traz ainda, muitas informações interessantes.

4 – Essa experiência do curso repercutiu nas suas concepções sobre o Barroco?

CRISTINA

Como eu disse, esse curso trouxe muita informação que eu não tive na faculdade. Na época eu devia ter uns oito anos de formada e já trabalhava no IPHAN há muitos anos, mas esse tipo de informação, de cunho teórico mesmo, histórico, a parte mais filosófica, eu não tinha tido. Então, alterou sim, eu conheci muitas coisas, eu aprendi muitas coisas lá, de conteúdo, e pelo resto da vida! Sem dúvida! Inclusive a minha bibliografia mesmo, os livros que tenho aqui que foram dessa época. Então foi de uma riqueza muito grande, com certeza!

5 – Na sua opinião, qual é a relação do CECAB com a cidade de Ouro Preto?

CRISTINA

Pois é, como não repetir como todo mundo, que Ouro Preto é um laboratório, a gente cansa de ouvir isso. Mas é mesmo, sem dúvida! Então, acho que nas duas vias: tanto os alunos ganham mesmo ao estudarem em Ouro Preto e poderem ter um campo com essa riqueza que temos aqui, como Ouro Preto, também, ganha com novas pesquisas, as monografias, com pessoas que vêm aqui, com pessoas que contribuem tanto, no âmbito individual mesmo, porque gostam daqui, como no âmbito científico e acadêmico. Então, eu acho que tem uma relação muito próxima e Ouro Preto é um lugar ideal para receber um curso desse tipo. Os resultados que esse curso gera também, em termos de monografias, e mesmo os professores que freqüentam aqui, acho que é uma troca de ganhos prá todos, assim, tanto para Ouro Preto, quanto para a Universidade [UFOP], como prá quem vem aqui. Então eu só tenho a dizer que é uma pena que o curso esteja suspenso, com certeza!

.....

Perguntas para a professora Cristina Simão

1 – Fale sobre a sua experiência enquanto professora do CECAB.

CRISTINA

Bom, uma coisa é ser aluna, outra coisa é ser professora, com certeza!

As duas experiências são ótimas! Bom, primeiro só lembrar que essa disciplina que eu ministrei não existia antes, o nome dela é História e utilização contemporânea das cidades coloniais. Quando mudei de novo para Ouro Preto, em 2005, eu trabalhava com a Guiomar [Professora Guiomar de Grammont] no Guardiões [Projeto Guardiões de Ouro Preto] e pensamos no fato dos alunos [do CECAB] virem para cá, conhecerem muito do barroco, sobre o séc. XVII, XVIII e XIX no Brasil, mas na verdade terem poucas informações do que é essa cidade hoje. A gente ficou pensando em criar essa disciplina para trabalhar um pouco a percepção das pessoas aqui, nesse lugar hoje, o que é, na verdade, o que significa esses lugares nos dias de hoje. Então eu criei a ementa da disciplina e a gente inseriu no curso, como um teste, para ver como é que os alunos iriam reagir. Essa disciplina normalmente é a última do curso, eles [os professores] trabalham toda a questão teórica e eu trabalho uma disciplina muito prática: os alunos vão para a rua ver a cidade, perceber a cidade e dou os subsídios de âmbito mais conceitual, que é a ligação entre planejamento urbano e preservação de patrimônio urbano, principalmente. E falo um pouco de restauração, de teorias de restauro, mas isso não é o principal da disciplina. O principal da disciplina é fazer os alunos irem para a rua e olharem com o olhar de como essa cidade é usada hoje, pelo morador, por eles visitantes, ou por eles que são moradores e estudantes, como é viver aqui, e tem resultados muito legais. Concluem a disciplina com um trabalho que eu deixo completamente livre, eles podem apresentar em qualquer formato, qualquer mídia, qualquer tipo de manifestação; então alguns fazem poesia, fotografias, outros fazem vídeos, e é bem legal.

Agora, o que eu senti muita falta é que cada disciplina é uma disciplina! O que eu enxerguei como aluna, como professora foi muito mais evidente: o curso é uma grande colcha de retalhos! Retalhos maravilhosos e no fim a colcha é até bonita porque os retalhos são bonitos. O curso é muito bom, mas não tem nenhuma articulação entre uma disciplina e outra. Nenhuma, nenhuma! Tem professor que eu nem conheço e eu dei aula lá de 2005 a 2013, quando acabou; todos os anos eu dei aulas e tem professor que eu não conheço. Na verdade, a gente não encontra com ninguém, não tem essa articulação entre as disciplinas. Eu acho que o conteúdo do curso é tão bom que isso não o desmerece, mas, se o curso tivesse uma articulação seria muito mais rico. Isso é imprescindível em qualquer curso que seja.

Outra coisa, também, é essa: se eu lecionasse em outro lugar, se fosse em qualquer outra universidade, ou se fosse um curso desvinculado de universidade, seria a mesma coisa. O

único apoio que eu sentia da UFOP era o apoio administrativo mesmo, das visitas, a questão da logística... Mas no final nem isso, estava muito ruim, eu estava fazendo as visitas com os alunos praticamente a pé, caminhando pela cidade. Eu não saía de Ouro Preto, pois o objetivo da disciplina era conhecer Ouro Preto, mas antes era mais fácil, nós visitávamos os morros, muitas vezes, para eles terem idéia dessa outra Ouro Preto que muitos desconheciam; não nos monumentos, mas nos bairros, nos morros mesmo. Depois, no final [do curso], eu estava fazendo as visitas a pé, por aqui mesmo, não estava nem gastando a minha energia para tentar conseguir a logística. Eventualmente tinha, mas fora isso eu não sentia nenhum envolvimento. Não, nenhum! Nada em relação à Universidade propriamente dita. Estar aqui prá mim era muito bom, mas realmente, eu não percebia, nem no IFAC nem na UFOP, nenhuma apropriação por esse curso.

2 – Na sua opinião, como o curso foi percebido no âmbito da UFOP?

CRISTINA

Não sei! Na verdade eu, como professora e também como aluna... Eu acho que até mais como professora, eu não me percebia dentro da UFOP. Como aluna não porque o aluno é mais distraído com essas questões; distraído no sentido de que o olhar dele não está voltado para essas questões, no momento do curso. Mas como professora eu não me sentia dentro da UFOP! Se eu chegasse de algum lugar, se eu não fosse ouropretana e não conhecesse muito bem o ambiente em que estou aqui, se eu estivesse na UFOP ou em qualquer lugar seria a mesma coisa. Então, eu acho que para ser institucionalizado faltou vontade, faltou determinação mesmo, faltou percepção, apoio. A Guiomar [Professora Guiomar de Grammont] tinha muita vontade, mas uma coisa é a vontade de uma pessoa, outra coisa é vontade institucional. São vontades muito diferentes! Eu não sei, eu não sou da UFOP, é muito difícil para eu falar isso. Eu vivi lá no curso como aluna e depois como professora, nesses anos, mas como professora visitante, que chegava lá e dava aulas, ia embora e pronto, acabou. Só isso, mais nada. Eu não tive nenhuma outra relação profissional com a Instituição.

Sobre o curso se tornar um curso de mestrado: na verdade essas especializações, eu não sei não, acho que são fadadas, daqui a pouco, a acabarem. Essa é a impressão que eu tenho, porque elas não têm, praticamente, institucionalidade nenhuma. Criar uma pós-graduação latu sensu dentro de uma instituição, ainda mais uma pública, é muito fácil. Na verdade, se os professores tiverem vontade, eles montam o projeto. Claro, eu não estou falando que isso é irresponsável; estou dizendo muitos desses cursos não passam por nenhuma cadeia de avaliação e não têm o apoio da Capes. Cada instituição tem a sua forma de aprovar as pós-graduações latu sensu, mas depois não sai do âmbito da própria instituição. Então, a impressão que eu tenho é que daqui a pouco elas tendem a acabar.

Eu acho que o curso do Barroco tem tudo para ser um mestrado: tem muito potencial, tem conteúdo, tema, ineditismo de não ter outro semelhante em nenhum outro lugar, tem o “laboratório” todo aqui. Acredito que até dentro da UFOP tenha professores interessados, e ainda tem todos esses professores visitantes, tem as instituições que podem ser parceiras: a FAOP, o IFMG, o IPHAN... Então, eu acho que temos em Ouro Preto um potencial muito grande ser um curso de mestrado, mas também, é preciso ter vontade política, vontade institucional, para que isso aconteça. E tem que lembrar que os professores do Barroco apenas dois ou três são da UFOP; os outros são de fora. Eu sou de fora da UFOP, mas os outros [professores] são quase todos de fora da UFOP e cidade de Ouro Preto: o Hansen [Professor João Adolfo Hansen], o Hill [Professor Marcos Hill], o Sérgio Alcides, a Myriam [Professora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira], o Caio Boschi, o Rodrigo [Professor Rodrigo Almeida Bastos]... Então, quase todos fora de Ouro Preto, inclusive. E alguns têm que ser mantidos [no curso], alguns são ícones: o que é o Barroco sem o Hansen, sem o Marcos Hill, sem esses professores que mencionei e outros que foram participaram do curso.

3 - Na sua opinião, o CECAB teve algum papel para a formação de recursos humanos para a área de Patrimônio Cultural?

CRISTINA

Eu acho que sim, viu Neide! É claro que os alunos saem e a gente não tem mais acompanhamento sobre eles. Como eu te falei, o curso é muito desagregado, em termos de curso mesmo, a gente não tem muita notícia dos egressos, não sabe onde estão atuando. De vez em quando eu tenho contato com alguns, agora como professora, volta e meia eu tenho retorno de alguns: uns me procuram para pedir para eu fazer palestras, inclusive, já fiz pra alguns; um lá de Pelotas me convidou no ano passado, mas eu estava bem no meio do doutorado, até indiquei o Juca Villaski. Outro [que me convidou] era de Juiz de Fora, outro dia recebi um aluno do Rio, que veio aqui. Então, volta e meia eu tenho convite. Tem alunos nossos da Conservação e Restauro [do IFMG-OP] que já fizeram o Barroco. Então que vejo, claro, eu acho que tem um papel muito grande na formação de profissionais, por essa ampliação mesmo do conteúdo que eu acho que nenhum curso tem esse tipo de conteúdo, agrega esse tipo de conteúdo que o Barroco permite, que ele propicia. Eu acho que ele contribui muito sim, sinceramente!

4 – Quais foram os limites e os desafios que você se deparou como professora do CECAB?

CRISTINA

Já conversamos sobre isso, mas, eu acho que o grande limite e desafio, reforço: acho que é essa desagregação... Eu acho que até é fácil para o professor, assim – eu vou lá e dou a

minha disciplina e ponto! Mas eu acho que o curso poderia se enriquecer muito mais se ele tivesse uma linha de articulação entre os professores e a própria UFOP, é lógico. O formato do curso, de ser modulado, cada professor vem e dá a sua disciplina em uma semana... Quando a Elisa Freixo foi coordenadora [do curso], ela tentou um pouco, mas também era uma pessoa de fora da Instituição, era pior, era mais difícil pra ela, algumas coisas que ela não tinha acesso. Ela não tinha nem a experiência de dentro da UFOP, do que é a Instituição e nem tinha meios para fazer que as coisas acontecessem. Eu também participei um tempo do Colegiado, mas não tinha ninguém de dentro da UFOP; tinha a aluna, mas também veio de fora.

Então é realmente difícil. Tem uma questão aí que eu não sei se é o que conta mais, o que pesa mais no curso: acho que o curso, como eu te falei, independente disso é um curso de excelência, eu não tenho dúvida, mas talvez ele pudesse ser melhor ainda, se agregasse mais, se se agregasse mais!

Tem outra coisa da qual não falamos ainda, Neide, também como aluna e como professora: é a questão da orientação de monografias, porque o aluno fica muito perdido quando ele acaba o curso. Primeiro: o curso é modular, muito intensivo, enquanto estão aqui eles [os alunos] estão concentrados, eles vivem só o curso! Quando eu fiz, morando aqui, eu vivia só o curso. É muito bonito, é muito legal, realmente, e é de muita intensidade! Você vive o barroco 24 horas, viaja, faz viagem técnica, e conversa, e discute e lê! É direto! A convivência entre os alunos fica muito rica! Mas aí eles vão embora e como é que faz essa monografia... Como nós professores somos quase todos de fora, a gente recebe pelas aulas, mas pela orientação de monografia a gente não recebe. Então depende da boa vontade de cada um. Eu já orientei alguns, inclusive, e estou me lembrando de uma que está pendurada comigo, mas às vezes eu até esqueço, sinceramente. Então o aluno me manda um e-mail, a gente vai conversando de longe, o povo que é de fora já vai embora... É muito difícil essa orientação de monografia. Se continuar o curso latu sensu, algum dia vai ter que pensar um modelo para o trabalho final, se vai ser mesmo monografia ou se vai ter outro caráter. Bom, agora se for mestrado, isso perde o sentido. Mas um dos entraves, que eu acho, é a conclusão desse curso.

5 – Uma última pergunta: tem alguma ponte, alguma ligação o curso do IFMG com o Barroco?

CRISTINA

Tem! O objeto! Vamos falar: o curso do IFMG é um curso de conservação e restauro de bens imóveis, de edifícios, de patrimônio edificado. Então, se ficarem por aqui os nossos alunos vão trabalhar, essencialmente, com os nossos edifícios coloniais. E eles têm algumas disciplinas, como história da arte, história da arquitetura, iconografia... que já dão subsídios para quando eles forem intervir e edifícios dessa época. Mas é claro que o conteúdo do

Barroco, ele vai lá no fundo, é vertical. Então, os alunos nossos [do IFMG] que fizeram o curso do Barroco gostaram muito, aprenderam muito, com certeza. E como o nosso curso é de tecnologia, é de nível superior, então eles entram direto na especialização, para eles isso é ótimo. Então eu acho que tem muito a ver sim, complementam a formação deles. Assim como a gente troca com a FAOP, muito de nossos alunos fazem o curso da FAOP, embora seja um curso técnico, e os alunos fazem FAOP fazem o curso do IFMG. Eu acho que é uma dobradinha muito legal. Inclusive se tiver o mestrado para eles seria uma oportunidade ótima!

Bom, esta é uma idéia, estou terminando o doutorado [na UFRJ] este ano, estou aí disponível, a gente pode ser instituição parceira e se a UFOP quiser a gente pode ver isso aí. Tem o Alexandre, que é muito bom, já é doutor, o Alexandre Mascarenhas, que é professor do IFMG. Ele é mais da parte técnica mesmo, de restauro, e eu continuo na parte urbana, meu doutorado é em urbanismo. Essa disciplina que a gente introduziu no Barroco é um experimento, ela enriqueceu muito o curso, os alunos gostaram muito dessa ponte, sabe, de sair do séc. XVII, XVIII, XIX e entrar no XXI. Como foi legal prá eles enxergarem esse lugar vivo! Eu acho que dá prá fazer um mestrado bem legal, em cultura e arte barroca e juntar todas essas questões. Então vamos lá! A gente realiza é depois do sonho!

ENTREVISTA 5

Entrevistada: Elisa Freixo

Foi professora das disciplinas Arte Mineira Colonial: Música e Música no Brasil Colonial

Possui Graduação e Licenciatura em Piano e Órgão pela Faculdade Santa Marcelina (1975), Graduação em Órgão pela Hochschule Für Musik Und Theater Hamburg (1981), Especialização em Órgão pelo Conservatoire Nationale Rueil Malmaison (1982), Especialização em Cravo pela Schola Cantorum (1982), em Especialização em Órgão pela Hochschule Für Musik Und Theater Hamburg (1982) e Mestrado pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Música, atuando principalmente nos seguintes temas: Musica, Órgão, Execução Musical e Consultoria para manutenção e restauro de órgãos e como professora.

Informações coletadas na Plataforma Lattes. Endereço: <http://lattes.cnpq.br/7796195300388480>
Acesso em: 21/4/2016.

Entrevista realizada via Skype, realizada em 17/4/2016, totalizando 44min de depoimento.

Depoimento espontâneo:

Quando eu cheguei a Minas, em 1984, as primeiras pessoas com quem eu tive contato foram as pessoas que trabalhavam com o barroco em Ouro Preto e que estavam ligados ao IAC. Foram as primeiras pessoas que conversaram comigo, dentre elas o Moacyr Laterza, a Myriam Ribeiro, a Ana Maria Parsons, o Harry Crowl, era o pessoal que estava ligado ao IAC. Nos primeiros anos eram os meus contatos em Minas, enquanto eu estava indo e voltando, eu ainda morava em São Paulo. Eu tive, realmente, um contato muito forte com essas pessoas, inclusive uma relação de amizade muito forte, com todos, que depois nunca mais foi eliminada da minha vida. Foi uma aquisição permanente, muito interessante.

Mas o curso era ainda uma semente, que teve o início oficial em 1985, após uma série de realizações de eventos, congressos, porque o barroco começou a ficar importante em Ouro Preto justamente na década de 70, 80, quando criam a UFOP, que dá um desenvolvimento enorme, aparece o ICHS em Mariana, quando o IAC é criado; até então a Universidade era muito pequena. Foi também quando o órgão da Sé foi restaurado. Há uma série de coisas que vem na mesma década, no mesmo período e resultado desses encontros de intelectuais em Ouro Preto. Esses muitos congressos que aconteceram e entre eles, também, o encontro que se deu para a reinauguração do órgão [da Sé de Mariana], muitos intelectuais, músicos importantíssimos, internacionais e daqui, isso chamou muito a atenção e as coisas

começaram a ter um encaminhamento curioso, num momento em que a gente achava que não tinha acontecido tanta coisa no Brasil! O órgão foi reinaugurado em dezembro de 1984. Em 77 começaram os pensamentos a respeito do restauro, do transporte, quem iria fazer o restauro, captação de recursos, e todo esse período de planejamento aconteceu simultaneamente com uma série enorme de coisas aqui. E também em BH, o Palácio das Artes, a criação da Orquestra, a oficialização do Conservatório de Música enquanto núcleo universitário e curso de nível superior, tudo acontece mais ou menos junto. Este é um momento muito interessante, que eu acho que a gente ainda não se dá muito conta porque nós estávamos envolvidos com a coisa. Eu acho que todo mundo agora, na nossa faixa etária, começa a fazer um pouco um balanço da vida: o que aconteceu realmente? O que é que foi importante? Então, eu acho que essas décadas de 70, 80, que nós consideramos décadas pesadas, meio perdidas, com muitos acontecimentos políticos complexos, de repente é também uma época em que muitas coisas nasceram, muitas coisas receberam o pontapé inicial. A gente ainda não sabe bem por quê. Muita gente fora, ainda muita repressão, muita gente machucada, a gente tinha aí problemas complicados e ainda acho que um pouco ou um nascer de uma consciência patriótica, novo nascimento de uma consciência patriótica em que o Patrimônio faz parte da História, porque antes o Patrimônio não fazia parte da História, ele era destruído! E no começo, quando eu cheguei em Mariana a coisa que mais me incomodou, foi o fato de que, pelo menos 10 casarões foram demolidos nos primeiros anos, casarões da praça principal. E era normal destruir, deixar cair e em 2, 3 anos caíram uns 10 casarões no centro de Mariana! E eu ficava pensando: Gente, mas isso é patrimônio! Eu já tinha um pouco dessa ideia de patrimônio barroco, eu estava chegando da Europa, certamente muitas pessoas também, mas ainda não havia a gente com essa visão mais massificada de hoje. Não é geral, mas há segmentos em que o cuidado com o patrimônio é mais evidente, como no IPHAN e até na igreja. Hoje também nós estamos precisando de uma coisa qualquer que mude o comportamento das pessoas, sem dúvida.

1 – Fale sobre a sua experiência como professora do CECAB.

ELISA FREIXO

Então, o curso apareceu na minha vida quando eu era coordenadora da Escola de música do IAC. Eu peguei esse cargo para substituir a Berenice Meneghale, num momento em que ela assumiu a Secretaria de Estado da Cultura [de Minas Gerais] e a Ana Maria de Almeida era Diretora do IAC. E o curso chegou a mim por essa via, eu comecei a ajudar a fazer a seleção dos alunos do Barroco, que mandavam projetos de pesquisas como parte do aceite, junto dos currículos e havia uma comissão selecionar os alunos, da qual eu fazia parte. Nós tínhamos que ler esses projetos e depois, juntos, avaliarmos quem eram os alunos que fariam parte do próximo curso. Então por esta via eu comecei a ver os projetos de pesquisas e prá mim isso é uma coisa muito interessante porque eu não sou acadêmica. Eu nunca fiz uma pesquisa formal, eu nunca fiz mestrado, nunca fiz doutorado, nem especialização, nada, nada; meu

curso é de Artes e de Performance musical. Eu estudei nos níveis mais altos que é possível alguém estudar na Alemanha e na França, mas sem fazer pesquisa. A pesquisa na Alemanha e na França é traduzida em conhecimento de repertório, de performance, em curso de interpretação e não em texto escrito, e continua sendo assim até hoje. Então, quem faz pesquisas são os musicólogos e não os músicos práticos, o que é uma discussão muito complexa no Brasil.

Bom, então eu me aproximei do IFAC e do curso do Barroco, estando já como professora visitante, convidada, nem lembro o título que o meu caso tinha, e ajudava na seleção. Antes disso, no entanto, os alunos do Barroco do IFAC, antes ainda IAC, iam para Mariana nos meses do curso para assistir concertos, oficialmente. Havia pedidos em quase todos os cursos, com a Professora Myriam Ribeiro, ou com a Lúgera, que era a secretária do curso, ou com algum outro professor, o Moacyr Laterza e outros. Eles levavam os alunos para assistirem os concertos regulares de órgão ou uma aula extra que eu fizesse, focando um pouco a música barroca, sempre alguém levava os alunos, o Harry, a Ana Maria Parsons. Então, eu tive essa convivência desde que o curso é curso, desde 85, 86, provavelmente, porque eu já estava lá, eu comecei a conviver com esse curso de um jeito mais light, mais informal, sem que houvesse um vínculo. Quando comecei a ler as pesquisas passei a entender um pouco a estrutura do curso, e nesse momento, como eu era professora da área de música, coordenando o curso de música, que nesse momento era um curso livre, tinha 5, 6 professores, era uma coisa bem pequena e não era formalizado e nós estávamos justamente trabalhando para formalizar o curso, torná-lo um curso de nível superior, então era esse o meu trabalho no IFAC. Quando a gente optou por fazer um curso de educação musical eu saí da coordenação porque não era a minha área; então, eu levei o curso de música até uma decisão e quando se resolveu eu saí e outras pessoas da área assumiram. Eu já estava ligada ao curso do Barroco, então eu continuei no IFAC como professora, lecionando a disciplina Música na América Portuguesa, e essa visão do curso foi sendo cada vez mais ampliada.

Então foi isso: eu comecei lendo os projetos de pesquisas e currículos, depois eu passei a dar aulas e pelo fato de morar aí fiquei muito entrosada com o curso e amiga de todos os professores. Alguns professores ficavam hospedados em casas, outros ficavam mais tempo em Ouro Preto além das suas aulas para poderem frequentar as aulas dos colegas. E a relação humana que o curso proporcionou começou a ficar tão forte, nós éramos tão amigos e tão interessados no tema, o assunto não se esgotava e o curso transbordava, não só para os alunos, mas também para os professores. Então era um vai e vem lá em casa, pessoas hospedadas uma semana, 10 dias, a gente fazia muita comida e muitos encontros fora do horário do curso. A gente saía com os professores que visitavam os distritos, íamos de carro, um horário extra incrível: eu recebia por 8 horas e acho que ficava 40 horas no curso, levava a espineta e o cravo para as igrejas, iam uns 2, 3 professores, era muito divertido isso! E acho que era divertido não só para os alunos, era divertido prá gente, porque nós fomos fechando uns cursos muito improváveis! Então fomos descobrindo como falar para os alunos a relação que tem entre a poesia e a música, entre a imagem e a música, entre a poesia, a

imagem e a música, num tripé, entre a arquitetura, os símbolos e a música, enfim! E eu comecei a entrar nas aulas dos outros professores, ou, começamos a fazer aulas em parceria e fizemos aulas memoráveis, prá nós!

Então, eu acho que esse curso mudou muito a minha vida, porque a relação com todos os professores, de forma tão concentrada, durante um mês, e essa experiência de imersão, de todos nós escutarmos o discurso de todos nós e de todos os professores terem essa disponibilidade, essa abertura de entrarem e assistirem a minha aula, ou eu entrar na aula deles, ou da gente em turma, 3, 4 professores, assistir as aulas dos outros, do Boschi, do Hansen, da Myriam e o Hansen assistirem as minhas aulas, o Sérgio Alcides! Foi uma coisa tão sofisticada e humana, de um padrão de qualidade tão elevado que eu acho que só é possível mesmo para pessoas muito conscientes de seus saberes. E montamos algumas aulas que creio que foram extremamente modificadoras para a nossa experiência como professores! Eu costumo dizer que o Barroco foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida!

O meu afastamento do curso se deve a um problema pessoal, de doença na família e quando eu me afastei, infelizmente, logo depois o curso pausou, mudou muito e com as novas realidades da universidade brasileira ele ficou impossível de ser realizado como era. E eu acho que foi uma tristeza, como se a gente tivesse perdido um pedaço da gente quando o curso fechou, porque esse ritmo, de todos os meses de férias estarmos lá, disponíveis, trabalhando, criando uma discussão que era nova, que tinha um frescor e ao mesmo tempo era muito rica pela possibilidade de dialogarmos com tantas pessoas sobre o mesmo assunto e trazermos novos ares sempre! Eu acho que foi uma experiência maravilhosa e prá mim, tenho que repetir, foi uma das maiores e melhores experiências da minha vida!

2 - Na sua opinião, o CECAB teve algum papel para a formação de recursos humanos para a área de Patrimônio Cultural?

ELISA FREIXO

Eu gostaria antes de fazer uma observação, que já deve ter aparecido em outro depoimento: o conhecimento aumentou muito no Brasil com relação ao patrimônio durante a existência do curso, que foi muito longo e permanente. Nós percebemos que o curso começou com o foco mineiro, era arte e cultura mineira, de Minas Colonial, não era do Brasil Colonial. Embora o título do curso tenha mudado um pouco, as pessoas estavam muito focadas em Minas, nos primeiros anos eu não era professora, estou falando a partir das palestras que eu fiz no órgão da Sé. Depois o curso foi se ampliando, ampliando, eu já estava me envolvendo mais com o IFAC e a gente conseguiu jogar um foco para o cenário nacional, então já se falava do barroco em nível nacional.

Nesse meio tempo todos os professores tiveram experiências fora do Brasil, alguns já mais sistematicamente, outros foram morar um tempo em Portugal, outros começaram a viajar,

todos nós estávamos viajando no ano 2000. O Hansen estava no mundo inteiro; o Boschi também viajava demais; a Myriam foi fazer um estágio enorme em Portugal, um pós-doutorado, eu acho; o Marcos Hill saiu muitas vezes do Brasil; eu fui 7 vezes pro México, além de viagens prá França, Alemanha, prá Bolívia, Paraguai; a Guiomar começou através dos livros, em Cuba, nós não íamos mas a Guiomar foi prá Cuba. Então, o foco de visão dos professores foi aumentando tanto que quando o curso foi interrompido ele era um curso de cultura ibero-latino-americana! Ele tinha um foco tão ampliado que nós todos começávamos a dar aulas mostrando imagens, mostrando músicas, mostrando altares e igrejas em Portugal, na Espanha, depois passava para o México, Peru, Bolívia e depois vinha para o Brasil e por fim focava Minas. Isso foi uma evolução que nós sentimos de forma muito clara, eu não sei se isto já apareceu em outras conversas, mas eu queria falar isso, porque, realmente, foi uma mudança excepcional e mostra mesmo que os recursos humanos foram aprimorados, não só na dimensão dos alunos do curso, mas também na dimensão dos professores. Eu acho que o fato da gente passar o ano inteiro pensando no curso e todo mundo consciente, satisfeito, sabendo que tinha que dar aulas em janeiro e julho, a gente passava o semestre preenchendo esse espaço entre janeiro e julho. Todo mundo ficava focado: Ah, essa imagem vai ser para o meu curso, esse acessório vai servir prá minha aula, e essa viagem, por exemplo, eu estava no Equador, em Quito e ficava olhando o que eu ia tirar dali para o meu curso, porque você se depara com um altar de uma igreja que tem 200 anos, o altar ou o púlpito. Isso muda, decerto, a forma de ver a igreja mineira, a igreja de Salvador. Então eu acho que houve uma amplidão, uma amplitude, esse foco foi sendo tão generosamente aberto, que os recursos humanos alteraram muito, não só com relação aos alunos. Isso da minha parte é muito claro.

Eu não sei se teria condições de responder essa pergunta, porque eu acabei não orientando monografias; ou seja, eu tinha contato com os alunos durante o curso, quando o curso acabava eu não tinha mais contato com eles porque a minha matéria era música colonial e, infelizmente, muito poucos músicos fizeram o curso, poucos, a gente conta quantos! É a área que menos valorizou o curso, infelizmente, apesar de toda propaganda que eu fiz, eu enchia a paciência dos outros de tanto que falava desse curso. Então, eu não tenho muita condição de avaliar. O que prá mim é claro é que uma parte enorme do público, você certamente já percebeu isso, era de pessoas que já atuavam na área e que precisavam de conhecimentos, acho que mais que de uma qualificação. Nós percebemos que muitos vinham em busca de ampliar seus conhecimentos sobre o patrimônio da cultura e da arte barroca. Posso te dar um exemplo, que é muito próximo e divertido, a Deise Lustosa, que já era mestre, que não precisava dessa qualificação e veio fazer o curso em busca de conhecimento. Nós tivemos alunos da área de promotoria, da área do colecionismo, gente que freqüentava o curso porque – talvez gente que nunca tenha feito uma monografia, que não tinha a necessidade de fazer a monografia – mas que vieram ter aulas para aprender a respeito da sua própria atuação. E nós tivemos alunos mega-interessados nessa dimensão porque eram pessoas que estavam convivendo com o barroco nos setores mais impensáveis, que não eram museólogos, arquitetos, artistas, etc. Não. Tinha gente da área de promotoria, advogados, bancários,

coleccionadores, gente que tem coleções de 200, 300 imagens em casa, gente que trabalha com turismo, guias de turismo, e essas pessoas buscavam conhecimentos e eu creio que o curso teve, realmente, capacidade de oferecer conhecimento num nível muito sofisticado! Ele era um curso que possibilitava um título para dar um passo na carreira, inclusive para a entrada no mestrado, e oferecia, paralelamente, a possibilidade de formação e informação, abrir portas para pessoas que estivessem em outras áreas pudessem estudar e conhecer para defender o patrimônio brasileiro, seja como colecionador, como advogado ou como guia turístico, por exemplo. Então, eu acho que o curso teve esses dois aspectos: a gente não pode ver o curso só como um curso de especialização, que oferece um título em forma de documento no final do curso, depois de concluir uma monografia, como algo para reconhecimento da carreira de alguém; ele era, também, um curso informativo e nessa dimensão ele teve uma importância enorme!

3 – Quais foram os limites e os desafios que você se deparou como professora do CECAB?

ELISA FREIXO

Eu fui coordenadora do curso, acho que quase 3 anos, entrei quando o Zé Arnaldo saiu. A Guiomar já era diretora do IFAC, estava assumindo a coordenação do curso, mas estava muito atarefada. O IFAC era um núcleo muito alternativo, a escola como um todo, uma federal, a UFOP e a direção do IFAC sempre foi difícil porque aglutinava saberes e núcleos completamente díspares: tinha uma escola de música, uma escola de teatro, um núcleo de fotografia, um núcleo de pesquisas. Depois esses núcleos foram se formalizando e se tornaram cursos de nível superior, mas aí entrou a Filosofia e não entrou como Estética, porque se tivesse entrado poderia ter sido um guarda chuvas para abrigar os outros núcleos. Mas a Filosofia não entrou como Estética. Então, foi muito difícil e a vítima era sempre o diretor do IFAC! Eu ficava com pena dessas pessoas porque as reuniões não faziam muito sentido, e o curso do Barroco, que foi a razão da existência do IFAC, do IAC, era considerado um incômodo! Chegou um momento em que não havia como, porque ele não tinha uma ação formada! A Filosofia não tinha estética, o curso de música era livre, o curso de teatro era livre, então a gente só tinha alunos que eram amadores, não tínhamos muitos alunos profissionais de artes e de estética. O Núcleo de Fotografia, maravilha, eu acho louvável, mas o que faz um núcleo de fotografia em uma instituição que pretende ser um Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, sendo que era apenas um núcleo de pesquisa, não era um curso. Então, as coisas eram tão confusas que o diretor tinha que circular, passear por esses pensamentos díspares e por essas micro-instituições: a música era uma micro-instituição, o teatro era uma micro-instituição; a Filosofia já não era tão micro porque já era reconhecidamente de nível superior. E tinha os núcleos de pesquisas, um que era relacionado ao folclore, eu nem me lembro muito bem, mas tinha uma série de envolvimento comunitários. O IFAC tinha um papel social e havia alguma coisa ligada ao artesanato, então vinha gente de todo canto para dar aula de artesanato, em pedra sabão, em cestaria,

maravilhosa iniciativa, mas fazendo parte de um núcleo que não tinha uma estrutura para absorver tudo isso! Eu me lembro da Ana Maria de Almeida numa luta, tentando vender produtos de pedra sabão para o comércio e permitir que o comércio patrocinasse o núcleo. Era assim! E no meio disso tudo tinha o curso de Barroco.

Bom, hoje, olhando para trás e pensando nas perguntas que você me propõe, eu acho que a gente viveu uma situação esquizofrênica! E o curso só foi possível por algumas razões: a união de pessoas muito generosas, tanto na coordenação do IFAC quanto na coordenação do curso, e a qualidade dos professores, a qualidade humana dos professores, que gostavam muito do curso e se envolveram muito com ele; isso foi uma grande qualidade. Sem nenhuma sombra de dúvidas, o reconhecimento dos alunos de que as condições eram péssimas, mas o curso era ótimo; os alunos sempre reivindicavam coisas, carteiras, por exemplo. A gente tinha aulas em um lugar que deveria ser proibido: não tinha iluminação adequada, quando a gente ia usar um slide não tinha cortinas para escurecer a sala, no inverno era um gelo, enfim, era tudo muito confuso e precário. Faltavam materiais, às vezes a gente tinha que levar muita coisa de casa, eu estava sempre emprestando alguma coisa, até toalha, era realmente incrível!

Os alunos vinham com muita disposição, era muito bacana isso! Eram extremamente questionadores e todo mundo estava ali para aprender, mesmo os grupos mais farristas; nós tivemos alguns que emendavam a noite de domingo à aula de segunda, passavam a noite barroqueando em Ouro Preto! Mesmo os grupos mais farristas, que faziam muita bagunça, mas eram muito interessados, questionadores e tinham muito conteúdo. Eu acho que a força humana superou as adversidades e as dificuldades dos vícios organizacionais, dos atrasos de pagamentos; teve gente que ficou anos, anos, esperando para receber o pagamento. Realmente, do ponto de vista logístico é um milagre que o curso tenha resistido e acontecido durante tantos anos!

4 – Na sua opinião, como o curso foi percebido no âmbito da UFOP?

ELISA FREIXO

Bom, eu vou falar porque eu não sou comprometida com ninguém, eu sou uma artista independente e eu posso falar o que outros professores talvez não possam. Eu tenho certeza, ou quase certeza, pois a gente nunca tem certeza, de que o curso sequer foi percebido! Eu acho que se ele tivesse sido percebido ele teria sido anulado, por exemplo, e nem essa força para anular existiu. Ele era um curso de absoluto sucesso e eu acho que as pessoas nem perceberam que ele tinha tanto sucesso.

Essa pergunta já me incomodou muito e eu me perguntei: mas o curso foi percebido algum dia por alguém? Veja bem, eu não estou dizendo que o reitor não tenha percebido, ou que o

diretor, ou os demais colegas do IFAC não tenham percebido. Claro que eles perceberam! Os reitores nos perceberam porque nós brigávamos muito, os diretores do IFAC brigavam muito pelo curso. Eu estou falando numa dimensão mais ampla, que, se o reitor ou os reitores perceberam, eles não tiveram força para defenderem um curso deste no âmbito da Universidade. Então, a Instituição não percebeu; pessoas dentro da instituição perceberam, mas a Instituição, não; porque se tivesse percebido teria sido: ou muito positivo ou muito negativo. O fato de o curso ter passado, assim, meio numa lama institucional, organizacional, permitiu a sobrevivência dele por tantos anos, e em um dado momento impediu que ele caminhasse prá frente. Porque se existisse um curso nobre para a UFOP, talvez paralelamente à Geologia, Engenharia, Mineração, que é óbvio, tem que estar em aí mesmo, se tem um outro curso que deve estar em Ouro Preto, considerando o Brasil inteiro, é o curso de mestrado, de doutorado e pós-doutorado em formação em arte barroca. É absolutamente ridículo que isso não tenha acontecido! É ridículo! E acho que todos nós temos que ter vergonha desse fato; não só a Federal, mas a sociedade como um todo, a sociedade mineira. E fica essa imagem falsa de Ouro Preto, não da cidade, mas que ela seja um laboratório do barroco. É um absurdo uma cidade como Ouro Preto não ser tema permanente de imersão e de estudos para alunos do mundo inteiro! Eu não estou falando alunos só de Ouro Preto, do interior de Minas, da Bahia, São Paulo, etc. Do mundo! Ouro Preto é um dos maiores laboratórios de pesquisa de arte barroca do mundo, mas isso não acontece e eu acho que todos nós tínhamos que ter vergonha disso.

Espero que esse discurso seja muito forte e que alguém se preocupe com ele, porque é realmente uma vergonha que Ouro Preto não assuma essa posição e que ela tenha que estar na linha de frente da Universidade Federal. É incrível que este assunto não seja tema de discussão, que a Universidade, nesses anos todos, não tenha promovido um núcleo de estudos envolvendo outras universidades mineiras, que permitisse tornar Ouro Preto um laboratório permanente de estudos do barroco. Seria uma maravilha, traria um público fenomenal para a cidade, pessoas não só interessadas, mas interessantes, traria recursos financeiros, traria pesquisas. Neste aspecto o curso foi em vão! Eu acho que é muito doído prá nós que nos envolvemos com o curso, com a força que nos envolvemos, tem gente que, realmente, defendeu o curso com unhas e dentes, com uma força de leões, a Ana Maria de Almeida, por exemplo, e é até difícil dizer quem porque posso ser injusta, a Guiomar, a Ana Parsons, o Laterza, a Myriam Ribeiro, o Marcos Hill e muitos outros, enfim, a gente brigou muito por esse curso!

5 – Na sua opinião, qual é a relação do CECAB com a cidade de Ouro Preto? Qual é o significado de acontecer em Ouro Preto?

ELISA FREIXO

Nesses anos do curso, obviamente que em 85, a primeira vez que o grupo me visitou em Mariana, eu era muito jovem e estava no início da minha carreira. Bom, hoje eu conheço esses países todos da América Latina, eu fiz incursões muito importantes no México, sou consultora lá, depois fui algumas vezes em Quito, agora esta semana indo para a Bolívia, a segunda vez para o festival de Misiones de Chiquitos ; então, o meu ponto de vista sobre o barroco mudou muito. Eu visitei as cidades barrocas mais importantes do mundo, nesses últimos anos, e visitei repetidas vezes não só monumentos, mas cidades, núcleos históricos barrocos. Quito é uma cidade que mexe muito com a gente que trabalhou no Barroco do IFAC, foi a primeira cidade tombada pela Unesco. Ela mexe muito com a gente que é brasileiro, porque ela não é só muito cuidada, as pessoas têm muito orgulho da cidade, mas ela é, realmente, um monumento barroco muito, muito importante.

Bom, o que eu acho de Ouro Preto é que a relação do curso com a cidade continua sendo a mesma que a cidade tem com o monumento: uma relação difícil! Eu imaginei que para mudar isso seriam necessárias uma geração, duas gerações que fossem mais sensíveis; que neste período de tempo entre gerações algumas mudanças acontecessem, mas, infelizmente, não acontecem! Ouro Preto está completamente abandonado, suja, feia, e a gente vendo isto com muita tristeza. É uma pena! O papel do curso na cidade se existisse num formato mais estável, com um nível mais alto, com uma presença permanente, através de um mestrado ou um doutorado, ou os dois, obviamente. Ou o que é desejável: especialização, mestrado e doutorado, para formar gente em todos os níveis, ele poderia ter um setor educativo, ele poderia mudar um pouco essa visão do barroco para a própria cidade e para a própria Universidade. A UFOP não tem ligação com a cidade, ou se tem é uma pequena porcentagem. Os alunos chegam, ficam aqui por um tempo e depois vão embora. Os alunos e os próprios professores também. Veja quantos professores do IFAC moram em Ouro Preto? A gente conta, a gente sabe quem são. Como é possível defender uma cidade que você não vive nela? Quem vai se preocupar com o lixo, com a água, com o cavalo, com o mato? Se você está em BH suas preocupações estão em BH. Então é uma questão muito complexa, da Universidade como um todo; ela facilita a vida de quem mora fora, paga ônibus para as pessoas virem trabalhar. Então a cidade é esvaziada de compromissos, porque se a Universidade não tem compromisso com o patrimônio, quem vai ter? A mineradora é que não é! A igreja não dá conta, eu trabalho dentro da igreja e vejo as mudanças que aconteceram nos últimos anos, eu faço parte dessas mudanças, a igreja é super engajada hoje em relação ao patrimônio; impressionante como os padres se tornaram “profissionais” entre aspas, no cuidado com o patrimônio nesses últimos anos. E isso não acontece com a universidade! Uma vergonha! Que Universidade é essa que não se preocupa com a cidade onde ela está inserida? Que professores são esses, que recebem um salário alto, hoje o salário de um doutor é o salário de um empresário, e eles não se preocupam com a cidade que os pagam? Que Universidade é esta? O papel da Universidade, que deveria ser influenciar a sociedade onde ela está inserida, não cumpre o seu papel ou o faz de forma tímida. A gente não pode afirmar que não está porque tem muita gente compromissada, mas não é o compromisso que a Universidade tinha que ter. E como os alunos são passageiros, você vê como a cidade está

sendo tratada, a cidade de Ouro preto esta se mudando para a região do campus Morro do Cruzeiro. Você vai para a região do Campus e é uma outra cidade, que não tem mais nada a ver com o núcleo histórico: lá tem os bancos, farmácias, a rua do comércio, hotéis, tudo lá fora. E as pessoas não convivem mais com a cidade!

Então, eu vejo esse prédio do IFAC, que é um sonho, uma das casas mais lindas, e sempre fico pensando: gente, essa casa precisava ser aberta sexta feira à noite, sábado e domingo, fim de semana inteiro e oferecer cursos! Quando eu falei isso na UFOP, eu trabalhava no IFAC, que a Universidade tinha que abrir nos fins de semana, quase me mataram! Imagina, nós trabalhamos todos nos fins de semana em Ouro Preto, é só a Universidade que não trabalha nos fins de semana, até as mineradoras trabalham. É uma situação que vejo assim: a Universidade não tem nada a ver com essa cidade. Ela é uma cidade turística, se a gente oferecesse cursos de formação no centro histórico de Ouro Preto, acompanhado de uma programação cultural, só isso já mudaria a relação da Universidade com a cidade. Só isso, uma bobagem! Isso poderia acontecer um fim de semana por mês, no prédio do IFAC, organizado só pelos professores, não precisava nem chamar mão de obra de fora. E isso não é possível, nem sequer ser discutido.

Então, eu vejo uma dificuldade e não sei se vão acontecer mudanças a curto prazo.

ENTREVISTA 6

Entrevistado: Professor JOÃO ADOLFO HANSEN

Foi professor da disciplina Estética no CECAB, de 1993 a 2013. A partir de 2006 essa disciplina passou a ser chamada de Poéticas do Barroco.

João Adolfo Hansen concluiu o Doutorado em Literatura brasileira pela Universidade de São Paulo em 1988. Atualmente é Professor Titular ms6 da Universidade de São Paulo, membro da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo, membro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e membro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Publicou 72 artigos em periódicos especializados e 3 trabalhos em anais de eventos. Possui 82 capítulos de livros e 13 livros publicados. Participou do desenvolvimento de 112 produtos tecnológicos. Participou de 44 eventos no exterior e 165 no Brasil. Orientou 26 dissertações de Mestrado e co-orientou 1, orientou 17 teses de Doutorado, além de ter orientado 15 trabalhos de iniciação científica e 8 monografias de pós-graduação lato sensu nas áreas de Letras, História e Arquitetura e Urbanismo e ter supervisionado 15 pesquisas de Pós-doutorado.

Recebeu 1 Prêmio (Jabuti-1990-Categoria ensaio) e o Grande Prêmio da Crítica 2014 da Associação Paulista de Críticos de Artes. Atua na área de Letras, com ênfase em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Em suas atividades profissionais interagiu com 15 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos.

Informações retiradas da Plataforma Lattes. Endereço: <http://lattes.cnpq.br/5662346788901115>
Acesso em: 10/04/2016.

Entrevista concedida por escrito e enviada por e-mail pelo depoente, em 16/3/2016

1 – Fale sobre a sua experiência como professor do CECAB.

HANSEN

Em 1992, fui convidado pelos Profs. Hygina Bruzzi e Moacyr Laterza a ir a Ouro Preto fazer uma palestra no IFAC-UFOP sobre meu trabalho a respeito da poesia de Gregório de Matos e Guerra, discutindo a questão historiográfica e crítica do chamado “barroco”. No ano

seguinte, 1993, recebi convite da Profa. Ana Maria de Almeida, diretora do IFAC, para ministrar um curso de extensão relacionado ao tema da cultura e arte barroca, nas férias de janeiro-fevereiro e julho. Dei o curso e, nos anos seguintes, continuei a dá-lo nas férias de janeiro-fevereiro e julho. Mais à frente, solicitei que as aulas fossem em janeiro-fevereiro, apenas, ou só em julho, devido a outras atividades que tinha em S. Paulo, na USP, e viagens ao Exterior. Isso até 2012, quando recebi a informação de que não mais ia haver o curso, porque o Ministério Público proibia que uma universidade pública, como a UFOP, cobrasse por cursos ministrados.

Diria que, para mim, dar o curso por mais de 20 anos foi uma bela experiência que, como acredito, ultrapassou os estritos limites institucionais do curso. Antes de tudo, porque ele sempre tinha alunos vindos das mais diferentes partes do país e era possível, assim, ter informação do que fazia pessoas de lugares como o Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, ir a Ouro Preto para seguirem um curso sobre cultura e arte barroca. Os alunos sempre eram extremamente interessados nos temas políticos, religiosos, artísticos etc. do mundo luso-brasileiro dos séculos XVI, XVII e XVIII, demonstrando muita avidez por mais e mais informações. Nos anos de 1980, para fazer o meu doutorado sobre a poesia atribuída a Gregório de Matos, tive que enfrentar a miséria cultural brasileira, a ausência de livros e documentos nas bibliotecas miseráveis etc. Nesses anos, adquiri muitos livros e documentos sobre retórica, poética, artes plásticas, metafísica escolástica, teologia-política ibérica, direito, ética, arquitetura, livros de emblemas e empresas também processos colonizadores, exploração do território, ação da Companhia de Jesus, ensino, cultivo do açúcar, tráfico negreiro, guerras contra índios etc. etc.etc. Eram livros portugueses, italianos, franceses, alemães, espanhóis, ingleses, norte-americanos, mexicanos, colombianos etc., além de cópias de documentos que fiz na Biblioteca Nacional, no Rio, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, na Biblioteca Nacional de Lisboa, na Bibliothèque Sainte-Geneviève, de Paris, etc. etc. O IFAC não tinha biblioteca e a da UFOP era como a das bibliotecas da maioria das cidades e universidades do Brasil, muito pobre nessas informações. Assim, todo ano que eu ia a Ouro Preto, levava duas malas grandes cheias de livros que tinha importado e papeis que tinha copiado em arquivos e bibliotecas do Exterior e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Uma vez, me lembro, quando ainda havia a VASP, uma das malas extraviou-se, indo parar em Manaus; só 4 dias depois de eu ter chegado a Ouro Preto ela foi entregue na pousada em que estava hospedado. Felizmente, porque tinha alguns tratados italianos sobre emblemas, empresas, etc. que tinha obtido com muita dificuldade. Eu emprestava todos os materiais de que dispunha para os estudantes, que faziam cópias xerox deles. O legal é que, quando o curso acabava e eles voltavam para seus lugares de origem, levavam as informações, que passavam a usar em trabalhos do curso, escreviam para mim ou para outros colegas e, quando eram professores, em cursos que davam na escola secundária ou na Universidade. Nesse sentido, divulguei por aí muitíssimos livros e documentos. Me lembro que, entre eles, um que por aqui estava esquecido desde o século XVIII (os Autos da Devassa da Inconfidência informam que o Cláudio Manuel da Costa tinha um exemplar dele), o tratado de Emanuele Tesauro, publicado pela primeira vez em Turim em 1654, Il Cannocchiale Aristotelico, que é uma gigantesca sistematização das doutrinas do conceito

engenhoso ou agudeza, que caracteriza a racionalidade de Corte das artes hoje conhecidas como “Barroco”. Quando fiz meu doutorado, eu localizei na Biblioteca Nacional um exemplar do *Cannocchiale* que pertenceu à biblioteca dos reis portugueses trazida para o Brasil por D. João VI e copiei à mão todo o cap. 12 dele, o *Tratado dos Ridículos*, que é uma retórica do gênero cômico. Uma aluna minha da USP a traduziu e ela foi publicada em 1992, pela Unicamp. Me lembro de também emprestar textos de Saavedra Fajardo, Francisco Suárez, Maquiavel, Guicciardini, Giovanni Botero, Baltasar Gracián, Sforza Pallavicino, Cesare Ripa, Sebastião César de Meneses, Alciato, Horapolo, Marsilio Ficino, Baldassare Castiglione, Giovanni Andrea Gilio, Sénault, Le Brun, Phélibien, Roger de Piles, Geoffrey de Vinsauf, retóricas latinas e textos italianos de poética etc.etc. E também de filósofos, historiadores, teóricos da arte e críticos contemporâneos etc., como Foucault, Kantorowicz, Roger Chartier, Michel de Certeau, Koselleck, Marin, André Chastel, Robert Klein etc. Isso sempre foi muito legal. A cultura não tem dono e, num país precário e ignorante como o nosso sempre achei que devemos necessariamente democratizá-la o mais possível.

Gostava de dar o curso. Desde o início, insisti com os organizadores dele que devia ser transformado num curso de Pós-Graduação especializado em questões sintetizadas pela fórmula “cultura e arte barroca”. Eu dizia, então, que a cidade de Ouro Preto reunia todas as condições para ser o centro nacional de estudos brasileiros sobre o chamado “barroco”. A começar pela própria história da cidade. E sua localização. E seus monumentos. E as muitíssimas pesquisas que poderiam ainda ser feitas sobre a cultura material e a cultura simbólica dos séculos XVII e XVIII, em campos diversificados, antropologia, sociologia, história literária, história da arte, história da religião, história econômica e política etc.etc. Participei de várias reuniões feitas pelas profas. Ana de Almeida e Guiomar de Grammont, no início dos anos 1990, em que também estava meu amigo e colega da Unicamp, o Prof. Alcir Pécora, que depois de algum tempo deixou de dar cursos; fizemos várias sugestões. Infelizmente, a abertura da Pós-Graduação que transformaria o curso de extensão num mestrado e depois num doutorado não foi adiante, devido a várias razões, a começar pela diversidade dos interesses contraditórios dos grupos e membros do IFAC, que é um Instituto que nunca soube bem como, nem porquê junta as áreas de Filosofia, de Arte e de Cultura. Depois, isso foi ficando a cada vez mais evidente conforme o tempo foi passando, sempre houve um desinteresse grande, vamos dizer, um desinteresse prático, da parte dos órgãos centrais da UFOP. E também dos órgãos de cultura de Ouro Preto, Câmara municipal, Prefeitura, secretários de cultura e personalidades etc. etc. Quero dizer: sempre houve, como ainda há agora, muito blábláblá muito festivo sobre a cidade, seu patrimônio artístico, a história local, o Barroco Mineiro, o Aleijadinho, a grande arte Mineira Barroca, os heróis da Inconfidência, etc. e tal. Ao mesmo tempo, desde que comecei a dar o curso, em 1993, o que efetivamente sempre ocorreu foi a ocupação desordenada do espaço, o turismo predatório, a grande indiferença prática das autoridades pelo estado de conservação dos monumentos históricos, arquivos etc. Logo que percebi que desse mato não ia sair nenhum coelho, continuei dando os cursos, mas não quis participar de mais nenhuma reunião, pois sabia que o curso não seria transformado em nenhum programa de Pós e permaneceria sendo um cursinho, algo secundário e esquecido e dado num espaço físico precário, como espécie de

extensão ou especialização sem maiores conseqüências, etc. Apesar disso tudo, topei continuar viajando todo ano a Ouro Preto e continuei a emprestar livros e documentos para os alunos do curso. Felizmente, sempre pude contar com a ótima boa vontade dos funcionários do IFAC, como a secretária dele, a Luciana, sempre gentil e pronta prá deixar todo o material que eu lhe mandava, às vezes de ultimíssima hora, pronto e disponível para os alunos. Isso tudo foi muito legal.

*Quando ia a Ouro Preto, tinha que dar um curso de Pós no máximo em 2 semanas, com 5 aulas por semana (2^a., 3^a., 4^a., 5^a., 6^a.), perfazendo 10 aulas e, algumas vezes, 12, com aulas também nos sábados de manhã. Num curso normal de Pós, os estudantes têm pelo menos uma semana de intervalo entre cada aula para ler os textos, fazer pesquisas, escrever, preparar seminários etc. No curso de Ouro Preto, os alunos tinham aulas diárias, além das minhas, que geralmente eram dadas de manhã, entre as 8 h e as 12 h, com um intervalo de 15 min., às 10:30, tinham também aulas à tarde, a partir das 14 h, até às 18 h, com uma carga horária extremamente pesada, de segunda a sábado. Era praticamente impossível fazer seminários ou pedir que lessem textos para a aula seguinte. Por isso, eu dava aulas expositivas, com muita, mas muita mesmo, informação. Para que eles não se perdessem demais, eu preparava e lhes entregava folhas de Notas, com títulos indicativos dos temas principais de cada aula (Por exemplo: **Corpo místico; Discrição/vulgaridade; Retórica; Decoro; Emblemas e divisas; Técnicas do retrato; Gênero epidítico, etc. etc.**). As Notas formavam cadernos - em média, com 10 páginas cada um - com bibliografia, exemplos, excertos de textos, exercícios, etc. A junção de todos eles ainda pode dar um livro, se um dia eu tiver tempo e disposição para isso.*

Desde o início do curso, em 1993, eu me reuni inumeráveis vezes com alunos, em grupo ou individualmente, para discutir e orientar projetos de pesquisa. Desde o início, li textos de projetos, artigos, ensaios, mestrados que eles faziam, fazendo críticas, sugerindo alterações, propondo e emprestando bibliografia, etc.etc.etc. No IFAC, orientei 8 monografias; algumas delas foram muito boas e mesmo excelentes. Facilmente poderiam ser defendidas como ótimos mestrados, se o curso de Pós existisse.

Faço uma lista delas, com o nome do autor, título e data:

1. Luiz Henrique Fiaminghi. *Violino e Retórica* (1995).
2. Simone Monteiro. *Inventários mineiros do século XVIII* (1996).
3. Paulo Vicente da Veiga Jordão. *Corpo Santo. Alegorias do Corpo Místico do Barroco Mineiro* (1996).
4. Maria Auxiliadora de Noronha Serpa. *Glossário dos trajes, alfaias e tecidos do século XVIII* (1998)
5. Públio Athayde. *As Quatro Estações: Mimeses* (2007).
6. Otávio Grisante Barion. *A Retórica de São Carlos Borromeu. Da funcionalidade à persuasão* (2007)
7. Beatriz Helena Ramsthaler Figueiredo. *Os ex-votos do período colonial como forma de comunicação entre pessoas e santos (1720-1780)*, (2009)

8. *Andrea Piazzarolli Longobardi. Máquinas do Tempo Inventado: Chinoiseries no Setecentos mineiro (2011).*

Outras orientações:

1. *A convite da Profa. Dra. Hygina Bruzzi, da UFMG, fui co-orientador da dissertação de Mestrado feita por Danielle Nunes Caetano. Theatrum sacrum: A igreja do Pilar de Ouro Preto (1999) (Orientadora: Profa. Dra. Hygina Bruzzi. Depto. de Arquitetura- UFMG).*

2. *Fui orientador da dissertação de Mestrado feita por Paulo Roberto Versiani dos Anjos. Metáfora de Pedra: A retórica na representação plástica da Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto (2002), defendida no Departamento de Letras da UFMG.*

Em Ouro Preto, conheci a Profa. Guiomar de Grammont, que defendeu tese de doutorado sob minha orientação, na USP, a respeito das interpretações das obras que levam o nome do Aleijadinho. Sua tese excelente, publicada como livro, chamou-se Aleijadinho e o Aeroplano.

Em Ouro Preto, conheci o pintor Carlos Bracher, em 1995. Em 1998, publiquei um livro sobre sua pintura: Carlos Bracher: A Mineração da Alma. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1998 (Coleção Aristas Brasileiros Contemporâneos)

2 - Na sua opinião, o CECAB teve algum papel para a formação de recursos humanos para a área de patrimônio cultural?

HANSEN

Acredito que sim. A maioria dos alunos era ou ainda seriam professores universitários, mas havia muitos ligados ao Patrimônio Histórico, além de restauradores e outros profissionais, que trabalhavam com técnicas de conservação e restauro das artes e de acervos de arquivos locais e de outros lugares do país. Por exemplo, me lembro de uma moça que restaurava muito competentemente uma imagem de N. Senhora da igreja de Cachoeira do Brumado. Me lembro do dia em que fomos todos lá, para ela colocar a imagem restaurada no altar.

3 – Quais foram os limites e os desafios que você se deparou como professor do CECAB?

HANSEN

Os limites, acredito, foram antes de tudo materiais e institucionais, como a inércia das instituições, a começar pelo IFAC e os órgãos decisórios da universidade. Não preciso falar

da falta absurda de livros, documentos, papéis, biblioteca etc. numa universidade que evidentemente devia tê-los. Tudo isso é muito brasileiro, infelizmente. E continua. Cada vez pior. Hoje as exigências feitas pelos órgãos financiadores de pesquisa são as de Harvard; mas nas condições do Haiti. Foi lastimável a não transformação do curso num programa de Pós-Graduação. Essa não transformação foi devida a várias razões. Evidentemente, com tanta limitação, também devo falar das minhas próprias, como professor estranho à UFOP, vindo de outra universidade, a USP, e, obviamente, com conhecimentos limitados e muitas vezes insuficientes, etc. Tentei fazer o melhor que podia; às vezes deu certo, mas nem sempre.

4 – Na sua opinião, como o curso foi percebido no âmbito da UFOP?

HANSEN

Não tenho conhecimento disso. Pra dizer verdade, nem sei se o curso foi percebido. O contato que tive com as áreas do conhecimento da UFOP foi praticamente inexistente. Por exemplo, com os historiadores dali, nenhum. Com os filósofos, nenhum. Com o pessoal das artes e cultura, nenhum. Nada, ninguém, nunca. Com exceção da Hygina Bruzzi, do Moacyr Laterza, no início, e, depois, da Elisa Freixo, da Ana de Almeida e da Guiomar de Grammont, além do Paulo Versiani, durante mais de 20 anos não tive contato com outras áreas ou colegas da UFOP. Não sei também exatamente o que faltou para o curso ser institucionalizado. Faltou vontade política? Faltou determinação cultural? Faltaram decisões tomadas acima dos interesses paroquiais de grupos, grupúsculos, grupelhos, pessoas do próprio IFAC? Não sei, realmente. Agora Inês é morta. Não foi institucionalizado. Na minha opinião, isso foi uma grande falha da UFOP, que perdeu uma oportunidade e tanto de ser o centro nacional de estudos sobre o chamado “barroco” etc. Mas vamos pra outras experiências, ok?

5 – Na sua opinião, qual é a relação do CECAB com a cidade de Ouro Preto? Qual é o significado de acontecer em Ouro Preto?

Obs: Considera-se que esta questão foi respondida nas perguntas anteriores.

ENTREVISTA 7

Entrevistado: Professor MARCOS CÉSAR DE SENNA HILL

Foi aluno do II CECAB, no período de Jul/86-Jan/87, monografia de conclusão de curso: Projeções simbólicas em um templo de Minas: a Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto.

Foi professor da área de Arte colonial, a partir do VI CECAB, em 1993, até a XXVIII edição do curso, em dezembro de 2013.

A disciplina de Arte colonial foi modificada ao longo dos anos e teve os seguintes nomes: Arte no Período Colonial: Talha ornamental, Arte mineira colonial : Pintura e Escultura, Talha e Pintura no Período Colonial Luso-brasileiro e Escultura religiosa no Brasil.

Formou-se como Bacharel em Gravura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985). Em seguida, tornou-se Especialista em Conservação-Restauração pelo Curso de Especialização Lato Sensu em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis (CECOR) da Escola de Belas Artes da UFMG (1986) e em Cultura Barroca pelo Curso de Especialização Lato Sensu em Arte e Cultura Barroca pelo Instituto de Filosofia, Arte e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto (1987). Desenvolveu estágio de aperfeiçoamento em Conservação-Restauração de Esculturas em Madeira Policromada no Institut Royal du Patrimoine Artistique-IRPA (Bruxelas-Bélgica) (1987-88). Realizou seu mestrado em História da Arte na Université Catholique de Louvain (Louvain-la-Neuve-Bélgica) (1990). É Doutor em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (2008). Atualmente é professor dos cursos de graduação e pós-graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem atuado como professor convidado na Universidade Federal de Ouro Preto, na Fundação Clóvis Salgado, no Centro Universitário de Ciências Gerenciais-UNA e na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. É criador e coordenador, juntamente com o artista plástico Marco Paulo Rolla, do Centro de Experimentação e Informação de Arte (CEIA) (2000), iniciativa de artistas que tem como objetivos principais realizar eventos internacionais e editar livros sobre arte contemporânea em Belo Horizonte. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em História da Arte e Crítica da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: arte colonial luso-brasileira, arte moderna brasileira, arte contemporânea brasileira e internacional e curadoria.

Informações retiradas da Plataforma Lattes. Endereço: <http://lattes.cnpq.br/2263233359051121>
Acesso em: 07/04/2016.

Entrevista realizada via Skype, realizadas em 31/3/2016 (9min59) e em 6/4/16 (32min11), totalizando 41min63 de depoimento.

1 – Fale sobre a sua experiência como professor do CECAB.

MARCOS HILL:

Eu não poderia falar nada sobre minha experiência como professor desse curso antes de fazer uma consideração da minha experiência como aluno. Eu fui aluno do II curso, em 1986, a segunda turma do Curso em Cultura e Arte Barroca, criado pelo Professor Moacyr Laterza e a Professora Sônia Viegas, duas figuras que fundamentaram essa iniciativa. E eu posso dizer que esse curso foi tão marcante, ele mudou completamente a minha vida, pelo grau de imersão que ele oferecia, uma prática imersiva que possibilitava, naturalmente, uma aproximação com as pessoas.

Para começar, o curso em si já cataliza pessoas com interesses muito específicos ligados à arte colonial, e isso já é uma questão muito importante. Em segundo lugar, é o privilégio do curso acontecer numa cidade como Ouro Preto. Estes dois fatores, o interesse pela arte, pela cultura colonial e o fato de ser em Ouro Preto, e também, essa dinâmica intensiva, de em um mês você ter uma carga horária que poderia ser estendida por um semestre, isso garante ao curso várias especificidades. Então, não só do ponto de vista intelectual, eu tive nobres e grandes professores como o Ivo Porto de Menezes, Myriam Ribeiro, o próprio Moacyr Laterza, a Sônia Viegas... era um desfile de grandes referências, daquele momento, da arte e da cultura colonial. Do ponto de vista da convivência isso foi muito importante pra mim, me tocou muito, eu fiz grandes e queridos amigos, nós convivíamos diariamente, de manhã, de tarde e a noite, e tudo isso me deu lastros para a minha existência, que foi fundamental e é importante até hoje. Eu acho que o curso veio, de alguma maneira, acabar de fomentar o perfil de pesquisador e especialista que sou no campo da arte colonial.

Bom, depois disso eu tive uma experiência eu tive uma experiência de cinco anos na Europa e aí, na volta, tive a grata satisfação de saber: primeiro, que a Revista do IAC, estava sendo criada; segundo, que eles estavam me convidando para publicar um texto sobre a minha monografia, que foi uma análise iconológica imagens da Igreja de São Francisco de Assis; e na sequência eu fui convidado para ser professor. Então, eu passei a ser professor do curso em 1993 e esse convite eu recebi com muito carinho por causa de tudo que já havia vivido como aluno, uma enorme gratidão!

A minha experiência no curso eu acho que ela se caracteriza pelo o que eu já coloquei: o fato do foco no assunto em arte e cultura colonial, o fato de ser em Ouro Preto e o fato dele ser intensivo, obrigar você a ficar um período de, pelo menos, dez dias imerso dentro dessa realidade. Ele, por exemplo, me ofereceu uma possibilidade de uma constante atualização do meu processo de pesquisa: a cada ano, ao preparar o material, eu verticalizava cada vez mais certos assuntos. E logo no primeiro curso eu instituí a atividade das visitas, porque a minha formação é artística, eu sou artista de formação e, conseqüentemente, isso me deu um lastro muito importante como historiador de arte, como pesquisador de arte e me influenciou

muito numa postura que eu tenho de que não é possível estudar a arte sem estar diante da arte, ao vivo e a cores.

Então, essa experiência do corpo a corpo com a obra sempre foi muito fundamental e logo no primeiro curso eu instituí o programa de visitas, até aproveitando o fato de estarmos em Ouro Preto. E as visitas sempre foram muito importantes, você imagina, de 1993 a 2013, quando foi a última turma, com exceção de cinco anos em que houve uma interrupção do curso, de 1999 a 2004, todos os anos, durante 10 dias, eu entrava nas mesmas igrejas. Então, eu tenho um conhecimento visual, uma intimidade com os detalhes de todas as igrejas, todas muito importantes. E uma outra preocupação que eu tive na implementação dessa prática das visitas foi de incluir locais e monumentos fora do eixo turístico convencional. Ouro Preto sim, maravilhoso, existem monumentos fabulosos, como a Igreja do Pilar, como a Igreja de São Francisco, mas por que não visitar Itaverava? Ninguém tinha ouvido falar de Itaverava, né? Por que não visitar Camargos, Ouro Branco? Então o curso me ofereceu esse privilégio de ampliar os meus conhecimentos e de também oferecer aos alunos esta experiência direta com as obras de arte e os monumentos. Então, durante todos esses anos essa prática das visitas foi extremamente importante. A partir de certa data, que eu não me lembro quando, eu tive um presente da vida que foi a parceria com a Elisa Freixo, ainda quando essas estradas de Ouro Preto para Ouro Branco eram estradas de terra. A Elisa Freixo foi uma dádiva na minha vida, como professora, como profissional e como amiga. E o entusiasmo dela, o vínculo que ela tem, a seriedade que ela lida com o trabalho dela, foram muito importantes, muito fundamentais pra mim também, até para eu rever as minhas posturas e para aprimorar o meu vínculo e o meu compromisso como professor. O fato é que ela pegava a sua caminhonete, metia a espineta dela na mala e nós tocávamos estrada afora, comendo muita poeira e passamos a fazer, durante muitos anos, um programa de conversa entre as artes visuais – pintura, escultura – e a música. E em casa igreja que nós visitávamos a Elisa preparava, então, uma peça musical correspondente estilisticamente à pintura e à talha dessas igrejas. Acho que você fez parte de uma dessas viagens, não? Na época a gente ainda visitava Camargos, depois eu parei de ir lá.

Então, é muito interessante passar por uma experiência profissional que acompanha o teu próprio processo de vida, por um período longo de tempo. Esse curso pra mim é uma referência muito importante, como uma interface em que eu sempre pude aperfeiçoar o meu processo de formação: de formação como artista, como professor e algumas vezes até de formação como aluno, como aprendiz. Eu fiz como aluno ouvinte a disciplina do Professor Hansen, eu tive o privilégio de fazer a disciplina do Hansen, eu tive o privilégio de fazer a disciplina do Sérgio Alcides. Então, foram tantos os retornos importantes, tanto do ponto de vista do meu amadurecimento como pessoa, como do meu amadurecimento como profissional. E isso só se deu, exatamente, por causa da natureza desse curso, o fato de ter esse interesse focalizado na cultura e na arte colonial, o fato dele acontecer em Ouro Preto, o fato de ele ser concentrado, ter essa carga horária concentrada e o fato da existência de ele ter se estendido, de ele ter acompanhado o meu próprio processo de amadurecimento

humano e profissional. Junte-se a tudo isso o amor, a paixão que eu tenho por tudo que se diz respeito à cultura, à arte, à preservação, à conservação do patrimônio brasileiro e, especificamente, do patrimônio cultural mineiro que é, eu não preciso repetir porque todo mundo sabe, o patrimônio colonial mais importante do Brasil, por causa não só da sua quantidade, mas da sua qualidade e da sua concentração numa única região geográfica. Então eu acho que é isso, Neide, esse curso prá mim tem uma importância existencial enorme por causa de tudo isso que eu acabei de falar prá você.

2 - Na sua opinião, o CECAB teve algum papel para a formação de recursos humanos para a área de Patrimônio Cultural?

MARCOS HILL

Eu acho esse curso teve um papel muito importante na formação de recursos humanos relativos ao patrimônio cultural porque quando você fala em patrimônio cultural está falando de arte, está falando de educação e de uma série de atividades que muitas vezes, inclusive, se interligam, como a música, o teatro, o cinema, a dança e, principalmente, das possibilidades de armazenamento desses conhecimentos produzidos nessas áreas e a transmissão desses conhecimentos.

Como o curso tinha como principal vocação servir a um público alvo basicamente de professores, a partir daí a função dele passa a ser fundamental nesse processo formação. Professores que durante os seus períodos de férias, janeiro e julho, se dispunham a fazer o curso, cumprir a carga horária, desenvolver pesquisas e, posteriormente, apresentar uma monografia. Você mesma já fez um levantamento da quantidade de monografias que se desdobraram em mestrados e doutorados e cujos autores acabaram tendo ocupações bastante importantes em várias instituições acadêmicas e de pesquisas do país. Então, eu acho que a mais importante contribuição que esse curso deu na formação de recursos humanos, não só pelo fato do recorte específico em arte e cultura barroca, que eu até poderia substituir por arte e cultura colônia luso-brasileira, quanto pelo local onde ele sempre foi realizado, ou seja, Ouro Preto, que dentre os sítios coloniais talvez seja o mais importante do país, pelo grau de concentração de monumentos, de informação, e por ter sido, efetivamente, o epicentro de toda a cultura colonial luso-brasileira a partir do século XVIII. E também, pela formatação do curso, de ser um curso intensivo, que acontecia sempre em janeiro e julho, oferecia a possibilidade, principalmente, aos professores de se deslocarem e se disporem desse tempo integral durante esse período, que é, normalmente, o período das férias escolares. Quanto também, pela diversidade dos conteúdos que caracterizam o próprio programa do curso envolvendo: artes visuais, literatura, arquitetura, urbanismo, filosofia, estética, música, enfim, com um horizonte muito amplo sobre esse momento histórico brasileiro, sobre esse momento cultural e histórico brasileiro, que foi o período colonial. E com um enorme potencial de difusão que, na medida em que eram abertas as inscrições, profissionais do campo da educação e da cultura de todas as partes do país, se interessavam,

se inscreviam, participavam e concluíam o curso. Então, em todos esses anos, primeiro como aluno do II curso, que foi em 1986 e 1987, e depois como professor, a partir de 1993, quando eu pude verificar inscrições de profissionais da área da cultura e da educação de todas as partes do país, de Belém do Pará ao Rio Grande do Sul, muitas vezes pessoas vindas do interior de Rondônia, do interior de vários estados do Nordeste, do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Espírito Santo, enfim, havia sempre em cada turma uma grande diversidade de pessoas, vindas de origens das mais diversas possíveis que, de certa forma, garantia o grau de difusão, de aceitação e de reconhecimento desse curso em nível nacional.

Tendo isto posto, não fica a menor dúvida da enorme contribuição que esse curso deu, durante tantos anos, para a formação de recursos humanos diretamente voltados e interessados no patrimônio cultural brasileiro.

3 – Quais foram os limites e os desafios que você se deparou como professor do CECAB?

MARCOS HILL

Olha, Neide, eu acho que nesse caso, limites e desafios se confundem, porque eu sempre me senti super bem-recebido como professor convidado no contexto do curso do IFAC. Principalmente por Guiomar de Grammont, que durante bastante tempo foi coordenadora do curso e depois se tornou a diretora do IFAC. Eu acho que toda a generosidade, todo o apoio, toda a atenção, a escuta, que foram sempre muito características do curso, elas devem estar diretamente associadas à pessoa de Guiomar de Grammont, que, no meu entender, depois do Moacyr Laterza, foi a figura mais importante, foi a pessoa que realmente sustentou o curso, que o ampliou, que aperfeiçoou os conteúdos programáticos. E eu acho que todo o êxito do curso, todo o sucesso do curso, garantindo uma repercussão nacional e até internacional, se deve muito ao trabalho, ao interesse pessoal e ao envolvimento pessoal da Guiomar com o curso; então, tudo que estava ao alcance dela era possível de ser conversado, era possível de ser analisado e contornado. Todos esses anos de convivência com a Guiomar, como profissional, eu nunca recebi dela um não; eu sempre fui muito bem recebido nas minhas solicitações, sempre me senti ouvido e quando a demanda, num primeiro momento, parecia mais difícil ou improvável, no lugar do não eu sempre recebi uma enorme boa vontade por parte dela e por parte de todas as pessoas que trabalhavam no curso, no sentido de tentar contornar, de tentar atender, de tentar verificar até que ponto seria possível satisfazer ou mesmo atender a demanda proposta.

O maior desafio eu localizo no âmbito político interno do próprio IFAC, porque o IFAC nasceu IAC, Instituto de Artes e Cultura, para acolher o curso de Cultura e Arte Barroca, que no início, em 1985, era o único curso do IAC. Bom, o que tudo indica, porque eu não tive um acompanhamento direto, na medida em que eu não fazia parte da UFOP, é que o curso se consolidou e acabou ampliando o IAC e a primeira ampliação que houve foi através da inclusão do curso de graduação em Filosofia, tornando-o IFAC, o que, a princípio, me

parecia extremamente desejável. Você imagina, cultura e arte conversando com filosofia, tudo a ver! Então, num primeiro momento, inclusive a criação do curso de graduação em Filosofia foi recebido e foi celebrado por todos nós que já participávamos do curso de Cultura e Arte Barroca, com muito entusiasmo. Pena que as ingerências políticas internas provaram exatamente o contrário, porque, ao longo do tempo o que acabou ocorrendo foi a criação de um enorme e profundo e enraizado antagonismo por parte dos professores do curso de graduação em Filosofia, com relação ao curso de especialização em Cultura e Arte Barroca, e a própria Guiomar de Grammont, que teve aborrecimentos pessoais sérios com esses colegas e com os próprios professores do curso, na sua maioria professores convidados vindos de outras instituições. Então, no meu entendimento, ao longo desses anos eu fui vendo o recrudescimento de um tipo de manobra por parte dos professores do curso de Filosofia, que acabou culminando com o próprio fechamento do curso, um fechamento inesperado do curso em 1999, quando a então coordenadora do curso era uma professora da Filosofia. Eu recebi essas informações através de terceiros, eu nunca tive um embate direto, nenhuma confrontação direta com nenhum desses professores do curso de graduação em Filosofia. Mas todas as notícias que a cada ano eu recebia eram sempre muito lamentáveis no sentido de boicotes, de críticas, e tudo isso me parece que foi muito fomentado, por sua vez, pela infeliz política educacional imposta pelos oito anos de mandato do então presidente Fernando Henrique Cardoso, que tentou, no meu entendimento, durante esses oito anos, privatizar a universidade pública. Pois, na época em que ele passou a ser presidente ainda mantinha uma força histórica de resistência, dessa universidade pública que sempre foi o reduto de intelectuais engajados, intelectuais ativistas, intelectuais que sempre tiveram uma grande competência em desenvolver críticas reflexivas sobre o país, sobre o próprio Estado brasileiro, o que, certamente, nunca agradou aos presidentes vigentes. Então esse período FHC para a universidade pública foi simplesmente catastrófico! Ele não só cassou os direitos conquistados como modificou, completamente, as estruturas acadêmicas, quantificando a produção intelectual da universidade, impedindo que critérios qualitativos fossem utilizados no processo de avaliação da produtividade das universidades e criando uma série de dispositivos, que, mais do que ajudar, mais do que incentivar, desestimulavam e atrelavam os profissionais de educação a um sistema meramente vergonhoso, em que artigos passaram a valer pontos, em que era cassado o direito de um professor sem mestrado desenvolver pesquisa e receber bolsa de iniciação científica. Antes do Fernando Henrique qualquer professor que tivesse uma boa pesquisa, a partir de uma avaliação feita pelo departamento no qual ele estava inserido, tinha total direito de ter alunos bolsistas de iniciação científica. Enfim, o que fica muito claro, muito nítido, prá mim, que já era professor quando Fernando Henrique subiu ao poder, é de que durante esses oito anos todo o possível foi feito no sentido de prejudicar, impedir, constranger e inibir o desenvolvimento do conhecimento no âmbito universitário público. E é claro que, todas essas dificuldades e cassação de direitos praticamente obrigava os professores já mais antigos de casa de se aposentarem, com o risco de perder direitos, não abria editais, vagas, durante oito anos a universidade pública ficou sem a aquisição de novos professores; então, ele criou certas diretrizes para obrigar os professores antigos a se aposentar e não renovou o quadro, impedindo a publicação de

editais para a aquisição de novos professores. Durante esses oito anos as universidades, praticamente, tiveram que se virar com professores substitutos; aí ele foi em cima também das leis e regras do professor substituo, enfim, uma calhordice do início ao fim, que só prejudicou e fragilizou a universidade. E nesse cenário, extremamente adverso, o que eu vejo irromper de forma muito forte é uma enorme competitividade entre os colegas; competitividade insalubre porque existe a competitividade saudável, aquela da emulação, aquela que todos estão ali batalhando pelas mesmas coisas e cada um quer ser melhor, melhor e melhor, fazendo com que isso estimule o próprio aperfeiçoamento pessoal. Não. No caso do contexto em que Fernando Henrique era presidente da República, que o Paulo Renato era o ministro da Educação, além de inúmeras greves, dos inúmeros desrespeitos aos direitos políticos do cidadão e do professor, o que se impôs foi uma competitividade extremamente nefasta, uma competitividade que torna os professores concorrentes inimigos. E eu acho que essa antipatia, essa atmosfera adversa gerada pelos professores da graduação em Filosofia do IFAC, está diretamente motivada, diretamente provocada por essa nova universidade, por essa universidade pública contaminada, envenenada, prejudicada, desrespeitada ao longo do período da presidência do Fernando Henrique Cardoso. Então, eu acho que esse foi o principal limite, aliás, bastante desagradável porque sempre demonstravam posturas extremamente antiéticas por parte dos professores da Filosofia, porque eles também, a partir de determinado momento, passaram a oferecer cursos de especialização; só que como eles eram todos da casa, no curso de pós-graduação eles ganhavam menos, não tinham, digamos assim, entre aspas, o privilégio, que eu não considero nem privilégio, de ter estadia paga, passagens aéreas pagas. E eu não sei exatamente em que isso os prejudicava, se isso os prejudicava, mas era uma situação distinta; eles apenas não recebiam o mesmo na medida em o que pagamento da hora-aula de um professor convidado é um pouco maior do que o de um professor já credenciado na instituição. Então, eu lamento profundamente que isso tenha ocorrido, principalmente por parte de colegas que, na verdade, poderiam estar estabelecendo uma relação frutífera, interessante, de troca, de intercâmbio. Acredito que, se desde o início, a gente não tivesse sido tão contrários, se não tivesse sido tão negativos, teria havido possibilidade, certamente, de absorção dos próprios professores, de trocas que seriam bastante interessantes, você imagina: trocar figurinhas entre pessoas da Cultura, das Artes, com pessoas da Filosofia. Enfim, o que eu tenho, profundamente, a lamentar é exatamente isso. Essa postura deles acabou criando uma situação simplesmente esquizofrênica no IFAC, porque eram dois cursos, duas atividades acolhidas e escritas no próprio IFAC. E dentro de uma situação de guerra cega e surda em que, nas entrelinhas, na máquina institucional, alguns professores, eu acredito que nem tenha sido todos, mas que alguns desses professores do curso de graduação em Filosofia, nunca perderam a oportunidade de prejudicar, de difamar, de tentar atacar ou atrapalhar de alguma maneira o bom andamento desse curso que, no meu entender, foi uma das coisas mais importantes que já aconteceu na UFOP, inclusive em termos de divulgação do próprio nome da Instituição, em termos de retorno institucional para a própria UFOP. Eu acho que, raramente no contexto das Humanas, algo aconteceu de tão favorável, de tão rendoso, de tão, de tão interessante para a própria Universidade.

E a segunda coisa que eu lamento é a ignorância total e absoluta por parte da Universidade, e aí eu incluo a Pró-reitoria de Pós-graduação e a própria Reitoria, com relação à importância do curso, porque sempre pelo o que eu pude ouvir e acompanhar, a Guiomar sempre esteve com a corda no pescoço colocada pelos seus superiores, dificultando ainda mais a atuação dela junto ao curso, dificultando ainda mais a existência do próprio curso. Não bastasse o antagonismo interno do IFAC por parte dos professores do curso de graduação em Filosofia, a falta de vontade política de que esse curso fosse algo interessante, eu acho que pesou bastante, gerando um desgaste que sempre incidia, evidentemente, nas costas da própria Guiomar, que em determinados momentos, para defender o curso, teve que passar por desgastes pessoais extremamente indesejáveis e desagradáveis. Então, essa é a outra coisa que eu lamento profundamente: que a UFOP, em tempo hábil, que a Pró-reitoria de pós-graduação e a própria Reitoria não tenham reconhecido devidamente, não tenham dado o devido valor a esse curso, a importância que ele sempre desempenhou em ouro Preto, em Minas Gerais, no Brasil e até internacionalmente.

4 – Na sua opinião, como o curso foi percebido no âmbito da UFOP?

Obs: Considera-se que esta questão foi respondida nas perguntas anteriores.

5 – Na sua opinião, qual é o significado desse curso acontecer em Ouro Preto?

MARCOS HILL

Bom, o próprio título do curso já anuncia ao que ele vem: é um curso de cultura e arte barroca! Até se ele fosse reeditado eu sugeriria que houvesse uma mudança, uma substituição da palavra barroca por colonial luso-brasileira, cultura e arte luso-brasileira. Se qualquer pessoa, por mais avisado que seja, prestar atenção no título do curso, a locação do curso em Ouro Preto passa a ser uma coisa absolutamente óbvia. Porque dentro do patrimônio colonial luso-brasileiro que nós temos, não existe nada igual a uma cidade como Ouro Preto, pelo o que eu já mencionei: pelo nível de concentração, de preservação e de conservação de monumentos extremamente significativos. Na área que circunscreve Ouro Preto, se nós abrirmos um pouco mais, nós encontramos monumentos extremamente importantes prá se pensar a arte colonial luso-brasileira, do início do século XVIII até o final do XVIII, início do século XIX, primeiro quartel do XIX, isso prá não incluir outros monumentos, de outras igrejas, principalmente no âmbito religioso, que foram construídas a partir de 1830, 1840, que estariam também inseridas dentro desse patrimônio colonial.

Então, pelo simples fato de Ouro Preto representar o epicentro de todos os estudos, de todas as pesquisas que envolvem a arte colonial luso-brasileira, por ter esse grau inigualável de concentração monumental. Por Ouro Preto, enquanto Vila Rica, ter se caracterizado juntamente com o Rio de Janeiro no eixo administrativo, econômico e financeiro fundamental, não só da Colônia, mas do próprio império ultramarino, ao longo do processo

de exploração do ouro e do diamante, que vincula diretamente o ouro brasileiro e o diamante brasileiro ao processo de desenvolvimento do capitalismo mercantil, ao processo de desenvolvimento da Revolução Industrial.

Eu acho que em nenhum outro lugar do país, por mais rico que fosse o patrimônio colonial, as mesmas condições seriam oferecidas; inclusive, um exemplo comprobatório disso foram as viagens que eu incluí como atividade didática nas minhas disciplinas, porque estando em Ouro Preto em um dia é possível visitar três cidades, englobando uma qualidade, uma grande quantidade de monumentos, que é uma coisa fabulosa! Nós fazíamos quatro viagens, todas de dia inteiro, saíamos de manhã e voltávamos à noite e não precisávamos pernoitar em nenhum dos locais que visitávamos. Isso comprova a importância da centralidade de Ouro Preto nesse processo de estudo do patrimônio colonial.

Então, Ouro Preto é um local extremamente privilegiado do ponto de vista geográfico e devido a importância histórica e econômica que teve ao longo do século XVIII e XIX ele se caracteriza o verdadeiro epicentro do estudo de toda a arte colonial luso-brasileira no âmbito nacional. Eu acho que pesquisas feitas em Ouro Preto, pesquisas aprofundadas sobre a arte, principalmente sobre a arte, arquitetura e urbanismo, poderiam servir, inclusive, de referência para o desenvolvimento dessas mesmas pesquisas em outras partes do país, exatamente por essa riqueza histórica, por essa riqueza patrimonial. Além, evidentemente, da presença de importantes arquivos, como o arquivo da Casa dos Contos, o arquivo do Pilar, o arquivo de Antônio Dias. Só citando esses três eles já garantem a cobertura do estudo de fontes primárias para inúmeros assuntos de extrema importância dentro da história colonial luso-brasileira.

Então, que seja em Ouro Preto é indiscutível, e não foi por acaso que ele foi criado aí. Ele poderia ter sido criado em Salvador, poderia ter sido criado no Rio de Janeiro, em Recife, mas Ouro Preto guarda características que são inigualáveis e que não se comparam mesmo às cidades históricas que foram mais preservadas do desenvolvimento e do progresso.

Por todos esses motivos que eu enumerei, fica evidente e inquestionável a importância de Ouro Preto como a cidade a abrigar um curso dessa natureza. Além do que a dimensão aurática que Ouro Preto já possui em todo o país: brasileiros de outras regiões sempre se referem com muito respeito, com muita admiração à arte colonial luso-mineira, dentro de todo um processo de construção do discurso político, ideológico, principalmente fundamentado pelos modernistas, depois com a criação do IPHAN. Existe uma aura que envolve Ouro Preto, ele é um dos desejos de consumo de brasileiros de outras regiões que pensam em fazer uma viagem para conhecer melhor o país. Então, não só do ponto de vista estético, histórico, mas político também, por causa da Inconfidência Mineira e por causa de todo o direcionamento ideológico que o discurso de poder deu à Inconfidência, pelo heroísmo que precisa, evidentemente, ser relativizado historicamente, mas que foi criado em torno do próprio Tiradentes.

São uma série de elementos estéticos, históricos patrimoniais e políticos que, sem dúvida nenhuma, transformam Ouro Preto num lugar simplesmente privilegiado. Eu acredito, inclusive, que o sucesso do curso tenha tido muito a ver com o fato de ser em Ouro Preto, com o carisma da cidade, com a atração que a cidade exerce no imaginário dos brasileiros de uma maneira geral. Passar um mês em Ouro Preto, imerso em atividades que refletem a produção cultural e artística do período colonial, no meu entender, para uma pessoa minimamente vinculada à cultura, é simplesmente um privilégio.

Então, eu acho que tudo o que eu falei já mais do que respalda a ideia de que esse curso não poderia ser noutra lugar do país a não ser na nossa antiga Vila Rica.

ENTREVISTA 8

Entrevistado: Professor ROMERO ALVES FREITAS

Foi professor da disciplina Filosofia da Arte no CECAB, de 1999 a 2013.

Possui Graduação (1991), Mestrado (1995) e Doutorado (2003) em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. No Semestre de Inverno de 2000/2001, realizou estudos de Doutorado na Bauhaus Universität Weimar. Ao longo do ano de 2010, realizou Estágio Pós-Doutoral Sênior na Freie Universität Berlin. No Semestre de Inverno de 2014/2015, realizou Estágio Pós-Doutoral Sênior no Zentrum für Literatur- und Kulturforschung Berlin. Foi um dos criadores da revista ArteFilosofia (Qualis Capes B1) e foi seu editor chefe de 2010 a 2014. De 2011 a 2013, foi Vice-Presidente da Associação Brasileira de Estética. É professor no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto desde 1999. É membro do Conselho Editorial das editoras Autêntica e Relicário. Escreve pareceres para as revistas ArteFilosofia, Kriterion, Viso, Especiaria, Exagium, Controvérsia, Aedos e Perspectivas

Informações retiradas da Plataforma Lattes. Endereço: <http://lattes.cnpq.br/8278644963520356>. Acesso em: 25/08/2016.

Entrevista concedida por escrito e enviada por e-mail pelo depoente, em 16/5/2016.

1 – Fale sobre a sua experiência como professor do CECAB.

ROMERO

Para mim, tudo começou como uma feliz coincidência. Entrei no IFAC no início 1999, tendo feito concurso para a Disciplina “Filosofia Contemporânea”. Como o meu Doutorado (então em curso) era sobre Walter Benjamin, eu tinha muito interesse em discutir as teses do livro “Origem do Drama Barroco Alemão” com alunos e professores que estudam o tema “Barroco”. Fiquei encarregado da Disciplina “Filosofia da Arte”, que depois foi renomeada, se não me falha a memória, como “Seminário de Estética”. Era a disciplina mais filosófica do Programa, o que inclusive ajudava a vincular o Curso ao IFAC.

2 - Na sua opinião, o CECAB teve algum papel para a formação de recursos humanos para a área de patrimônio cultural?

ROMERO

Não sou da área, logo, não posso opinar adequadamente. Se for para falar no reino da pura doxa, eu diria que sim. Se não em engano, muitos dos alunos do Curso tinham seu interesse centrado em Patrimônio Cultural. Para mim fica difícil saber melhor o interesse de cada um, pois a minha Disciplina discutia questões gerais como “O que é arte”, “O que é cultura?”, “O que é Barroco?”, etc.

3 – Quais foram os limites e os desafios que você se deparou como professor do CECAB?

ROMERO

A diversidade da turma era um desafio. As graduações dos alunos costumavam ser em História, Arquitetura, Letras, Belas Artes, etc. Para a minha Disciplina, isso não era muito problemático, porque a Filosofia, sendo muito antiga e estando na gênese de praticamente todas as Disciplinas, é quase que uma “disciplina interdisciplinar”. Eu também tinha uma boa experiência com Cursos de Extensão, pois já tinha dado aula em cursos na UFMG (Filosofia), PUC-MG (Produção Cultural) e Fundação Clóvis Salgado (Produção Cultural). Minha Disciplina nessas instituições quase sempre foi algo como “Teoria da Arte” ou “Estética”, de modo que eu estava acostumado tanto com o aluno típico dos Cursos de Extensão (não muito jovem, já formado em outra coisa, vindo das áreas mais diversas, etc) quanto com o conteúdo que eu deveria lecionar no CECAB.

4 – Na sua opinião, como o curso foi percebido no âmbito da UFOP?

ROMERO

Eu acho que a percepção sempre foi positiva. Como nunca fui Coordenador ou membro do Colegiado, tenho muito pouca informação a respeito da questão institucional. Pelo pouco que sei, ele deixou de ser oferecido por causa da proibição de cobrança das mensalidades. O ideal seria que ele voltasse, e fosse gratuito.

5 – Na sua opinião, qual é a relação desse curso com a cidade de Ouro Preto? Qual é o significado de acontecer em Ouro Preto?

ROMERO

Esse ponto sempre me pareceu fundamental. O fato do Curso ser em OP ajudava a atrair gente do Brasil inteiro. Essa era outra característica positiva do Curso: além de ser interdisciplinar, ele reunia gente de toda parte do país. Diferente dos outros Cursos de Extensão em que eu trabalhei, nas outras instituições já mencionadas. Justamente por isso, seria muito bom se o Curso voltasse a acontecer.

ENTREVISTA 9

Entrevistada: Professora Guiomar Maria de Grammont Machado de Araújo Souza

Guiomar de Grammont foi Coordenadora do CECAB de 1996 a 1998 e de 2004 a 2013 Professora da disciplina Filosofia da Arte em 1995 e 1996.

Foi aluna do III CECAB, no período de Jan/Jul. 1998

Guiomar de Grammont é escritora, dramaturga e professora da Universidade Federal de Ouro Preto. Premiada com a Bolsa Vitae e o Casa de las Américas, publicou diversos livros, entre eles, Aleijadinho e o Aeroplano: paraíso barroco e a construção do herói colonial; Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard, Sudário (contos) e, em 2015, o romance Palavras Cruzadas, pela editora Rocco. Realizou cinco peças de teatro, entre elas Olympia, encenada em vários países da América Latina e Portugal. Doutora em Literatura Brasileira pela USP, com estágio na Ecole de Hautes Etudes em Sciences Sociales de Paris (EHESS), em 1999 e 2000. Foi professora visitante em 2001 na Université de Rouen, França, e em 2007 e em 2016 na EHESS de Paris.

Criou e coordena o Fórum das Letras de Ouro Preto há 12 edições. Foi curadora nas Bienais do Livro do Rio de Janeiro, Minas e Bahia. Também é curadora da FLINKSAMPA desde 2015. Organizou diversos eventos internacionais, entre estes, o colóquio Autour Du Brésil Baroque na Embaixada do Brasil em Paris durante a Exposição Brésil Baroque: Entre Ciel et Terre realizada no Museu do Petit Palais em 1999 /2000 . Organizou duas edições do Letras em Lisboa no Teatro São Luiz e Casa Fernando Pessoa, em Lisboa 2008/2009. Foi curadora da parte brasileira do Salão do Livro Latinoamericano de Paris em 2009 e - cedida para o Ministério da Cultura - organizou e foi curadora da homenagem ao Brasil na Feira Internacional de Livros de Bogotá em 2012. Em 2015, foi curadora da Homenagem ao Brasil no Salão do Livro de Paris (março de 2015) e também da parte brasileira da Feira de Frankfurt (outubro de 2015).

Foi editora executiva de Literatura Brasileira na Editora Record por dois anos. Foi também diretora por dois mandatos consecutivos do Instituto de Filosofia Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, onde leciona desde 1994.

Informações retiradas da Plataforma Lattes. Endereço: <http://lattes.cnpq.br/5850599540304478>

Acesso em: 8/3/2016

Entrevista realizada no dia 4/3/16, na Biblioteca do IFAC, às 10h.

1 – Na sua opinião, qual foi o papel do CECAB para a formação de recursos humanos para a área de Patrimônio Cultural?

GUIOMAR:

O curso foi importantíssimo no Brasil porque a maior parte dos pesquisadores que nele se formou, que nele desenvolveu suas monografias, atua em regiões ou áreas distantes do Brasil e passaram a ter mais consciência da preservação de monumentos artísticos em suas cidades, vários fizeram trabalhos sobre aspectos culturais das suas cidades de origem. Além disso, uma parcela significativa de alunos do curso teve postos importantes no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nos museus brasileiros, enfim, em universidades, nas instituições que tinham ou passaram a ter postos nesses lugares, instituições formadoras de opinião, ou até de políticas públicas de preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional.

2 - Como foi a sua experiência pessoal no CECAB? Essa experiência repercutiu nas suas concepções sobre o Barroco?

GUIOMAR:

O curso foi importantíssimo para mim. Primeiro, porque sou de Ouro Preto, sou nascida em Ouro Preto; então, eu tenho um profundo amor, eu diria, pelas tradições, pelos monumentos, pelas paisagens desta cidade. Quando eu o fiz, o curso foi um happening na minha vida, foi assim, um momento ímpar, de encontro epifânico, de relação com a cidade, com as pessoas que também fizeram o curso, com os conhecimentos que vinham sendo trazidos, naquele momento, pelo Moacyr Laterza, pela Sônia Viegas, que foram professores do curso. Então, o curso foi um divisor de águas na minha vida acadêmica. Eu passei a me interessar por Filosofia da arte a partir desse curso. Curiosamente, o retorno ao tema do Barroco na minha vida se deu depois, quando assumi a coordenação do curso, já com outro corpo de professores, que já estava aqui antes da minha chegada como Coordenadora, notadamente o Professor João Adolfo Hansen, que orientou o meu doutorado na USP. [O curso] foi muito importante para a minha formação, eu comecei um doutorado sobre o conceito de Barroco, tema que até hoje eu estudo, e, eu vou agora para a França, lecionar na École de Hautes Etudes en Sciences Sociales esse tema, o conceito de Barroco vai ser um dos meus seminários e, a influência, a partilha de conhecimentos tão profunda que eu estabeleci, sobretudo com o meu orientador, me fez acabar lendo os textos de Affonso Ávila, os textos dos modernistas também, que me fizeram produzir um trabalho, sobre a construção do mito do Aleijadinho ao longo de diversos contextos da história da arte brasileira, que é considerado um trabalho revolucionário. Eu acabei de ter um convite para publicar em Princeton, e também lá na École de Hautes Etudes en Sciences Sociales. Meu orientador na França, o Roger Chartier, me tem em alta conta como pesquisadora no Brasil; então, foi muito importante para a minha

formação acadêmica a vinculação com esse Curso de Especialização em Cultura e Arte Barroca.

3 – Quais foram os limites que você enfrentou como gestora do CECAB?

GUIOMAR:

Foi muito difícil, apesar de ser tão gratificante o contato com os alunos e a interlocução com os professores e todos esses aspectos positivos que eu já levantei sobre o curso. Era muito complicado porque era um curso caro, com professores de fora, que vinham lecionar aqui em Ouro Preto, que tinham que ser hospedados e alimentados nesse período e, havia as viagens também. E a gente pouco a pouco foi perdendo apoios: a Capes deixou de apoiar os cursos de pós-graduação latu sensu e a Universidade [UFOP] parou de apoiar o curso. Antes tínhamos as viagens para apresentar as cidades [históricas] mineiras para os alunos, através das falas dos professores, e depois a Universidade parou de apoiar. Então o curso se viu num impasse, completamente sem possibilidades de continuidade, porque a receita oriunda do pagamento [de taxas] dos alunos só cobria, com muita dificuldade, o pagamento dos professores.

Outra questão crucial que surgiu, também, é que houve uma determinação do Ministério Público de que as universidades [públicas] não poderiam oferecer cursos pagos dessa natureza. Até então eu mantinha o curso, com a cara e a coragem, a receita era equiparada à despesa, mas os professores vinham porque eles adoravam vir, adoravam passar conhecimentos, por um preço irrisório. Então o curso era mantido por essas vontades, em prol da cultura e da arte barroca brasileira. Mas, quando houve essa determinação, realmente se tornou impossível continuar realizando o curso. Mas ainda estamos lutando, estão em andamento mudanças, modificações, para ver se se abre alguma viabilidade para a continuidade desse curso.

4 – Como gestora que coordenou o CECAB por mais tempo, fale sobre os pontos positivos e negativos do curso.

GUIOMAR:

O curso não tinha aspectos negativos, no meu entender. Só assim, talvez, um ou outro professor que não correspondia às expectativas dos alunos, mas sempre a gente tinha ao final do curso uma avaliação, e a gente modificava. Nós fomos modificando o curso, atendendo a essas avaliações, a tal ponto que ele se tornou perfeito. No momento em que foi extinto ele estava com os professores de maior excelência, de maior capacidade de exposição para os alunos dos conhecimentos que eles tinham e dos conhecimentos que podiam ser observados

in loco por esses alunos. Então, eu diria que o curso não tinha aspectos negativos. Mesmo quando havia uma ou outra crítica sobre a atuação de um professor ou outro, eram críticas construtivas, positivas. É claro que, mesmo esses professores, que, às vezes, não passavam tão bem os conhecimentos, tinham a melhor das intenções de passá-los bem e isso era percebido pelos alunos.

As monografias foram os aspectos mais positivos, eu diria. Foram produzidas monografias sobre os mais diferentes aspectos da cultura e da arte barroca do Brasil, não só dos monumentos, do patrimônio artístico, mas também o patrimônio imaterial do Brasil foi abordado nessas monografias. Então, os benefícios, as contribuições para a cultura brasileira desse curso eram enormes! E existiu, também a revista [Revista do IFAC], que eu coordenei durante um bom tempo, que foi importantíssima para a divulgação de conhecimentos, de artigos de cultura e arte barroca. Então só havia aspectos positivos na realização do curso de Cultura e arte barroca.

5 - Na sua opinião, qual é a relação do CECAB com a cidade de Ouro Preto? Qual é o significado de acontecer em Ouro Preto?

GUIOMAR:

O curso recebeu muitos alunos que eram da cidade de Ouro Preto. Claro que a gente não podia, mas até isso tentamos fazer, acolher também os guias [turísticos], mas houve certo descompasso, porque os guias, muitas vezes não tinham uma formação escolar, então era muito difícil para eles acompanhar as aulas. Os professores da rede pública podiam fazer o curso, já que era uma pós-graduação. Todos aqueles que tinham já uma graduação completa podiam fazer o curso. Não havia nenhum impedimento para que as pessoas da cidade fizessem o curso; pelo contrário, havia incentivo. Eu concedi, muitas vezes, bolsas integrais, inclusive, para professores da rede pública, que eu considerava muito interessados, para eles virem fazer esse curso; é o caso da Agripina, por exemplo, teve a bolsa integral para fazer o curso de Cultura e arte barroca. Concedia bolsas para ex-alunos da Universidade Federal de Ouro Preto fazerem o curso, havia sempre incentivos para professores das redes públicas, não só de Ouro Preto, mas de fora também. Então, assim, era muito importante a inserção desse curso numa cidade tão importante como Ouro Preto, com tantos monumentos a serem preservados, com tantas tradições a serem preservadas. Era muito importante ter o curso acontecendo aqui, nesta cidade.

6 - Na sua opinião, como o curso foi percebido no âmbito da UFOP?

GUIOMAR:

O incentivo não era grande, eu diria, mas, na medida em que o curso não gerasse nenhum custo adicional, a não ser as instalações e a telefonia, a UFOP via com bons olhos, claro, a administração via o curso com bons olhos. No momento em que gerasse alguma despesa, ele [o CECAB] chegava a ser paralisado, como ocorreu quando eu fui para a França. O curso ficou com uma dívida de 11 mil reais e foi paralisado por 6 anos, até que eu encontrasse a possibilidade de pagar esse valor, essa dívida. E eu consegui pagar, já nem me lembro como, eu consegui buscar recursos no Festival [de Inverno], fazendo acordos com os festivais, os professores vinham através do Festival, com passagens aéreas e hospedagens pelo Festival; então, eu consegui saldar todas as dívidas do curso e mantê-lo. Mas eu contava com muito pouco apoio.

Outro fator que dificultou muito a realização e a continuidade do curso é o fato de o curso estar vinculado ao IFAC, que é o Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. Por um lado foi bom, porque eu sou professora do IFAC, então eu dei tudo de mim para que o curso existisse. Mas, por outro lado, não era muito bom, porque as minhas tentativas de transformá-lo em mestrado, as tentativas que exigiam um corpo de professores qualificado, não iam para frente, porque os professores de filosofia não tinham tanto interesse em trabalhar com história da arte brasileira, com coisas do Brasil, muito menos com Ouro Preto. Os interesses deles passavam pelo plano teórico, por conceitos filosóficos, da filosofia universal e não pela história do Brasil. Eu acredito que, talvez, o curso tivesse mais possibilidade de institucionalização, se a gente pudesse ter tido uma vinculação maior com o curso de História, mas, que até pela distância física, o curso de história está em Mariana, isso foi muito dificultado. Mas, é até um debate a abrir, um germe de esperança no futuro desse curso seria buscar o envolvimento dos professores do curso de História, fazer uma reunião. Eu até me comprometo, aqui, conversando sobre isso, a fazer isso. Quando a pessoa é eficiente, e eu acho que sou eficiente para buscar recursos, para conseguir viabilizar coisas, para realizar; todo mundo começa a te puxar de todos os lados, e aí você acaba ficando ineficiente. O que aconteceu foi que eu comecei a ser tão solicitada, prá lá e prá cá, para fazer coisas, inclusive, tentaram me levar embora, para o Minc, para a Editora Record, assim, que isso acabou prejudicando muito a minha vinculação com o curso, de forma a tentar essa aproximação, esses acordos que pudessem dar visibilidade para ele, transformando-o numa linha de mestrado, como eu queria. Eu cheguei a escrever uma linha em Cultura e Arte Barroca no mestrado do IFAC, na Universidade Federal de Ouro Preto, mas, eu me lembro, apenas um ou dois alunos que trabalhavam com esses temas ingressaram no mestrado em Filosofia. Assim, foi muito pouco. Teria que ser um mestrado especificamente em Cultura e arte barroca para que esse curso pudesse retornar com uma cara nova, com recursos, com mais possibilidades de realização. E para criar o mestrado, como é sabido, é preciso haver mais doutores, é preciso que a gente tenha um corpo de doutores dispostos a encarar essa linha de mestrado. Mas, estou até te convidando, Neide, quem sabe, não é você essa pessoa que venha dar início a esse projeto de mestrado, junto comigo, de repente, já há um corpus construído para o primeiro projeto de mestrado, pelo menos, não se se houve modificação depois, mas que pode nos ajudar. Há, sim, uma vontade

no Brasil, de trabalhar com esses temas. Eu acho que a possibilidade de sobrevivência do curso, hoje, seria criando um mestrado em Cultura e arte barroca, reunindo professores da Museologia, da Filosofia, da História, da Letras, essa seria a possibilidade... da Arquitetura, do Turismo, que sejam professores doutores, que tenham interesses pela preservação, interesses em prol do patrimônio histórico e artístico nacional. Eu acho que essa seria a possibilidade de sobrevivência do curso.

E aí eu estou te lançando esse desafio, quem sabe a gente não começa isso de novo? Ainda mais que esse é um ano em que estou mais aqui, sabe, embora eu esteja falando isso, mas estou indo dar aula na França, hoje, na Ecole onde eu estudei. Mas estou retomando projetos com meus alunos, estou mais envolvida do que nunca com a Universidade, com a cidade. Eu decidi mesmo que a minha felicidade é aqui, que não vou para lugar nenhum, que aqui é o meu lugar. Quero ficar com a minha mãe, com meus netos, com meu marido... Então, eu quero é ser feliz aqui e quero continuar contribuindo, o máximo que eu puder, para o engrandecimento cultural dessa cidade, para que ela continue com essa paisagem esplêndida, que a gente tanto ama!

ANEXO 3 – DOCENTES DO CECAB

DOCENTES DO CECAB

DOCENTE	VÍNCULO INSTITUCIONAL
1. Adalgisa Arantes Campos	UFMG
2. Alexandre Mendes Cunha	UFMG
3. Ana Maria de Almeida	UFMG
4. Antônio Alcir Bernardes Pécora	UNICAMP
5. Antônio Luiz Dias de Andrade	IPHAN
6. Arthur Grupillo	UFRJ
7. Augusto Carlos Silva Teles	UFRJ
8. Áurea Pereira da Silva	PUC/Campinas
9. Benedito de Lima Toledo	USP
10. Betânia Figueiredo	UFMG
11. Caio César Boschi	PUCMG
12. Carla Maria Junho Anastasia	UFMG
13. Carlos Antônio Leite Brandão	UFMG
14. Carlos Elias Kater	UFMG
15. Carlos Fico	UFOP
16. Carlos Magno Guimarães	UFMG
17. Celso Taveira	UFOP
18. Crisoston Terto Villas Boas	UFOP
19. Cristina Corrêa de Araújo Ávila	UFMG
20. Dalton Pedro Sala Júnior	Pinacoteca de SP
21. Domingos Sávio Lins Brandão	UEMG
22. Dora Alcântara	IBPC
23. Elisa Freixo	EFPA
24. Fernando Correia Dias	UnB
25. Francisco Eduardo de Andrade	UFOP
26. Francisco Soares Senna	UFBA
27. Graham Charles Thomas Griffiths	Grupo Novo Horizonte
28. Guiomar de Grammont	UFOP
29. Hygina Bruzzi de Melo	UFMG
30. Imaculada Kangussu	UFOP
31. Ivo Porto de Menezes	UFMG
32. Jair Tadeu da Fonseca	UFMG
33. João Adolfo Hansen	USP
34. Jorge Rodrigues***	Fundação Calouste Gulbenkain
35. José Arnaldo Coelho de Aguiar Lima	UFOP
36. José Luiz Furtado	UFOP
37. Juan Carlos Sandi Aramayo	UFMG
38. Júlio César Machado Pinto	UFMG
39. Júnia Ferreira Furtado	UFMG
40. Laura de Mello e Souza	USP
41. Lêda Maria Martins	UFOP
42. Lúcia Castelo Branco	UFMG
43. Luiz Marques	UNICAMP
44. Magno Mello	UFMG
45. Marcello Castilho Avellar	UFOP
46. Marcos César de Senna Hill	UFMG
47. Marcus Vinícius Corrêa Carvalho	UFOP

48. Marcus Vinícius de Freitas	UFOP
49. Maria Beatriz de Mello e Souza	UFRJ
50. Maria Cristina da Rocha Simão	IFMG
51. Maria Helena Matue Ochi Flexor	UFBA
52. Marlyse Meyer	USP
53. Mary Ângela Biason	IPHAN
54. Maurício Mário Monteiro	UAM/RTVCultura
55. Melânia Silva Aguiar	UFMG
56. Miguel Angel de Barrenechea	UFOP
57. Moacyr Laterza	UFMG
58. Murilo Marcondes de Moura	UFOP
59. Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira	UFRJ
60. Olímpio José Pimenta Neto	UFOP
61. Orlando Ramos	
62. Paulo Pereira	UFRJ
63. Paulo Varela Gomes	ICPL/Lisboa
64. P.º Elias Bartolomeu Leoni	FAM (Faculdade Arquidiocesana de Mariana)
65. Pedro Sussekind	UFOP
66. Rafael de Freitas Souza	UFOP
67. Reinaldo Guedes Machado	IEPHA/MG
68. Renato Pinto Venâncio	UFOP
69. Ricardo Fennati	UFMG
70. Roberto Lacerda	Inst. Cult.. Hispânica
71. Rodrigo Almeida Bastos	UFSC
72. Rodrigo Antônio de Paiva Duarte	UFMG
73. Rodrigo Otávio de Marco Meniconi	IPHAN
74. Romero Alves Freitas	UFOP
75. Rufo Herrera	UFOP
76. Sandra Loureiro	UFOP
77. Sebastião Trogo	UFOP
78. Selma Melo Miranda	IEPHA/MG
79. Sérgio Alcides Pereira do Amaral	UFOP
80. Sônia Maria Viegas	UFMG

ANEXO 4 – DISCIPLINAS DO CECAB

DISCIPLINAS DO CECAB

I Curso

Arquitetura barroca brasileira
Arquitetura barroca mineira
Arte brasileira colonial
Cultura mineira
Educação artística
Estética do barroco
Filosofia da arte
Literatura barroca brasileira
Metodologia do ensino da arte e da pesquisa
Pintura e escultura
Sociedade do barroco mineiro

II Curso

Arquitetura barroca mineira
Arte brasileira colonial
Estética do barroco
Formação da Literatura brasileira: do Barroco ao Arcadismo
Metodologia do ensino da arte e da pesquisa
O debate "Classicismo X Barroco" na literatura e na cultura francesa
Poesia e teatro no Brasil colonial
Sociedade do barroco mineiro
Sociedade do barroco mineiro

III Curso

Arquitetura barroca mineira
Arte brasileira colonial
Escultura e pintura do barroco mineiro
Estética do barroco
Filosofia da arte
Metodologia do ensino da arte e da pesquisa
O debate "Classicismo X Barroco" na literatura e na cultura francesa
O teatro no Brasil Colônia
Sociedade do barroco mineiro

IV Curso

Arte mineira colonial I - Pintura
Arte mineira colonial II – Escultura
Arte mineira colonial III – Literatura
Arte mineira colonial III – Música
Filosofia da arte - Estética do barroco I - Estética do barroco II
Metodologia do ensino e da pesquisa
Sociedade mineira colonial I e II

V Curso

Arte em Portugal: Maneirismo, barroco e rococó
Arte no Brasil: Maneirismo, barroco e rococó
Arte no Período Colonial: Arquitetura religiosa
Arte no Período Colonial: Artes decorativas
Arte no Período Colonial: Imaginária
Arte no Período Colonial: Pintura
Arte no Período Colonial: Talha ornamental
Arte no Período Colonial: Urbanismo e arquitetura civil
Literatura no Período Colonial
Manifestações no Período Colonial
Metodologia I e II
Música no Período Colonial
Sociedade brasileira no Período Colonial
Teorias da arte I e II
Teorias da imagem

VI Curso

Arte em Portugal: Maneirismo, barroco e rococó
Arte no Brasil: Maneirismo, barroco e rococó
Arte no Período Colonial: Arquitetura religiosa
Arte no Período Colonial: Artes decorativas
Arte no Período Colonial: Imaginária
Arte no Período Colonial: Pintura
Arte no Período Colonial: Talha ornamental
Arte no Período Colonial: Urbanismo e arquitetura civil
Literatura no Período Colonial
Manifestações teatrais no Período Colonial

Metodologia I e II
Música no Período Colonial
Sociedade brasileira no Período Colonial
Teorias da arte I e II
Teorias da imagem

VII Curso

Arte mineira colonial I e II – Arquitetura
Arte mineira colonial I e II - Literatura e Música
Arte mineira colonial I e II - Pintura/Escultura
Estética do Barroco I e II
Filosofia da arte I e II
Metodologia de ensino I e II
Sociedade mineira colonial I e II
Sociedade mineira colonial I e II

VIII Curso

Arte mineira colonial - Arquitetura
Arte mineira colonial - Pintura e Escultura
Arte mineira colonial I e II - Literatura e Música
Estética do Barroco
Filosofia da arte I e II
Metodologia
Sociedade mineira colonial I e II

IX Curso

Arte mineira colonial: Arquitetura
Arte mineira colonial: Literatura
Arte mineira colonial: Música
Arte mineira colonial: Pintura e Escultura
Estética do barroco
Filosofia da arte I e II
Filosofia do barroco
Metodologia do ensino e da pesquisa
Sociedade mineira colonial I e II

X Curso

Arte mineira colonial: Arquitetura
Arte mineira colonial: Literatura
Arte mineira colonial: Música
Arte mineira colonial: Pintura e Escultura
Estética do barroco
Filosofia da arte I e II
Metodologia do Ensino e da Pesquisa
Sociedade mineira colonial I e II

XI Curso

Arte mineira colonial: Literatura
Arte mineira colonial: Pintura e Escultura
Arte mineira colonial I e II : Música
Estética do barroco
Filosofia da arte
Metodologia do ensino e da pesquisa I e II
Sociedade mineira colonial

XII Curso

Arte mineira colonial I e II: Literatura
Arte mineira colonial I e II: Música
Arte mineira colonial: Pintura e Escultura
Estética do Barroco
Filosofia da arte I e II
Metodologia do ensino e da pesquisa
Sociedade mineira colonial
Sociedade mineira colonial

XIII Curso

Arte mineira colonial: Arquitetura e talha
Arte mineira colonial: Literatura
Arte mineira colonial: Música
Arte mineira colonial: Pintura e escultura
Estética do Barroco
Filosofia da arte

Metodologia do ensino e da pesquisa
Sociedade mineira colonial

XIV Curso

Arte mineira colônia: Música
Arte mineira colonial I e II: Arquitetura e talha
Arte mineira colonial: Literatura
Arte mineira colonial: Pintura e escultura
Estética do barroco I e II
Filosofia da arte
Metodologia de análise da obra de arte
Metodologia do ensino e da pesquisa
Sociedade mineira colonial

XV Curso

Poéticas do Barroco
Escultura religiosa no Brasil I e II
Filosofia da arte
História da arquitetura
História e utilização contemporânea das cidades coloniais
Literatura no Brasil colonial
Metodologia da pesquisa
Música no Brasil colonial
Sociedade mineira colonial
Talha e pintura no Período Colonial luso-brasileiro

XVI Curso

Poéticas do Barroco I e II
Escultura religiosa no Brasil
Filosofia da arte
História da arquitetura
História e utilização contemporânea das cidades coloniais
Literatura no Brasil colonial
Metodologia da pesquisa
Música no Brasil colonial
Sociedade mineira colonial
Sociedade mineira colonial

Talha e pintura no Período Colonial luso-brasileiro I, II, III e IV

XVII Curso

Poéticas do Barroco

Escultura religiosa no Brasil

Filosofia da arte

História da arquitetura

História e utilização contemporânea das cidades coloniais

Literatura no Brasil Colonial

Metodologia da pesquisa

Música no Brasil Colonial

Sociedade Mineira Colonial

Talha e pintura no Período Colonial luso-brasileiro

TEMAS DE ALGUNS SEMINÁRIOS QUE COMPLEMENTAVAM O PROGRAMA DE DISCIPLINAS:

A arte e seu combate

Problemas de hermenêutica do barroco

A imagem da conversão: o batismo espetacular dos Tupinambá em Paris (1613-1614)

A mulher negra e a vida material no século XVIII

A viagem dos signos

Alguns aspectos da arquitetura barroca no Nordeste

Artes e ofícios em Minas Gerais setecentista: fonte para a história oral

As edições de "Marília de Dirceu" de Tomás Gonzaga e a edição do bicentenário

As irmandades religiosas em Vila Rica: a igreja de São José

As meninas de Velásquez

Azulejaria portuguesa

Barroco hoje: novas abordagens a partir da historiografia e antropologia

Cenografia barroca: a representação proporcionada da desproporção

Cômico aristotélico e a sátira barroca

Educação e arte

Educar para preservar: uma proposta de educação patrimonial

Estabelecendo fronteiras: o infuso colonizador do Ribeirão do Carmo no setecentos

Exemplos da arte colonial mestiza no Departamento de La Paz – Bolívia

Festejos e pompa barroca nas Minas setecentistas

Ideologia e arte barroca

Iluminuras nos livros e registros de Irmandades e Ordens Terceiras em Minas Gerais no Período Colonial

Linguagem barroca e a criação contemporânea
Mito e mitologia na Inconfidência Mineira
Mobiliário brasileiro no Período Colonial
Morte e salvação na cultura barroca: um repertório de imagens
Música no Brasil Colônia e em Portugal nos séculos XVI, XVII e XVIII
O discreto e o néscio na poesia barroca
O estanho no cotidiano de Minas Gerais no Período Colonial
O lúdico e as projeções do mundo barroco
O patrimônio cultural e as políticas de preservação: um estudo comparativo
Os profetas de Aleijadinho: figuras da opressão
Ouro Preto e a preservação dos sítios históricos
Pesquisa barroca contemporânea em MG
Proteção do patrimônio histórico: certezas e incertezas
Religião no Brasil Colônia
Teatro barroco
Vieira e a condução do índio ao corpo místico do Império Português, Maranhão, 1652-1661

ANEXO 5 – MONOGRAFIAS DE CONCLUSÃO DE CURSO DO CECAB

MONOGRAFIAS DE CONCLUSÃO DE CURSO DO CECAB

AGUILERA MONTALVO, Antônio José. **A persistência da matéria, apontamentos sobre teoria da restauração.** 1995. 56 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

ALCANTARA, Ailton Santana de. **O aspecto formal e dramático da imaginária barroca:** exemplos do acervo do museu de arte sacra de São Paulo. 2003. 99 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2003.

ALENCAR, Wania Simoes de. **Esquecidos chafarizes de Ouro Preto.** 1987. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

ALMEIDA, Arnaldo de. **Édipo, Hamlet:** a trágica luta para se restabelecer a ordem. 1989. 52 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1989.

ALMEIDA, Maria Auxiliadora Ornellas de. **Análise formal e estilística de três retábulos da Sé de Mariana.** 1995. 25 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. **A editio princeps dos Sermões do Padre Antônio Vieira.** 1995. 63 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

ALMEIDA, Vanessa Costa Vaz de. **Visualidade barroca:** o desvelar de um recorte urbano em Penedo. 1997. 103 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1997.

ALVARES, Clarice Brenzan. **Nossa arte.** 1986. 42 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

ALVES, Carla Juliana Galvão. **As festas no tempo das missões.** 2001. 55 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2001.

ALVES, Emanuela Assis. **A deterioração de uma escultura setecentista em Ouro Preto:** estudo de caso da imagem de São José de Botas da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões. 2010. 94 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2010.

ALVES, Herinaldo Oliveira. **O jubileu do Senhor Bom Jesus em Congonhas:** discursividades religiosas e relações de poder (1780-1809). 2013. 60 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2013.

ARANTES, Maria de Fátima Mendes. **Influências islâmicas na arquitetura luso-brasileira:** do muxarabi às sacadas de pedra-sabão do sobrado do Barão de Pontal em

Mariana-MG. 2013. 69 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2013.

ARAÚJO, Ana Paula Figueira; RAPHAEL, Dalton Almeida. **A arquitetura civil residencial de Ouro Preto nos séculos XVIII e XIX.** 2007. 60 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2007.

ARAUJO, Carlos Magno de. **Subsídios para o estudo do Hospício da Terra Santa de Vila Rica no século XVIII.** 1987. 38 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

ARAÚJO, Jeaneth Xavier de. **Arte e sociedade: pintores e entalhadores em Vila Rica.** 2001. 76 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2001.

ARRUDA, Jose Maria. **Proteção do patrimônio histórico e cultural do município de Mariana: ação do Estado e da comunidade.** 1995. 150 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

ÁVILA, Cristina. **O negro e a religiosidade na capitania das Minas: o caso da irmandade do Rosário de Ouro Preto, um estudo iconográfico.** [19--]. 79 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

BARBIERI, Aldo. **Uma abordagem para o estudo do conceito de obra aberta na música barroca europeia ou abertura ampla, geral e improvisa.** 1992. 14 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1992.

BARBOSA, Mairone Ferreira. **Vida e obra de Tiana.** 1994. 78 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1994.

BARION, Otávio Grisante. **A retórica em São Carlos Borromeu: da funcionalidade à persuasão.** 2007. 86 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2007.

BARROS, Luiz Antonio Recaman. **Aspectos do debate entre modernidade e tradição na formação da arquitetura moderna brasileira.** 1990. 70 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1990.

BATISTA, Iracema Nogueira. **A influência de estilos na imaginária do Seridó: um estudo formal, estilístico e iconográfico.** 1998. 102 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1998.

BEDIN, Andrea Gomes. **Educação e arte jesuítica nas igrejas luso-brasileiras no século XVII: Igreja Catedral Basílica de Salvador, Bahia (1657), Capela de São Miguel Paulista (1622) e Igreja Nossa Senhora do Rosário, Embu das Artes, São Paulo (1690).** 2009. 82 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2009.

BERTAGNOLI, Lucrecia Caron. **Acervo do Museu de arte sacra da Arquidiocese de Curitiba, Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas.** 1986. 114 f.

Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

BEZERRA, Angela Maria Grando. **A cítara helênica: no tempo das lendas.** 1989. 73 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1989.

BION, Cybele Martins. **Franciscanismo em Olinda: uma análise do cotidiano dos frades menores e as necessidades de mudança dos espaços construídos.** 1995. 53 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

BONNET, Márcia Cristina Leão. **Pintores e entalhadores no Rio de Janeiro setecentista.** 1995. 97 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

BORGES, Gerusa Ribeiro. **Imagem de Nossa Senhora das Necessidades: arte, ciência e a técnica na documentação e registro através da fotogrametria terrestre a curta distância.** 1999. 47 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1999.

BRANDÃO, Angela. **Abrasilando a coisa lusa: o Aleijadinho pelo olhar de Mário de Andrade.** 1998. 73 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1998.

BRANDÃO, Helena Camara Lace. **O discurso retórico na fachada de Igreja de São Francisco de Assis: Ouro Preto.** [19--]. 67 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

BRITO, Paula Sônia de. **Aspecto da arquitetura religiosa do Seridó: subsídios para a história da Catedral de Sant'Ana.** 1998. 45 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1998.

BRITTO, Maura Silveira Gonçalves de. **Entre escravos, arrobos e alqueires: a Itabira do Mato Dentro na teia da economia mineira oitocentista.** 2007. 66 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2007.

BRUSADIN, Lia Sipaúba Proença. **O Cristo da Prisão e o Ecce Homo do Carmo de Ouro Preto: leituras iconográficas e iconológicas.** 2013. 67 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2013.

CAETANO, Daniele Nunes. **A teologia política e a sociedade do corpo místico.** 1999. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1999.

CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira. **Vila Boa Morte: um edifício erudito em Goiás do século XVIII: Um estudo.** 1982. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1982.

CAMPOS, Maria Augusta do Amaral. **A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Sabará**. 1988. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1988.

CANDIDO, Maria Inez. **Nova Lima: reminiscências de um núcleo minerador**. 1987. 61 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

CARMO, Cecília Maria de Melo Stuart do. **Arte & Educação: barroco no ensino fundamental**. 1995. 97 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

CARNEIRO, Carlos Henrique. **De Saragoza a Vila Rica de Ouro Preto: o culto a Nossa Senhora do Pilar**. 2013. 41 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2013.

CARVALHEIRO, Vagner Donizete Gomes. **Um alinhavo francês no traje de coroação da rainha negra: a influência da moda francesa segunda metade do século XVIII**. 2011. 132 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2011.

CARVALHO, Beatriz de Lourdes Guimarães Moreira de. **No Brasil Colonial - artes e ofícios: a arte do ferreiro - forjar e criar através do uso do ferro**. 2009. 64 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2009.

CARVALHO, Elizabeth Sales de. **Fazendas mineiras da micro-região de Belo Horizonte**. 1987. 207 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

CARVALHO, Maurício Rocha de. **Elementos barrocos presentes no ecletismo do Recife-PE: a permanência dos valores culturais na sociedade**. 1991. 45 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1991.

CARVALHO, Rosires de Andrade. **Casa de Oração Ordem Terceira de São Francisco de Assis de João Pessoa - Paraíba**. 1987. 45 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. **Análise do frontispício da Igreja da Venerável Ordem 3ª da penitência do Seráfico Pe. São Francisco da Congregação da Bahia**. 1987. 42 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

CASTANHEIRA, Eduardo Cunha. **A luz no barroco**. 1992. 20 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1992.

CASTELO BRANCO, Fabiana Rodrigues. **O pátio do Complexo Franciscano de Santa Madalena em Marechal Deodoro-Alagoas: usos nos séculos XVIII e XIX**. 2000. 82 f.

Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2000.

CASTRO, Cleusa. **As fortificações de Silva Paes na Ilha de Santa Catarina.** 1987. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

CASTRO, Maria José das Graças Lima. **Análise de artista determinante: Mallarmé.** [19--]. 23 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

CAVALCANTI, Semiramis Arcoverd. **Aljube e capela de São Pedro Advícula.** 1996. 21 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1996.

CELESTINO, Maria da Glória. **O legado barroco para Mariana.** 1999. 51 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1999.

CORDEIRO, Zahira Souki. **As representações iconográficas do mineiro e a sua concepção de mundo.** [19--]. 17 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

COSTA, Alcilia Afonso de Albuquerque. **A igreja Nossa Senhora da Vitória de Oeiras.** [19--]. 64 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

COSTA, Maritsa Sá Freire. **São Francisco de Assis, por Caravaggio.** 2014. 49 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2014.

COSTA, Marla Pereira. **Aspectos da figura feminina na obra de Tomás Antônio Gonzaga.** 1996. 24 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1996.

COSTA, Rogério Vicente da. **Estudo sobre a iconografia de Nossa Senhora da Conceição e inventário das invocações de Nossa Senhora em Ouro Preto: a importância da Virgem Maria no culto católico.** 2009. 71 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2009.

COSTA, Rosângela Reis. **Um conjunto de indumentária religiosa do Museu da Igreja do Pilar em Ouro Preto.** 1987. 83 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

CROWL, Harry Lamott. **A presença da música portuguesa no Brasil colônia: (do século XVI às primeiras décadas do séc. XIX).** 1994. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1994.

CUNHA, Camila Conceição Vinhas da. **O surgimento da mulher no teatro em Vila Rica no século XVIII e XIX.** 2015. 28 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2015.

CUNHA, Ulisses Marcos da. **Representações iconográfico musicais na imaginária religiosa de Ouro Preto, Mariana e distritos ao longo do século XVIII e princípio do XIX.** 2013. 144 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2013.

D'ANGELO, André Guilherme Dornelles. **Francisco de Lima Cerqueira e a arquitetura rococó da Igreja de São Francisco de Assis de São João Del Rei.** 1997. 79 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1997.

DIAS, Marcos Horácio Gomes. **Entre a ética cristã e a estética cortesã: a pintura de corte em Minas Colonial.** [2000]. 150 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [2000].

DIAS, Sérgio. **Análise de dois pequenos exemplos de música colonial mexicana e brasileira (Mineira), com o intuito de perceber a situação desta arte em duas regiões de formação e influências culturais diversas, bem como tentar articular aquilo que é resquício barroco nesta música e suas principais peculiaridades.** 1988. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1988.

DINIZ, Silvana Sousa Nilo Bahia. **Arquitetura religiosa no Vale do Paraíba/SP: alguns exemplos.** 1994. 43 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1994.

DRUMMOND, Arnaldo Fortes. **O barroco de Minas, o modernismo e a criação do patrimônio: algumas considerações.** 1986. 30 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

DRUMOND, Josina Nunes. **O maneirismo em Arcimboldo.** 1996. 71 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1996.

ESTEVÃO, Sônia Rodrigues de Carvalho. **De Portugal às Minas setecentistas: contribuição ao estudo de preceitos nas representações artísticas e culturais luso-brasileiras.** 2008. 59 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2008.

ESTEVEZ, Suely Maria Perucci. **As iluminuras dos compromissos de irmandades e Ordens Terceiras da Arquidiocese de Mariana - 1717/1818.** 1987. 77 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

EVANGELISTA, Adriana Sampaio. **Esculturas de Anjos Tocheiros do século XVIII nas cidades de Ouro Preto e Mariana.** 1997. 170 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1997.

EVANGELISTA, Janaína. **As artes e os ofícios na Minas colonial.** 2009. 47 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2009.

FABRINO, Raphael João Hallack. **A imagem de Santo Antônio do Juiz de Fora**. 2009. 55 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2009.

FARIA, Ana Cristina. **Casa de morar: a relação entre cultura e arquitetura residencial em Ouro Preto - MG no século XVIII**. 2013. 56 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2013.

FELIPPE, Andréa Maria de Oliveira. **O relacionamento entre os senhores e os escravos nas Minas Gerais do século XVIII**. 2011. 52 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2011.

FÉRES, Leila Medina Leite. **Um poeta para a América: forma e subjetividade na obra poética de Cláudio Manuel da Costa (1754-1789)**. 2015. 51 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2015.

FERNANDES JUNIOR, Edesio. **De Luto e ludo: o barroco em Walter Benjamin**. 1986. 72 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

FERNANDES, Simone Monteiro Silvestre. **Inventário dos mortos do Arraial do Tijucu: estudo comparativo das relações de bens com a visão dos viajantes estrangeiros no 1º quartel do século XIX**. 1994. 64 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1994.

FERREIRA FILHO, Romeu. **Rio de Contas e suas igrejas: arquitetura barroca baiana**. 1997. 69 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1997.

FERREIRA, Kacianni de Sousa. **Pequeno inventário das imagens do Museu de Arte Sacra de Natal, RN**. 1995. 67 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

FERREIRA, Lorene Dutra Moreira e. **Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Santa Rita Durão: devoção e patrimônio**. 2008. 105 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2008.

FERREIRA, Maria Clara Caldas Soares. **Arquiconfraria do cordão de São Francisco em Mariana: história, arte e iconografia religiosa**. 2009. 120 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2009.

FIAMINGHI, Luiz Henrique. **Violino & retórica**. 1994. 69 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1994.

FIGUEIREDO, Beatriz Helena Ramsthaler. **Os ex-votos do período colonial como forma de comunicação entre pessoas e santos (1720-1780)**. 2009. 79 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2009.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. **A casa das sete mortes**. 1992. 145 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1992.

FRONER, Yacy-Ara. **Vanitas**: um estudo de emblemática na arte colonial mineira. 1994. 129 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1994.

GAEDE, Beatriz Gonçalves. **A imaginária sacra de roca em São João Del Rei**. 1992. 97 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1992.

GLOOR, Alexandre. **O mulato rabequista**: práticas sociais e organologia na música colonial brasileira e na música antiga. 2014. 42 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2014.

GODOY, Maria do Carmo Andrade Gomes. **Manifestações populares do barroco mineiro**: os retábulos pintados. 1987. 52 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

GOES, Jaldo Sapucaia de Faria. **Historicidade e perfil barroco do santuário popular**. [19--]. 65 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

GOMES, Paula Silva. **Sant'Ana Mestra nas igrejas de Ouro Preto**. 2008. 67 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2008.

GONÇALVES, Sérgio Norberto Costa. **Capela do Bonfim**: monumento representativo de épocas. 2013. 70 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2013.

GRILLO, Flavio Campos. **Praça Tiradentes**: onde Jacubas e Mocotós fazem o carnaval. [19--]. 19 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

GUIMARÃES, Francisco de A. P. **Preservação dos bens culturais**. 1986. 46 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

GUIMARAES, Marcelo Pereira. **Forro da nave da Igreja Matriz de Santo Antônio**: Santa Bárbara-MG. 1992. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1992.

GUIMARAES, Regina Celia Sichieroli. **A fala do texto que cala**. 1986. 41 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

GUTIERREZ, Rodrigo Luiz Minot. **Capela da Venerável Irmandade de Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto**: sobre o risco parietal existente e sua documentação. 2014. 68 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2014.

HILL, Marcos. **Projeções simbólicas em um templo de Minas: a Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto.** 1987. 113 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

JACOB, Maria Zélia Guimarães Guerra. **Matriz de Nossa Senhora do Bonsucesso - Caeté.** 1986. 131 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

JARDIM, Ana Cristina Magalhães. **Marília de Dirceu e a gênese do Museu da Inconfidência.** 2011. 69 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2011.

JORDÃO, Paulo Vicente da Veiga. **Corpo Santo: alegorias do corpo místico no barroco mineiro.** 1996. 97 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1996.

KRAUSS, Luiz Roberto. **A Igreja Matriz de São Thomé no contexto da história da arte colonial luso-brasileira.** 2012. 161 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2012.

LAIA, Lêda Lopes. **Irmandades de São Miguel Arcanjo em Ouro Preto: muitos templos, uma devoção.** 2013. 45 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2013.

LAPORT, André Luiz de Aguiar. **Arquitetura silenciosa: análise do frontispício da Igreja Santo Antônio da Prata, possível presença jesuítica na Baixada Fluminense.** 2013. 40 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2013.

LEITE, Pedro Queiroz. **O irriquieta Judas: uma proposta de identificação iconográfica nas Santas Ceias de Ataíde e do Aleijadinho.** 2010. 84 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2010.

LIBÓRIO, Paulo de Tarso Batista. **Imagens sacras dos séculos XVIII e XIX das Igrejas de Oeiras-Piauí.** 1986. 156 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

LIMA, Allyson Eduardo da Silva. **As Minas por trás de Manuel Nunes Viana: a guerra dos Eboabas nos livros didáticos.** 2015. 46 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2015.

LIMA, Luis Eduardo Pina. **Iconografia mariana em Sergipe Del Rei: um estudo preliminar da imaginária sacra no século XVIII.** 1994. 66 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1994.

LIMA, Sérgio José Fagundes de Sousa. **O Caminho Novo e a fazenda da Borda do Campo.** [1986]. 74 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [1986].

LOBO, Paula Cristiane Farias. **A evolução do barroco em Alagoas: arquitetura religiosa.** 1992. 47 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1992.

LONGOBARDI, Andrea Piazzaroli. **Máquinas do mundo inventado: chinoiseries no setecentos mineiro (1720-1765)**. 2012. 123 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2012.

LOPES, André Luís Tavares. **O século das luzes e o rococó religioso em Minas Gerais na obra de Aleijadinho na Igreja São Francisco de Assis em Ouro Preto: um estudo de caso**. 2010. 47 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2010.

LOPES, David Correia. **Barroco via orientalis: a pintura de motivos ornamentais chineses do forro do Nartex da Catedral Basílica da cidade do Salvador**. 1998. 142 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1998.

LOPES, Mônica Amaral. **Uma breve descrição das ações de normalização, implantadas pela Coroa portuguesa, das atividades sócio-econômicas nas Minas Setecentistas**. 2007. 55 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2007.

LORENZON, Claudia. **Frei Mathias de Gênova**. 2011. 150 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2011.

MAGALHÃES, Ana Cláudia Vasconcellos. **A arte barroca em Penedo: pintura e escultura**. [1992]. 81 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [1992].

MARIN, Jerri Roberto. **Ex-votos: no limiar do sagrado e do profano**. 1994. 59 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1994.

MARINHO, Claudia Mariza Moreira. **Imaginária na Coleção Geraldo Parreiras**. [1987]. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [1987].

MARINHO, Neide Aparecida. **Considerações acerca da noção de sagrado e profano na compreensão barroca**. 1996. 38 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1996.

MARTINS, Alexandre Alvarez de Souza. **Ouro Preto, cidade: cultura e arte barroca**. 1986. 96 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

MARTINS, Maria do Socorro de Melo. **Philodramático de Paracatu: memórias de uma história**. [19--]. 71 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

MARTINS, Regina Bawden de Paula. **Crime & castigo nas Minas Gerais: considerações sobre a criminalidade no século XVIII, entre os escravos e colonos**. 1997. 89 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1997.

MATA, Demetrius Leonel da. **Utopia e ucronia: metáforas da forma barroca.** 1986. 40 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

MEDEIROS, Isabella David. **Trindad: arquitetura, símbolo e pedagogia.** 1998. 74 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1998.

MELO NETO, Marcia de. **A descaracterização do patrimônio no cotidiano das cidades históricas.** 1995. 35 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

MELO, Iaci Iara Cordovil de. **A pintura e a escultura jesuítica da Igreja de São Francisco Xavier (ou Santo Alexandre) em Belém do Pará.** 2010. 81 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2010.

MENDES, Bráulio Sérgio. **Pressupostos teológicos: o espaço litúrgico da Matriz de Antônio Dias de Ouro Preto.** 2009. 74 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2009.

MONTANHEIRO, Fábio César. **Signum, sinos e toques: da magia do som metálico aos campanários ouropretanos.** 2001. 124 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2001.

MORAES, José Augusto de. **Retábulos em pedra calcárea nas igrejas de João Pessoa.** 1987. 72 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

MOREIRA, Aparecida Maria. **Santuário Senhor Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas / MG - a arte colonial mineira e a arte-educação: orientações para visita a um patrimônio artístico-religioso.** 2006. 69 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2006.

MOTTA, Leticia Leandro Sá. **Educação patrimonial e ensino da geografia: Ouro Preto como recurso didático.** 2011. 75 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2011.

MOURA FILHA, Maria Berthilde de Barros Lima e. **Arquitetura dos teatros em Minas Gerais no século XVIII: a Casa da Ópera de Ouro Preto.** 1993. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1993.

MOURA, Gislaíne Ranso Teixeira. **Metodologia da identificação e reconhecimento da obra de arte: acervo da Igreja Matriz da Imaculada Conceição de Sabará - MG.** [19--]. 53 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

MUCIDA, Maria de Lourdes Piuzana. **Análise formal, estilística e iconográfica da pintura da nave da capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Mariana.** 1995. 35 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

MUNIZ, Suely Cisneiros. **Alguns aspectos da talha e imaginária barroca em Olinda.** 1992. 36 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1992.

MURADIAN, Marcos Pagani. **Temas clássicos e a arte religiosa: alguns exemplos no "barroco mineiro".** 2008. 52 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2008.

NASCIMENTO, Flávia Brito do. **A arquitetura colonial brasileira revisitada: Lúcio Costa e o movimento neocolonial.** 2000. 73 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2000.

NEVES, Gilciane Aparecida Gesualdo Marques. **Festas de Vila Rica e Mariana: referenciais teóricos e metodológicos.** 2009. 51 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2009.

NIEMEYER FILHO, Aloysio. **O cinzel e o triângulo: símbolos maçônicos nas obras do Aleijadinho.** 2011. 81 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2011.

NOBREGA, Isabel Cristina. **Jair Afonso Inácio e sua contribuição à preservação do patrimônio histórico e artístico nacional.** 1995. 191 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

NOGINO, Silvia Braga. **A educação no período colonial brasileiro no século XVIII: o caso da Capitania de Minas Gerais.** 2010. 41 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2010.

NOGUEIRA, Silvia. **Música e imagem: o discurso musical na pintura de Manoel da Costa Athaíde.** 2012. 42 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2012.

NUNES, Eliane. **Heinrich Wolfflin e a construção da história da arte enquanto história da forma: pressupostos e implicações.** 1998. 33 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1998.

OLIVEIRA PIRES, Maria Lucia de. **Despertando a intuição para a arte.** 1986. 40 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. **A diocese de Mariana (1748-1764): palco de conflito entre o Bispo e o Cabido.** 1999. 51 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1999.

OLIVEIRA, Cristiana Teófilo de. **Amostras estilísticas na talha e na pintura ornamental: sob as influências dos estilos brutescos e grotescos no barroco mineiro.** 2003. 116 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2003.

OLIVEIRA, Juliane Aparecida Lima de. **Imaginária religiosa em Paraíba do Sul: estudos das imagens da Igreja de Santo Antônio dos Pobres da Encruzilhada.** 2009. 55 f. Monografia

(Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2009.

OLIVEIRA, Olga Maria de. **O lundu e a modinha do século XVIII**. 1986. 45 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

OLIVEIRA, Silvia Helena Machado Cavalcante de. **São João Sebastião da Cacimba**: interpretação iconológica de um quadro de João Sebastião. 1998. 53 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1998.

PAES, Maria Paula Dias Couto. **As práticas de representação na sociedade Luso-Brasileira do século XVIII à luz da historiografia alegórica de Walter Benjamin ou Paris capital do século XIX Vila Rica "Capital" do século XVIII**. 1999. 50 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1999.

PAIVA, Anderson Eduardo de. **Uma leitura pedagógico-catequética**: análise de um programa iconográfico da Matriz do Pilar de Ouro Preto. 2010. 115 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2010.

PAULA, Mariana Brito de. **A imprensa escrita e o patrimônio histórico de Congonhas, Minas Gerais**. 2011. 34 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2011.

PEPE, Suzane Tavares de Pinho. **A atividade do escultor Manoel Ignácio da Costa na cidade do Salvador**. 1999. 161 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1999.

PIFANO, Raquel Quinet de Andrade. **O Rococó religioso**: um paradoxo? 1995. 60 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

PIMENTEL, Raquel Ramos. **São Francisco de Assis, Santo Antônio de Pádua**: iconografia. 1998. 108 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1998.

PINHO, Marcia Regina Braga do. **Heidegger no claro-escuro do barroco**. 1986. 26 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

POETE, Carlos Alberto. **Portadas hispanoamericanas**: elementos para a leitura da imagem icônica no contexto colonial da América do Sul. 1977. 47 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1977.

PORTES, Bruce Souza. **Revisitando o "Barroco mineiro"**: a construção de um conceito entre a arte, a identidade e outras representações coloniais. 2014. 42 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2014.

QUITES, Maria Regina Emery. **Capela Nossa Senhora do Rosário de Santa Bárbara.** 1988. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1988.

RAPHAEL, Dalton Almeida. **Ouro Preto foi, e é sem nunca ter sido:** (o grande jogo de coerências do homem). [19--]. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

RESENDE, Edson Fialho de. **Barroco mineiro:** nação civilizada, patrimônio protegido. 2011. 77 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2011.

RESENDE, Maria Leonia Chaves de. **A dominação jesuítica nos séculos XVII/XVIII.** 1989. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1989.

RIBEIRO, Delmari Ângela. **Casa de Alphonsus de Guimaraens:** estudo do espaço barroco. [19--]. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

RIBEIRO, Edson. **O tropeirismo no comércio colonial nos séculos XVIII e XIX e a sua influência até o século XX.** 1994. 69 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1994.

RIBEIRO, Enos Omena. **Análise iconográfica e iconológica dos painéis do forro da sacristia da Igreja da Ordem Terceira do Carmo do São Cristóvão/SE.** 1999. 80 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1999.

ROCHA, Dionarah Luisa de Melo. **O espaço urbano colonial brasileiro:** o caso de Ouro Preto. 1995. 153 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1995.

ROSA JÚNIOR, João Dalla. **A imaginária devocional na América Portuguesa:** o caso das imagens coloniais da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Viamão. 2008. 101 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2008.

SALOMON, Mathilde. **Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo de Itu.** [1987]. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [1987].

SANTOS, Antonio Fernando Batista dos. **São José de Itapanhoacanga e a nova devoção de Nossa Senhora do Rosário.** [19--]. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

SANTOS, Antônio Fernando Cabral dos. **Barroco:** a arte de propaganda. 2001. 41 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2001.

SANTOS, Carlos Alberto Avila. **A Arquitetura residencial e urbana no Rio Grande do Sul Colonial, enfocando a cidade de Rio Pardo.** 1992. 122 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1992.

SANTOS, Cristina Avila. **A literatura modernista em Minas.** [19--]. 12 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [19--].

SANTOS, Leila Regina Pereira. **Arquitetura colonial paranaense: Igreja de Santo Antônio da Lapa, Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tamanduá.** 1997. 77 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1997.

SANTOS, Luciene dos; CAMPOS. **Análise do espaço cenográfico do interior da igreja matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto.** 1996. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1996.

SANTOS, Luísa Ximenes. **O Concílio de Trento e a discussão acerca do estatuto da imagem.** 2013. 43 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2013.

SANTOS, Rodrigo Luiz dos. **Uma cor, um santo: os pardos de São Francisco de Paula e a luta pela sobrevivência da irmandade no final do séc. XIX e início do séc. XX em Ouro Preto - Minas Gerais.** 2012. 63 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2012.

SANTOS, Sandra Teles dos. **A escultura dourada e policromada de São Francisco de Paula.** 2013. 82 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2013.

SANTOS, Sidnéa Francisca dos. **Palco, camarote e tribunal: análise e transcrição de documentos processuais do séc. XVIII envolvendo uma atriz e uma frequentadora da Casa da Ópera de Vila Rica.** 2011. 172 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2011.

SENA, Ernesto Cerveira de. **Vieira e o jogo católico reformista.** 2001. 91 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2001.

SERPA, Maria Auxiliadora Noronha. **Glossário dos trajes, alfaias e adereços do século XVIII.** 1998. 100 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1998.

SILVA, Aryella Mascarenhas da. **Representação do Triunfo Eucarístico em 2006: relevâncias para a comunidade de Ouro Preto e para o turismo.** 2008. 49 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2008.

SILVA, Cezar Augusto da. **A influência do barroco na poesia de Affonso Ávila**. 1992. [52] f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1992.

SILVA, Dulcimira Capisani Moreira da. **Síntese dos acontecimentos de São Paulo e suas principais igrejas no século XVIII**. [1986]. 60 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, [1986].

SILVA, Gilseane Chaves. **A arte colonial mineira e sua política de preservação**. 2010. 103 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2010.

SILVA, Josias Carneiro da. **Abelheiras: último reduto da Casa da Torre no Piauí (Um estudo de história social)**. 1989. 178 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1989.

SILVA, Lúgera Ana da. **Sincretismo religioso nas irmandades de pretos em Ouro Preto / Mariana (1709-1820)**. 1990. 45 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1990.

SILVA, Regina Célia Bicalho Prates e. **A problemática caracterização da tragédia grega como "Arte Clássica"**. 1986. 21 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1986.

SILVESTRE DE FARIA, Maria Aparecida. **Reabilitação urbana: política habitacional de intervenção em centros históricos**. 1996. 60 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1996.

SOARES, Jussara Duarte. **A restauração de Jair Afonso Inácio: o caso da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré**. 2013. 105 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2013.

SOUSA, Paulo Tavares de. **Aspectos do barroco português e do barroco espanhol e suas apropriações na América Espanhola e Brasil**. 1998. 75 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1998.

SOUZA, Fernando Guerra de. **Alguns aspectos da arte contemporânea**. 1987. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

SOUZA, Guiomar Maria de Grammont Machado de Araujo. **O espelho estilhaçado: o trágico na heteronímia e no estilo metafórico de Kierkegaard**. 1989. 109 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1989.

SOUZA, Zilmar Rodrigues de; AGUIAR, Werner. **A transcendência do barroco: uma reflexão sobre os seus aspectos presentes na música atual**. 2001. 105 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2001.

SUFFIATI, Luiz Fernando. **A pintura de perspectiva de Manoel da Costa Athayde.** 1977. 173 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1977.

TAVARES, Taciana Botega. **Os usos e costumes do mobiliário nas Minas setecentistas.** 2000. 41 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2000.

TEIXEIRA, Denise Thomaz. **Arquitetura rural:** um exemplar mineiro. 1987. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

VALE, Marília Maria Brasileiro Teixeira. **A arquitetura religiosa no sertão da Farinha Podre:** a Igreja de Santa Rita em Uberaba. 1987. 53 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1987.

VASQUES, Ramão Ruberval Calonga. **Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro e sua irmandade.** 2011. 92 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2011.

VIANA, Hélder Henrique. **O papel da mulher negra no ritual do Congado.** 2007. 53 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2007.

VILLANOVA, Simone. **Razão e fé:** o contexto religioso do barroco na Europa e na América portuguesa. 1999. 116 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1999.

VITARELLI, Flávio. **Turismo religioso:** Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo. 1997. 162 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 1997.

WILDHAGEN, Joana Pinto. **Maria, tão Eva:** estudo da corporeidade plástica na arte barroca para uma criação em videodança. 2014. 64 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2014.

ANEXO 6 – ALCANCE ACADÊMICO DAS MONOGRAFIAS DO CECAB

Pesquisas de Mestrado, Doutorado e/ou livros produzidos a partir de monografias do CECAB

1. ALCÂNTARA, Ailton Santana de. Paulistinhas: imagens sacras, singelas e singulares. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes) – UNESP, 2009. **(Aluno do XII curso do CECAB)**
2. ARAÚJO, Jeaneth Xavier de. Os artífices do sagrado e a arte religiosa nas Minas setecentistas: trabalho e vida cotidiana. 2010. Tese (Doutorado em História) – UFMG, 2010. **(Aluna do XI curso do CECAB)**
3. ARAÚJO, Jeaneth Xavier de. Para a decência do culto de Deus: artes e ofícios na Vila Rica setecentista. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – UFMG, 2003.
4. ARRUDA, José Maria. As miragens do barroco. A cidade de Mariana, cenário do barroco mineiro. Recife: Editora Nova Presença, 2004. **(LIVRO)**
5. ARRUDA, José Maria. Proteção do patrimônio histórico e cultural, ação do Estado e da comunidade: uma análise do município de Mariana, MG. 1994. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - FGV/ Escola Brasileira de Administração Pública. 1994. **(Aluno do VII curso do CECAB)**
6. BEDIN, Andrea Gomes. A Igreja Nossa Senhora do Rosário, Embu das Artes (SP): arte e educação jesuíticas. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – PUC/SP, 2015. **(Aluna do XV curso do CECAB)**
7. BONNET, Márcia Cristina Leão. Entre o artifício e a arte: pintores e entalhadores no Rio de Janeiro setecentista. 1996. Dissertação (Mestrado em História Social) – UFRJ, 1996. **(Aluna do VII curso do CECAB)**
8. BONNET, Márcia Cristina Leão. The transient form: source, reflection and innovation in the woodcarving of Portuguese America. 2001. Tese (Doutorado em Art History and Theory) - University of Essex, Inglaterra. 2001.
9. BRANDÃO, Ângela. Desenhos de Tarsila do Amaral: barroco mineiro através do olhar modernista. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – UNICAMP, 1999. **(Aluna do X curso do CECAB)**
10. BRANDÃO, Ângela. La Invención del Barroco por el Modernismo Brasileño: las propuestas de Tarsila do Amaral y Mário de Andrade. 2002. Tese (Doutorado em História da Arte) - Universidad de Granada, Espanha, 2002.
11. BRITTO, Maura Silveira Gonçalves de. "Com luz de ferreiro" : práticas do ofício nas Minas do ferro escravistas século XIX. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – UFOP, 2011. **(Aluna do XIII curso do CECAB).**
12. CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. Mentalidade estética na Bahia Colonial: a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis da Bahia e o frontispício da sua igreja. 1995. Dissertação (Mestrado em Artes) – UFBA, 1995. 235 p. **(Aluno do II curso do CECAB).**

13. CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. Mentalidade estética na Bahia Colonial: a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis da Bahia e o frontispício da sua igreja. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1996. 230 p. **(LIVRO)**
14. CARVALHO, Maurício Rocha de. Ecletismo arquitetônico e cultura pernambucana. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – UFPE, 1992. **(Aluno do IV curso do CECAB)**.
15. CORDEIRO, Zahira Souki. A alegoria como conceito: uma leitura benjaminiana do barroco. 1992. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – UFMG, 1992. **(Aluna do I curso do CECAB)**
16. D'ANGELO, André Guilherme Dornelles. A cultura arquitetônica em Minas Gerais e seus antecedentes em Portugal e na Europa: arquitetos, mestres-de-obras e construtores e o trânsito de cultura na produção da arquitetura religiosa nas Minas Gerais setecentistas. 2006. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – UFMG, 2006.
17. D'ANGELO, André Guilherme Dornelles. Subsídios para uma metodologia de estudo sobre a conservação e restauro do patrimônio cultural em pedra-sabão. 1998. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – UFRJ, 1998. **(Aluno do IX curso do CECAB)**
18. DIAS, Marcos Horácio Gomes. Entre a ética cristã e a estética cortesã: a pintura de corte em Minas Colonial. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – USP, 2000. **(Aluno do XII curso do CECAB)**
19. DIAS, Marcos Horário Gomes. O palácio de Deus e o templo do Rei: a iconografia religiosa mineira e sua relação com os poderes constituídos. 2012. Tese (Doutorado em História) – PUC/SP, 2012.
20. EVANGELISTA, Adriana Sampaio. Pela salvação da minha alma: vivência da fé e vida cotidiana entre os irmãos terceiros em Minas Gerais - séculos XVIII e XIX. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – UFJF, 2010.
21. EVANGELISTA, Adriana Sampaio. As dores da Virgem Santíssima: motivo de fé e compaixão nas Minas Gerais - século XVIII, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – UFJF, 2004. **(Aluna do VIII curso do CECAB)**
22. FERREIRA, Maria Clara Caldas Soares. Arquiconfraria do cordão de São Francisco em Mariana: trajetória, devoção e arte (c. 1760-1840). 2013. 189p. Dissertação (Mestrado em História) – UFMG, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013. **(Aluna do XV curso do CECAB)**
23. FIAMMENGHI, Luiz Henrique. O violino violado: rabeca, hibridismo e desvio do método nas práticas interpretativas contemporâneas: tradição e inovação em José Eduardo Gramani. 2008. 229 f. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes da UNICAMP, Campinas, 2008. **(Aluno do VII curso do CECAB)**
24. FIGUEIREDO, Beatriz Helena Ramsthaler. Os ex-votos do período colonial: uma forma de comunicação entre pessoas e santos (1720 - 1780). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – PUC/SP, 2013. **(Aluna do XVI curso do CECAB)**
25. FRANCO, Suely Aparecida Campos. Deux villes, une fête: la Semaine Sainte dans le monde lusophone São João del-Rei et Braga XVIII - XXI siècles. 2012. Tese (Doutorado em Etudes lusophones) – Université Sorbonne Nouvelle, Paris 3, França. 2012. **(Aluna do III curso do CECAB)**

26. FRANCO, Suely Aparecida Campos. Elementos residuais da alma barroca luso-brasileira em uma cidade da Minas colonial: a Procissão do Enterro em São João del-Rei. 1996. Dissertação (Mestrado em História social) – UNIRIO, 1996. **(Aluna do III curso do CECAB)**
27. FRONER, Yaci-Ara. Os símbolos da morte e a morte simbólica - um estudo do imaginário da arte colonial mineira. 1995. Dissertação (Mestrado em História Social) – USP, 1995. **(Aluna do V curso do CECAB).**
28. GRAMMONT, Guiomar. Figuras estéticas de Kierkegaard : a sensualidade do Don Juan, a dúvida fáustica e o desespero do Judeu Errante. 1998. 252 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – UFMG, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1998. **(Aluna do III curso do CECAB)**
29. GRAMMONT, Guiomar. Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard. Petrópolis, Ed. Catedral das letras, 2003. 152 p. **(LIVRO)**
30. JARDIM, Ana Cristina Magalhães. O mito de Marília de Dirceu - 1792 a 1889: aspectos da construção e da apropriação de heróis românticos e o processo de formação da nação brasileira, 2014. Dissertação (Mestrado em História) – UFOP, 2014. **(Aluna do XIV curso do CECAB).**
31. JORDÃO, Paulo Vicente da Veiga. A semelhança do Divino: alegorias do Corpo Místico no Barroco em Minas e Goiás. 1998. Dissertação (Mestrado em Arte publicitária e produção simbólica) – USP, 1998. **(Aluno do VII curso do CECAB)**
32. LEITE, Pedro Queiroz. As fontes de Mestre Ataíde: uma pesquisa sobre os possíveis modelos do artista para os painéis da sacristia da Capela da Ordem Terceira Franciscana de Mariana, MG. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Estadual de Londrina, 2010. **(Aluno do XVII curso do CECAB)**
33. MELO, Iaci Iara Cordovil. Imaginária em colégios, fazendas e missões no nordeste paraense. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes) – UFMG, 2012. **(Aluna do XVII curso do CECAB)**
34. MONTALVO, Antônio José Aguilera. Fenomenologia e teoria da restauração: a fundamentação teórica de Cesare Brandi. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências da Arquitetura) – UFRJ, 1998. **(Aluno do VI curso do CECAB)**
35. NOBREGA, Isabel Cristina. Jair Afonso Inácio, um pioneiro na preservação do patrimônio artístico brasileiro. 1997. 362 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 1997. **(Aluna do VI curso do CECAB)**
36. OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. A ação pastoral dos bispos da diocese de Mariana: mudanças e permanências (1748-1793). 2001. Dissertação (Mestrado em História) - UNICAMP, 2001. **(Aluna do X curso do CECAB)**
37. PIFANO, Raquel Quinet de Andrade. A arte da pintura: prescrições humanistas e tridentinas na pintura colonial mineira. 2008. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – UFRJ, 2008. **(Aluna do VI curso do CECAB)**
38. PIFANO, Raquel Quinet de Andrade. O iluminismo e o rococó religioso em Minas Gerais na obra de Aleijadinho na Igreja São Francisco de Assis em Ouro Preto: um estudo de caso. 1993. Monografia (Especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil) – PUC/RJ, 1993.
39. PIFANO, Raquel Quinet de Andrade. Tradição e contradição na obra de Aleijadinho. 1996. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – PUC/RJ, 1996.

40. PIMENTEL, Raquel Ramos. Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Serra: acervo iconográfico e manifestações da religiosidade. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes) – UFES, 2012. **(Aluna do VIII curso do CECAB)**
41. REIS, Aryella Mascarenhas da Silva. Estudo das representações sociais da comunidade de Ouro Preto, MG, sobre o Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana - Fórum das Artes, 2011. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) - Universidade Estadual de Santa Cruz/UFBA, 2011. **(Aluna do XIV curso do CECAB)**
42. RESENDE, Maria Leônia Chaves de. Visões da conquista: verso e reverso: as missões jesuítas nos séculos XVI/ XVII. 1993. 315 p. Dissertação (Mestrado em História) – Unicamp, Campinas, 1993. **(Aluna do III curso do CECAB)**
43. SÁ, Daniele Nunes Caetano de. Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto: Theatrum Sacrum. 1999. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – UFMG, 1999. **(Aluna do X curso do CECAB)**
44. SENA, Ernesto Cerveira de. Vieira e o jogo católico reformista. Brasília: Círculo de Estudos Clássicos de Brasília, 2003. v. 1. 95p. **(LIVRO - mesmo título da monografia) (Aluno do XI curso do CECAB)**
45. SIFFIATI, Luiz Fernando. A pintura de perspectiva de Manoel da Costa Athayde, 1998. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Brasília, 1998. **(Aluno do XIX curso do CECAB)**
46. SILVA, Cezar Augusto da. A permanência do barroco na lírica latino-americana, através da poesia de Affonso Ávila e Lezama Lima. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFRJ, 1997. **(Aluno do IV curso do CECAB).**
47. TAVARES, Taciana Botega. A moradia em Vila Rica: 1750-1810. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - UFMG, 2005. **(Aluna do XI curso do CECAB)**
48. VALE, Marília Maia Brasileiro Teixeira. Arquitetura religiosa do século XIX no antigo Sertão da Farinha Podre. 1998. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – USP, 1998. **(Aluna do I curso do CECAB).**

Total:

- Livros: 4
- Dissertações: 34
- Teses:10 (3 no exterior)

ANEXO 7 – REVISTA DO IFAC

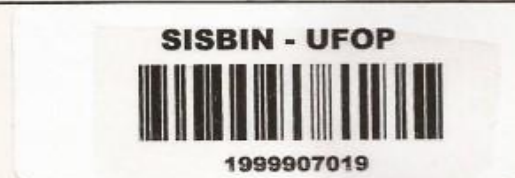


Revista do **WAC**
Instituto de Artes e Cultura / UFOP

Ouro Preto — Nº 0 — Janeiro de 1987



3 Editorial



4 Ouro Preto — Centro de Estudos Avançados de Cultura e Arte Barroca
Moacyr Laterza

12 A Ideologia da Arte Barroca
Washington Peluso Albino de Souza

24 Igreja e Estado em Minas Gerais, Crítica Institucional
Riolando Azzi

41 O Direito e o Averso na Poesia de Cláudio Manuel da Costa
Melânia Silva de Aguiar

50 Acerca de Modelos e Semelhanças nos Trabalhos de Antônio Francisco Lisboa
Ivo Porto de Menezes

56 A Abertura em Ré Maior do Padre João de Deus de Castro Lobo
Harry Lamott Crowl, Jr.

60 Notas

- Filosofia e Cultura
- Barroco e Rococó na Arquitetura Colonial Mineira
- As Capelas de Ossos em Portugal
- O Largo do Rosário na Vila Real de Sabará
- Fragmentos de Mística e Vanidade em Templo de Minas
- As Iluminuras dos Compromissos de Irmandades

REVISTA DO

IAC

INSTITUTO DE ARTES E CULTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

D E Z E M B R O 1 9 9 4

N Ú M E R O 0 1

- Devção e Representação do Arcanjo Miguel
- Belzebu: uma Carranca do Aleijadinho
- O Calundu - Angola de Luzia Pinta
- Criminalidade e História das Mentalidades
- Triunfo Eucarístico - Vila Rica - 1733



ertence aos Irmãos desta Irmandade, levarem as Varas do Pallio por posse em todas as Procissões em que vay o Santissimo, o que assim mesmo se vbera daqui em diante, excepto na procissam do Corpo de Deos, do Senado em que as levam os Cavalheiros da ordem de Christo, e Cidadãos ena de S. Pedro os Reverendos Sacerdotes, e sempre que sabir o Santissimo virá o Provedor com a vara atraz do Pallio.



- 3** Editorial
- 4** Univer^S/cidade
Ana Maria de Almeida
- 6** Filosofia e Cultura
Henrique C. de Lima Vaz
- 13** Barroco e Rococó na Arquitetura Colonial Mineira
Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira
- 20** As Capelas de Ossos em Portugal como Parte da Cenografia Barroca
- Breve Apontamento
Carlos Veloso
- 24** Uma Cidade, uma Praça e muitas Histórias: o Largo do Rosário na Vila Real de Sabará
Selma Melo Miranda
- 38** Fragmentos de Mística e Vanidade na Arte de um Templo de Minas: a Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Ouro Preto
Marcos Hill
- 49** Iluminuras nos Livros de Compromisso de Irmandades e Ordens Terceiras de Ouro Preto e Mariana: uma Abordagem
Sueli Perucci
- 61** Devoção e Representação do Arcanjo Miguel e das Almas do Purgatório na Capitania das Minas-Brasil
Adalgisa Arantes Campos
- 70** Belzebu: Estudo para Identificação de uma Obra de Antônio Francisco Lisboa
José Efigênio Pinto Coelho
- 73** O Calundu-Angola de Luzia Pinta: Sabará, 1739
Luiz Mott
- 83** Arquivos Criminais: Pistas para uma História das Mentalidades
Janete Grynberg
- 88** Triunfo Eucarístico (Villa Rica) 1733: Carnaval ou Liturgia Barroca de um Poder em Crise?
José Luiz Dutra de Toledo

REVISTA DO

IFAC

BIBLIOTECA C. PROF.

INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
NÚMERO 2 - DEZEMBRO - 1995

ISSN 0104-1959

- 1 Editorial
- 3 Lettres/Cartas/Letters
- 5 A Morte, a Mortificação e o Heroísmo: o "Homem Comum" e o "Santo" na Capitania das Minas
Adalgisa Arantes Campos
- 13 Estudos sobre Pintura Barroca Portuguesa - Relance sobre alguma Bibliografia Recente
José Alberto Gomes Machado
- 16 Papéis Femininos na Construção do Brasil da Descoberta à Independência
Carlos Veloso
- 31 Camões e Vieira: as Artes e os Feitos
Alcir Pécora
- 40 Teatro da Memória: Monumento Barroco e Retórica
João Adoldo Hansen
- 55 A Matriz e a Concha
Ana Maria de Almeida
- 57 Roteiro para Leitura de um Pequeno Ensaio Poético
M.Francelina Silami Ibrahim Drummond
- 62 Festa e Urbanidade em Mariana no Século XVIII: as Relações entre as Festas e a Organização da Vida Urbana
Cecília Maria Fontes Figueiredo
- 68 Conjuração Negra em Minas Gerais
Lázaro Francisco da Silva
- 79 Notícias de Minas
Fábio Lucas
- 84 Testamentos, Universo Cultural e a Salvação das Almas nas Minas Gerais do Setecentos
Eduardo França Paiva
- 91 O Conceito "Barroco": um Jogo de Espelhos?
Guiomar de Grammont
- 99 Glossário Poliglota da Talha e da Imaginária do Brasil Colonial
Míriam Prado Teixeira

Revista do

IFAC

Instituto de Filosofia, Artes e Cultura
Universidade Federal de Ouro Preto
Número 3 - dezembro - 1996 - ISSN 0104 - 1959



EDITORIAL	2
CARTAS	3
UMA PERCEÇÃO ESTÉTICA DO BARROCO E DO ROCOCÓ	4
nas Igrejas de Nossa Senhora do Pilar e São Francisco de Assis de Ouro Preto <i>Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira</i>	
ARQUITECTURA COLONIAL EN LA ARGENTINA	10
<i>Dardo Arbide</i>	
PARA A GLÓRIA DA IGREJA E A ALEGRIA DOS HOMENS:	16
o Barroco na França Moderna e no Brasil Colonial <i>Mary Lucy Murray Del Priore</i>	
L'IMAGE DE LA CONVERSION:	26
le baptême spectaculaire des Tupinambas à Paris (1613-1614) <i>Andréa Daher</i>	
VIAJANTES ESTRANGEIROS EM MINAS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX	37
<i>Maria Augusta do Amaral Campos</i>	
FRANCISCO XAVIER DE BRITO:	46
um Artista Português Desconhecido no Brasil e em Portugal <i>Marcos Hill</i>	
ICONOGRAFIA DE SÃO SEBASTIÃO:	52
Plasticidade e Devoção Popular <i>José Newton Coelho Meneses</i>	
BERNINI E ALEIJADINHO -	60
o Barroco: da "Elegância Angelical" à Tronchura Crística <i>Gilbert Chaudanne</i>	
OS PASSOS DE GUIGNARD EM OURO PRETO	64
<i>Alva Maria de Almeida</i>	
O TEATRO NO COTIDIANO DAS MINAS SETECENTISTAS	66
<i>Carlos Versiani</i>	



SUMÁRIO

Sumário

EDITORIAL	2	AS GRAMÁTICAS DE DEUS	51
<i>D. Emanuele Tesouro</i>		<i>Joaci Pereira Furtado</i>	
ARGÚCIAS HUMANAS	3	GONZAGA NA RÚSSIA	59
<i>D. Emanuele Tesouro</i>		<i>Pedro Sérgio Lozar</i>	
NOTAS SOBRE O "BARROCO"	11	"AQUELE ÚNICO EXEMPLO" - OS SIGNOS IRÔNICOS DO IMPÉRIO PORTUGUÊS	64
<i>João Adolfo Hansen</i>		<i>Márcia Maria de Arruda Franco</i>	
BARROCO COMO CONCEITO	21	ARTES E ARTIMANHAS DO ARTESANATO	68
<i>Janice Theodoro</i>		<i>Ana Maria de Almeida</i>	
INTELECTUAIS PÓS-MODERNOS E LETRADOS BARROCOS (CRIPTOJUDEUS):	30	O CREPÚSCULO DOS CONFRADES	71
<i>Lúcia Helena Costigan</i>		<i>Alisson Eugênio</i>	
A PRODUTIVIDADE DA PULSÃO BARROCA	39	RESENHA	76
<i>Antônio Manoel Nunes</i>		<i>Andrey Ivanov</i>	
MORTES NAS GERAIS PÓS-MINERAÇÃO	44	RESENHA	79
<i>Jurandir Malerba</i>		<i>Cecília Maria Fontes Figueiredo</i>	

Revista do IFAC, (4): dez. 1997